



DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

EMANUEL DO ROSÁRIO SANTOS NONATO

Hipertexto e Hiperleitura:
contribuições para uma teoria do hipertexto.

Salvador/BA
2013

EMANUEL DO ROSÁRIO SANTOS NONATO

Hiperleitura e Hipertexto:
contribuições para uma teoria do hipertexto.

Tese apresentada ao Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA/UNEB/UEFS/LNCC/SENAI), da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico R. Matta (UNEB).

Salvador/BA
2013

EMANUEL DO ROSÁRIO SANTOS NONATO

Hiperleitura e Hipertexto: *contribuições para uma teoria do hipertexto.*

Tese apresentada ao Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Laboratório Nacional de Ciências da Computação (LNCC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Aprovada em 29 de abril de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA / UFBA-UNIVERSITÉ LAVAL
Orientador
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. DANTE AUGUSTO GALEFFI / UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. JOSÉ LUIS MICHINEL MACHADO / UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Universidad Central de Venezuela / Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA, PHD / PENNSYLVANIA STATE UNIVERSITY
Universidade Federal da Bahia / Universidade Salvador (Unifacs)

Prof. Dr. JOSÉ CARLOS GONÇALVES, PHD / GEORGETOWN UNIVERSITY
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. DUARTE JOSÉ V. DA COSTA PEREIRA, PHD / EAST ANGLIA UNIVERSITY
Universidade do Porto

Ad Deo optimo maximo!

*A Bela, Heitor e Cecília...
o simples evocar de seus nomes sintetiza
minha compreensão do que é amar!*

AGRADECIMENTOS

Ad Deo!

Aos meus, àqueles que partilham comigo a vida e me ajudam a carregar seu peso e a saborear sua doçura: minha mãe, meus irmãos, minha esposa, meus filhos, meus amigos: a eles gratidão eterna! Cada um deles, em certa medida e a seu modo, é responsável direto pelo que consegui realizar: sem o amor e a dedicação de minha mãe não me teria graduado; sem o amor e a disponibilidade de minha esposa não teria findado este doutoramento! Só Deus lhes pagará *in aeternum* o que por mim fizeram *in saeculo!*

A meu orientador, Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta, por sua amizade e companheirismo de longa data: *ad multos annos!*

A meu irmão Jerônimo Boaventura, Obl OSB, cujo incentivo e generosidade sem medidas fizeram-me dar mais este passo: *benedicat te Deus in aeternum!*

A meu irmão Gregório Valle Brandão, Obl OSB, que em idos já pretéritos ajudou-me a dar o primeiro passo que, de certo modo, trouxe-me até aqui.

À douta banca, que já na qualificação contribuiu deveras para este trabalho;

Aos professores do Programa, por sua competência e generosidade;

Aos colegas com que partilhei nossas angústias e sonhos;

A minha amiga Mary Sales, a quem muito do que aqui vai é devido;

Aos colaboradores da pesquisa empírica que, em sua generosidade, tornaram possível este trabalho;

À Universidade do Estado da Bahia que financiou esta pesquisa.

*“Omnis sapientia a Domino Deo est;
et cum illo fuit semper,
et est ante ævum”
(Eccl 1, 1).*

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. **Hipertexto e Hiperleitura: contribuições para uma teoria do hipertexto**. 321 f. 2013. Tese (Doutorado) – Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA/UNEB/UEFS/LNCC/SENAI), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

RESUMO

A emergência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) alçou o hipertexto a um lugar de destaque entre as mídias mediante as quais é construído e difundido o conhecimento e fomentou o debate a cerca da natureza do fenômeno hipertextual, opondo uma percepção do hipertexto como construto dessas tecnologias a um conceito de hipertexto como potencialidade cognitiva humana preexistente às TIC. No centro desse debate está a questão de qual seja o elemento definidor da hipertextualidade: as TIC e os *hyperlinks* ou o sujeito e a hiperleitura. Partindo desta segunda premissa, esta pesquisa investiga qual seja o papel da hiperleitura no processo de conformação do hipertexto concreto *vis-à-vis* os elos e nós do hipertexto digital. Com lastro praxiológico-fenomenológico, o objetivo geral do estudo é demonstrar o papel central do hiperleitor no processo de construção do hipertexto concreto e a lateralidade do grau de hipertextualidade potencial para a concretização do percurso hipertextual. Seus objetivos específicos são: 1. demonstrar o papel prevalente da hiperleitura como procedimento de conformação do hipertexto concreto; 2. descrever os diferentes níveis de hipertextualidade potencial a partir dos quais o hipertexto concreto se pode configurar; 3. demonstrar a condição acessória das TIC em relação ao hipertexto concreto. O método proposto é a aferição do grau de hipertextualidade potencial e concreta pelo qual se buscou verificar as três desta pesquisa: H_1 – que o hipertexto se constitui prevalentemente pela práxis hiperleitora dos sujeitos; H_2 – que a hiperleitura – entendida como processo multilinear e dialógico de construção de sentidos a partir de elos semânticos que ligam fragmentos eidéticos em um todo coeso e coerente denominado hipertexto – é um processo subjetivo facilitado, mas não determinado, pelos *hyperlinks*; H_3 – os elos e nós do hipertexto – hipermidiáticos ou apenas eidéticos – não implicam correspondência de percursos hipertextuais, bem como não condicionam prevalentemente esses percursos, estabelecendo proporções necessárias entre o grau de hipertextualidade potencial e o grau de hipertextualidade concreta. Nove sujeitos de pesquisa – três profissionais da área de Artes, três de Saúde e três graduandos de Letras – produziram (hiper)leituras relativas a três textos tradicionais (grau de hipertextualidade potencial igual a zero) e três hipertextos digitais (grau de hipertextualidade potencial maior que zero). No fenômeno investigado, os sujeitos produziram percursos hipertextuais concretos (grau de hipertextualidade concreta maior que zero) e percursos não hipertextuais (grau de hipertextualidade concreta igual a zero) em ambas as situações, pelo que os resultados permitiram validar as hipóteses indicando que a hiperleitura é o fator constituinte básico do hipertexto concreto.

Palavras-chave: hipertexto; hiperleitura; grau de hipertextualidade potencial e concreta; Tecnologias da Informação e Comunicação.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. **Hypertext and Hyperreading: contributions for a theory of hypertext.** 321 p. 2013. PhD Thesis – Multiinstitutional and Multidisciplinary PhD Programme on Knowledge Diffusion (UFBA/UNEB/UEFS/LNCC/SENAI), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ABSTRACT

The emergence of the Information and Communication Technologies (ICT) highlighted the hypertext among the media through which knowledge is built and spread, as long as it feeds the debate regarding the nature of the hypertextual phenomenon, opposing the perception of hypertext as an ICT construction to a concept of hypertext as a human cognitive potentiality existing before ICT. Central to such debate is the question of which is the defining element of hypertextuality: ICT and hyperlinks or the subject and hyperreading. In accordance with this second premise, this research investigates which is the role of hyperreading in the process of building of the concrete hypertext vis-à-vis the hyperlinks in digital hypertext? With a praxiological and phenomenological approach, the main goal of this research is to demonstrate the central role of the hyperreader subject in the process of building of the concrete hypertext and the lateral position of the degree of potential hypertextuality in the concretization of the hypertextual route. Its specific goals are: 1. to demonstrate the prevalent role of hyperreading as a procedure of building of the concrete hypertext; 2. to describe the different levels of potential hypertextuality from which a concrete hypertext can be built; 3. To demonstrate the accessory nature of Information and Communication Technologies regarding the concrete hypertext. The method proposed here is the gauging of the degree of potential and concrete hypertextuality through which the three hypotheses proposed for this research were verified: H_1 – hypertext is mainly constituted by the hyperreading praxis of the subject; H_2 – hyperreading – taken as a multilineal dialogic process of meaning construction from the semantic links that connect eidetic fragments in a coherent and cohesive unity named hypertext – is a subjective process facilitated, but not determined, by hyperlinks; H_3 – the links and nodes of the hypertext – both hypermediatic and only eidetic ones – do not imply correspondence of hypertextual routes, and also do not condition such routes strictly, establishing necessary proportion between the degree of potential hypertextuality and the degree of concrete hypertextuality. Nine research subjects – three from the area of Arts, three from Health Care and three students of Language – produced (hyper)readings of three traditional texts (potential hypertextual degree equal to zero) and three digital hypertexts (potential hypertextual degree greater than zero). The subjects produced hypertextual routes (concrete hypertextual degree greater than zero) and non hypertextual routes (concrete hypertextual degree greater equal to zero) in both situations, and therefore the results validated the hypotheses indicating that hyperreading is the basic constituent element of the concrete hypertext.

Key words: hypertext; hyperreading; hyperreader; potential and concrete hypertext degree; Information and Communication Technologies.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. **L'Hypertexte et l'Hyperlecture: contributions pour une théorie de l'hypertexte.** 321 fl. 2013. Thèse de Doctorat – Programme de Doctorat Multidisciplinaire et Multiinstitutionnel en Diffusion de la Connaissance (UFBA/UNEB/UEFS/LNCC/SENAI), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

RESUME

L'arrivée des Technologies d'Information et de Communication (TIC) a donné à l'hypertexte une place très importante parmi les médias. Avec elles non seulement on a pu construire et élargir les capacités de la connaissance mais aussi stimuler le débat sur la nature du phénomène hypertextuel, l'opposant à une perception de l'hypertexte comme capacité cognitive humaine déjà existante avant même les TIC. Au centre de ce débat se trouve la question de savoir quel est l'élément qui peut définir la hypertextualité: les TIC et les hyperliens ou le sujet et l'hyperlecture. En partant de cette deuxième prémisse, on peut vérifier quel est le rôle de l'hyperlecture dans le processus de conformation de l'hypertexte concret vis-à-vis des liens et des implications de l'hypertexte digital. Ayant comme point de départ une base phénoménologique et praxiologique, l'objectif général de cette recherche est d'explicitier le rôle central du sujet hyperlecteur dans le processus de construction de l'hypertexte concret et la latéralité du degré de l'hypertextualité potentielle pour rendre concret l'itinéraire hypertextuel. Les objectifs spécifiques sont les suivants: 1. montrer le rôle prévalent de l'hyperlecture comme procédure de conformation de l'hypertexte concret; 2. décrire les différents niveaux de l'hypertextualité potentielle et à partir de là comment l'hypertexte concret peut se conformer; 3. montrer la condition accessoire des technologies d'information et de communication par rapport à l'hypertexte concret. La méthode proposée est la mesure du degré de l'hypertextualité potentielle et concrète par laquelle on cherche à vérifier les trois hypothèses proposées dans cette recherche: H_1 – l'hypertexte – est constitué principalement par la praxis lectrice des sujets; H_2 – l'hyperlecture comprise comme un processus multilinéaire et dialogique de la construction des sens à partir des liens sémantiques qui relient les fragments eidétiques dans un ensemble cohérent et cohésif appelé l'hypertexte – il s'agit d'un processus subjectif facilité, mais pas déterminé, par des hyperliens; H_3 – les liens et les implications de l'hypertexte – hypermédiatiques ou seulement eidétiques – qui n'impliquent pas des itinéraires hypertextuels correspondants, et surtout n'affectent pas ces itinéraires ni établissent des proportions nécessaires entre le degré d'hypertextualité potentielle et celui de l'hypertextualité concrète. Neuf personnes – trois professionnels des Arts, trois de la Santé et trois étudiants de Lettres – ont fait des (hyper)lectures de trois textes traditionnels (degré de hypertextualité potentielle égal à zéro) et de trois hypertextes digitaux (degré de hypertextualité potentielle à partir de zéro). Les personnes en question ont produit des itinéraires hypertextuels concrets (degré d'hypertextualité concrète à partir de zéro) et des itinéraires non hypertextuels (degré d'hypertextualité concrète égal à zéro) dans les deux cas, de telle manière que les résultats ont permis d'établir la validité des hypothèses qui montrent l'hyperlecture comme le facteur constitutif de la base primaire de l'hypertexte concret.

Mots-clés: TIC; hypertexte; hyperlecture; hyperlecteur; degré d'hypertextualité concrète et potentielle.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Validação das TAGH	184
Tabela 02 – Características do <i>Corpus</i>	193
Tabela 03 – Síntese dos Dados I	193
Tabela 04 – Síntese dos Dados II	194
Tabela 05 - <i>Hyperlinks</i> Efetivados	205
Tabela 06 – Percentuais de <i>HI</i> e λ	205
Tabela 07 – Percursos hipertextuais a partir de $H_p^o = 0$	207
Tabela 08 – Efetivação dos percursos hipertextuais	209
Tabela 09 – Hiperleituras de T_3 e T_4 <i>versus</i> T_1 e T_5	211
Tabela 10 – Hiperleituras de T_2 e T_6	212
Tabela 11 - Comportamento Hiperleitor	215

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Principais Interlocutores Teóricos.....	25
Quadro 02 – Categorias	165
Quadro 03 – Procedimentos de seleção e ordenamento de sujeitos e grupos ..	180
Quadro 04 - Procedimentos de coleta dos dados	187
Quadro 05 – <i>Corpus</i> da Pesquisa	192

LISTA DE SÍMBOLOS

A	Leitura tradicional feita a partir de hipertexto potencial
α	Sujeito de pesquisa do grupo A
B	Hipertexto concreto produzido a partir de texto tradicional
β	Sujeito de Pesquisa do grupo B
Γ	Hipertexto concreto produzido a partir de hipertexto tradicional
Δ	Leitura tradicional feita a partir de texto tradicional
H°	Grau de Hipertextualidade
H_c°	Grau de Hipertextualidade Concreta
H_p°	Grau de Hipertextualidade Potencial
λ	Lexia
ς	Unidade semântica
T₁	Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?
T₂	Perfumes: uma química inesquecível.
T₃	Etnomusicologia
T₄	Som e música: questões de uma Antropologia Sonora.
T₅	Uso Racional de Medicamentos: onde está a racionalidade?
T₆	Perfume

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AH	<i>Adaptive Hypermedia</i>
H₁	Primeira Hipótese
H₂	Segunda Hipótese
H₃	Terceira Hipótese
HL	<i>Hyperlink</i>
T	Texto
TAGH	Tábua de Aferição do Grau de Hipertextualidade
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE.	30
EM BUSCA DOS FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA MODERNA	35
O CAPITALISMO TARDIO E SUA DEMANDA POR TECNOCIÊNCIA	47
MODERNIDADE E TECNOLOGIA: A GÊNESE TECNOLÓGICA DO CAPITALISMO TARDIO OU DE COMO A TECNOCIÊNCIA GESTOU O CAPITALISMO INFORMACIONAL.....	51
CAPÍTULO II – HIPERTEXTO E HIPERLEITURA	65
POR UM CONCEITO DE HIPERTEXTO.....	67
CAPÍTULO III – HIPERLEITURA E INTERPRETAÇÃO	92
HIPERLEITURA: PROCESSO/MOMENTO DE CONSTITUIÇÃO DO HIPERTEXTO.....	94
HIPERTEXTO, HIPERLEITURA E AUTORIA	105
LINEARIDADE VERSUS NÃO LINEARIDADE: A FALSA DICOTOMIA QUE POLARIZA AS DISCUSSÕES SOBRE O HIPERTEXTO	115
CAPÍTULO IV – HIPERCOMPOSIÇÃO E HIPERLEITURA	123
HIPERCOMPOSIÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DO HIPERTEXTO POTENCIAL	127
DA HIPERLEITURA COMO MECANISMO DE CONSTITUIÇÃO DO HIPERTEXTO CONCRETO: UM PASSO ALÉM DA TEORIA DA RECEPÇÃO E DAS PRETENSÕES DA HIPERCOMPOSIÇÃO	130
<i>Hipertexto e Adaptive Hypermedia</i>	133

CAPÍTULO V – SOBRE O PENSAR E O CONHECER NA PESQUISA EMPÍRICA.	137
DAS BASES EPISTEMOLÓGICAS OU DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DESTA PRÁXIS PESQUISADORA.....	152
DO MÉTODO DE PESQUISA OU DE COMO ESTA PESQUISA EMPÍRICA SE ESTRUTURA E CONFORMA.....	160
<i>Do problema</i>	162
<i>Dos objetivos</i>	165
<i>Das hipóteses</i>	166
<i>Do método</i>	168
<i>Do corpus</i>	180
<i>Dos instrumentos</i>	181
<i>Da validação do TAGH</i>	183
<i>Dos parâmetros para a análise dos dados</i>	187
CAPÍTULO VI – DOS RESULTADOS OU DE COMO A HIPERLEITURA CONFORMA O HIPERTEXTO CONCRETO	190
SÍNTESE DOS DADOS LEVANTADOS	191
CONFRONTANDO AS HIPÓTESES	195
<i>Dos dados quando confrontados a H_1</i>	196
<i>Dos dados quando confrontados a H_2</i>	198
<i>Dos dados quando confrontados a H_3</i>	201
ANALISANDO AS AMOSTRAS	202
<i>Comportamento de H_c° em relação a H_p°</i>	204
<i>Condições de construção do hipertexto concreto</i>	208
<i>Potencialidade e efetividade dos hipertextos potenciais utilizados</i>	209
<i>Comportamento dos sujeitos de pesquisa</i>	210
CONCLUSÃO	214
REFERÊNCIAS	224
APÊNDICES	246
APÊNDICE A	244
APÊNDICE B	245

ANEXOS	248
ANEXO A.....	246
ANEXO B.....	252
ANEXO C	260
ANEXO D	268
ANEXO E.....	275
ANEXO F.....	284
ANEXO G	290
ANEXO H	298
ANEXO I.....	310
ÍNDICE ONOMÁSTICO	319

INTRODUÇÃO

A existência humana é marcada por um estado constante de inquietação. O homem é um ser voltado e votado ao devir e, como tal, inquieto com o hoje. A um só tempo sua virtude e sua maldição, a inquietação é humana e é condição natural do ser do homem, manifestando-se a cada tempo e lugar segundo as formas e as condições objetivas que estão postas no momento dado. Mas, é sempre a mesma saga, o mesmo buscar, o mesmo querer, o mesmo inquietar-se que move o homem. Ante o drama da existência, o homem se insurge com a gana de conhecer e, conhecendo, dominar. Essa necessidade de conhecer, e dominar, faz da ciência um elemento conatural ao homem.

Se esse drama humano se desenrolou sempre e em todos os tempos e lugares, a Contemporaneidade rendeu-lhe uma ambientação muito particular. Seguindo o ritmo natural da história humana, o drama existencial do homem na Contemporaneidade encontrou seu formato *sui generis*: caracterizou-se, dentre outras coisas, por lançar novas luzes sobre realidades há muito vivenciadas, ora repondo questões centrais, já há muito discutidas, sob um novo ângulo; ora adicionando novos componentes a estruturas já demarcadas, dando-lhes assim nova conformação.

De certo modo, a marca da Contemporaneidade é a fugacidade. Tal culto ao novo, ao transitório, ao inusitado se instaurou como uma espécie de repúdio à tradição e suas amarras e fez-se como que marca dos tempos hodiernos. Ecoando essa tendência, cada novidade tecnológica é recebida com alvíssaras, como a confirmação da marcha inelutável do novo que suplanta o velho, como mais um elemento a marcar a singularidade dos novos tempos: é a embriaguez da Modernidade.

Na Contemporaneidade, assim, essa inquietação encontrou eco de modo mais notável na Ciência e, mais especificamente, em um desdobramento da Ciência imbricada com o Capital que melhor responde às condições atuais de realização da existência, a Tecnociência.

Esse movimento filosófico e social foi fortemente potencializado pelos avanços fenomenais da Tecnociência no século XX. A Ciência Moderna, que começa a alargar seus passos a partir do século XVI e toma forma nos séculos XVIII e XIX, agigantou-se no século passado. Em um ritmo frenético, e não raro irrefletido, a busca do conhecimento, isto é, do poder, solapa valores e arruína estruturas sociais antes sólidas. As academias científicas avançam sobre o território antes defendido pela Fé e se tornam garantidoras da verdade: ser cientificamente comprovado se torna sinônimo de verdadeiro.

No campo da vida concreta, a Tecnociência promove uma verdadeira revolução na vida cotidiana, remodelando completamente o cotidiano das pessoas e instituindo um ritmo acelerado de novas rupturas de costumes alavancadas pelas novas possibilidades abertas pela tecnologia. Nada está mais firme, tudo muda muito rapidamente.

Tal dinamismo instaura como que uma desconfiança do velho, do estável e, de repente, não parece mais razoável admitir que alguma coisa possa estar a salvo desse movimento devastador de transformação, inovação, renovação. Torna-se ser sempre necessário demonstrar e reinterar como a nova dinâmica existencial reordena a vida humana em todas as suas dimensões.

De certo modo, a marcha dos séculos apressou-se: o homem que sempre teve pressa de conhecer parece agora ter os instrumentos para conhecer com

velocidade crescente e constante: a marcha da Tecnociência parece atropelar a marcha do homem. Mas, não terá sempre sido assim? Não terão pensado assim os homens de todas as épocas?

Nesse bojo, o fenômeno do texto não escaparia a esse movimento. Em si um componente da tecnologia da linguagem, o texto esteve sempre vinculado às tecnologias. Das formas mais primitivas de registro do texto escrito, passando pelas formas todas que o códice escrito assumiu, até os substratos digitais que parecem hoje conformar o texto escrito, o texto esteve sempre imbricado com e sujeito à marcha da técnica.

Assim, no que toca de específico ao objeto deste estudo, no bojo desse movimento, as transformações e novidades da técnica produzem uma nova virada nos substratos do texto. O universo do texto e da leitura é invadido pela realidade dos hipertextos na forma como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) permitem sua veiculação, notadamente através da rede internacional de computadores. Agora, também os textos foram renovados, inovados, transformados nesse novo giro da Tecnociência, na medida das potencialidades que esse substrato oferta ao texto.

O surgimento do hipertexto eletrônico não foi, portanto, um evento isolado ou singular, foi antes um desdobramento congruente com um movimento sistêmico de alterações nas estruturas socioculturais do Ocidente percebidas sistematicamente como rupturas de ordem societária que teriam instaurado a Pós-Modernidade, o que explica porque o hipertexto é tão recorrentemente invocado como ícone da Pós-Modernidade

Não estranha, portanto, que o hipertexto tenha sido recebido como uma inovação tecnológica da Contemporaneidade e o foi, restritivamente no que tange a sua forma digital. Aqui, contudo, residem a problemática e o paradoxo que dão origem e sentido a esta pesquisa: o hipertexto, como resultado de um movimento cognitivo, como possibilidade de construção de percursos de leitura, não é uma novidade tecnológica contemporânea, não é um construto das TIC, nem é um desdobramento da *web*; antes, o hipertexto digital só se pôde desenvolver porque auriu seu próprio esse dessa infraestrutura cognitiva subjacente que é a

hipertextualidade natural do processo de construção de sentidos do texto. Eis o que se propugna aqui e o que se crê vai provado ao fim e cabo deste estudo.

Também a alegação de que ao hipertexto digital seja devida a invenção do movimento “físico” de ligar um texto a outro através de unidades semânticas que se tornam portas para outras unidades textuais carece de precisão. Por séculos esse procedimento foi realizado no acesso a dicionários e enciclopédias – se bem que com óbvias dificuldades práticas em virtude das limitações físicas a que esse movimento está submetido – como recurso de mediação do processo natural de construção multilinear de sentidos do texto.

Singular é o caso mesmo da leitura da Bíblia Sagrada que, organizada há séculos em um sistema interno de inter-referenciação que permite ao leitor do Texto Sagrado navegar por entre os livros dos dois Testamentos indefinidamente de modo coerente e sistêmico, podendo ser qualquer ponto um vetor de entrada ou de saída, na medida em que o sistema é de tal forma rizomático que prescinde de entradas e saídas formalmente estabelecidas como tal.

Isto posto, não obstante a alegação de que o hipertexto seria uma criação novel das TIC – que será propriamente enfrentada alhures neste estudo – apresentar graves inconsistências, não poucos apressaram-se em defender a tese de que o hipertexto é uma criação das TIC e que, por conseguinte, só existe no universo das TIC.

Tal pretensão lastreou-se fundamentalmente na presença marcante da *Internet* na vida contemporânea, seu impacto no cotidiano das pessoas, e a sensação de novidade que a *web* proporcionou, permitindo a otimização de procedimentos e a visibilização de outros que, de outra forma, restariam obnubilados. Entre eles, de certo, está o fenômeno hipertextual.

Ante este estado de coisas, nada há que se fazer senão buscar conhecer, e para conhecer há que pesquisar. Estudar o problema do hipertexto não é, portanto, um capricho intelectual de quem tenha por esse tema alguma predileção: é um imperativo de seu lugar na vida cotidiana. Presente em praticamente todos os domínios do conhecimento, o hipertexto se impõe como

medium usual das interações textuais, notadamente em ambientes mediados pelas TIC.

Resumidamente, no que concerne à hipertextualidade, duas escolas se confrontam no estudo do hipertexto: uma de matiz pós-estruturalista que identifica no hipertexto eletrônico uma emergência pós-moderna que subverte as estruturas alegadamente lineares do texto e da leitura, fundamentalmente dependente das TIC para existir e, por conseguinte, reivindica para o binômio TIC/hipertexto um caráter de ruptura das estruturas do texto com graves implicações de ordem cognitiva; outra de matiz dialógica que reconhece a potencialidade e a singularidade do hipertexto eletrônico, mas o identifica como um desdobramento da natureza dialógica da linguagem que implica uma hipertextualidade imanente em todo o fenômeno linguístico e defende a existência de um hipertexto não digital cujos exemplares recuam muito na história, tanto no campo do hipertexto formal quanto no campo das interações hipertextuais passíveis de serem construídas por qualquer sujeito sobre qualquer substrato.

Assim, como premissa inicial deste estudo, de modo algum se rejeita a afirmação de que o fenômeno hipertextual tenha sido maximizado na Contemporaneidade pelas TIC e que as TIC sejam terreno propício para o desenvolvimento do hipertexto, dando finalmente um substrato que parece o mais adequado até aqui para o desenvolvimento de suas potencialidades. Antes, todo o estudo se assenta sobre a presunção, alhures desenvolvida e referenciada, de que o hipertexto preexiste às TIC, mas é por elas potencializado.

Não se trata de uma fórmula de compromisso entre um discurso hegemônico e a fórmula que se quer emergente. Nem mesmo é o caso de uma estratégia gramsciana – absolutamente criticável no campo político, embora não raro utilizada – de buscar ou criar fissuras no bloco hegemônico para lograr sucesso a longo prazo – o que seria inconcebível no campo da Ciência, por negociar com princípios e implicar falsidade intelectual. Trata-se de reposicionar os postulados de modo equânime ante a realidade, reconhecendo a importância das TIC e a singularidade do hipertexto eletrônico, sem atribuir-lhes mais do que lhes cabe.

Contudo, *a priori*, a pretensão hegemônica sobre o fenômeno hipertextual contra a qual este estudo se insurge apresenta dois problemas imediatos: primeiro, não é consistente com a história do livro e da leitura que apresentam possibilidades e concretizações, ainda que limitadas pelas restrições do substrato sobre o qual se situam, de formas textuais de matiz hipertextual; segundo, por desdobramento lógico, faz crer que a possibilidade de construção de percursos multilíneares de construção dos sentidos no texto seja uma inovação do final do século XX com as consequências que isto acarreta para a própria compreensão da linguagem como tecnologia humana básica e universal.

Ambas as consequências do entendimento hegemônico sobre hipertexto hoje são inaceitáveis: a primeira, por historicamente incabível; a segunda, por contradizer o que já se tem comprovado sobre a cognição humana e o processo de construção de sentidos na leitura.

No intuito de legitimar-se, tal concepção do hipertexto ignora a questão histórica e propugna a capacidade do hipertexto de promover condições cognitivas novéis de seus usuários, na medida em que credita ao hipertexto digital a capacidade de fazer surgir a dinâmica cognitiva demandada pelo hipertexto digital.

Tal assertiva, *per se*, implica na assunção de que o hipertexto digital, elemento externo ao processo cognitivo, possa determinar a emergência de novas habilidades cognitivas – o que implica, necessariamente determinismo tecnológico – e supõe a emergência de uma nova geração cognitivamente melhor adaptada às demandas das TIC, genericamente, e do hipertexto em especial, sem se dar conta da gravidade do que isto possa significar na comparação entre gerações e mesmo entre sujeitos e populações contemporâneas, dada a heterogeneidade da assim chamada cultura digital, tanto no que tange ao acesso aos meios tecnológicos quanto no que concerne ao nível de apropriação desse instrumental.

Impôs-se, portanto, enfrentar esses arrazoados, contrapondo-lhes uma concepção de hipertexto que harmonizasse os processos de construção de

sentidos no texto antes e depois das TIC, sobre textos no formato digital e textos no formato “tradicional”.

O enfrentamento dessas questões não pode se dar senão no campo da pesquisa científica. Para empreender essa jornada acadêmica, o primeiro e decisivo passo é estabelecer um recorte que permita a apropriação do fenômeno, isto é, há que se delimitar um problema de pesquisa.

Nesse sentido, o caminho que se mostrou mais promissor para deslindar o emaranhado de questões que se articulam na temática do hipertexto foi o de abordá-lo através da hiperleitura. A abordagem do hipertexto através das lentes da hiperleitura afasta, preliminarmente, uma discussão mais detalhada sobre os meandros da hipercomposição que, não obstante, vão apresentados alhures *en passant* no afã de contextualizar a hipercomposição nesta proposta de abordagem que aqui se delineia.

Tomando como premissa básica a noção de que o texto é uma entidade potencial dependente do sujeito leitor para se constituir em ato como tal, aplicada esta premissa ao hipertexto, chegou-se ao problema de pesquisa nos termos que se seguem: qual o papel da hiperleitura no processo de conformação do hipertexto concreto *vis-à-vis* os elos e nós do hipertexto digital?

Como já indicado, o problema de pesquisa aponta para a hiperleitura como o caminho mediante o qual se quer acessar o hipertexto, mas não só. Ao propor este problema, quer-se destacar que o fenômeno hipertextual tem seu cerne na hiperleitura e só através deles que os elos e nós do hipertexto digital podem ser desvelados.

A partir do recorte que o problema de pesquisa indica, foram elementos norteadores do estudo o objetivo geral, definido como a busca por demonstrar o papel central do sujeito-hiperleitor no processo de construção do hipertexto concreto e a lateralidade do grau de hipertextualidade potencial para a concretização do percurso hipertextual e os objetivos específicos, quais sejam: demonstrar o papel prevalente da hiperleitura como procedimento de conformação do hipertexto concreto; descrever os diferentes níveis de

hipertextualidade potencial a partir dos quais o hipertexto concreto se pode configurar e demonstrar a condição acessória das TIC em relação ao hipertexto concreto.

Como a pesquisa científica implica sempre um posicionamento do pesquisador ante o problema, foram propostas três respostas precárias no formato de hipóteses de pesquisa (*H*) que presidiram toda a investigação e se articulam entre si, sendo *H*₂ e *H*₃ dependentes de *H*₁, nomeadamente:

*H*₁: que o hipertexto se constitui prevalentemente pela práxis hiperleitora dos sujeitos;

*H*₂: que a hiperleitura – entendida como processo multilinear e dialógico de construção de sentidos a partir de elos semânticos que ligam fragmentos eidéticos em um todo coeso e coerente denominado hipertexto – é um processo subjetivo facilitado, mas não determinado, pelos *hyperlinks*;

*H*₃: que os elos e nós do hipertexto – hipermediáticos ou apenas eidéticos – não implicam correspondência de percursos hipertextuais, bem como não condicionam prevalentemente esses percursos, estabelecendo proporções necessárias entre o grau de hipertextualidade potencial e o grau de hipertextualidade concreta.

Assim, lançados os alicerces metodológicos para a pesquisa com a conformação do problema de pesquisa, a definição dos objetivos geral e específicos e a proposição das hipóteses, o estudo se construiu, como nos capítulos primeiro e quinto ficará descrito, no sentido de propor uma pesquisa empírica de fundamentos fenomenológico-praxiológicos, a partir de uma gnosiologia construtivista. Sumariamente, pode-se bem afirmar que são fundamentos filosóficos deste estudo o Construtivismo Epistemológico, a Dialogia, a Fenomenologia, o Informacionalismo, a Polifonia e a Praxiologia.

Um edifício teórico deste porte não se ergue senão em diálogo com outros que, mergulhando profundamente nas questões prementes que tocam este

estudo, tais como, a ideia de Ciência e o conceito de método, bem como os fenômenos da linguagem, do texto e do hipertexto, inserem-se na práxis fenomênica que se está a investigar, na medida em que seus estudos e suas conclusões continuam a formatar o modo como esses fenômenos são percebidos e vividos: eles continuam a ser partícipes do presente através do que construíram no edifício da Ciência.

Entre esses, ocupam especial destaque neste texto:

Quadro 01 – Principais Interlocutores Teóricos

Ciência e Método	Linguagem e Hipertexto
<ul style="list-style-type: none"> ▶ ARISTÓTELES; ▶ Manuel CASTELLS; ▶ Duarte COSTA PEREIRA; ▶ René DESCARTES; ▶ Dante GALEFFI; ▶ Antonio GRAMSCI; ▶ Jürgen HABERMAS; ▶ Georg HEGEL; ▶ Martin HEIDEGGER; ▶ Edmund HUSSERL ▶ Immanuel KANT; ▶ Karl POPPER; ▶ Santo TOMÁS DE AQUINO; ▶ Lev VIGOTSKI; ▶ Alfred WHITEHEAD. 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Mikhail BAKHTIN; ▶ Roland BARTHES; ▶ Jay BOLTER; ▶ Roger CHARTIER; ▶ Noam CHOMSKY; ▶ Teun van DIJK; ▶ Umberto ECO; ▶ Michael HOLQUIST ▶ David JONASSEN; ▶ George LANDOW; ▶ Jean LAVE; ▶ Luis Antônio MARCUSCHI; ▶ Eni ORLANDI; ▶ Ilana SNYDER; ▶ Raquel WANDELLI.

O diálogo teórico empreendido com esses sujeitos epistêmicos nem sempre é pacífico. Muitas vezes, os fundamentos teóricos deste estudo se constroem na tensão com esses autores, na antítese e nos questionamentos de seus fundamentos ou de suas conclusões. Alguns emprestam os fundamentos sobre os quais se constroem os argumentos deste estudo; outros são trazidos ao texto para permitir que o contraponto teórico provocado leve ao fortalecimento da proposição apresentada; outros ainda se achegam ao texto para corroborar as premissas estabelecidas ou sinalizar questões transversais que, muito embora não sejam tratadas formalmente no texto, guardam relação e contato com o tema em análise e merecem ser levadas em consideração como tangenciais ao problema.

Isto posto, o peso de cada um desses interlocutores teóricos – os listados acima por sua eminência no estudo e os inúmeros outros se vão desvelando no

corpo do texto – varia segundo o grau de interlocução que com eles se estabeleceu ao longo do estudo. Todavia, todos representam colaborações inestimáveis para que se pudesse chegar a este ponto de apresentar à academia uma tese coerente e consistente sobre o hipertexto.

Por tudo isto, este estudo é o esforço por contribuir para o desenvolvimento de uma teoria do hipertexto que sintetize os postulados hoje em conflito. E já aqui este estudo inscreve-se, assim, sob o signo da contradição: é empírico sem renunciar à pretensão de ser teórico. Pelo que se pode, desde já, anunciar que malgrado o que se consegue validar com a pesquisa de campo, a construção teórica se quer suficiente e se pretende capaz de racionalizar o hipertexto, propondo um critério de determinação da hipertextualidade na práxis hiperleitora dos sujeitos.

Quanto ao texto da tese propriamente dito, ele está estruturado em seis capítulos para além das conclusões e desta introdução, sendo os quatro primeiros dedicados ao debate teórico da temática e os dois últimos ao desdobramento empírico do debate teórico estabelecido. Nele, vão apresentadas as perspectivas teórico-metodológicas que permitiram a efetivação da pesquisa empírica e a escritura da parte final deste estudo, quais sejam a análise dos dados com a demonstração dos achados desta pesquisa e as conclusões deste estudo, na forma que se segue.

O primeiro capítulo, à guisa de posicionamento ante o contexto da Ciência e da Sociedade em que se insere, são apresentadas algumas premissas que buscam situar o modo como se pretende tratar o fenômeno da hipertextualidade no quadro mais abrangente das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), no contexto do modelo societário em que está inserida: o Capitalismo Tardio.

Neste ponto, por certo, não se está a pretender abordar exhaustivamente os problemas do Capitalismo Informacional ou suas implicações para o modo com as sociedades se têm organizado em resposta a esse modo de produção, muito menos se quer produzir alguma contribuição singular à Filosofia da Ciência ao buscar os fundamentos da Ciência Moderna. Antes, quer-se apenas, em ambos

os casos, dar “chão” ao fenômeno em estudo e, neste ponto, já se pode falar desse esforço como uma consequência da escolha praxiológica.

Nos capítulos segundo e terceiro, propõe-se uma chave de leitura, sobre a qual se construirá a pesquisa empírica, para os fenômenos conexos do hipertexto e da hiperleitura que reside na noção do hipertexto como a ferramenta de manifestação palpável das relações dialógicas e polifônicas inerentes à linguagem e à textualidade, visibilizadas no hipertexto potencializado sobremaneira pelas TIC que conformam o hipertexto eletrônico.

O capítulo segundo é central por buscar apresentar o problema do hipertexto através da discussão da hiperleitura. Estabelecendo bases conceituais para o que se entende neste estudo por hiperleitura, o capítulo segundo se centra na construção de um conceito de hipertexto que possa se sustentar ante as premissas pós-modernas que situam o hipertexto no âmbito dos desdobramentos das TIC e possa, desta forma, guiar a pesquisa empírica cujo método será proposto no capítulo quinto.

No capítulo terceiro, o fenômeno hipertextual é analisado pela chave da hiperleitura e da interpretação, na medida em que são tratadas questões relevantes como o entendimento da hiperleitura como processo/momento de constituição do hipertexto, as articulações entre o hipertexto, a hiperleitura e a noção de autoria, bem como a falsa dicotomia “linearidade *versus* não linearidade” que polariza as discussões sobre o hipertexto.

No quarto capítulo, o problema do hipertexto é tratado pelo ângulo da hipercomposição. Embora o recorte teórico deste estudo vise apreender o fenômeno do hipertexto pelo ângulo da hiperleitura, por assim dizer o lado extremo oposto do fenômeno, pareceu pertinente, para afastar o vício da omissão e para melhor sustentar esta tese, tratar o problema da hipercomposição, definindo sua natureza e seu impacto no problema do hipertexto.

Em virtude mesmo de ser um capítulo destinado a questões laterais do ponto de vista que se escolheu trilhar nesta pesquisa, o tratamento que se dá ao problema da hipercomposição no capítulo quarto é superficial, no sentido de não enveredar com profundidade na discussão de todos os ângulos do fenômeno da

hipercomposição, não obstante ter parecido suficiente ao pesquisador para o que se propôs: rejeitar uma equivalência da hipercomposição *vis-à-vis* a hiperleitura como fatores determinantes para a conformação do hipertexto concreto, evidenciando o papel acessório, malgrado significativo, da hipercomposição no fenômeno em estudo.

No quinto capítulo, conforme os imperativos da pesquisa empírica, transita-se para o campo da metodologia e do método, discutindo os fundamentos epistemológicos e gnosiológicos da pesquisa, em primeiro lugar, e o método colimado em segundo. A apresentação de uma Gnosiologia Construtivista situa o estudo em um espectro, por assim dizer, idealista em relação ao conhecimento, mas serve sobremaneira para embasar as liberdades que se toma na fundamentação epistemológica e na construção do percurso metodológico que são, a seguir, apresentadas.

Lastreando-se sobre as perspectivas filosóficas da Praxiologia e a Fenomenologia, o capítulo quinto apresenta o método de Aferição do Grau de Hipertextualidade que se propõe como instrumento para verificar como se comporta do fenômeno da hiperleitura em relação ao hipertexto conforme as hipóteses que norteiam este estudo.

Contudo, a proposta metodológica é, em si, inerente à tese e não apenas um instrumental de inserção no campo empírico, consoante o desenho praxiológico da pesquisa. Nesse sentido, o complexo teoria e método apresentado aqui já desvela a completude de sua proposta de contribuição ao conhecimento sobre hipertexto. O diálogo com o contexto que se dá na pesquisa empírica é um prolongamento, um desdobramento que, não obstante acrescente algo de novo a esta construção, não se constitui em um exercício de empiria nos moldes da pesquisa experimental *stricto sensu* e, por conseguinte, não carrega sozinho o peso de núcleo do estudo: aqui, teoria e empiria se interconectam e interpenetram, formando um todo uniforme e homogêneo.

Sobre essas bases, o sexto capítulo trará, em seu bojo, a apresentação e a análise dos dados recolhidos na pesquisa empírica. Do ponto de vista empírico, é o centro para o qual tende a tese, conforme os limites acima descritos. Nessa

seção, de modo sumário, são recapitulados os pressupostos teóricos e hipóteses de estudo na forma de confrontação com os dados empíricos para produzir um resultado que possa ser apresentado como síntese do esforço de pesquisa.

Todavia, não obstante sua importância, é fundamental ter em conta que este estudo não objetiva apresentar dados que permitam um mapeamento detalhado, por menor que seja, do fenômeno do hipertexto no campo da empiria, isto é, os dados não foram produzidos para revelar, se possível fosse, um padrão de hipertextualidade concreta generalizável a partir dos sujeitos implicados na pesquisa, mas para desvelar empiricamente o ponto de emergência do hipertexto concreto.

Deste modo, os dados que serão apresentados no capítulo sexto foram coligidos com o duplo objetivo de permitir a validação do método e a verificação das hipóteses que, por seu próprio talho, não visa a descrição exhaustiva de uma realidade objetiva qualquer, mas o estabelecimento de premissas teóricas empiricamente validadas que subsidiem a compreensão do hipertexto como um componente do patrimônio de textualidades humanas, em formato digital e não digital, e da hiperleitura como um processo absolutamente consistente com o modo como se dá a construção dos sentidos do texto e definidor do fenômeno do hipertexto.

Ao fim e ao cabo, a conclusão retoma dos objetivos e as hipóteses para conformar os achados da pesquisa na forma de um posicionamento final do pesquisador frente a quanto fora propugnado teoricamente e demonstrado empiricamente, propondo a tese pretendida na forma de resposta ao problema de pesquisa.

Deste modo, o presente estudo que ora se abre ao escrutínio da academia, malgrado não explorar todos os aspectos do problema do hipertexto de modo exaustivo, permite uma visão compreensiva da abordagem desenvolvida sobre o fenômeno do hipertexto e da hiperleitura, ao modo de uma formulação teórica consistente com as premissas aqui levantadas e a descrição do método e relato da pesquisa empírica, dos dados e dos resultados ela gerou, contribuindo a seu modo para a solidificação de uma teoria do hipertexto.

CAPÍTULO I: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE.

Como se imbricam os três elementos enunciados no título deste capítulo? Como se articulam, como se dissociam, como interagem? Na base de todo postulado científico subjaz uma concepção de mundo, um modo de compreender os fenômenos que, no âmbito da Filosofia da Ciência, designar-se-ia de campo epistemológico.

Este estudo já se inicia denunciando-se em sua filiação epistemológica ao propor o trinômio supra: os fenômenos cognitivos a serem tratados neste estudo o são sob a luz de uma epistemologia sociointeracionista ou, para usar uma categoria mais pacificada, uma epistemologia construtivista ou um Construtivismo Epistemológico (COSTA PEREIRA, 2007, p. 101). Este será o traço gnosiológico a partir do qual tudo o que está dito neste estudo está dito.

A confissão de uma filiação epistemológica é, também, por si mesma reveladora de uma compreensão de Ciência, por imperioso coerente com o desenho epistemológico proposto, e, consoante essa, uma compreensão de como o mundo das ideias, com o perdão do platonismo aparente, relaciona-se com o mundo das coisas. A Ciência é, então, concebida em interação dialética com as demais condições humanas, ou seja, é fruto e causa de processos sociais indissociáveis. Nessa perspectiva, Ciência e Sociedade se articulam em uma dialética de mútuo pertencimento e condicionamento.

A partir da emergência da Modernidade, e ainda mais acentuadamente a partir da emergência do projeto iluminista, essa dialética de mútuo pertencimento e condicionamento acentuou-se sobremaneira, na medida em que as profundas transformações do pensamento científico na mudança paradigmática do século XVI marcou uma reestruturação do modelo societário de tal modo aguda que os passos de ambas se confundiram e confluíram em uma unidade dinâmica e coesa, não obstante nem sempre coerente.

Contudo, aqui importa já uma confissão definidora do lugar do pesquisador:

toda ciência é humana e toda ciência é ciência de objetos idealmente definidos, apesar de encontrar alguma forma de correlação com os objetos observáveis em um determinado campo fenomênico, considerados como objetos transcendentais aos sujeitos singulares. E por ser campo fenomênico, é sempre referente a sujeitos humanos históricos, concretos. Lembremos: não há fenômeno sem observador. Portanto, é sempre preciso começar pela pergunta: *como* é que o observador observa o que observa?¹ (GALEFFI, 2009, p. 52).

A partir de um recorte epistemológico construtivista, não se pode fugir à busca de um lastreamento epistêmico que desvele as imbricadas relações entre Ciência e Sociedade como percebidas pelo investigador, posto que isto como que fornece a chave de leitura de todo o estudo. No caso em cheque, importa também adicionar Tecnologia à intrincada relação entre Ciência e Sociedade dada a natureza do objeto a ser estudado: o hipertexto².

Assim, a bem da honestidade científica mais que da pretensa neutralidade, e talvez mesmo ao arrepio desta, a leitura que aqui se faz desses "entes epistêmicos" servirá como tela sobre a qual se disporá a discussão sobre a hiperleitura e o hipertexto e contra a qual se lançará o lusco-fusco³ da elaboração

¹ Grifo do autor.

² Se é verdade que o hipertexto pré-existe às TIC – premissa aceita como inicial para este estudo – e que, portanto, ele não deve às TIC sua condição de existência, é verdade também que o hipertexto recebeu das TIC a otimização dessas suas condições de existência. Ele foi potencializado pelas TIC, tornando o hipertexto digital como que a forma "natural" do hipertexto. Isto bem justifica a afirmação acima.

³ Já aqui se insinua uma discussão recorrente sobre a natureza mesma da Ciência e sua pretensão de explicar os fenômenos sobre os quais ela se debruça. Uma perspectiva

científica no afã de construir uma explicação dos fenômenos cognitivos relacionados com a hiperleitura, não obstante a complexidade de qualquer abordagem que pretenda lidar com o problema da cognição, pois

todos os tipos de consciência entram na cognição. Os sentimentos, no único sentido em que podem ser admitidos como um grande ramo do fenômeno mental, formam a tessitura da cognição, e mesmo no sentido objetável de prazer e dor, são elementos constituintes da cognição. A vontade sob a forma de atenção, constantemente entra, junto com o sentido de realidade ou objetividade que, como vimos, é aquilo que deveria tomar o lugar da vontade, na divisão da consciência, e todavia é ainda mais essencial, se isto é possível. Mas aquele elemento da cognição que não é nem sentimento nem sentido de polaridade, é a consciência de um processo, e isto, na forma do sentido de aprendizado, de aquisição do desenvolvimento mental, é eminentemente característico da cognição (PIERCE, 2008, p. 16).

Já aqui se começa delinear a noção de ciência sob cuja égide este estudo se estrutura, reconhecendo mesmo que “[...] *there are compelling arguments that positive science in Western thought is – like all deep, pervasive, complex systems of belief – tautologically constructed*” (LAVE, 1997, p. 82).

Contudo, a pergunta que emerge do trinômio enunciado diz mais sobre a noção de ciência hegemônica no contexto social e tecnológico que gesta a tecnologia do hipertexto em sua configuração eletrônica e condiciona o fenômeno objeto deste estudo, a hiperleitura.

Nesse sentido, pretende-se menos uma discussão de natureza epistemológica *per se* ou do âmbito da Filosofia da Ciência e mais uma análise sistêmica da natureza mesma e dos condicionantes do modelo societário

construtivista, como a que aqui é abraçada, não pode deixar de considerar o paradoxo próprio da Ciência: sua explicação de um fenômeno é, também, um modo de o não explicar, na medida em que se reconheça limitada nas fronteiras do contexto: qualquer explicação científica que renuncie às prerrogativas da Ciência Positivista não pode pretender escapar ao lusco-fusco da verdade provisória e mesmo ela – a Ciência Positivista – não se pode evadir ao domínio do efêmero pois se, por um lado, o apriorismo situa o conhecimento fora da empiria, a própria empiria se torna enganadora se fundamenta suas certezas provisórias sobre outras certezas, também provisórias, mas assumidas como fundamento de quanto se produz a partir delas. No fundo, a Ciência continua a ser o que sempre foi: um sistema autorreferencial de enunciados. Neste ponto, parece imperioso conceder como básico para uma postura verdadeiramente científica “nunca acreditar em verdades dadas, nunca aceitar como concluídas as arqueologias e as genealogias da razão pura e da razão prática” (GALEFFI, 2009, p. 65).

⁴ “[...] há fortes argumentos de que a ciência positiva no pensamento ocidental – como todo sistema de crenças profundo, ubíquo e complexo – é tautologicamente construído”.

tecnocientífico que possibilita e circunscreve o fenômeno da hipertextualidade/ hiperleitura na contemporaneidade, constituindo assim o um arcabouço social do fenômeno cognitivo que se quer estudar.

Nesse sentido, não se pode olvidar que, na conformação do modelo societário contemporâneo, o projeto moderno-iluminista continua em curso, implicando que,

como o conhecimento da natureza e das tecnologias, assim também as visões do mundo seguem na sua marcha um padrão que torna possível reconstruir racionalmente as seguintes singularidades enumeradas descritivamente: expansão do domínio secular diante da esfera do sagrado; uma tendência de prosseguir da heteronomia de longo alcance como a uma crescente autonomia; o dreno de conteúdos cognitivos dentro das visões de mundo da cosmopologia ao puro sistema da moral; do particularismo tribal às orientações universalistas e ao mesmo tempo individualistas; crescente reflexão do modo de crença, que pode ser visto na seguinte seqüência (sic!): mito enquanto sistema de orientação imediatamente vivido; ensinamentos; religião revelada; religião racional; ideologia (HABERMAS, 2002b, p. 23-24).

O contexto, portanto, no qual se articulam sociedade, tecnologia e ciência, a despeito do que advogam os que propõem o fim da história, continua marcado pela ideologia, pelo capital e pelas condições materiais de existência, muito embora isso não implique uma negação dos aspectos subjetivos do real ou da imperiosidade de se aplicar lentes que, para captar a realidade, de certo modo a distorcem. Nessa linha,

até certo ponto, o fato do pluralismo cultural também significa que o mundo se revela e é interpretado de modo diferente segundo as perspectivas dos diversos indivíduos e grupos – pelo menos num primeiro momento. Uma espécie de pluralismo interpretativo afeta a visão de mundo e a autocompreensão, bem como a percepção dos valores e dos interesses das pessoas cuja história individual tem suas raízes em determinadas tradições e formas de vida e é por elas moldada (HABERMAS, 2007a, p. 9).

No limite do argumento, já aqui retorna, qual fantasma que ronda o pensamento humano desde tempos imemoriais, o problema do modo como o homem percebe a realidade e a reconstitui no procedimento que chamamos de cognição. Em outras palavras, retoma-se o problema da existência ou não da

coisa em si e da possibilidade de a cognição humana percebê-la tal como é. E, neste ponto, a Ciência Moderna ancora-se no modo como Kant afastou a Metafísica do rol dos objetivos concretos do intelecto humano, não obstante não negue em si o objeto da Metafísica, na medida em que,

[...] apesar da independência dos nossos conceitos puros do entendimento e dos nossos princípios puros relativamente à experiência, mais, não obstante o âmbito aparentemente maior do uso, nada se pode pensar através deles fora do campo da experiência, porque eles nada mais podem fazer do que determinar simplesmente a forma lógica do juízo, em relação a intuição dadas [...] (KANT, 2008b, p. 93).

Neste aspecto, Jürgen Habermas, reconhecendo o contributo kantiano e, com Kant, distanciando-se de qualquer reproposição da Metafísica como ciência possível, parece, contudo, oferecer um caminho mais seguro para a reflexão, não obstante estar longe de ser consensual ou abalar o *establishment* da Ciência Empírica Moderna, ao salientar que

o pragmatismo kantiano explica ambas as coisas: a experiência de senso comum de ter de lidar com a resistência de uma realidade decepcionante e o fato de que não temos nenhum acesso imediato a uma realidade não interpretada ou “nua”. Há duas idéias que têm de ser integradas na mesma estrutura conceitual. Por um lado, o viés pragmático não nos permite duvidar da existência de um mundo percebido independentemente de nossas descrições e visto como o mesmo para todos nós. Por outro lado, não nos é possível sair do círculo da “nossa”! linguagem, de modo que nosso conhecimento falível não pode ter justificações fundamentais. [...] Não há necessidade nem possibilidade de “limpar” o conhecimento humano dos elementos subjetivos e das mediações intersubjetivas, ou seja, dos interesses práticos e dos matizes de linguagem. [Mas,] isso não deve conduzir à negação da verdade e da subjetividade (HABERMAS, 2007a, p. 55-57).

Não obstante, os pensadores contemporâneos parecem ter secundarizado esse problema por inconsequente no que tange à impossibilidade prática de se conseguir abarcar a totalidade: esta seria uma razão pragmática; contudo, razões de ordem ideológica parecem também convergir para essa postura contemporânea, na medida em que um mundo no qual a coisa em si é possível é um mundo no qual o absoluto retoma seu lugar e o projeto pseudo-humanista de

pretensa absolutização do homem – que tem na filosofia de Nietzsche⁵ seu clímax – naufraga, impondo a rediscussão de parâmetros éticos há muito relegados ao campo e às sombras do mito, o que implicaria em uma total reorganização dos parâmetros societários, culturais e científicos, porque desmontaria o reinado da autonomia e da racionalidade iluministas: deidades destes tempos de luto de Deus que, opondo-se a uma subjetividade marcada pela dependência do Absoluto, estrutura-se a partir de uma concepção de pessoa “que se caracteriza essencialmente pela autonomia do sujeito enquanto dispor-se de si mesmo” (TEIXEIRA, 2005, p. 23).

Outrossim, na contemporaneidade há uma clara falta de compreensão da dimensão de interdependência que recai sobre categoria como liberdade e autonomia e de como o individualismo burguês, levado ao extremo pelo modelo societário moderno-capitalista, é irreconciliável com autonomia e liberdade, na medida em que

quanto à liberdade subjetiva, não é difícil imaginar que algumas pessoas possam gozar da liberdade e outras não, ou que alguma possam ser mais livres do que outras. A autonomia, ao contrário, não é um conceito distributivo e não pode ser alcançada individualmente. Nesse sentido enfático, uma pessoa só pode ser livre se todas as demais o formem igualmente. A idéia (sic!) que quero sublinhar é a seguinte: com sua noção de autonomia, o próprio Kant já introduz um conceito que só pode explicar-se plenamente dentro de uma estrutura intersubjetiva. (HABERMAS, 2007a, p. 13).

EM BUSCA DOS FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA MODERNA

Discutir as bases da Ciência Moderna neste trabalho não se prende apenas ao desejo de fundamentar a concepção de Ciência aqui adotada de uma

⁵ A proposta nietzschiana de superação da racionalidade judaico-cristã – embora esta designação sofra de certo vício tautológico – sintetizada, de certo modo, na proclamação da morte de Deus e na ascensão do *übermensch*, representa o clímax de um humanismo que desumaniza, na medida em que propugna um *modus* de autocompreensão do homem que, centrando-o em si mesmo, ceifa-lhe as raízes que tocam o Absoluto.

certa historicidade ou de uma noção de continuidade no movimento dialético de construção conceitual da Ciência, antes é uma busca pelos elos que entrelaçam Ciência e Capitalismo na conformação do modelo societário moderno que Manuel Castells (2005) chamará de Sociedade em Rede, mas que não é um fenômeno isolado nascido das potencialidades das tecnologias telemáticas ora em voga, mas reflete um processo dialético que finca raízes lá onde os pais da Modernidade plantaram a nascente do projeto moderno, ou seja, “na reviravolta histórica da Renascença tardia” (WHITEHEAD, 2006, p. 31).

Assim, não se fará aqui propriamente uma História da Ciência, mais uma reflexão dialógica sobre como os pressupostos da Ciência legitimaram e, em alguns casos, condicionaram e/ou garantiram as condições para a constituição da sociedade contemporânea, para a configuração do mundo tal qual está dado, consoante “uma interpretação da era corrente que desafia as concepções usuais da emergência da pós-modernidade” (GIDDENS, 1991, p. 149).

Neste contexto, qualquer pretensão de revisitar os fundamentos dessa racionalidade científica moderna toca, de princípio, uma contemplação da apropriação dos elementos centrais da racionalidade filosófica grega pelos escolásticos⁶, completando de certo modo o que da Filosofia Grega a Patrística já tinha incorporado, notadamente o neoplatonismo de Santo Agostinho, e um olhar sobre o gênio de homens como John Locke e sua noção de empiria; George Berkeley, cujo Imaterialismo, uma tentativa de encontrar uma *via média* entre o Racionalismo de Descartes⁷ e o Empirismo de Locke não ficou esquecido ou esterilizado para os desenvolvimentos posteriores da Ciência, posto que, mergulhando ela em um Empirismo radical, conformou uma noção de *ens* como percepção cujos ecos podem ser percebidos tanto na concepção de existência de Arendt (2010, p. 47 *et seq.*) quanto no entendimento de conhecimento dos empiristas contemporâneos e de consequências metodológicas incontestes; Francis Bacon, cujo *Novum Organum* – em oposição ao ὄργανον (*Organon*) do

⁶ Sobre o que alhures se trata um pouco.

⁷ O estabelecimento de uma fronteira inequívoca entre Racionalismo e Idealismo não é a intenção aqui, mesmo que de resto isto seja possível, o que não está cabalmente demonstrado.

Estagirita – está na base do empirismo insular, de matriz gnosiológica radical e puramente indutiva, e da compreensão até hoje prevalente da Ciência como *imperium hominis supra naturam* que está na base do modo como o homem moderno e sua Ciência põem e dispõem em sua relação com a natureza; Galileu e sua opção pelo método empírico ao lado dos inúmeros contributos teóricos para os fundamentos da Física e da Astronomia, ciências ainda embrionárias então, e, mais tarde, Isaac Newton, cuja Mecânica muito deve a descobertas de Galileu e ajudou a estabelecer os fundamentos das grandes correntes de pensamento através das quais a racionalidade científica moderna se firmou.

Mais recentemente, o Idealismo Absoluto de Hegel, o Positivismo de Comte, o Estruturalismo de Saussure⁸, a ruptura paradigmática de Nietzsche e o Relativismo de Einstein são também marcos inegáveis que direcionaram e condicionaram o estágio atual da racionalidade científica, em que pese esta não ser uma lista exaustiva.

Não obstante a pertinência de tudo isto, do ponto de vista do método – que é elemento central da Ciência – por paradoxal que seja mesmo para os neoempiristas mais radicais, o que se entende por Ciência na Contemporaneidade deve muito às regras do método de René Descartes (2003) cuja regra primeira, de certo modo, sumariza a própria Ciência Moderna em sua obsessão pela objetividade e pela evidência, seja empírica ou argumentativa, com clara prevalência da primeira: "nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal" (DESCARTES, 2003, p. 23).

Neste ponto, Frederich Kerlinger (1979) parece fornecer uma descrição bastante precisa do espírito e do *ethos* da Ciência Moderna:

Scientists make no claims to personal objectivity (there are, of course, exceptions). They insist, rather, on objectivity as a methodological procedure that can and must be set apart from scientists and their predilections. The procedures must be, in short, public. The [...] argument, that objectivity is remote, cold and inhuman, is quite correct. That is what it is

⁸ Não obstante todo o desdobramento epistemológico desenvolvido a partir do Estruturalismo Saussuriano seja uma clara extrapolação os objetivos declaradamente procedimentais e limitados aos estudos linguísticos do linguista suíço. Neste ponto, há que se redimir Saussure do que foi feito de sua proposta estruturalista *stricto sensu*.

supposed to be. It is precisely this divorcing of scientific research from human predilections, together with the insistence on objective empirical testing of hypotheses – which once enunciated publicly, are themselves outside human beings – that has so remarkably advanced our knowledge. [...] That we can or cannot be personally objective is debatable. But that is not the point. The point, as already pointed out, is that the procedures of science are objective – and not scientists. Scientists, like all men and women, are opinionated, dogmatic, ideological – influenced by forces that influence all of us. That is the very reason for insisting on procedural objectivity: to get the whole business outside of ourselves, subject to critical public scrutiny⁹ (KERLINGER, 1979, p. 263-264).

Para fazer justiça a Descartes, só mais tarde a demonstração empírica irá deslegitimar quase que completamente – e o “quase” aqui é o reconhecimento da resistência de filósofos e outros humanistas ao primado da prova empírica como única e absoluta referência de verdade e a luta da Metafísica por reafirmar-se como ciência e por manter-se epistemologicamente viável, posto que no âmbito da ciência aplicada, malgrado o embate entre analíticos e continentais quanto à natureza do conhecimento, os estudos empíricos de matriz descartes-newtoniana não tiveram concorrência efetiva nos últimos séculos – a possibilidade de ascender ao conhecimento do mundo pelo *cogito* puro.

O processo de construção dos pressupostos filosóficos da Ciência Moderna segue, contudo, mais um roteiro pragmático que teórico, mais os caminhos que os achados da incipiente Ciência Moderna apontavam que o resultado de uma reflexão filosófica madura e sustentada em uma lógica não pragmática: desde suas bases mais fundantes, a Ciência Moderna é cativa do pragmatismo; mais que princípios filosóficos que rejam o *modus operandi* da

⁹ “Os cientistas não fazem nenhuma reivindicação de objetividade pessoal (embora haja exceções). Em lugar disso, insistem na objetividade como procedimento metodológico que pode e deve ser separado dos cientistas e suas predileções. Em resumo, os procedimentos devem ser públicos. O [...] argumento de que a objetividade é distante, fria e desumana é bastante correto. É o que ela deve ser. É precisamente esse divórcio entre a pesquisa científica e as predileções humanas, ao lado da insistência no teste empírico objetivo de hipóteses – que uma vez anunciadas publicamente, já estão emancipadas do ser do homem – que alavancou tão significativamente nosso conhecimento. [...] que possamos ou não ser pessoalmente objetivos é questionável. Mas, esse não é o ponto. O ponto, já destacado, é que os procedimentos da ciência sejam objetivos e não os cientistas. Os cientistas, como todos os homens e mulheres, são parciais, dogmáticos, ideologizados – influenciados por forças que nos influenciam a todos. Essa é a razão mesma para se insistir na objetividade procedimental: separa as ações de nós mesmos, sujeitas ao escrutínio público” (tradução nossa).

Ciência, é o dado empírico assumido como neutro e incontaminado do "humano" que valida o método, constituindo uma certa tautologia metodológica, na medida em que o resultado do método valida-o.

Neste ponto, é reveladora a confissão de que “o sistema que se denomina ‘ciência empírica’ pretende representar apenas *um* mundo: o ‘mundo real’¹⁰, ou o ‘mundo de nossas experiências’¹¹” (POPPER, 2007, p. 40), levando ao limite a limitação kantiana em relação à Metafísica e excluindo, aparentemente, não só do escopo da Ciência, mas de toda a realidade, o que escape à capacidade humana de apreensão pelos sentidos e, mais importante, de aferição a partir dessa apreensão.

Não obstante, já Kant parecia desmontar esse equívoco ao defender um idealismo transcendental que, a partir de apriorísticos indefectíveis, subverte qualquer possibilidade de objetividade incontaminada e realiza a "inversão copernicana", mediante a qual o objeto, determinado pelo sujeito, obtém as condições de cognoscibilidade do sujeito cognoscente, deixando a coisa em si ao universo do intangível¹², na medida em que acolhe “o impulso totalizante da razão como aquilo que preside do alto toda determinação empírica e por implicação, todo conhecimento de experiência” (FIGUEIREDO, 2011, p. 18).

Não resta dúvida que a solução kantiana é notável por sua engenhosidade, mas, permanecendo na especulação filosófica, foi convenientemente contornada por uma pragmática empiricista que, não enfrentando os postulados kantianos em seu campo, avançaram para o Positivismo novecentista sem pudores "kantianos", muito facilitados pela solução kantiana de princípios analíticos e sintéticos que deixaram aos empiricistas uma larga brecha pela qual avançar. É verdade

¹⁰ O conceito de real e realidade que Popper aborda aqui é paradoxalmente positivista e não serve para a formulação teórica que se pretende neste estudo. Ele é aqui trazido apenas por sintetizar bem certa cosmologia da Ciência Empírica que permanece posta na contemporaneidade como a única possível, não obstante um sem número de questões que extrapolam a estreiteza desse universo, essa concepção fragmentária de realidade, permanecer desafiando o homem a reconciliar-se com uma cosmologia mais abrangente.

¹¹ Grifos do autor.

¹² Nesse ponto, a existência da coisa em si, intangível embora, é assumida como premissa lógica irrecorrível no pensamento kantiano.

também, que a própria solução kantiana é uma armadilha da qual o filósofo não se apercebeu, ou talvez, em relação à qual o filósofo tenha exercido o maior requinte de sua genialidade: convertendo-se ele mesmo em exímio pragmático, afasta a coisa em si sem precisar enfrentar o problema de sua negação – contornando o abismo em que caíra David Hume e toda escola cética – ao render-la inacessível, e lastreia a canonização da experiência como critério de realidade sem precisar negar seus limites.

Por tudo isto, a Ciência acabou por se tornar cativa em sua própria armadilha e como que desumanizou o mais humano dos construtos do intelecto, pois o *scio*, *-is*, *-ire* como expressão mais elaborada do *cogito* acaba por, sendo-lhe negada a possibilidade de validamente acessar o conhecimento pela *cogitatio*, ser reduzido à dimensão do *sentio*, *-is*, *-ire* mediante seus atributos naturais ou cada vez mais auxiliada por meios artificiais o que, de certo modo, é um processo de mediação da experiência básica da *sensatio* e, como tal, mais do que um meio de validá-la, é um elemento de sua fragilização.

Aqui o projeto moderno promove uma separação que entre corpo e mente, entre *cogitatio* e *sensatio* desconhecida até então e dramática para o destino da produção e hierarquização do conhecimento. Ironicamente, sob a aparência de domínio radical e rigoroso da *ratio*, o homem moderno capitula à *sensatio* pura e simples, subvertendo a lógica escolástica de que “o intelecto é, como tal, a potência de conhecimento universal, e os sentidos são a potência de apreensão do singular” (HONNEFELDER, 2010, p. 53): o dito “reinado da *ratio*” funda-se verdadeiramente nos sentidos ao tempo em que acusava a mentalidade anterior por ser de “pouca racionalidade”, não obstante ser fundada muito mais firmemente em um exercício puro da racionalidade. Isto posto, no que tange aos albos da Ciência Moderna,

é um grande erro conceber essa reviravolta histórica como um apelo à razão. Ao contrário, foi um movimento completamente antiintelectualista (sic!). Foi um retorno à contemplação do fato bruto; e foi baseado em um recuo à racionalidade inflexível do pensamento medieval (WHITEHEAD, 2006, p. 22).

Nesse sentido, o grande paradoxo da Ciência Moderna é que sua glória é também sua fragilidade: a ilusão do dado puro é, na verdade, uma redução do *cogito à sensatio*. Contudo, e isto é bastante significativo, esse paradoxo não encontra eco no pensamento aristotélico e, por conseguinte, na “mentalidade científica” medieval¹³, ao menos desde a recepção dos antigos filósofos e a refundação da filosofia nos séculos XII e XIII, conforme a célebre assertiva de Aristóteles de que “[...] *science and art result unto men by means of experience; for experience, indeed, as Polus saith, and correctly so, has produced art, but inexperience, chance*”¹⁴ (ARISTOTLE, 2007, p. 2)¹⁵, pois a noção aristotélica de sentido e experiência supera e distingue-se da noção positiva dessas realidades que as descolou da cognição, sustentando uma dualidade que contradiz os próprios achados das Ciências Cognitivas no que concerne ao modo como as experiências externas são apreendidas pelo corpo sensorialmente e, transmitidas como impulsos elétricos, são efetivamente significadas no cérebro.

A verdade é que a noção aristotélica de ciência é muito mais contemporânea do que se pode imaginar, pois reconhece todo conhecimento como o conhecimento possível a partir dos processos de experimentação da realidade. Ainda não é uma abordagem fenomenológica propriamente dita, mas já não é o modelo clássico do conhecimento pela experiência empírica neutra.

¹³ Uma redução do sentido de conhecimento e, por extensão, de Ciência leva não poucos a pensar a noção de Ciência como necessariamente ligada à Idade Moderna e Ciência e Ciência Moderna tornam-se sinônimos. Contudo, isto não condiz com a história da Ciência e, paradoxalmente, com os desdobramentos contemporâneos da Ciência Moderna que reivindica uma reabertura do conceito de Ciência para além das fronteiras do empirismo mais radical.

¹⁴ “... ciência e arte chegam aos homens através da experiência, pois a experiência, na verdade, como dissera acertadamente Polus, produzira a arte e a inexperiência, o acaso” (Tradução nossa).

¹⁵ Não obstante a norma indicar que a citação de bibliografia em idioma estrangeiro deva ser transcrita em vernáculo no corpo do texto e sua tradução aposta como nota, *data venia*, neste texto opta-se pela inversão da regra por considerá-la destoante de postulado uníssono da Teoria da Tradução que reconhece na tradução sempre uma leitura do tradutor, sempre uma tomada de posição antes os sentidos do texto original e, por conseguinte, uma interferência na *intentio auctoris*, por menor e mais cuidada que seja. Isto posto, para garantir o diálogo mais autêntico possível com os autores, quando não na versão original da obra, ao menos na integridade da versão consultada e referenciada, neste trabalho vão sempre transcritas no corpo do texto as citações *ipsis litteris* e, em nota de rodapé, uma tradução de própria lavra.

Deste modo, a armadilha epistemológica que a Ciência Moderna armou para si pode ser assim descrita: presumindo a supremacia do dado empírico objetivo *per se*, ela pretendeu ser possível apreendê-lo de modo neutro, sem filtros cognitivos, e para isso recorreu aos sentidos – a imagem clássica do cientista é a do observador – com ou sem auxílio de instrumentos que os potencializem¹⁶; assim fazendo, pretendeu ser racional, mas, negando aos sentidos a condição de reverberações do aparato cognitivo e pretendendo-os objetivos e neutros. Paradoxalmente, isto é a própria negação da racionalidade pós-moderna, na medida em que negando a *cogitatio*, ignorando a função superior do λόγος (*logos*) na mediação entre objeto e sujeito, a Ciência positiva e moderna como que realiza uma inflexão subjetiva em relação a si mesma.

A tradição empirista investe, assim, em uma desracionalização de sua sensualidade epistêmica, realizando na prática um novo e inaudito divórcio entre corpo e mente, pretendendo uma experimentação sensorial isenta das condições de significação do *cogito*: a proposta empirista é assim a antítese perfeita da sublimação do corpo pela mente.

Talvez, o que esteja latente nesse processo seja como que a publicização da natureza hermética da Ciência Moderna e a dita emergência de um Paradigma Pós-Estruturalista de Ciência não seja outra coisa senão mais um embate entre a antiga racionalidade grega – que chegou ao advento da Modernidade pelos braços da racionalidade cristã, cujo mais destacado expoente talvez tenha sido a Escolástica – e o *Corpus Hermeticum* cuja reintrodução na tradição científica moderna pode ser facilmente relacionada aos pais da Ciência Moderna como assevera Umberto Eco:

hoje a historiografia mostrou-nos que é impossível separar o fio hermético do fio científico, ou Paracelso de Galileu. O conhecimento hermético influencia Francis Bacon, Copérnico, Kepler e Newton, e a ciência quantitativa moderna nasceu, *inter alia*, de um diálogo com o conhecimento qualitativo do hermetismo. Em última análise, o modelo hermético sugeria a idéia de que a ordem do

¹⁶ Aqui, talvez mais que em qualquer outro lugar, há se que entender os construtos tecnológicos como ferramentas no sentido vigotskiano e, como tal, como extensões do corpo humano. Desta forma, o princípio de uma objetividade que se sustenta na mediação de instrumentos externos ao sujeito-pesquisador e imunes a qualquer subjetivação redundante, no mínimo, ingênua.

universo descrita pelo racionalismo grego poderia ser subvertida e que era possível descobrir novas conexões e novas relações no universo que teriam permitido ao homem atuar sobre a natureza e mudar seu curso. Mas esta influência funde-se com a convicção de que o mundo deveria ser descrito não em termos de uma lógica qualitativa e sim em termos de uma lógica quantitativa (ECO, 2005, p.40).

O paradoxo é que o racionalismo científico moderno, devedor do *Corpus Hermeticum* no embate contra o racionalismo greco-cristão¹⁷ – que, de certo modo, gestara-o – e na busca das causas últimas, encontrará nesse mesmo *corpus* o seu elemento de desagregação ou, pelo menos, de crítica voraz: o novo estatuto da Ciência Pós-Moderna, questionadora dos fundamentos do projeto iluminista.

Neste ponto, importa lembrar sempre que a racionalidade científica moderna não se liga diretamente à tradição filosófica grega sem passar pelo modo como essa tradição foi recepcionada na Europa dos séculos XII e XIII pela Escolástica, conformando uma verdadeira tradição filosófico-científica greco-cristã. Nesse sentido,

é a Idade Média o período em que a *racionalidade científica*, nascida das fontes da filosofia antiga, ganha seu significado universal e surge a instituição que incorpora até hoje, de forma especial, essa racionalidade – a *universidade*¹⁸ (HONNEFELDER, 2010, p. 22).

No que toca a essa relação entre a Fé Cristã e a Filosofia, há de se salientar que

a permeação mútua do cristianismo e da metafísica grega não produziu apenas a forma espiritual da dogmática teológica e a helenização – nem sempre benéfica – do cristianismo. Ela promoveu também a apropriação de

¹⁷ Parece mais apropriado falar de uma racionalidade greco-cristã, considerando que os elementos judaicos presentes nessa racionalidade fazem sua passagem para o padrão ocidental através do Cristianismo, malgrado a diáspora judaica que contribuiu para a formação da *ratio* ocidental ao lado de tantos outros padrões culturais que dialogaram com o padrão hegemônico greco-cristão. Ademais, é do encontro do “Deus dos Filósofos” com o “Deus da Revelação” que se dá no Cristianismo, forjando a bases do conceito de *religio vera* e da autodefinição do Cristianismo como uma religião razoável, em oposição as religiosidade civil ou misteriosa da Antiguidade, que nasce o Cristianismo como pedra fundamental da racionalidade ocidental.

¹⁸ Grifos do autor.

conteúdos genuinamente cristãos pela filosofia (HABERMAS, 2007b, p. 49).

Assim,

a modernidade, primeiramente, na sua intencionalidade, está ancorada no advento do sujeito com a sua razão tecnocientífica, que, no seu ímpeto desconstrutivista da tradição, idealizou a construção de um mundo estendido entre o imaginário e o utópico, [enquanto] a pós-modernidade se caracteriza com o tempo da distopia e do “indebolimento” da racionalidade. [...] O pós-moderno [...] legitima-se somente em base à narrativa do fim das narrativas (TEIXEIRA, 2005, p. 105).

Importa ainda arguir como a redução da Ciência Moderna aos limites estreitos do Positivismo novecentista restringe ainda com maior vigor o domínio do *cogito/logos*, paradoxalmente a partir do império absoluto de um modelo tal de racionalidade que, por excludente e autorreferenciado, abandona o domínio da razão baseada no *logos* e torna-se uma razão autorreferencial, como que tautológica.

Nesse sentido, a bem da verdade, o Positivismo nada tem de descarteano, posto que o abandono do domínio do *cogito* puro sob o argumento de que sem fundamento empírico experimental *ceteris paribus* não pode haver verdadeiro conhecimento não condiz com a compreensão de Descartes sobre a verdade das coisas que se pode depreender de sua afirmação de que “as coisas que concebemos muito clara e distintamente são todas verdadeiras, havendo porém somente alguma dificuldade em distinguir bem quais são as que concebemos distintamente” (DESCARTES, 2003, p. 39).

Assim, paradoxalmente, para o senso comum incutido mesmo em discursos ilustrados, e convergentemente com a tradição epistemológica continental, Descartes advoga o primado do *cogito*.

Por outro lado, é verdade que ceder à Ciência Moderna a titularidade do conceito e do nome de Ciência – admiti-la como a ciência sem adjetivos – é, de alguma forma, renunciar a uma compreensão mais abrangente do *scire* do qual seu tomo toma a raiz.

Mas, por outro lado, que serviço prestará objetivamente à causa mesma da Ciência ou à construção de um mundo melhor – para ampliar o recorte para a dimensão ética última fora da qual as hipóteses e teorias reduzem-se a querelas desprezíveis ou a idiosincrasias de grupos privilegiados cujo desfecho não tem impacto sobre as condições materiais de reprodução da existência de que, afinal, ocupam-se – uma luta encarniçada por ressignificar um vocábulo que, na contemporaneidade parece já ter encontrado uma significação pacífica¹⁹, ao menos no senso comum? Esta parece ser uma questão nada desprezível.

Destarte, essa questão não deixa de atormentar a tantos quantos militam nas lides acadêmicas e não parece de fácil resposta. É certo que essa seja uma questão fundamental, na medida em que "a Ciência é, não só o *produto*, o conhecimento científico, mas também o *processo (práxis)* caracterizado na actividade dos cientistas²⁰" (COSTA PEREIRA, 2007, p. 62).

Contudo, talvez a pergunta mesma seja uma impropriedade, pois que, se situada no contexto de uma Epistemologia multirreferencial, perde sentido porque a natureza mesma da Multirreferencialidade implica o abandono de uma Semiótica do estatismo sígnico e a adoção de uma noção de processos de significação dinâmicos e contextuais que deslegitima qualquer arroubo de domínio e de congelamento de qualquer campo semântico, mesmo na Filosofia da Ciência; se situada no contexto de uma Epistemologia Construtivista, a dinâmica da construção dos significados no espaço de interação social intersubjetivo, em constante diálogo e negociação polifônicos, não subsidiaria ontologicamente nenhuma alegação de suporte da natureza pétrea da noção de Ciência; se situada no âmbito mesmo da Ciência Positivista ou Neopositivista, as próprias bases epistemológicas desse universo epistêmico excluem de tal forma o

¹⁹ Não obstante a pertinência do debate da Filosofia da Ciência sobre o *telos* da lide científica (se a busca do conhecimento se convalida na própria busca ou acesso ao conhecimento ou se só encontra seu agente validador em um *ethos* pragmático exterior), não se pode negar o princípio ético último da construção de melhores condições de vida precisa nortear a práxis científica sob pena de acometer os cientistas de terrível autismo epistemológico ou, o que seria ainda pior, transformar a Ciência em meio perverso de direcionamento das potências do *cogito* para a construção de esferas de privilégio e poder para uma classe que se afirmasse dominante fundada no monopólio do conhecimento.

²⁰ Grifos do autor.

contraditório ou o não redutível aos critérios auto-referenciados da Ciência Experimental Moderna que o questionamento em foco perde em coerência externa e, como tal, é um postulado desprezível posto que opera com uma lógica não reconhecível naquele padrão de interpretação do mundo. De certo modo, há que se ter

uma visão pluralista de diversos discursos teóricos que devem, na melhor das hipóteses, ser compatíveis entre si, sem porém que nenhum deles possa reivindicar uma prioridade sobre os demais, quer pelo ponto de vista fundacionalista, quer pelo ponto de vista reducionista (filosofia ou teoria social X física, biologia ou neurofisiologia) (HABERMAS, 2007a, p. 23).

Assim, a partir da compreensão de que a validade de um enunciado não está apenas em sua coesão e coerência internas, mas em sua capacidade de se articular positivamente com os vários elementos viabilizadores da intercompreensibilidade, – isto é, o enunciado para ser lógico não basta contar com uma lógica interna, mas precisa ressoar no aparato lógico dos interlocutores para ser aceito como tal pela comunidade, única instância de legitimação da racionalidade intersubjetiva que é o *Logos* –, a questão da natureza da Ciência oscila da insustentabilidade do argumento fora de seu contexto epistêmico à inquestionabilidade do mesmo conceito nos limites de validade de seu universo epistêmico.

Dessa forma, estar-se-á condenado a uma paralisia discursiva no campo da Filosofia da Ciência? Certamente não, mas não se pode pretender validar enunciados conceituais sem considerar os campos de validade epistemológica que lhes conferem coerência.

Esse esforço de diálogo, congênito à própria natureza da reflexão científica, torna-se ainda mais necessário quando é considerado o imperativo dos processos de troca e de construção colaborativa e coletiva do conhecimento científico, sem o qual a Ciência descambaria rapidamente para o campo da mera especulação subjetivista, destituída de qualquer rigor metodológico e de qualquer *telos* socialmente referenciado, ou mesmo cruzaria o limiar da Gnose ou dos cultos místéricos, enveredando por uma Metafísica do desconhecido no pior

sentido da palavra, entendendo-se Metafísica muito mais como obscurantismo do que como campo científico da racionalidade pura.

Nesse sentido, a comunidade científica é impelida a criar e cultivar espaços intersemióticos no campo da Epistemologia, isto é, espaços de tensões semióticas e epistemológicas que permitam a interoperabilidade, ou ao menos a intercompreensibilidade, dos enunciados científicos – posto que os postulados da ciência, validados empiricamente ou demonstrados logicamente, não passam de enunciados suportados por um esquema de validação dado – nos mais diversos campos epistemológicos. Esse espaço de tensões e contra-tensões, longe de negá-las, é o próprio garantidor de sua vitalidade, posto que os enunciados científicos quando isolados na estrutura dourada que lhes serve de moldura petrificam-se e inutilizam-se para os usos do *cogito* especulativo.

Assim, todo o problema da natureza da Ciência na contemporaneidade é, na verdade, o eco do problema do estatuto da verdade na conformação da Filosofia da Ciência e, a partir dela, de todas as áreas do saber sob a égide das teorias do discurso de matiz pós-estruturalista que se constituíram em discurso hegemônico a partir de meados do século passado, negando, de certo modo, o princípio de que

o conceito de conhecimento como representação é indissociável do conceito de verdade como correspondência. [...] A redenção discursiva de uma alegação de verdade conduz à aceitabilidade racional, não à verdade. Embora nossa mente falível não possa ir além disso, não devemos confundir as duas coisas (HABERMAS, 2007, p. 59-60).

O CAPITALISMO TARDIO E SUA DEMANDA POR TECNOCIÊNCIA

A íntima relação entre o Capitalismo Tardio e a Tecnociência muitas vezes como que nubla a percepção clara dos limites existentes entre essas duas categorias. Mesmo uma análise histórica absolutamente rigorosa encontraria

dificuldade em dissociar na sua gênese esses dois elementos fundantes da contemporaneidade.

Assim, parece coerente propor que a contemporaneidade é complementarmente condicionada pelas condições de produção de riquezas do Capitalismo Industrial, em um primeiro momento, e Informacional (CASTELS, 2002; 2005) no momento posterior, e pelas condições de produção do conhecimento científico características da Tecnociência. Esse contexto é fundamental para entender a emergência da internet, a conformação do hipertexto virtual e os desdobramentos cognitivos advindos do contexto civilizatório destes primeiros anos do terceiro milênio.

Nesse contexto, o mundo capitalista ocidental arrogou-se uma posição de indefectibilidade, notadamente a partir do colapso sistêmico da experiência comunista no leste europeu²¹. Nesse contexto, a partir da última década do século XX, o mundo capitalista, bem sintetizado no império estadunidense e seus aliados europeus (União Europeia) e asiáticos (Japão e Coreia do Sul entre outros), lançou-se à tarefa de consolidação prática da tese do fim da história e da planificação dos modos de reprodução da existência em benefício do modelo capitalista ocidental, sob a alegação de que não havia outra opção senão a intensificação do *modus operandi* capitalista e a propagação da ideologia da homogeneidade, isto é, que o progresso e o desenvolvimento econômico e social são possíveis apenas sob a égide capitalista.

Embora não se pretenda discutir com profundidade uma proposta de categorização da Contemporaneidade, mergulhando profundamente nas questões que opõem os que secundam a proposta pós-moderna de ruptura das chamadas

²¹ As experiências remanescentes – tais como Cuba e Vietnã do Norte – não representam uma continuidade real do ponto de vista global por não serem capazes de produzir um paradigma político e econômico capaz de contrapor-se ideológica e pragmaticamente ao capitalismo liberal ocidental. Neste sentido, permanecem como meros hiatos do sistema político-econômico hegemônico. A China, por seu turno, parece ter há muito renunciado a uma proposta anticapitalista genuína e, da antiga proposta ideológica, conserva apenas a ditadura de partido único e o forte controle, por vezes brutal, da sociedade, dos bens culturais, dos aparelhos ideológicos do estado, para usar uma categoria althusseriana (1998, *passim*), e dos meios de produção – ao menos os principais, pois já se inicia uma certa abertura ao capital privado – para a promoção de um capitalismo estatal. Por aligeirada, esta pequena nota não se pretende capaz de dar conta da complexidade do fenômeno em questão, mas apenas situar o fenômeno no contexto.

grandes narrativas (LYOTARD, 2002, *passim*) e os que propugnam a Contemporaneidade como o desdobramento do projeto iluminista do qual o Capitalismo, no âmbito econômico, e a Democracia representativa liberal, no espectro político, seriam os legítimos representantes na atualidade, ao assumir o epíteto de "Capitalismo Tardio", seguindo a linha de Jameson (2002), pretende-se sobrestar as discussões relativas à Sociedade do Conhecimento e termos correlatos, ao menos no momento, focando a análise sobre as relações intrincadas entre Capital e Tecnologia como fundantes para a manutenção do Sistema Capitalista, para a reestruturação desse sistema a partir da crise sistêmica do último quadrante do século passado (CASTELLS, 2002) e para, dessa forma, conduzir à conformação do modelo societário vigente.

Destarte, não se trata de mera questão de nomenclatura, mas de compreensão dos fenômenos da Contemporaneidade. Ao assumir a expressão "Capitalismo Tardio" como a forma de designar o momento histórico contemporâneo, assume-se aqui um lugar de afastamento em relação a proposições de certo sabor revolucionário ou instaurador de nova estrutura societária que não parecem condizer perfeitamente com este estágio do Capitalismo, com este quadrante da Modernidade. Neste ponto, Jameson (2002) sintetiza com precisão a situação atual como terceiro estágio do Capitalismo, seguindo-se ao "capitalismo clássico ou de mercado" e desse para a conformação atual.

Já aqui, contudo, insinua-se uma questão central que pontua todo este trabalho, qual seja, a negação de que a Tecnociência possua um valor ontológico gerador de um modelo societário vinculante, independente de aspectos humanos outros – esses sim vinculantes e fundantes. Ao considerar a dinâmica da Tecnociência como elemento fundacional da sociedade vigente, como que se atribui à Tecnociência uma característica autopoietica que garantiria o desenvolvimento humano em uma clara inversão da dinâmica do desenvolvimento humano. Essa proposição parece insustentável em um plano histórico mais abrangente e possui, claramente, uma forte linha tecnicista, não obstante se reconhecer que

a 'racionalização' [weberiana] progressiva da sociedade depende da institucionalização do progresso científico e técnico. Na medida em que a técnica e a ciência pervadem as esferas institucionais da sociedade, e transformam assim as próprias instituições, desmoronam-se as antigas legitimações. A secularização e o 'desencantamento' das cosmovisões orientadoras da acção, da tradição cultural no seu conjunto, é o reverso de uma 'racionalidade' crescente da acção social²² (HABERMAS, 2009, p. 45).

Isto posto, as questões que emergem dos desdobramentos das TIC na vida cotidiana dos cidadãos e seus impactos no modo como cada um concebe sua existência e como as sociedades implementam novos parâmetros de comportamento a partir dessa emergências – tais como o novo formato dos hipertextos a partir da evolução das mídias telemáticas e o impacto que a hipertextualidade passa a ter no modo como são produzidos e são apropriados os (hipertextos) – são condicionadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação na medida em que elas se articulam às demandas e objetivos as sociedades, em uma dialética de mútua interpenetração e interdependência natural do fenómeno técnico ao longo da história humana e, muito mais acentuada e propriamente, conforme o “espírito do Capitalismo” (WEBER, 2004, *passim*).

Contudo, e neste ponto há que se ceder ao contexto do pós-guerra alguma singularidade, as TIC foram engendradas em um processo de coisificação do homem que elas levaram ao ponto até aqui mais elevado, paradoxalmente ao desenvolvimento de ferramentas tecnológicas que otimizam sobremaneira as potencialidades do homem, mesmo no campo nas interações propriamente sociais. Assim,

o processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem com de toda significação em geral, porque a própria razão se tornou um mero adminículo da aparelhagem econômica que tudo engloba (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 37).

²² Grifo do autor.

Nessa linha, não se pode separar o Capitalismo Tardio das estruturas de Tecnociência²³ que o configuram ou, fazendo um recorte mais restritivo no campo socioeconômico, separar o Capitalismo Informacional (CASTELLS, 2002) das TIC que o conformam em sua natureza ontológica. A Tecnociência é, assim, antes uma racionalidade capitalista que um elemento dela distinto, contribuindo para a grande doença do Capitalismo contemporâneo: a potencialização do caráter fetichista da mercadoria, pois

a partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas as suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 35).

MODERNIDADE E TECNOLOGIA: A GÊNESE TECNOLÓGICA DO CAPITALISMO TARDIO OU DE COMO A TECNOCIÊNCIA GESTOU O CAPITALISMO INFORMACIONAL

O projeto moderno é eminentemente ocidental. Neste ponto já transparece um elemento por vezes despercebido: a Modernidade é um projeto ocidental, crescentemente assumido em pontos fora do Ocidente sem que isto altere o fato epistemologicamente significativo de que sua gênese é ocidental e que sua realização está longe de ser global: neste ponto há que se contrapor esta leitura

²³ A imbricação entre a matriz científica de tradição acadêmica *stricto sensu* e a matriz tecnológica de natureza industrial pura merece um estudo que não é o foco deste trabalho *per se*. Nesse sentido, assume-se aqui apenas como pressuposto que o estágio atual do Capitalismo encontra-se em simbiose profunda com a Tecnociência não como algo que, vindo do exterior, intrinca-se em sua natureza. Antes, a própria reprodução do Capitalismo se lastreou nas revoluções industriais e, atualmente, na revolução informacional ao tempo em que as gerou, na medida em

que retroalimentou essas revoluções em uma lógica reflexiva de fluxos de capital que financiam a Tecnociência que gera fluxos de capital, ao preço do consumo acelerado e inconsequente de insumos dos quais os combustíveis fósseis são o exemplo mais notável e mais agressivo. De fato, não obstante a racionalidade moderna ser pré-capitalista – e o Capitalismo é um desdobramento econômico do desmonte da *ratio* clássico-escolástica para tentar forjar uma categoria que açambarque todo o *modus vivendi simulque cogitandi* pré-capitalista –, o Capitalismo se constituiu em substrato tal do projeto moderno que já não se pode separá-los, bem como seus frutos mais vistosos: a Ciência e a Tecnologia.

da Modernidade à análise de Giddens (1991, p. 173 *et seq.*) que atribui um caráter universal à Modernidade.

Também há que se considerar a compreensão de Giddens das “*sociedades capitalistas*”²⁴ como um subtipo específico das sociedades modernas em geral” (GIDDENS, 1991, p. 62), pretendendo ver no Capitalismo apenas uma condição suficiente para a Modernidade: se o que o sociólogo inglês pretende com isto é salientar a natureza moderna de projetos socialistas que, a final, são igualmente filhos da racionalidade iluminista, isto bem se adéqua à posição deslindada nestas linhas; se, contudo, pretende-se sobrestar a noção de Modernidade aos condicionantes socioeconômicos que estão intimamente ligados aos desdobramentos do movimento iluminista na Economia (o Capitalismo com seus vários matizes e a crítica marxista que lhe é íntima e indefectivelmente ligada), não há como alinhar tal teoria à compreensão de Modernidade sob a qual se faz a análise da Contemporaneidade nestas linhas.

Outrossim, há-se sempre que considerar que

um determinado momento histórico-social jamais é homogêneo; ao contrário, é rico de contradições. Ele adquire “personalidade”, é um “momento” do desenvolvimento, graças ao fato de que, nele, uma certa atividade fundamental da vida predomina sobre as outras, representa uma “linha de frente” histórica. Mas isto pressupõe uma hierarquia, um contraste, uma luta. Deveria representar o momento em questão quem representasse esta atividade predominante, esta “linha de frente” histórica; mas como julgar os que representam as outras atividades, os outros elementos? Será que estes também não são “representativos”? E não é “representativo” do “momento” também quem expressa seus elementos “reacionários” e anacrônicos? Ou será que deve ser considerado representativo quem expressa todas as forças e elementos em contradição e em luta, isto é, quem representa as contradições da totalidade histórico-social?²⁵ (GRAMSCI, 2002, p. 65).

Contudo, por seu turno, importa recordar que a visão de que o projeto moderno é universal e de que as condições de sua reprodução estão dadas em

²⁴ Grifo do autor.

²⁵ Aspas do autor.

todo o orbe é eco de um antigo sonho de grandeza, um hábito de definir o outro a partir de si que tem sido uma constante no modo ocidental de ver o mundo. Aqui, permanece sempre atual a ideia de barbárie como a negação da alteridade, pelo menos desde que os romanos criaram uma categoria macro – bárbaro – na qual se pudesse conter tudo o que não fosse greco-romano; tudo o que não falasse Latim ou, pelo menos, Grego; tudo que não se lhes fosse semelhante. Em certa medida, essa noção clássica de barbárie continua atualíssima no projeto societário moderno ocidental.

De certo modo, a pretensão de universalidade da Modernidade Tecnológica ocidental é apenas a versão contemporânea do sonho de universalidade e poder que permeia a história do Ocidente e, em uma abertura mais generosa da vista, a história de toda a humanidade.

Nessa linha, a Cristandade como projeto político e social – cuja conformação mais clara talvez possa ser percebida no Império de Carlos Magno – e a *Pax Romana* antes dela podem ser vistas como os antecedentes históricos do projeto de poder que hoje se corporifica no projeto societário capitalista liberal ocidental fundado na Tecnociência²⁶. A verdade, porém, é que a Modernidade está longe de ser global e os protestos de universalismo do projeto moderno-burguês e de seu construto novel, a "Sociedade do Conhecimento", não passam de quimeras – sob um olhar mais benevolente – ou pura propaganda – em um sentido mais "goebbeliano".

O mundo contemporâneo, a bem da verdade, talvez seja o mais multiforme e complexo da história humana. Ou, o que convergiria para a mesma realidade, este talvez seja o momento histórico de mais nítida emergência de sua multiforme complexidade ou de sua mais clara percepção, permitindo uma leitura "não homogeneizante" da realidade.

Nesse sentido,

²⁶ É um paradoxo interessante e irônico o fato de que, no fundo, Ciência e Religião sejam claramente instrumentalizados para o mesmo fim.

one might have thought that with all their successes over the past few centuries the existing sciences would long ago have managed to address the issue of complexity. But in fact they have not. And indeed for the most part they have specifically defined their scope in order to avoid direct contact with it. For while their basic idea of describing behavior in terms of mathematical equations works well in cases like planetary motion where the behavior is fairly simple, it almost inevitably fails whenever the behavior is more complex. And more or less the same is true of descriptions based on ideas like natural selection in biology²⁷ (WOLFRAM, 2002, p. 3).

A “falha” da Ciência na abordagem da complexidade é reveladora da prevalência de um modelo de pensamento científico que, calcado na ideia de “dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las” (DESCARTES, 2003, p. 23), olvidou que esse era um postulado metodológico, não ontológico, e que, portanto, não poderia instituir uma fragmentação definitiva do conhecimento e o grande compromisso do cientista seria integrar o conhecimento em uma camada superior de articulação do conhecimento que, elevado acima da especulação racional, reagrupasse o conhecimento no sentido pleno do todo fenomênico, resgatando a Ciência de sua fragmentação metodológica e rearticulando o conhecimento científico com o conhecimento advindo através de outros métodos de produzir conhecimento.

Por outro lado, não obstante tudo isto, Modernidade e Ciência são indissociáveis: "dentre os elementos sociais e culturais que fazem parte da modernidade, podemos evidenciar dois: a explosão da burguesia e o desenvolvimento da ciência experimental" (TEIXEIRA, 2005, p. 10-11).

O fato é que quanto mais se fortalecem e consolidam os avanços da Ciência, mais se firmam as estruturas da Modernidade; quanto mais avança a "mentalidade" moderna, mais progride a Ciência ao encontrar terreno fértil no

²⁷ “Poder-se-ia pensar que, com todo o sucesso que alcançaram nos últimos séculos, as ciências existentes teriam há muito dedicado-se ao problema da complexidade. Mas, de fato, não o fizeram. Na verdade, na maioria dos casos elas definiram seus objetivos com o fim específico de evitar um contato direto com ela. Pois, embora seu princípio básico de descrever os comportamentos em termos de equações matemáticas funcione bem em casos tais como o movimento dos planetas nos quais o comportamento é significativamente simples, ele falha quase que inevitavelmente toda vez que o comportamento é mais complexo. Isto também é mais ou menos correto em relação a descrições baseadas em princípios tais como o da seleção natural na biologia” (tradução nossa).

tecido social para a promoção da "cultura científica" necessária para garantir o consumo de Ciência e sua produção, pois, em última análise, a Ciência não foge à lógica de mercado que preside a contemporaneidade: muito pelo contrário, a Tecnociência é ela própria originária da subordinação da Ciência às exigências do mercado, não tanto por se apropriar de quanto a Ciência produza, mas por condicionar essa produção a quanto interesse ao Mercado: isto gerou uma espécie de pragmatismo científico que implica o aprisionamento da Ciência e do Capital em uma interdependência, em um liame que se intitula Tecnociência, posto que

as informações de natureza estritamente científico-natural só podem entrar num mundo social da vida, por meio da sua utilização técnica, como saber tecnológico: prestam-se aqui à ampliação do nosso poder de disposição técnica. [...] Os conhecimentos da física atômica tomados em si mesmos permanecem sem consequências para a interpretação do nosso mundo vital – pelo que o abismo entre essas duas culturas [o mundo da ciência e o mundo da literatura, do vivido] é inevitável. Só quando, mediante as teorias físicas, realizamos fissões nucleares, só quando as informações se utilizam para o desenvolvimento de forças produtivas ou destruidoras, é que as suas *consequências práticas* subversivas podem penetrar na consciência literária do mundo vital (HABERMAS, 2009, p. 95).

Assim, no fundo, Ciência e Modernidade formam uma espiral tautológica em nada diversa, do ponto de vista das razões últimas que as mobilizam, de uma profissão de fé.

Embora tudo isto seja válido para a Modernidade em toda a sua complexidade – e convém sempre lembrar o quão complexo é o fenômeno da Modernidade e o quanto de diversidade em contém em si ao longo de sua marcha já tetrassecular – e se possa identificar a confluência entre Ciência e projeto societário em todas as fases da Modernidade, é na fase capitalista propriamente dita que a Ciência e o projeto societário moderno-burguês entraram em simbiose perfeita, tornando-se como que impossível dissociá-los.

Cedo o Capitalismo aprendeu que a capacidade de criar e transformar a partir de elementos da natureza, aumentando ou modificando seu valor de uso ou mesmo concedendo valor de uso a substâncias ou elementos antes de todo

privados desse valor, era algo que não poderia ser visto como marginal na dinâmica do capital.

Desse momento em diante, Ciência e Capital firmaram uma aliança que aprisionou a ambos: a Ciência não sobreviveria mais sem o Capital, dada à crescente complexidade de suas ações e ao custo cada vez mais elevado de seu aparato, tornando-a refém do grande Capital, único capaz de provê-la com os insumos e a infraestrutura necessários a seu desenvolvimento; o Capital encontrou na Ciência uma fonte inesgotável de oportunidades com as quais pudesse criar o que Joseph Schumpeter²⁸ chamaria de inovação, no campo das Ciências Econômicas, e garantiria a reprodução do sistema mediante uma constante alimentação do mercado por produtos cada vez melhores, otimizando custos e aumentando lucros.

Sem a Tecnociência, o Capitalismo dificilmente teria superado as graves crises cíclicas pelas quais tem passado, não obstante não ser “fácil determinar empiricamente a probabilidade de condições de limite sob as quais as *possíveis* tendências de crise de *fato* se estabelecem e prevalecem²⁹” (HABERMAS, 2002b, p. 47).

Desse ponto de vista, a Tecnociência garantiu a reprodução do Capital e se pode dizer que o Capitalismo Tardio³⁰ é fruto tanto das contingências do próprio sistema quanto das potencialidades geradas pela Tecnociência que, a tomar o raciocínio precedente, não podem ser divorciadas do próprio sistema. Nesse sentido, há que se recordar que

²⁸ Economista tcheco que propôs a teoria dos ciclos econômicos na qual propõe que a força que faz a economia sair do estado de equilíbrio e entre no estado de expansão designado *boom* é a inovação entendida como a inserção de bem econômico capaz de alterar as condições de equilíbrio antes presentes.

²⁹ Grifos do autor.

³⁰ Embora a tese de Ernest Mandel evoque, de certo modo, a sombra da superação do Sistema Capitalista e o termo “Capitalismo Tardio” faça supor alguma ideia de superação ou mesmo exaustão do Capitalismo como modo hegemônico de produção, por não se tratar de um estudo propriamente econômico, essas questões são sobrestadas e utiliza-se o conceito de Mandel apenas pelo que ele tem de possibilidade de corporificar a situação atual do sistema capitalista sem imiscuir-se em quaisquer discussões propriamente econômicas ou ideológicas sobre o futuro do Sistema Capitalista.

hoje, no sistema de trabalho das sociedades industriais, os processos de investigação combinam-se com a transformação técnica, e a ciência vincula-se com a produção e a administração: a aplicação da ciência na forma de técnicas e a retro-aplicação dos progressos técnicos na investigação transformaram-se na substância do mundo do trabalho. Em tais circunstâncias, a persistente e rígida atitude de recusa perante a dispersão da universidade em escolas oficiais já não pode apelar para o antigo argumento. A forma universitária da investigação³¹ já não pode, hoje, resguardar-se da esfera profissional sob o pretexto de que esta continuaria a ser ainda estranha à ciência, mas porque foram antes as ciências que, ao penetrarem por seu lado na práxis profissional, se alienaram da formação. A convicção do idealismo alemão de que a ciência forma já não se ajusta às ciências experimentais em sentido estrito³². Outrora a teoria podia converter-se num poder prático, mediante a formação; hoje, temos de haver-nos com teorias que impraticamente, a saber, sem estarem expressamente referidas à interacção que entre si desenvolvem os homens na sua vida comum, podem, no entanto, transformar-se em *poder técnico*³³. Sem dúvidas, as ciências proporcionam agora um poder específico: mas, o poder de disposição que elas ensinam não equivale à capacidade de viver e agir, que outrora se esperava do homem cientificamente formado (HABERMAS, 2009, p. 98-99).

A partir dessa lógica, o surgimento do que Castells (2002) chama de Capitalismo Informacional ou Modo Informacional de Desenvolvimento não pode ser compreendido fora de uma análise que compreenda os laços íntimos entre Ciência, Tecnologia e Capitalismo.

Neste ponto, Manuel Castells define o contexto, afirmando que

³¹ Não obstante conservar alguma pertinência para o cenário brasileiro, a especificidade da crítica habermasiana à atitude da cultura científica universitária frente às demandas da Tecnociência e do mundo profissional dirige-se precisamente ao que emana de um modelo de ensino universitário advindo das concepções de universidade do Barão von Humboldt (1769-1859) e suas consequências para o sistema universitário alemão (Cf. HUMBOLDT, Wilhelm von. **Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim**. In: CASPER, Gerhard; HUMBOLDT, Wilhelm von. **Um mundo sem Universidades?** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997). Neste ponto, infelizmente, talvez se esteja no Brasil em situação ainda pré-humboldtiana e a crítica de Habermas, não obstante correta, pouco diga sobre a realidade brasileira ainda muito aquém do “problema” alemão apontado pelo filósofo.

³² Neste ponto, a compreensão do Barão von Humboldt de que a formação universitária se deveria ordenar pela “combinação de ciência objetiva e formação subjetiva” (HUMBOLDT, 1997, p. 79) parece não mais satisfazer as demandas do mundo contemporâneo e as demandas do mercado.

³³ Grifo do autor.

*a technological revolution of historic proportions is transforming the fundamental dimensions of human life: time and space. New scientific discoveries and industrial innovations are extending the productive capacity of working hours while superseding spatial distance in all realms of social activity. The unfolding promise of information technology opens up unlimited horizons of creativity and communication, inviting us to the exploration of new domains of experience, from our inner selves to the outer universe, challenging our societies to engage in a process of structural change*³⁴(CASTELLS, 2002, p.1).

As palavras de Manuel Castells, conquanto soem um tanto grandiloquentes, desenham liames profundos entre as novas descobertas científicas, entre as quais terão lugar de honra aquelas relacionadas às TIC, as inovações industriais e o novo formato de organização de produção que conformam o Informacionalismo.

Em contraponto à análise do sociólogo espanhol, Anthony Giddens (1991) posiciona-se aparentemente em defesa de uma noção de permanência do Modo Industrial de Desenvolvimento na Contemporaneidade pós Revolução Tecnológica do Vale do Silício, ao sinalizar que

o industrialismo não deve ser compreendido num sentido muito estreito – como sua origem na “Revolução Industrial” nos tenta fazer crer. A expressão evoca imagens do carvão e da energia a vapor de ma grande maquinária (Sic!) pesada chacoalhando em oficinas e fábricas encardidas. Não menos do que a tais situações, a noção de industrialismo se aplica a cenários de alta tecnologia em que a eletricidade é a única fonte de energia, e onde microcircuitos eletrônicos são os únicos dispositivos mecanizados. O industrialismo, ademais, afeta não apenas o local de trabalho, mas os transportes, as comunicações e a vida doméstica³⁵ (GIDDENS, 1991, p. 62).

Não obstante ser sedutor o raciocínio de Giddens, a análise de Castells parece mais enquadrada nos fenômenos em curso.

³⁴ “uma revolução tecnológica de proporções históricas está transformando as dimensões fundamentais da vida humana: tempo e espaço. Novas descobertas científicas e inovações industriais estão estendendo a capacidade produtiva das horas de trabalho ao tempo em que transpõe as distâncias espaciais em todos os setores da atividade social. A promessa da Tecnologia da Informação que está a se desdobrar abre horizontes ilimitados de criatividade e comunicação, convidando-nos à exploração de novos domínios da experiência, desde nossa interioridade até o universo lá fora, desafiando nossas sociedades a engajar-se em um processo de mudança estrutural” (tradução nossa).

³⁵ Aspas do autor.

Assim, o elemento central, todavia – e é isto que se quer aqui destacar – é a natureza tecnocientífica desse movimento, na medida em que não se trata de uma superação do Capitalismo, mas uma alteração do modo hegemônico de reprodução do Capital, de uma matriz industrial para uma matriz informacional, o que nem de longe supõe a eliminação da indústria como motor das grandes economias – o que de resto está patente para qualquer um que contemplar com mínima atenção a cena econômica local, nacional ou internacional –, mas significa a adoção de um novo paradigma tecnológico, considerado que

the main process in this transition [from Industrialism to Informacionalism] is not the shift from goods to services but, as the two main theorists of the “post-industrial society” proposed many years ago, Alain Touraine in 1969 and Daniel Bell in 1973, the emergence of information processing as the core, fundamental activity conditioning the effectiveness and productivity of all processes of production, distribution, consumption, and management. The new centrality of information processing results from evolution in all the fundamental spheres of the industrial mode of development, under the influence of economic and social factors and structured largely by the mode of production. Specifically, the secular trend toward the increasing role of information results from a series of developments in the spheres of production, of consumption, and of state intervention³⁶ (CASTELLS, 2002, p. 17).

No Capitalismo Informacional, as TIC estão intimamente imbricadas no conjunto da engrenagem capitalista que dá forma ao sistema. Nesse sentido,

o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre inovação e uso (CASTELLS, 2005, p. 69).

³⁶ “o principal processo nessa transição [do Industrialismo para o Informacionalismo] não é a mudança de bens para serviços, mas, como os dois principais teóricos da ‘sociedade pós-industrial’ propuseram muitos anos atrás, Alain Touraine em 1969 e Daniel Bell em 1973, é a emergência do processamento de informações como o núcleo, a atividade fundamental a condicionar a efetividade e produtividade de todos os processos de produção, distribuição, consumo e gerenciamento. A nova centralidade do processamento de informação resulta da evolução de todas as esferas do modo de produção industrial, sob a influência de fatores econômicos e sociais e estruturada largamente por um modo de produção. Especificamente, a tendência secular direcionada para o papel crescente da informação resulta de uma série de desenvolvimentos nas esferas de produção, consumo e intervenção estatal” (tradução nossa).

O elemento central, por conseguinte, do momento histórico atual não está na questão, importante sem dúvidas, da viabilização de possibilidades comunicacionais ímpares, de certo. Na verdade, o que os dias correntes têm de singular é que a informação e o conhecimento tornaram-se, de certo modo, eles próprios *commodities*. No processo de financiamento da Ciência, por um turno, e de transformação dos construtos da Ciência em mercadorias capazes de garantir o refluxo de capital e a manutenção da lógica do sistema capitalista, por outro, Ciência e Capital desenvolveram laços tão íntimos que os "destinos" de ambos se tornaram indissociáveis.

Nesse contexto, se por um lado a crise do sistema nos anos setenta representou um grave problema para o financiamento da Ciência, por outro lado a Tecnociência emergiu como a única alternativa capaz de gerar as condições necessárias para a reestruturação do sistema capitalista, conduzindo o Ocidente a uma espécie de fusão entre o Capital e a Ciência na forma da Tecnociência informacional por excelência: as Tecnologias da Informação e Comunicação.

O modelo tecnológico contemporâneo gestou-se a partir das necessidades e condições objetivas que o desenvolvimento técnico-científico do século XX criou, mas também no contexto das condições macroeconômicas de reestruturação do sistema capitalista, e mesmo das demandas militares por tecnologia, o que não está desligado do fator econômico nem na razão nem no efeito, pois a escalada militar da Guerra Fria gerou um vultoso investimento em Tecnociência e esse esforço militar, para além da retórica sobre liberdade e democracia, objetivava garantir o modelo socioeconômico dos países ricos ocidentais, de um lado, e o projeto totalitário ideologicamente camuflado das potências da Cortina de Ferro, de outro.

Tal estado de coisas foi denominado por Manuel Castells muito apropriadamente de *"warfare state"*, apontando para uma das características do atual modelo societário, qual seja a transição, ao menos nos países centrais do Capitalismo Ocidental, do *"welfare state"* para o *"warfare state"* (CASTELLS, 2002, p. 229 *et seq.*).

Neste ponto, há que se ter sempre em mente o caráter indutor de modelos socioeconômicos do Estado e o peso da indústria bélica na inovação. É exemplar a informação de que, no período imediatamente anterior à última Revolução Tecnológica,

the relationship between defense and the electronics industry was particularly close in the first stage of development of the industry, during the 1950s. Around 1960, government markets represented 90 percent of the US semiconductors market. However, once commercial development of electronic products had taken place, with the entry into the market of new, innovative companies, the proportion plummeted down to about ten percent in the late 1970s³⁷ (CASTELLS, 2002, p. 266).

Assim, mesmo admitindo que não se possa definir uma relação de causalidade direta e exclusiva entre as condições político-econômicas e o desenvolvimento das TIC, essas condições estão longe de ser desprezíveis ou acidentais. Antes, cabem com destaque no elenco de variáveis que possibilitaram a conformação atual do sistema capitalista e das TIC, sem desconhecer, contudo que

a história do conhecimento e da tecnologia seculares é uma história de êxitos manipulados pela verdade em chegar a um acordo com a natureza externa. Consiste de processos descontínuos, mas, a longo prazo, acumulativos. Explicar o caráter acumulativo histórico mundial do progresso técnico e científico e do conhecimento dos mecanismos empíricos é necessário, mas não suficiente. Para entender o desenvolvimento da ciência [e] da tecnologia, precisamos também conjecturar uma lógica interna através da qual uma hierarquia de seqüências (sic!) irreversíveis seja fixada desde o início (HABERMAS, 2002b, p. 23).

Conquanto uma análise mais acurada das intrincadas relações entre as condições econômicas então vigentes e o estágio da Tecnociência na construção do que Manuel Castells chamará de paradigma informacional não caiba neste estudo, fato é que o Capitalismo emerge revigorado no início dos anos oitenta em

³⁷ “o relacionamento entre a Defesa e a indústria eletrônica foi particularmente íntima no primeiro estágio do desenvolvimento d[ess]a indústria durante a década de 1950. Por volta dos anos 1960, as compras estatais representavam cerca de 90% do mercado norte-americano de semicondutores. Contudo, quando o desenvolvimento comercial de produtos eletrônicos se estabeleceu, com a entrada no Mercado de novas e inovadoras empresas, a proporção diminuiu drasticamente para cerca de 10% no final da década de 1970” (tradução nossa).

uma marcha para o estabelecimento pleno do "modo informacional de desenvolvimento", exibindo algo como que uma dependência tecnológica aguda e este será o dístico do Capitalismo Informacional: a centralidade da Tecnociência nos processos econômicos.

Em última análise,

historicamente, a técnica surgiu antes da ciência, pois podem-se construir máquinas sem compreender os princípios do seu funcionamento. [Outrossim,] o progresso arrancou verdadeiramente só quando a técnica e a ciência se uniram na tecnologia³⁸ (COSTA PEREIRA, 2007, p. 56).

Nesse sentido, a importância da tecnologia na otimização dos processos econômicos não é inusitada, na medida em que

historiadores econômicos demonstraram o papel fundamental desempenhado pela tecnologia no crescimento da economia, via aumento da produtividade, durante toda história e especialmente na era industrial (CASTELLS, 2005, p. 122).

Contudo, o elemento singular deste momento histórico é a centralidade da tecnologia na condução desses processos econômicos ou, para ousar um pouco na definição, uma espécie de dependência tecnológica que marca o modo como o Capital organizou os processos produtivos a partir da emergência das TIC em um recorte mais restrito e da Tecnociência como um todo em um recorte menos restrito.

Assim, a natureza de processo e produto que caracteriza as TIC na contemporaneidade condicionou o Capitalismo que, por seu turno, transformou a Ciência em uma força auxiliar do Capital, como que privando-a de sua autonomia especulativa e de sua vocação pela busca do conhecimento puro – no fundo, toda ciência é filosófica no sentido de sua busca visceral pela Verdade – e sua consequente desvinculação dos condicionantes práticos do mercado.

³⁸ Da perspectiva aqui assumida, o conceito de tecnologia implícito na assertiva de Costa Pereira aplica-se melhor à noção de Tecnociência.

De fato, a Tecnociência controlada por um Capitalismo *laissez-faire*³⁹ é a marca mais distintiva da Contemporaneidade, o que dá à voracidade do Capitalismo Informacional certo verniz, superficial embora, posto que

o que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesmo (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 100).

Consoante essas assertivas, o papel que as TIC desempenham na configuração da Contemporaneidade está longe de ser lateral. Antes, elas são centrais para a compreensão da contemporaneidade como um momento singular nos desdobramentos do projeto iluminista, posto que, a se tomar o campo da estética com elemento de referência, o pós-modernismo só parece ter logrado condições de contribuir para uma ruptura socioestética quando aliada às TIC e à “tese política de uma sociedade propriamente *pós-industrial*”⁴⁰ (JAMESON, 2004, p. 32) na qual

o ‘redesdobramento’ econômico na fase atual do capitalismo, auxiliado pela mutação das técnicas e das tecnologias segue em paralelo, já se disse com uma mudança de função dos estados. [...] Digamos sumariamente que as funções de regulação e, portanto, de reprodução, são e serão cada vez mais retiradas dos administradores e confiadas a autônomos⁴¹ (LYOTARD, 2002, p. 27).

Neste ponto, para além dos desacertos de uma concepção de Pós-Modernidade como ruptura com a Modernidade – o que é uma contradição em termos, dado o caráter absolutamente moderno do Capitalismo a cuja dinâmica Lyotard se refere – a análise é pertinente.

³⁹ Foi essa expressão radical do Liberalismo Econômico, hegemônico nos final do século XIX e início do século XX, que levou as graves rupturas socioeconômicas dos anos trinta do século passado, cuja crítica mais contundente fora feita por John Keynes em sua obra *The End of Laissez-faire*.

⁴⁰ Grifo do autor.

⁴¹ Grifo do autor.

A partir dessa reflexão, a ideia de pós-modernismo está dissociada à ideia de Pós-Modernidade, posto que a primeira é tomada como tentativa de análise crítica dos desdobramentos sociais e estéticos do terceiro estágio do Capitalismo⁴² (JAMESON, 2004, p. 49), enquanto a segunda se pretende caracterizado “exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes” (BARBOSA, 2002, p. viii).

Nesse contexto, a reflexão sobre o hipertexto é central porquanto o hipertexto vê confluir em si as grandes potencialidades das TIC e, de certo modo, apresenta-se como face mais dinâmica desse novo aparato tecnológico que exerce um papel tão determinante na conformação do modelo de produção, gerenciamento, difusão e acesso à informação e ao conhecimento que dá forma ao Informacionalismo como modo de desenvolvimento.

Se é verdade, portanto, que o hipertexto tem um papel simbólico no que tange à condição de agente codeterminante das TIC em relação às condições socioeconômicas do atual momento do Capitalismo, é verdade também que o dinamismo da Internet acabou por garantir ao hipertexto digital um lugar de excelência como porta de entrada para as inúmeras funcionalidades da Internet para os indivíduos, comunidades ou redes sociais que a utilizam e, nesse sentido, sua centralidade é muito mais pragmática que simbólica.

Nos capítulos seguintes, a discussão sobre hipertexto procura lançar luzes sobre a dinâmica da constituição do hipertexto a partir de uma abordagem que considera o papel fulcral do hiperleitor como agente de sua constituição⁴³, pelo que hipertexto e hiperleitura se imbricam em um contínuo indissociável, ao menos naquilo que alhures se designará como hipertexto concreto.

⁴² A saber: Capitalismo de Mercado, o Capitalismo Imperialista e o Capitalismo Tardio, segundo a taxonomia de matiz marxista pretendida por Ernest Mandel e seguida por Fredric Jameson entre outros.

⁴³ Embora não se trate propriamente de uma aplicação da Teoria de Recepção ao hipertexto, não se pode negar elementos de influência desse ramo da crítica literária do qual Wolfgang Iser (1996; 1999) e Hans Robert Jauss (1982) são os principais teóricos.

CAPÍTULO II – HIPERTEXTO E HIPERLEITURA

A reflexão teórica sobre o Hipertexto tem diante de si, de antemão, a imperiosa necessidade de estabelecer claramente os contornos teóricos dessa categoria em natural contraponto ao texto, dadas as óbvias interconexões que aproximam essas categorias já denunciadas pela taxonomia que assumem, ou melhor, a bem da verdade, pela taxonomia que o primeiro herda do segundo.

Um primeiro movimento é o de tentar caracterizar o hipertexto a partir de seu substrato. A partir dessa premissa, o movimento teórico se dá no sentido de levantar as características da tecnologia que serve de suporte ao texto eletrônico e, por extensão, ao hipertexto para, a partir delas, determinar o que seja o hipertexto e qual a sua configuração, na linha cujo expoente mais destacado nestes dias talvez seja Roger Chartier (1998, 1999, 2001, 2002).

Destarte não se pretende aqui analisar sua teoria sobre a relação diacrônica entre texto e substrato, em si cheia de sinais marcantes de algum determinismo tecnológico, não obstante seu inegável valor no campo da história da escrita e da leitura, importa acentuar que a conclusão a que ele chega em relação ao texto eletrônico e dele ao hipertexto – que “essas mutações”⁴⁴

⁴⁴ Roger Chartier se refere às mudanças na forma de armazenamento do texto em ambiente digital e à forma de acesso do leitor ao texto.

comandam, *inevitavelmente, imperativamente*, novas maneiras de ler, novas relações de escrita, novas técnicas intelectuais⁴⁵” (CHARTIER, 1999, p. 101) – reduz sobremaneira o problema do hipertexto e da hiperleitura a uma questão de substrato, não obstante este tenha também importância, desconsiderando todas as outras variáveis.

Essa linha de raciocínio conduz, via de regra, a uma ênfase demasiada sobre as condições tecnológicas que garantem o pleno desenvolvimento das potencialidades hipertextuais, subavaliando as características próprias do hipertexto que prescindem ou mesmo induzem os movimentos da tecnologia de suporte e/ou reduzindo a discussão do hipertexto a um estudo de cunho meramente instrumental e tecnológico, olvidando por completo todo e qualquer aspecto propriamente textual da discussão.

Um segundo movimento, mais consoante os objetivos deste estudo, é o de investigar o hipertexto a partir de suas características ontológicas, isto é, fazendo o caminho inverso de um estudo marcado pela precedência da tecnologia, fazê-lo a partir dos elementos que conformam sua própria natureza e, como tais, demandam instrumentos tecnológicos que lhe garantam a viabilidade. Nesse sentido, toda abordagem tecnológica se torna instrumental e as bases mesmas do hipertexto precisam ser buscadas alhures, para além das contingências tecnológicas.

De pronto, isto suscita a discussão a respeito do esse próprio dessa categoria, repondo a discussão do hipertexto como uma discussão do campo da Linguística Textual, ou mesmo como um campo *sui iuris*, nunca porém como um apêndice dos estudos sobre TI ou TIC.

Já aqui emerge com força o problema do hipertexto digital como estrutura referencial para o estudo do hipertexto e seu natural condicionamento às contingências das TIC *versus* a busca de um referencial para o hipertexto que resida em uma noção de hipertextualidade como categoria *sui generis*, assim determinante e não meramente determinada na relação dialética com a

⁴⁵ Grifo nosso.

tecnologia, a par da identificação de uma tradição hipertextual pré-existente às TIC o que, por si só, torna-se um argumento mutuamente reforçador, na medida em que situa o hipertexto digital como o desdobramento contemporâneo da hipertextualidade, mas não a situa como um produto das tecnologias telemáticas.

Ao passo em que se deva reconhecer a importância e o valor de uma conceituação do hipertexto que se funde sobre a comprovação de sua pré-existência às TIC, posto que contribua sobremaneira para uma noção de hipertexto *pari passu* a outras categorias textuais, tal procedimento se baseia sobre a força do argumento sustentado pelo exemplo, sobre a força do fato demonstrado. Não raro a força do fato aborta o desenvolvimento de uma *ratio* que sustente o argumento do ponto de vista teórico não obstante o concurso do fato. Tal esforço teórico não pode ser empreendido sem que se construa um arcabouço teórico sólido e em si capaz de articular o conceito de hipertexto como uma categoria autônoma.

POR UM CONCEITO DE HIPERTEXTO

O problema do desenvolvimento de um aparato teórico capaz de dar conta da complexidade do hipertexto começa pela própria conformação da categoria do ponto da intencionalidade de sua criação e do ponto de vista semântico e etimológico, por assim dizer.

A formalização de um conceito de hipertexto é já uma forte tomada de posição no que tange a sua natureza, suas implicações e seus condicionantes, não podendo passar ao largo do problema do hipertexto *versus* hipertexto digital no que concerne à natureza ontológica dessa categoria, isto é, ao próprio esse do hipertexto.

Nesse sentido, o primeiro movimento para acessar uma teoria do hipertexto é enfrentar a pergunta: o que é um hipertexto? Marcuschi (2007) com agudez salienta o problema ao perguntar-se

Se um hipertexto é apenas uma tecnologia de aplicação para ligação de muitos textos prévios ou se é simultaneamente uma tecnologia e uma técnica de produção textual. [...] Embora essas questões afigurem-se paradoxais, assemelham-se mais a equívocos categoriais na medida em que enquadram no mesmo nível fenômenos de ordens diversas (MARCUSCHI, 2007, p. 150).

Já aqui se estabelece o primeiro elemento de corte. A assertiva supra de Marcuschi já introduz o problema central em torno do qual gira toda a discussão sobre o hipertexto: a dimensão ontologicamente textual do hipertexto, ou, colocando em outros termos, a singularidade linguística que confere ao hipertexto sua condição de tipo textual *sui generis* para além e para aquém dos implicativos tecnológicos com os quais as TIC marcaram significativamente, é certo, o hipertexto e as potencialidades hipertextuais.

Já aqui a filiação deste texto a uma corrente em detrimento da outra se anuncia, de certo não a custa do sacrifício da neutralidade científica, mas muito mais acertadamente em nome da honestidade científica sem a qual, qualquer forma de neutralidade ou qualquer esforço de isenção arrisca-se a transformar o esforço acadêmico em caricatura de ciência, em ideologia travestida de pesquisa.

De fato, este é um campo não pacificado, como concede Raquel Wandelli ao entender que, “mais uma forma de escrita do que um conceito fechado, a noção de hipertexto está ainda em processo de construção e sedimentação” (WANDELLI, 2003, p. 24). Alhures, Wandelli define com precisão que, “à medida que passa a euforia da novidade, começa-se a perceber que o hipertexto não se restringe a um aparato eletrônico, mas a um processo de escrita reticulada” (WANDELLI, 2003, p. 36).

Contudo, o problema do hipertexto como proposto acima está longe de ser consensual: a dissensão tem raízes muito profundas. Já na frase inicial do prefácio de seu *“Hypertext: the electronic labyrinth”*, estabelecendo os parâmetros a partir do qual ela trataria do tema daí em diante, Ilana Snyder define que *“hypertext is an information medium that exists only on line in a computer. A*

*structure composed of blocks of text connected by electronic links, it offers different pathways to users*⁴⁶ (SNYDER, 1997, p. ix).

Diametralmente oposta à concepção de Wandelli (2003), ainda nos albores das discussões sobre o hipertexto digital – situando-se talvez no que Wandelli (2003) nominaria como “euforia da novidade” – e como que a tentar projetar os desdobramentos do devir, o desenho teórico de Snyder (1997) nada concede ao hipertexto como tipologia textual *sui generis* ou, se o faz, submete-o a um determinismo tecnológico desconcertante. Desdobrando seu pensamento, Snyder assevera que

*electronic (or virtual) textuality differs from print textuality. Whether converted from print to electronic form or created wholly in an electronic environment, such ‘texts’ display characteristics quite distinct from those taken for granted in the print medium*⁴⁷ (SNYDER, 1997, p. xi).

Paradoxalmente, a própria autora percebe os riscos acarretados por essa perspectiva e como que tenta fornecer um antídoto em forma de alerta aos seus leitores

*[...] to the ways in which technological determinism*⁴⁸ *permeates academic discourse about technology. By ‘technological determinism’ I mean the assumption that qualities inherent in the computer medium itself are responsible for changes in social and cultural practices. Hypertext is often discussed in a celebratory if not hyperbolic manner. We read that hypertext is replacing linear writing in an evolutionary step towards a perfect communication technology; that the mere act of linking multiple interpretations and voices results automatically in better communication; and that hypertext is transforming society and education systems, democratising the academy and promoting the breakdown of artificial divisions between the*

⁴⁶ “hipertexto é uma mídia de informação que existe apenas *on line* em um computador. Como uma estrutura composta por blocos de textos conectados por elos eletrônicos, ele oferece diferentes caminhos aos usuários” (tradução nossa).

⁴⁷ “a textualidade eletrônica (ou virtual) difere da textualidade impressa. Seja convertida do modo impresso para o modo eletrônico, seja criada inteiramente no ambiente eletrônico, tais “textos” apresentam características bastante distintas daquelas normalmente atribuíveis à mídia impressa” (tradução nossa).

⁴⁸ Grifo nosso.

*disciplines. Such grandiose claims need to be interrogated assiduously, since they build on the premise that technology is directly responsible for changes that necessarily enhance social relations. Overlooking the human agency integral to all technological innovation, they rely on an interpretative frame in which any notion of control over technology disappears*⁴⁹ (SNYDER, 1997, p. x-ix).

Conquanto se conceda ser seu alerta irrepreensível, resta a questão de se a autora se autoaplica o antídoto, posto que sua definição de hipertexto: 1. sustenta-se sobre as tecnologias digitais para conformar o hipertexto; 2. desconsidera o hipertexto não digital.

David Jonassen (1996) define o hipertexto de modo muito mais direto, adjetivando em profusão e, nessa adjetivação, desvelando sua percepção do hipertexto como algo para além do texto, com um outro em si distinto do texto:

Hypertext is based on the term hyper, meaning above, beyond, super, excessive – more than normal. Hypertext is beyond normal text. Normal text is linear, and is constructed to be read from beginning to end. The author uses a structure and a sequence to influence the reader's understanding of the topic. Hypertext refers to a nonsequential, nonlinear method of organizing and displaying text that was designed to enable readers to access information from a text in ways that are most meaningful to them. Hypertext is supertext because the reader has much greater control of what is read and the sequence in which it is read. It is based on the assumption that the organization the reader imposes on a text is more

⁴⁹ “... para as maneiras através das quais o determinismo tecnológico permeia o discurso acadêmico acerca da tecnologia. Por “determinismo tecnológico” quero indicar a compreensão de que as qualidades inerentes ao próprio computador são responsáveis por mudanças nas práticas sociais e culturais. O hipertexto é frequentemente abordado de um modo celebratório, até mesmo hiperbólico. Lemos que o hipertexto está substituindo a escrita linear em uma caminhada rumo à tecnologia de comunicação perfeita; que o mero ato de ligar múltiplas interpretações e vozes resulta automaticamente em uma comunicação melhor; e que o hipertexto está transformando o sistema educacional e a sociedade, democratizando a academia e promovendo a derrubada de divisões artificiais entre as disciplinas. Tais alegações grandiosas precisam ser questionadas constantemente, pois elas se constroem a partir da premissa de que a tecnologia é diretamente responsável por mudanças que necessariamente acarretam as relações sociais. Desconsiderando o aspecto humano que é inerente a toda inovação tecnológica, elas se baseiam em uma abordagem interpretativa na qual qualquer noção de controle sobre a tecnologia desaparece” (tradução nossa).

*personally meaningful than that imposed by the author*⁵⁰
(JONASSEN, 1996, p. 188).

Em defesa de Jonassen (1996) se pode aludir ao fato de que sua definição, não obstante parecer trilhar no campo da Linguagem, iluminada pelo contexto do qual é retirada e pelos interesses do autor, está muito mais voltada para a aplicabilidade didática do hipertexto do que para uma abordagem propriamente conceitual e linguística do hipertexto. Não obstante, porém, esse elemento mitigador, não se pode desconsiderar a força de sua definição e as implicações de sua opção teórica, mesmo propedêutica que seja.

Dessa forma, há que se refutar o artificialismo da distinção urdida por Jonassen entre texto e hipertexto, sob a premissa de o hipertexto estar “*beyond normal text*”, de o hipertexto romper a linearidade do texto. Conquanto se pretenda alhures dissertar mais pormenorizadamente sobre o problema da linearidade, a alegação de Jonassen de que o hipertexto rompe a linearidade do texto peca ao fazer residir a premissa da linearidade na condição do substrato do (hiper)texto e não no *modus* com o (hiper)texto foi engendrado e muito menos na condição de concretização do (hiper)texto de modo não linear que é a condição mesma da produção de (hiper)leitura, além de desconsiderar a dimensão linear fundamental dos eixos paradigmático e sintagmático do signo, como ademais se está a generalizar entre os que propugnam a não linearidade como do esse do hipertexto e um seu demarcador frente ao texto, pelo que já fica implícita a noção de linearidade do texto, por oposição.

Dessa forma, a extensão do conceito de não linearidade, por mais discutível que ela seja, no âmbito da hiperleitura constitui um grave sofisma: a não linearidade formal do hipertexto não é a causa da não linearidade da leitura. A leitura é ontologicamente não linear porquanto independe do

⁵⁰ “[...] o hipertexto é baseado no termo hiper que significa acima, sobre, super, excessivo, mais do que o normal. Hipertexto está além do texto normal. O texto normal é linear e é feito para ser lido do início ao fim. O autor usa uma estrutura e uma sequência para influenciar o entendimento do leitor acerca de um tópico. O hipertexto refere-se a um método não sequencial, não linear de organização e exibição do texto que foi projetado para permitir aos leitores acessar informações do texto da maneira que lhes for mais significativa. O hipertexto é um supertexto porque o leitor tem muito mais controle sobre o que é lido e sobre a sequência na qual é feita a leitura. Ele é organizado sob a premissa de que o ordenamento que o leitor impõe ao texto é mais significativo pessoalmente do que aquele imposto pelo autor” (tradução nossa).

substrato lido, da lógica que presida à configuração dos substratos: é dialógica, dialética e contextual pela própria natureza da linguagem (NONATO, 2006a, p. 49).

Por seu turno, é também de se notar que

é a natureza mesma da linguagem que institui a não linearidade, não a forma. É o *modus* que institui a não linearidade, não a forma. Por conseguinte, como a linguagem é sempre dialógica em sua natureza, seu *modus legendi* é sempre dialógico, sempre intertextual e interdiscursivo, é sempre não linear por definição. (NONATO, 2006a, p. 69).

Desmonta-se, assim, o argumento da não linearidade como possibilidade nascida da interconectividade das redes telemáticas como causa primeira. A bem da verdade, não lhes cabe propriamente nem a condição de causa instrumental, posto que sua instrumentalidade seja apenas otimizante, não condicionante ou geradora. A perseverar no uso de categorias aristotélicas, elas também não são causa material da não linearidade, mas como que causa eficiente⁵¹ (Cf. ARISTOTLE, 2007). Nesse sentido, é bastante esclarecedora a orientação de Wandelli (2003) de que

com a suspensão da lógica seqüencial, entram em jogo as leis de associativismo e similaridade que estão implícitas no princípio da interconectividade. Embora nem sempre citada nos estudos sobre hipertexto, a contribuição de Peirce sobre a lógica do pensamento está presente na integração não-hierarquizada das partes ao todo no texto em rede. Procedimentos narrativos empregados pelas narrativas hipertextuais como simultaneidade temporal e similaridade, que contradizem a lógica da continuidade, encontram respaldo na semiótica de Peirce. Suas idéias foram valorizadas no Brasil pelos poetas concretistas, a partir de uma releitura de Décio Pignatari⁵² sustentada na tese de que as experiências agrupam-se mentalmente mais por similaridade do que por contigüidade (WANDELLI, 2003, p. 37).

⁵¹ Se bem que a causa eficiente do hipertexto concreto seja o hiperleitor, e de tudo que dele advém, pode-se conceder à dinâmica das redes hipertextuais a condição de causa eficiente do princípio de não linearidade no hipertexto potencial, pelo que não se nega a premissa anterior. Em todo caso, neste ponto preciso, está-se aqui muito mais no campo da analogia do que da investigação objetiva da natureza causal da não linearidade.

⁵² Cf. PIGNATARI, D. *Semiótica & Literatura, icônico e verbal, Oriente e Ocidente*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

Conquanto sob pressupostos teóricos diversos, o pensamento de Bakhtin (2004, 2003, 2002a, 2002b, 2002c) e Vigotski (2003, 2000), no âmbito da Filosofia da Linguagem e da relação pensamento-linguagem, fornece também sólida base à distinção entre o quanto de naturalmente não linear reside nas formas de construção dos sentidos.

Vigotski (2003) acentua que não se pode reduzir o intrincado processo de produção dos sentidos a um quê estático, pois,

a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo, a relação entre pensamento e palavra passa por transformação que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional (VIGOTSKI, 2003, p. 156).

Essa compreensão processual da relação pensamento-linguagem implica a noção de relações que se estabelecem de modo assimétrico no âmbito das construções de sentido objetivamente intersubjetivas. Uma linearidade profunda implicaria, no limite, uma retomada da noção do signo de matriz saussuriana, negando a dinamicidade do signo linguístico e tudo que daí deriva.

Essa noção de linguagem lança, necessariamente, um foco singular para os estudos textuais e da leitura, e hipertextuais e da hiperleitura por natural desdobramento, na medida em que

a compreensão da interação lógica entre pensamento e linguagem, segundo o modelo vigotskiano, ilumina significativamente a problemática da leitura, porquanto dispõe sobre outro substrato: a maneira como se lê fala muito da maneira como se pensa. Em outras palavras, as relações oriundas do mundo da linguagem são, por definição, expressões imanentes do pensamento (NONATO, 2006a, p. 54).

Por seu turno, essa processualidade da relação pensamento-linguagem defendida por Vigotski articula-se bem com a nossa de Dialogismo, posto que

as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significante do

enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de outro, como representante do enunciado de outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro (BAKHTIN, 2002, p. 184).

Não obstante o fato de que o *“Dialogism [...] is itself not a systematic philosophy⁵³”* (HOLQUIST, 2004, p. 16), a Epistemologia da Dialogicidade constitui-se como que na chave a partir da qual o próprio conceito de hipertextualidade, e a não linearidade em seu bojo, podem ser entendidos, consciente da condição de arcabouço filosófico que a proposta bakhtiniana de Dialogismo oferece como

an attempt to frame a theory of knowledge for an age when relativity dominates physics and cosmology and thus when non-coincidence⁵⁴ of one kind or another – of sign to this referent, of the subject to itself – raises troubling new questions about the very existence of mind⁵⁵ (HOLQUIST, 2004, p. 17).

De resto, o mito teogênico parece sempre renascido, aqui como que transmudado para a gênese dos construtos telemáticos, vez por outra aquinhoados com a potência de autopoiesis e, em certa medida mesmo, uma ontogenia. Dos deuses às máquinas, o ateísmo da Ciência surpreende-se sempre teísta às avessas.

Contudo, retomando o foco da discussão conceitual *stricto sensu*, embora sem dissociar-se completamente do pensamento de Ilana Snyder (1997), e com certa convergência com David Jonassen (1996), há que se destacar o modo como Luiz Antônio Marcuschi (2006) restringe um pouco a importância das TIC para o hipertexto ao conceder que seja

comum ouvir-se hoje que o hipertexto representa uma novidade radical, uma espécie de novo paradigma de

⁵³ “o Dialogismo [...] propriamente dito não é uma filosofia sistemática” (tradução nossa).

⁵⁴ Grifo do autor.

⁵⁵ “[...] uma tentativa de desenhar uma teoria do conhecimento para uma era na qual a relatividade domina a física e a cosmologia e, dessa forma, a *não coincidência* de uma forma ou de outra – do signo com seu referente, do sujeito consigo próprio – levanta novos e perturbadores questionamentos sobre a própria existência da mente” (tradução nossa).

produção textual. A rigor, ele não é novo na concepção, pois sempre existiu como idéia na tradição ocidental; novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade (MARCUSCHI, 2006, p. 1).

Muito embora não plenamente concordante com quanto afirme Wandelli (2003), a posição de Marcuschi (2007, 2006, 2004, 2000) é equidistante entre os polos Wandelli–Snyder aqui propostos. Se, por um lado, não converge claramente com a noção de hipertexto como preexistente às TIC e à revolução tecnológica do último quadrante do século passado (Cf. CASTELLS, 2005), pois o assume apenas como noção e não algo concreto – assume-lhe a potência, mas rejeita-lhe o ato –, também não se compromete com o determinismo tecnológico em que parece cair Ilana Snyder (1997).

Nesta linha de discussão, a própria proposição que, por empréstimo, tomamos parcialmente a Marcuschi (2007) não é imune a quanto dissertado acima. Parece apropriado retomar aqui os dois elementos levantados por Marcuschi (2007), isto é se o “hipertexto é apenas uma tecnologia de aplicação para ligação de muitos textos prévios ou se é simultaneamente uma tecnologia e uma técnica de produção textual” (MARCUSCHI, 2007, p. 150), para manter a baliza desta discussão. O autor parece conceder como inquestionável que a primeira proposição seja verdadeira, como que a estabelecendo como ponto pacífico a partir do qual se pode começar a investigar o hipertexto. A questão posta, por conseguinte, reside na segunda proposição, ou ainda, no caráter restritivo ou não da primeira proposição. Já essa compreensão de que o hipertexto seja “uma tecnologia para ligação de muitos textos” coloca como pressuposto o princípio de *lexias* na linha querida por Roland Barthes e Jacques Derrida, como bem sumariza Landow:

*hypertext, an information technology consisting of individual blocks of texts, or lexias, and the electronic links that join them, has much in common with recent literary and critical theory*⁵⁶ (LANDOW, 1995, p. 1).

⁵⁶ “o hipertexto, uma tecnologia da informação recente que consiste em blocos individuais de textos ou *lexias*, bem como os elos eletrônicos que os ligam, tem muito em comum com a teoria crítica e teoria literária recentes” (tradução nossa).

Conquanto tanto Landow (1995) quanto Marcuschi (2003) abstenham-se de declinar quanto compreendam por texto nos excertos pinçados, parece bastante razoável conceder que se atenham ao texto escrito, a formas grafadas de textualidade, as construções sonoras e imagéticas o que, de certo modo, circunscreve o hipertexto a uma forma de textualidade na qual se possibilita a conexão de nós, hibridizando textualidades, mas subsistente a partir de um substrato tecnológico e dele dependente ontologicamente em sua totalidade, conforme Landow (2006, 1997, 1995) e Snyder (1997), ou ao menos no âmbito da concretização, conforme Marcuschi (2007).

Ainda nessa linha de consideração, essa definição do hipertexto como uma coleção de blocos de textos ou lexias, deixa de lado uma análise mais detalhada do que sejam essas lexias, ou melhor, da independência desses blocos de textos do ponto de vista semântico e sintático o que lhes colocaria na condição de textos propriamente ditos, e não fragmentos de textos, ou “hipotextos”, isto é, recortes de textos outros que, embora tenham coerência e coesão quando articulados na estrutura textual originária e possam tê-las na nova conformação textual originada no hipertexto em que se viram inseridos, carecem de coesão e coerência interna capazes de garantir a plenitude de seu status textual.

E aqui o problema do hipotexto é fundamental, pois a ser confirmada, implicaria em uma redefinição da hipertextualidade e no abandono do pressuposto de Marcuschi. *Per se*, as lexias de Barthes articulam-se a partir das estratégias de leitura e não a partir pretensas qualidades textuais que lhes conferissem qualidades tais que configurassem esses textos de modo tal que lhe conferissem a condição de lexias.

O princípio fundante de Barthes parece ser o de que “a leitura seja plural” (BARTHES, 1992, p. 11). Em sua obra clássica, Barthes propõe a divisão do “Sarrasine” de Renè de Balzac em lexias, mas adverte tratar-se de critério arbitrário e que se trata de “unidades de leitura” (Cf. BARTHES, 1992, p. 9) e não unidades de escrita. Em outras palavras, as lexias não o são enquanto os leitores assim não as configurarem. Barthes, por conseguinte, oferece um antídoto que

evita o problema do hipotexto: suas lexias são definidas pela prática leitora, não por características formais do texto.

Nesse sentido, a associação do conceito de lexias de Barthes ao hipertexto coloca um problema fundamental: ou o hipertexto é também articulado estruturalmente a partir das leituras, o que descartaria um status de estrutura textual *sui generis*, ou não pode ser fundado no conceito cunhado por Barthes. Em outras palavras, Marcuschi e Landow são irreconciliáveis neste ponto.

A noção de lexias harmoniza-se, por seu turno, com o conceito de rizoma do qual está prene o hipertexto. De fato, tal qual a lógica hipertextual,

todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas também compreende linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem em uma linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 18).

Neste sentido, é absolutamente pertinente considerar o hipertexto como uma categoria rizomática e tomar o rizoma como metáfora do hipertexto, na medida em que

o hipertexto é um sistema que prescindir de uma unidade formal para subsistir como tal. Suas linhas, isto é, suas textualidades são diacronicamente voláteis, embora sincronicamente determináveis. É um sistema cuja única face é a multiplicidade (NONATO, 2006a, p. 33).

Contudo, o elemento problematizador reside em considerar a emergência da especulação filosófica sobre os processos de construção rizomática do conhecimento e as tecnologias telemáticas como fatos desencadeadores desse próprio processo, ou, em outras palavras, considerar que processos rizomáticos como o hipertexto sejam dependentes ontologicamente: 1. da emergência de uma filosofia pós-estruturalista que, questionando as bases do conceito de verdade, conhecimento, saber e ciência, dá lugar a uma abordagem relativista que considera essas categorias como superadas a não ser que sejam pluralizadas e submetidas a uma *ratio* pluralista inconsistente com sua própria essência: a

unicidade. Isto permitiria o desenvolvimento de formas textuais congruentes com essa *ratio*: formas rizomáticas; 2. da emergência das TIC como substrato necessário à consecução dessas racionalidades, posto que viabilizaria os meios tecnológicos capazes implementar as noções pretensamente nascidas dos movimentos acadêmico-filosóficos iniciados na última metade do século XX.

De certo, nem de longe se quer negar a importância das TIC para o estágio atual de desenvolvimento e utilização do hipertexto nem sua natureza rizomática. Contudo, a consciência de sua pré-existência obriga o deslocamento desses elementos para a coluna lateral da análise, isto é, contribuintes que sejam à dinâmica do hipertexto, não podem ter o protagonismo pretendido por Snyder e Pierre Lévy, para citar apenas alguns.

Dessa forma, o problema do hipertexto, por conseguinte, retorna ao problema da leitura e, por assim dizer, não há um conceito de hipertexto a construir *per se*, senão a partir e/ou em concordância com um conceito de hiperleitura: a dimensão de potência imanente em qualquer texto assume um grau *sui generis* no hipertexto, posto que não há que se falar de hipertexto dissociado do papel “atuante” do (hiper)leitor: no limite não há hipertexto em potência, mas apenas hipertexto em ato, configurado por um hiperleitor dado, porquanto, no limite, o hipertexto é um todo interligado de nós e conexões intangível em sua multiplicidade de entradas e saídas e impossível de ser acessado em seu todo, posto que aqui a relação clássica entre todo e parte não se sustenta. Por radical, este desdobramento merece um tratamento específico que lhe será dado alhures neste estudo.

Retornando ao ponto, a redução do hipertexto à dimensão de construto tecnológico – quase sempre entendido como tecnológico-digital – traz graves implicações para o *status* do hipertexto no âmbito dos estudos linguísticos propriamente ditos, da Linguística Textual especificamente. É verdade que há os que sistematicamente advoguem pela relação de determinação que o *medium* tem em relação ao texto. Nesse sentido, Jay David Bolter afirma que

every written text occupies physical space and at the same time generates a conceptual space in the minds of writers

and readers. The organization of writing, the style of writing, the expectations of the reader – all these are affected by the physical space the text occupies. Above all, the physical space of a writing technology defines the basic unit, the volume of writing. So, for centuries, in the ancient world, the papyrus roll, about 25 feet long, constituted a written volume. (Our word volume comes from the Latin (Sic!) volumen, which means roll). The codex, which replaced the roll, was more effective in enclosing, protecting, and therefore delimiting the writing it contained. The writer was and still is encouraged to think of his or her codex as a unit of meaning, a complete verbal structure. The physical book has fostered the idea that writing can and should be rounded into finite units of expression: that a writer or reader can close his or her text off from all others⁵⁷ (BOLTER, 1991, p. 85).

Consoante o pensamento de Bolter (1991), a conformação física do substrato da escrita – que fora o papiro, passou ao códice, desse ao livro impresso e hoje ao texto digital⁵⁸ – é determinante para a configuração das perspectivas escritoras e as expectativas leitoras. Bolter (1991) entende que as condições de escrita configuram limites tão estritos que se poderia descrever a história de quanto produzido pelo homem no campo da escrita a partir das contingências do substrato. Sem meias, Bolter (1991) concede sem luta a um determinismo tecnológico flagrante.

Assim, quando relacionada às TIC e ao hipertexto, uma avaliação filosófico-cultural dessa abordagem de Bolter (1991) cede

⁵⁷ “todo texto ocupa um espaço físico e, concomitantemente, gera um espaço conceitual nas mentes de escritores e leitores. A organização da escrita, o estilo de escrita, as expectativas do leitor – todas estas coisas são afetadas pelo espaço físico que o texto ocupa. Acima de tudo, o espaço físico da tecnologia da escrita define a unidade básica, o volume da escritura. Assim, durante séculos, na Antiguidade, o rolo de papiro de cerca de 7,62 m de comprimento, constituiu o volume da escritura: nossa própria palavra volume vem do latim *volumen*, que significa rolo. O códice, que substituiu o rolo, era mais eficiente para fechar, proteger e, portanto, delimitar a escritura que ele continha. O Escritor era, e ainda é, encorajado a pensar em seu códice como uma unidade de sentido, uma estrutura verbal completa. O livro físico fortaleceu a ideia de que uma escritura pode e deve ser contida em unidades finitas de expressão: que um escritor ou leitor pode destacar seu texto de todos os outros” (tradução nossa).

⁵⁸ Um texto digital não é necessariamente um hipertexto: nem todo texto em formato digital conforma-se hipertextualmente. Não obstante os claros sinais de determinismo tecnológico no pensamento de Bolter, este simples fato já é bastante para indicar a fragilidade do argumento de Bolter, pois revela: 1. a prevalência de uma opção de forma textual sobre as demandas ou potencialidades do substrato; 2. a primazia do leitor como sujeito do processo de “atualização” do texto, entendido sempre como potência.

à euforia da alta tecnologia, ao estado celebratório daquilo que em poucos anos se tornará a versão tecnológica do pós-modernismo, uma variação tardia das ideias burguesas ou vitorianas do progresso, uma visão pós-mcluhaniana das artes e das ciências metamorfoseadas pela mutação das comunicações e pelo espaço cibernético (JAMESON, 2004, p. 134).

Em sua linha de raciocínio, Jay Bolter (1991) afirma que

*the papyrus was poor at suggesting a sense of closure. [...] On the other hand, printing strengthened the impression of the book as complete and closed verbal structure*⁵⁹ (BOLTER, 1991, p. 85-86).

O desenvolvimento natural desse raciocínio é considerar o hipertexto fruto da emergência de um substrato aberto, conquanto “*while electronic technology does not destroy the idea of the book, it does diminish the sense of closure that the codex and printing have fostered*⁶⁰” (BOLTER, 1991, p. 86). Desta forma, Bolter aprisiona o hipertexto necessariamente no ambiente digital, e desconsiderando a pré-existência do hipertexto às TIC e a natureza dialógica mesma da linguagem: sua natural hipertextualidade.

Em sua defesa, contudo, a despeito da grande reputação que seus escritos continuam a gozar, há que se advogar sua escrita prematura no âmbito do desenvolvimento das TIC e do hipertexto digital, já distante no curso dos anos, e sua natural propensão a certo messianismo tecnológico. De certo, esse pensamento persiste atual posto que muitos reconhecem que “*a paradigm shift [...] has begun to take place in the writings of Jacques Derrida and Theodor Nelson, Roland Barthes and Andries van Dam*⁶¹” (LANDOW, 2006, p. 1).

Resta, contudo, a se verificar se tal mudança paradigmática se enquadra nas duas características firmadas por Thomas Kuhn (2009, p. 30) para designar

⁵⁹ “no papiro era muito frágil a ideia de fechamento. [...] Por outro lado, a tecnologia da imprensa fortaleceu a imagem do livro como uma estrutura verbal fechada” (tradução nossa).

⁶⁰ “enquanto a tecnologia eletrônica não destrói a ideia do livro, ela diminui o sentido de fechamento que o códice e a imprensa fortaleceram” (tradução nossa).

⁶¹ “um paradigma de mudança [...] começou a se instalar nos escritos de Jacques Derrida e Theodor Nelson, Roland Barthes e Andries van Dam” (tradução nossa).

os paradigmas⁶² ou já aqui Landow quer inserir novo – e ainda obscuro – conceito de paradigma congruente com a própria redefinição de conhecimento e ciência que se enquadra no movimento intelectual do qual Derrida e Barthes são expoentes destacados.

Em socorro de um argumento que liberta o hipertexto de qualquer amarra tecnológica, e portanto distanciando-se de Bolter e Snyder e aproximando-se de Wandelli e de quanto aqui postulado, Landow recorda que

*much of our prejudice against the inclusion of visual information in text derives from print technology. Looking at the history of writing, one sees that it has a long connection with visual information, not least the origin of many alphabetic systems in hieroglyphics and other originally visual forms of writing. Medieval manuscript present some sort of hypertext combination of font sizes, marginalia, illustrations, and visual embellishment, both in the form of calligraphy and that of pictorial additions*⁶³ (LANDOW, 2006, p. 88).

Já aqui se retorna ao problema essencial da natureza própria do hipertexto e se introduz um elemento teórico novo nesta discussão: sua dimensão multimidiática.

Por seu turno, em defesa da singularidade do hipertexto, advoga-se sua natureza essencialmente multimidiática e a convergência de linguagens verbais e

⁶² Remetendo-se a obras clássicas que Kuhn afirma serem de natureza paradigmática, ele justifica-lhes o *status* paradigmático por serem capazes de “definir implicitamente os problemas e métodos legítimos de um campo de pesquisa para as gerações posteriores de praticantes da ciência. Puderam fazer isso porque partilhavam duas características essenciais. Suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares. Simultaneamente, suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência” (KUHN, 2009, p. 30). Neste, ponto, não obstante sua importância, não há como conceder o grau de paradigma às obras citadas por George Landow. A respeito deste ponto, a dissidência entre Landow e este estudo é manifesta.

⁶³ “muito do nosso preconceito contra a inclusão de informações visuais no texto deriva da tecnologia impressa. Observando a história da escrita, vê-se que ela tem uma longa conexão com as informações visuais, até mesmo pela origem hieroglífica de muitos sistemas alfabéticos, bem como de outras formas visuais de escrita. O manuscrito medieval apresenta um certo tipo de combinação hipertextual de tamanho de fontes, iluminuras, ilustrações, embelezamento visual, tanto na forma da caligrafia quando de adições pictóricas” (tradução nossa).

não verbais a formar um todo complexo no qual linguagem verbal, movimento, imagética e som articulam-se completando-se e extrapolando-se entre os elos e nós da rede.

Toda essa discussão, entretanto, cai por terra ante a constatação de que a lógica hipertextual é um componente integrante do processo de construção de sentidos na leitura, por um lado, e de que formas hipertextuais, guardados os limites tecnológicos do suporte disponível nos diversos estágios da tecnológica da escrita, podem ser identificadas ao longo da história anterior à emergência das TIC, testemunhando sua pré-existência à revolução tecnológica do último quadrante do século passado.

Não obstante quanto arguido em precedência, o modo como a cultura se articulou no entorno e, não raro, a partir da lecto-escrita acabou por acentuar o divórcio entre a lecto-escrita e as outras formas de representar o conhecimento, ou as outras tecnologias de produção do conhecimento.

De certo modo, o hipertexto recupera a inter-relação natural entre as linguagens verbais e não verbais, articulando um todo no qual o pensamento humano possa fluir através dos canais que se mostrarem mais eficazes entrecruzando-se na medida em que a necessidade de produção/manifestação sinaliza a demanda por uma ou outra linguagem ou pela imbricação de duas ou várias em um modelo híbrido – muito embora a própria noção de hibridismo no campo das linguagens já denuncie a permanência de uma noção dicotomizada do processo de comunicação humano e a subjacente hierarquização das formas de expressão e construção do conhecimento.

O fenômeno do grafocentrismo, já presente desde tempos remotos, acentuou-se sobremaneira com o advento da imprensa e a ampliação substancial da cultura letrada. A possibilidade de pensar livros em escala cada vez maior a custos cada vez menores ao lado das qualidades intrínsecas da lecto-escrita que não são objeto de análise neste estudo, mas que restam fartamente sabidas, levaram a certa hegemonia da lecto-escrita como ferramenta privilegiada na

construção do conhecimento das classes dominantes ou o conhecimento dominante das classes privilegiadas.

Nesse sentido, qualquer discussão sobre o hipertexto digital precisa necessariamente considerar o lugar da hipermídia na construção dos percursos hipertextuais. Lúcia Santaella articula hipertexto e hipermídia ao conceder que “a hipermídia é uma tecnologia que permite escrita e leitura não linear, o que favorece o desenvolvimento de um pensamento complexo” (SANTAELLA, 2005, p. 55).

Nessa linha, ela não concebe distinção entre hipertexto e hipermídia. Conquanto sedutora, sua construção supõe uma imbricação tal que o advento do hipertexto não poderia preceder a hipermídia. Nesse sentido, o casamento de hipertexto e hipermídia acarreta uma negação implícita inconveniente da natureza hipertextual do pensamento e da linguagem.

Na mesma linha, Jonassen (1996) é categórico ao considerar, ainda que invertidos os polos, que a

hypermedia is simply the marriage of multimedia and hypertext. Hypermedia nodes may consist of different media forms. A node may be a text, but it also may be a graphic image, a sound bite, an animation sequence, or a video clip. So rather than pointing to a hot Button to retrieve a textual description of the Battle of Gettysburg, the learner may retrieve video clips from the movie, an animated sequence of the development of the battle, actual pictures taken at Gettysburg, or all of the above. Hypermedia makes information more interesting and richer (i.e., anchored to rich, sensory data⁶⁴)⁶⁵ (JONASSEN, 1996, p. 191).

⁶⁴ Importa sempre considerar o perigo de se reduzir as possibilidades do hipertexto à disponibilização de uma maior quantidade de dados para os leitores, o que reforça uma visão enciclopédica do hipertexto que, se *per se* não é ruim, pode muito bem tornar-se um sério limitador das potencialidades do hipertexto; também é de se advertir contra a ideia de que o enriquecimento de dados sensoriais seria a grande vantagem do hipertexto, reduzindo o lugar a do hipertexto como mecanismo cognitivo da cultura escrita, não obstante a possibilidade de imbricação com diversas linguagens seja uma das mais destacadas características do hipertexto eletrônico.

⁶⁵ “a hipermídia é simplesmente o casamento da multimedia com o hipertexto. Nós hipermediáticos podem consistir de diferentes formas de mídia. Um nó pode ser um texto, mas pode ser também uma imagem gráfica, um *bite* sonoro, uma sequência de animação ou um vídeo *clip*. Assim, mais

Também aqui o erro de perspectiva se repete. De fato, um recorte meramente sincrônico produzirá o retrato aqui descrito. Nesse sentido, o erro é de método, de perspectiva. O hipertexto digital contém em si os elementos da hipermídia. De certo modo, em um paradoxo aparente, se por hipermídia entender-se toda e qualquer forma de articulação de um *medium* comunicativo a partir das TIC, pode-se considerar o hipertexto digital como um elemento constituinte da hipermídia, não obstante tal esforço, por problemático e desnecessário, redunde desaconselhável.

Na verdade, uma teoria do hipertexto que se funde sobre a fusão do hipertexto com a hipermídia carecerá sempre de uma análise do fenômeno do hipertexto com um recorte diacrônico, o que poderá desencadear uma leitura desenraizada do fenômeno, apartada das próprias fontes que a gestam; também carecerá de uma investigação de natureza linguístico-textual, reduzindo o estudo do hipertexto a suas dimensões tecno-tecnológica e comunicacional, a despeito da centralidade dos aspectos propriamente linguísticos do hipertexto, das relações entre os elos e nós que propõe uma nova tensão paradigmática no corpo do hipertexto, o modo como as várias linguagens se articulam no corpo do hipertexto, enfim, as questões que emergem do hipertexto para além do substrato tecnológico que o contém.

Qual lógica circular, a discussão retorna ao elemento inicial e à proposição de Marcuschi (2007) nas primeiras linhas deste capítulo sobre o esse do hipertexto quanto à dupla dimensão de tecnologia e técnica de produção textual. Isto posto, analisados razoavelmente os argumentos, para melhor situar quanto se quer demonstrar, convém já enveredar também por uma linha positiva no esforço por apresentar elementos que garantam à hipertextualidade um *status* singular.

do que apontar para um *hot button* para acessar uma descrição textual da Batalha de Gettysburg, o aprendiz pode acessar um vídeo clip do filme, uma sequência animada do desenvolvimento da batalha, fotos reais tiradas em Gettysburg ou tudo isto junto. A hipermídia torna a informação mais rica e interessante, isto é, embasada em dados sensoriais mais ricos” (tradução nossa).

Para situar o hipertexto no universo das formas textuais possíveis, o primeiro passo é entender que se pode apenas “materializar” porções do hipertexto, ou conformar opções concretas de hipertextos em dado momento histórico e por um sujeito dado. Nesse sentido, o hipertexto em si é inatingível, apenas o percurso hipertextual trilhado por alguém é rastreável: o hipertexto *per se* é uma conformação abstrata, intangível, incognoscível, pois apenas o hipertexto constituído por alguém – uma porção, um recorte desse hipertexto intangível – pode ser acessado ou constituir-se como entidade textual concreta. Assim, somente um percurso hipertextual dado é hipertexto concreto: o universo de possíveis trilhas hipertextuais é apenas, e isto já é muito, um hipertexto potencial.

De certo modo, até essa possibilidade de “rastrear” o hipertexto é uma conquista recente, posto que todo o processo de hiperleitura desenvolvido em hipertexto não digitais ou mesmo a hiperleitura que transforma em hipertextos concretos textos aparentemente fechados em si mesmos, posto que não digitais ou digitais sem *hyperlinks*, não deixa rastros físicos *a priori*: como atividade intelectual por natureza, no sentido estrito de atividade do intelecto, é uma operação mental desprovida de sinais físicos exteriores necessários.

Nessa linha, o hipertexto digital acrescenta certamente ao hipertexto a possibilidade de refacção do percurso hipertextual tal qual trilhado, uma espécie de escrita inversa do hipertexto possibilitada por qualquer ferramenta que permita o agrupamento em um arquivo único das lexias percorridas no processo de hiperleitura ou mesmo através do histórico de acessos do navegador digital, não obstante isso poder ser feito com maior simplicidade apenas a partir do mesmo terminal de computador utilizado, salvo mecanismos de rastreamento ou compartilhamento de informações que permitam o resgate dessas informações através de outros terminais, o que supõe um aparato tecnológico mais denso que o disponível ao usuário padrão. Agora, os hipertextos concretos podem emergir, podem ser desvelados, podem ser acessados.

Tudo isto, contudo, não altera a noção fundamental de que o hipertexto, como tal, concretamente constituído, situar-se-á sempre no domínio do devir, será

sempre um vir a ser dependente do agir propositivo do hiperleitor⁶⁶, um posicionar-se que estressa as fronteiras das proposições mais arrojadas de qualquer Teoria da Recepção. Isto, porém, não deslegitima o balizamento que a condição de causa material do hipertexto potencial estabelece.

Neste ponto, é importante situar essa compreensão em parâmetros sólidos, considerando que

o devir, nascer e desaparecer, é a inseparabilidade de ser e nada; não a unidade que abstrai do ser e do nada, mas, como unidade *do ser* e *do nada*, ele é a unidade *determinada* ou a unidade na qual tanto o ser quanto o nada é. Mas, uma vês que ser e nada são cada um separados de seu outro, *o devir não é*. Eles *são*, portanto, nessa unidade, mas como os que desaparecem, apenas como *superados*. Eles decaem de sua *autonomia* inicialmente representada para *momentos, ainda diferenciados*, porém, ao mesmo tempo *superados*. Apreendidos cada um segundo essa sua diferença, cada uma é *na mesma* como unidade com o *outro*. O devir, portanto, contém o ser e o nada como *duas unidades tais*, das quais cada uma é unidade do ser e do nada; a outra unidade é o nada como imediato e como relação com o ser: as determinações estão num valor desigual nessas unidades⁶⁷ (HEGEL, 2011, p. 96).

Assim, o hipertexto concreto como devir é a consagração do equilíbrio dialético entre as balizas semânticas, sintagmáticas, paradigmáticas e sintáticas do hipertexto potencial e as escolhas coautorais de um sujeito hiperleitor dado. Para retomar a categoria hegeliana, o ser da potência e o nada da miríade de escolhas possíveis se fundem em uma unidade que só então é: o hipertexto concreto dado.

⁶⁶ Ser o hipertexto dependente da ação hiperleitora situa-o definitivamente para além das fronteiras da mera recepção, da significação passiva do texto – muito embora toda recepção e significação tem algo de ativo e autoral – e reposiciona o hiperleitor no campo da autoria. A coautoria que ele aqui assume, por conseguinte, tem cores muito mais firmes e definidas. Ao situar-se o hipertexto concreto no campo da ação hiperleitora, deixa-se patente que o devir que o conforma não é meramente recepcionado pelo hiperleitor, malgrado o viés ativo de qualquer ação interpretativa, mas é fruto de sua ação, é desdobramento de seu agir. Assim, na dinâmica do ser e do dado que conformam o devir, o hiperleitor é agente/paciente do hipertexto potencial, é condicionado e condicionante na dialética de construção do hipertexto concreto a partir das bases lançadas pelo hipertexto potencial.

⁶⁷ Grifos do autor.

Não obstante tudo isto, retomando a discussão propriamente formal das implicações formais do hipertexto potencial, não se poderia elaborar um hipertexto limitado fisicamente, seja digital ou não? De certo que sim. O desenho dos nós e elos do hipertexto bem pode ser constituído, muito embora com esforço considerável, no sentido de permitir um número tal de percursos possíveis que sempre conduzam a um ponto de inflexão interno do hipertexto, rendendo-o circular, muito embora isto mais pareça uma proposição *ad argumentandum*, visto que contraria o esse próprio do hipertexto. Contudo, do ponto de vista técnico, é certo que esta é uma operação plenamente factível.

Contudo, duas questões desafiam essa limitação: primeiro, um hipertexto cujas opções de nós e elos conduzissem necessariamente a um processo de conectividade destinada a se fechar em si mesma não impediria que o processo de construção de elos e nós mentais – processo inerente à (hiper)leitura *lato sensu* – rompesse o cinturão eletrônico criado e lançasse o hiperleitor no universo de inter-relações possíveis no campo da linguagem e dos textos; segundo, ao criar um hipertexto fechado em todas as vias e destinado a manter o hiperleitor fechado em um horizonte de elos e nós possíveis predeterminados pelos autores e necessariamente circular, ainda lhe caberia organizar uma miríade de percursos hipertextuais possíveis, pois a única forma de evitar isto seria compor um desenho de percurso pré-determinado pela limitação do direcionamento dos elos e nós o que, no limite, significaria a construção de um texto ordinário ou tradicional – que alguns chamariam de linear, não obstante a imprecisão do termo e suas implicações que são tratadas alhures – por meios inventivos, não obstante permaneça a primeira objeção.

Assim, o problema se recoloca quanto ao conceito de hipertexto, sua dimensão de tecnologia de articulação de textos e/ou uma técnica de produção textual. Ao menos até este momento, ambas as vertentes têm em favor de si fortes argumentos não excludentes mutuamente.

Nesse sentido, não resta senão conceder que o hipertexto contenha em si essa duplicidade de natureza, essa ambivalência: o hipertexto é, ao mesmo

tempo, uma tecnologia de articulação de texto ou lexias propriamente ditas e é também uma técnica de produção textual.

Aqui, talvez, convenha conceder que ao hipertexto como que a condição de espelho privilegiado o cognição humana, na medida em que a relação entre pensamento e linguagem siga uma “padronagem” hipertextual, posto que

analogias, metáforas e emblemas são fios com que o espírito se prende ao mundo, mesmo nos momento em que, desatento, perde o contato direto com ele; são eles também que garantem unidade da experiência humana. Além disso, servem como modelos no próprio processo de pensamento, dando-nos orientação quando tememos cambalear às cegas entre experiências nas quais nossos sentidos corporais, com sua relativa certeza de conhecimento, não nos podem guiar (ARENDR, 2010, p. 129).

Segundo esse princípio, textos independentes, pré-existentes ou não ao advento das TIC⁶⁸, podem ser articulados a partir de elos e nós, constituindo uma nova unidade de sentidos. Aqui, uma teoria do hipertexto será sempre muito devedora do pensamento de Roland Barthes e de sua concepção de lexia e de Umberto Eco (2011), secundando Algirdas Greimas (1977), ao pontuar que

quando um leitor se depara com um lexema, não sabe quais propriedades ou semas do correspondente semema devem ser atualizadas, de modo a pôr em funcionamento os processos de amálgama. Se cada propriedade semântica que o semema inclui ou implícita dever ser mantida presente no decurso da decodificação do texto, então o leitor seria obrigado a delinear, numa espécie de impossível diagrama mental, toda uma rede de propriedades interconexas que constitui o Campo Semântico Global (ECO, 2011, p. 69).

Isto posto, a hipertextualidade é imanente no campo semântico global. A porta aberta pela semiótica greimasiana para compreensão da tensão semântica

⁶⁸ Aqui, há que se reconhecer às TIC o papel de catalisador na construção de grandes malhas hipertextuais a partir da utilização de um suporte digital para produções textuais produzidas para outro substrato, o que permite grandes trilhas hipertextuais não projetadas no momento da produção desses textos. Contudo, e aí está um elemento importante desta discussão, essa conexão de textos em uma malha hipertextual só é possível do ponto de vista da construção dos sentidos em virtude de o processo de produção hipertextual de sentidos – a hiperleitura – ser inerente ao processo humano de construção de sentidos, isto é, o homem produz sentidos interligando e dialogando com sentidos vários como que em uma zona proximal e isto não depende das TIC ou de outras tecnologias exceto a capacidade humana de produzir sentidos.

interna, no eixo paradigmático, que constitui o semema se torna evidente no hipertexto, posto que dele se pode dizer com ainda maior precisão que

as propriedades do semema permanecem virtuais, isto é, permanecem registradas pela enciclopédia do leitor [e no meta-hipertexto potencial], o qual simplesmente se dispõe a atualizá-las à medida que o curso textual lho requiera. Em outras palavras: daquilo que permanece semanticamente incluso ou implícito [ou ainda potencialmente disponível nos elos e nós do hipertexto], o leitor só explicita o que lhe serve. Em fazendo isto, ele *magnifica* algumas propriedades, ao passo que mantém as outras *sob narcose*⁶⁹ (ECO, 2011, p. 69).

Neste sentido, bem se poderia dizer que um elo ou nó não aberto é uma propriedade narcotizada do hipertexto. Mais que isto, é o portal para toda uma lexia narcotizada do hipertexto potencial, posto que “uma propriedade narcotizada não é uma propriedade eliminada. Ela não é explicitamente afirmada, mas tão pouco negada” (ECO, 2011, p. 70). Ela é a potência do devir, é o imponderável das escolhas coautorais do hiperleitor.

Assim, o hipertexto aqui nasce de um modo de construir os sentidos que Landow assim descreve:

the standard scholarly article in the humanities or physical sciences perfectly embodies the underlying notions of hypertext as multisequentially read text. For example, in reading an article on, say, James Joyce's Ulysses, one reads through what is conventionally known as the main text, encounters a number or symbol that indicates the presence of a footnote or endnote, and leaves the main text to read that note, which can contain a citation of passages in Ulysses that supposedly support the argument in question or information about scholarly author's indebtedness to other authors, disagreement with them, and so on. The note can also summon up information about sources, influences, and parallelism other literary texts. In each case, the reader can follow the link to another text indicated by the note and thus move entirely outside the scholarly article itself. Having completed reading the note or having decided that it does not warrant a careful reading at the moment, one returns to the main text and continues reading until one encounters another note, at which point one again leaves the main text.

⁶⁹ Grifos do autor.

*This kind of reading constitutes the basic experience and starting point of hypertext*⁷⁰ (LANDOW, 2006, p. 3).

Alhures, George Landow estabeleceria que

*in some distant, or not-so-distant, future all individual texts will electronically link themselves to one another, thus creating metatexts and metametatexts of a kind only partly imaginable at present*⁷¹ (LANDOW, 1997, p. 49).

Outrossim, há que se ter sempre em mente que

no que toca essencialmente às tecnologias relacionadas à leitura, as TIC concretamente aportam possibilidades de mediação de linguagens muito peculiares, mas não alteram a dialética fundamental da práxis leitora porque não instituem uma dialética sujeito/objeto⁷² em lugar das relações intersubjetivas (NONATO, 2006, p. 51).

Nessa linha, o hipertexto digital apresenta-se com uma possibilidade de construir uma rede metatextual que, no limite, poderia chegar a representar a expressão tecnológica da capacidade humana de construir elos e nós entre pontos em si díspares no processo de construção do conhecimento mediante uma rede de conexões significativas que conferem singularidade e consistência aos

⁷⁰ “O artigo acadêmico padrão nas ciências humanas ou físicas engloba perfeitamente as noções subjacentes de hipertexto como um texto lido multissequencialmente. Por exemplo, ao ler um artigo sobre o *Ulysses* de James Joyce, lê-se através daquilo que convencionalmente é chamado de texto principal. Ao encontrar um número ou símbolo que indica uma nota de rodapé ou de fim de texto, deixa-se o texto principal para ler a nota que pode conter uma citação de uma passagem do *Ulysses* que supostamente apoia o argumento em questão ou uma informação sobre uma dívida conceitual do autor para com outros autores, ou discordância com eles, e daí por diante. A nota também pode reunir informações sobre fontes, influências e paralelismos com outros textos literários. Em cada caso, o leitor pode seguir o *link* para outro texto indicado pela nota e, assim, sair inteiramente do artigo acadêmico inicial. Ao completar a leitura da nota ou após decidir pela não leitura atenta da nota naquele instante, retorna-se ao texto principal e continua-se a leitura até encontrar-se outra nota, quando uma vez mais se deixa o texto principal. Esse tipo de leitura constitui a experiência básica e o ponto de partida do hipertexto” (tradução nossa).

⁷¹ “... em um futuro distante ou, talvez, não tão distante, todos os textos singulares ligar-se-ão eletronicamente uns aos outros, criando assim metatextos e metametatextos de uma maneira dificilmente concebível no presente” (tradução nossa).

⁷² Aqui se considera a relação sujeito/objeto como aceita pelo consenso da Ciência Moderna sem implicações outras de matiz filosófico que questionem os aspectos de realidade e certeza que estão implícitos nesse binômio e que se solidificaram, não obstante alguma impropriedade, a partir de um conceito de conhecimento que tornou inacessível toda metafísica (Cf. KANT, I. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011).

construtos cognitivos que sempre e necessariamente são articulados a partir das experiências e interações humanas.

CAPÍTULO III – HIPERLEITURA E INTERPRETAÇÃO

O problema da (hiper)leitura no hipertexto, por central para este estudo, impõe sua análise detida. Ao abordar o problema do hipertexto, a questão da leitura emerge como processo de constituição última, embora precária e passageira, dos sentidos do hipertexto.

Contudo, emerge também – e esta é a questão singular do hipertexto – como espaço/momento/processo de constituição (i)material⁷³ do hipertexto propriamente dito ou, por assim dizer, da face tangível do hipertexto, do recorte passível de apropriação e análise do meta-hipertexto que, por inacessível, é inútil para qualquer esforço de análise e para qualquer processo de significação.

Essa dupla dimensão da hiperleitura – processo de constituição de sentidos e processo de constituição do percurso/conformação hipertextual –

⁷³ A virtualidade telemática proporcionada pelas TIC rendeu inaplicáveis as categorias de tempo e espaço a que se está fartamente habituados. Nesse sentido, a opção por uma redação ambivalente dessas categorias quer expressar antes sua inaplicabilidade que uma inconsistência ou indecisão redacional. De resto, a seguida reflexão teórica há de proporcionar o desenvolvimento de categorias capazes de abarcar o universo virtual das TIC sem ambiguidades ou impropriedades. Até aqui, contudo, há que se lançar mão dessas categorias acompanhadas de glosas tais que lhes garantam a correta interpretação no sentido de evitar que os sentidos sedimentados no entorno dessas categorias acabem por obnublar os novos sentidos a partir dos quais essas categorias são resgatadas no contexto das TIC.

conferem-lhe uma dimensão que a leitura não parece ter em relação ao texto convencional e, já aqui, lança sobre a hiperleitura uma luz toda própria e que, de certo modo, toca

[...] upon a more general problem of the theory of grammar: in what way are missing links to be called part of the underlying structure of semantic representation of a discourse? Or should we rather assume that they are ‘constructed’, viz by rules of inference, or by rules and processes defined at the level of pragmatics or in cognitive theory⁷⁴ (VAN DIJK, 1997, p. 95).

Nesse contexto, a questão da interpretação surge com uma centralidade singular, porquanto elemento primordial do processo de construção dos percursos hipertextuais já que na dinâmica do hipertexto codificação e decodificação, ou para melhor expressar, o momento da constituição do texto como potência (espaço de ação do autor) e o momento de constituição do texto como ato (espaço de ação do leitor) se imbricam em um amálgama que impõe uma abordagem do processo de interpretativo própria. Neste ponto, este estudo se afasta diametralmente da Análise do Discurso de tradição pecheuxiana por quanto ela se dobra a uma certa ditadura do texto que leva o analista do discurso a propor que interpretar seja “expor-se à opacidade do texto” (ORLANDI, 2004, p. 64). Contudo, há que se comungar com Orlandi (2004) em seu temor do conteudismo – que Eco (2005) chama de superinterpretação – por sua capacidade de descolar totalmente o interpretado do referente. Nesse sentido, é coerente afirmar que

para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha. E com ela o equívoco, a ambiguidade, a opacidade, a espessura material do significante. [...] A interpretação, portanto, não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. Também não é livre de determinação. Ela não pode ser qualquer uma e não é igualmente distribuída na formação social (ORLANDI, 2004, p. 67).

⁷⁴ “... um problema mais geral da teoria da gramática: de que modo elos ausentes devem ser considerados parte da representação semântica de um discurso? Ou deve-se assumir que eles são ‘construídos’, mediante as regras de inferência, ou mediante regras e processos definidos no nível da pragmática ou da teoria cognitiva ...” (tradução nossa).

Em tudo isto, contudo, a pedra de toque reside em quais sejam os limites dessa determinação, quais sejam as fronteiras que separam a interpretação da superinterpretação. Neste ponto, a Análise do Discurso opta pelas marcas textuais, opta pela força do signo enquanto aqui se opta pela dinâmica da Polifonia e da Dialogia como inerentes à ideia e subjacentes à língua. Contudo, em defesa a Análise do Discurso, há que se dizer que ela não nega, mas supõe o sujeito e a história, na medida em que os processos de formação do sentido e do sujeito, isto é, suas propriedades discursivas, seu histórico e seu contexto ocupam lugar ao lado das marcas sógnicas como elementos de balizadores da construção dos sentidos. Contudo, ela o faz para dizer que esses deixam suas marcas nos discursos que, em última análise, são o lugar no qual se pode operar com a interpretação. Já aqui o divórcio é inevitável.

Convergente com essa realidade, impõe-se também uma reflexão a respeito do problema da autoria, candente desde a emergência do pós-estruturalismo e sua proposta de desmonte do modelo de autoria forjado no rastro do subjetivismo novecentista em prol de uma noção de sujeito fundada na fragmentação do sujeito, como que dissolvendo-o em um todo disforme e líquido. A posição levantada aqui é equidistante desses polos ao entender que o processo de autoria é intersubjetivo. A polifonia inerente a essa dinâmica não é, contudo, uma negação de seu caráter subjetivo, mas é a assunção de que, no limite, os sentidos residem sempre no espaço intersubjetivo no qual o “nós” se constrói.

HIPERLEITURA: PROCESSO/MOMENTO DE CONSTITUIÇÃO DO HIPERTEXTO

Se a discussão sobre hipertexto tem um impacto direto sobre a questão da leitura na medida em que apresenta elementos a serem considerados no processo de construção dos sentidos do hipertexto, esse impacto é ainda mais forte na medida em que se percebe que o hipertexto, para além de partilhar com o texto a condição de dependência da leitura para a constituição objetiva/subjetiva dos sentidos ou, em outras palavras, para além de partilhar com o texto a

condição de potência, depende da hiperleitura para sua própria constituição objetiva que, por definição, é subjetiva.

Neste ponto emerge a característica singular da hiperleitura – aquela que lhe garante uma existência categorial independente da leitura, muito embora os pontos de convergência e identidade sejam inúmeros – qual seja a condição de mecanismo de constituição do percurso hipertextual *per se*, única forma factível de se acessar e operar sobre o hipertexto.

Dito isto, parece irrecorrível dizê-lo uma vez mais de modo explícito e inequívoco: a natureza potencial do hipertexto engloba o que de potência há no texto, mas é de recorte muito mais profundo e radical, pois a própria configuração do hipertexto visível e acessível do hipertexto – a ativação de seus nós e elos – só se dá mediante a construção hiperleitora de um sujeito dado.

Aqui, por conseguinte, parece imperioso dizê-lo uma vez mais e sem rodeios: aquém da hiperleitura não há senão o meta-hipertexto intangível, inacessível e imponderável.

Neste ponto, há que se abrir parênteses para considerar a natureza hipotética do meta-hipertexto. Neste ponto, Manuel Castells confessa que

talvez o hipertexto não exista fora de nós, mas dentro de nós⁷⁵. É provável que tenhamos criado uma imagem excessivamente material do hipertexto (eu mesmo me incluo certamente nesse erro, pois outrora acreditei demais nas previsões dos futurólogos). Isto é, um hipertexto como um sistema interativo real, digitalmente comunicado e eletronicamente operado em que todos os fragmentos de expressão cultural, presentes, passados e futuros, em todas as suas manifestações, poderiam coexistir e ser recombinados. Do ponto de vista tecnológico, isto poderia existir na era da Internet. Mas não existe porque não há interesse (pergunte a Ted Nelson). Em particular, não há interesse de parte do mundo dos negócios da multimídia a menos/até que seja possível montar um negócio viável em tono do hipertexto. E como os negócios de uma multimídia detêm a patente de grande parte dos produtos e processos culturais, a realidade da multimídia não se converte na visão

⁷⁵ Neste ponto, Castells parece convergir com a hipótese principal deste estudo.

do hipertexto. *Assim, em termos de um artefato material eletronicamente operado, não há hipertexto*⁷⁶(CASTELLS, 2003, p. 166).

Mas, as bases com as quais Castells fala da existência de tecnologia capaz de tornar tangível o meta-hipertexto não ficam patentes em seus escritos. Não obstante, o conceito de meta-hipertexto resta corroborado. Ademais, o próprio Castells, falando das questões relativas à segurança na Internet, reforça a ideia de um meta-hipertexto possível ao asseverar que

no ambiente tecnológico atual, toda informação eletronicamente transmitida é gravada, podendo vir a ser processada, identificada e cominada numa unidade de análise coletiva ou individual (CASTELLS, 2003, p. 142).

Assim, consoante a linha desenvolvida acima, a hiperleitura é uma operação subjetiva que objetiva o hipertexto, ou para usar categorias aristotélicas, o hipertexto é potência que se torna ato na hiperleitura.

Contudo, paradoxalmente, como aquém da hiperleitura está o intangível meta-hipertextual, o hipertexto reconcilia potência e ato, objetivo e subjetivo, superando essas categorias mediante a dialogicidade, sem negá-las. Nesse sentido, o hipertexto desmonta o binômio objetivo/subjetivo reconciliando essas categorias para além de quanto preconizava o pós-estruturalismo.

Parece, por conseguinte, que o hipertexto é uma grande metáfora para reconciliação de categorias – objeto/sujeito, potência/ato – em torno das quais a Filosofia da Ciência tem se batido no Ocidente há séculos. Essa reconciliação, contudo, paradoxalmente, é a reafirmação das dimensões intrínsecas dessas mesmas categorias, garantindo-lhes assim a existência e a coerência interna, ao tempo em que propõe um novo que as supera, contendo-as.

Impõe-se aqui uma ligação evidente entre as operações hipertextuais de hiperleitura e o mundo das ideias, ou melhor dizendo, entre a concepção dialógica de ideia e discurso e o hipertexto e a hiperleitura.

⁷⁶ Grifo nosso.

A esse propósito, parece necessário reafirmar

a natureza dialógica do pensamento humano [e a] natureza dialógica da idéia. [...] A idéia não vive na consciência individual isolada de um homem: mantendo-se apenas nessa consciência, ela degenera e morre. Somente quando começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, a encontrar e renovar sua expressão verbal, a gerar novas idéias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, idéia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializando na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a idéia⁷⁷ (BAKHTIN, 2002c, p. 86).

Ao recorrer à dialogicidade para explicar a hiperleitura e o hipertexto, inscreve-se a hiperleitura em uma epistemologia do diálogo, isto é, insere-se a dinamicidade da dialética hipertextual na natureza mesma do hipertexto, para muito além de seus condicionantes técnico-tecnológicos, ressignificando-os como subprodutos de uma lógica interna subjacente e determinante, como desdobramentos de um *modus operandi* intrínseco à linguagem, purgando-os assim completamente de qualquer sombra ou resquício de concepções deterministas das TIC que pudessem desfigurar a natureza dialógica do hipertexto como decorrente da natureza dialógica da ideia.

⁷⁷ Contra os que postulam ver na noção de dialogicidade do pensamento e da linguagem um fundamento epistemológico para o esvaziamento da subjetividade e a negação da individualidade, a tensão evidente no texto bakhtiniano entre as ideias de coletivo e individual, pensamento individual e ideia coletivo-dialógica e, no limite, entre sujeito e coletivo, desvela o problema fundamental que nasce da absolutização do coletivo: a negação do individual. No limite, a absolutização do coletivo é autofágica, porquanto devora o sujeito e desmonta o coletivo mesmo. O conceito de dialogicidade do pensamento e da linguagem não nega o sujeito, mas o supõe; a dialogicidade da ideia não sepulta a subjetividade, mas a contém. A ideia vive, assim, no espaço da intersubjetividade e é, portanto, sempre ambivalente, sempre presente no interlugar do coletivo que contém – não nega – o espaço do subjetivo. Sob esta ótica, a zona proximal vigotiskiana representa bem esse interlugar, em um jogo de pertence/não pertence original da existência dialogal humana no qual a Matemática foi buscar o fundamento para sua noção homônima. É bem verdade que a matriz marxista de Bakhtin está na raiz desse problema e é, ela mesma, fonte desse conflito filosófico que, no século XX, desdobrou-se em opressão e violência. A tensão entre esses dois universos – sujeito e coletivo – no pensamento bakhtiniano pode ser reveladora tanto da pujança intrínseca das teorias do sujeito que, em um pensador tão refinado quanto Bakhtin, redundaram evidentes, quanto reveladora da indecisão de Bakhtin entre as tendências mais radicais do pensamento soviético que anularam a subjetividade para justificar as estruturas de poder de uma elite travestida de coletivo popular e as tendências mais moderadas, a bem da verdade mais próximas propriamente do pensamento de Marx, que reconheciam o estado de constante interpenetração e interdependência entre o subjetivo e o coletivo na produção da existência. Isto nunca se saberá ao certo!

A partir dessas premissas, há que se conceber que as tecnologias que potencializaram a difusão do hipertexto em sua vertente digital e mesmo a criação de um meta-hipertexto que, malgrado intangível, tem algo de muito concreto no universo das TIC para muito além da dimensão de um coletivo inteligente disperso no mundo das ideias, difuso em um espectro de realidade impossível de determinar, muito diverso de qualquer proposição metafísica razoável⁷⁸, como defendido em algum momento (Cf. LEVY, 2000, *passim*), dão vazão a uma demanda nascida da própria dialogicidade do discurso, em primeira linha, e da dialogicidade imanente do texto e do hipertexto em última análise. Neste ponto, convém recordar que

a teoria bakhtiniana de literatura radica no conceito de *discurso* entendido como um mecanismo dinâmico, do qual vocábulo algum pode ser compreendido em si mesmo, já que todos os termos de um texto vêm inseridos em múltiplas situações, em diferentes contextos lingüísticos (SIC!), históricos e culturais; assim, para Bakhtin, *um texto possui sempre um sentido plural* (LOPES, 2003, p. 70).

Aqui, convém abrir um parêntesis para ponderar que, embora não seja objeto de análise deste estudo, o problema da materialidade/imaterialidade dos *bits* e *bytes* emerge seguidamente quando se abordam questões relativas à produção de conhecimento mediada pelas TIC, notadamente por se desconsiderar que, no limite, um *bit* está situado no lusco-fusco da pulsação elétrica, por conseguinte, *virtus*, potência inerente no mundo das coisas. No campo do hipertexto, essa questão é especialmente delicada na medida em que toca a realidade mesma do meta-hipertexto digital cujo lugar/tempo de existência é a virtualidade digital *per se*.

Uma solução adotada neste estudo é a de, sempre que possível, utilizar o binômio material/imaterial como categoria de representação da (i)materialidade

⁷⁸ Se, por um lado, não há que se negar à proposição de Pierre Lévy (2000) uma consequência concreta, importa, por outro lado, assinalar o risco de essa proposição, escorada falsamente pela percepção de uma meta-hipertextualidade subjacente, repropor o erro dos averroístas sobre a unidade do intelecto, corrigido definitivamente pelos escolásticos, notadamente por Santo Tomás de Aquino (1999). Ao que parece, ainda que veladamente, Lévy repropõe uma interpretação do *De Anima*, se não agora sobre bases pseudo-aristotélicas, sobre o fundamento/justificativa de uma tecnologia que viabilizasse a subsistência de coletivo/unidade inteligente que age sobre o humano e, concomitantemente, se encontra em um não lugar que já não lhe permite a designação de algo propriamente humano. Aqui, a resposta do Aquinate permanece atual.

virtual do hipertexto na tentativa de contornar o problema e representar com alguma precisão a condição de existência do hipertexto virtual que, destarte consoante o problema geral das TIC, não parece satisfatoriamente pacificado pela comunidade científica, restando aberta para discussão a elaboração de uma categoria que dê conta do substrato das TIC sem nem reduzi-lo a categorias físicas que claramente não o contém nem enveredar por uma abstração tal que como que retire as TIC do mundo das coisas e, assim, inviabilize sua análise do ponto de vista empírico.

Por outro lado, não se há de silenciar para a natureza não sígnica dos *bits* e *bytes* que conformam o hipertexto digital, não medida em que, na relação de troca de informações entre máquinas

o sinal, no caso, é um *bit* informacional, no sentido cibernético do termo, não é um “signo”, nem a máquina “compreende” qualquer “significado”. A máquina baseia-se num comportamento de estímulo-resposta e não elabora um comportamento signico. Mas se, ao contrário, o destinatário for um ser humano, sua reação transformará o sinal em signo. Uma forma significante *denota* um significado. Mas ao mesmo tempo o destinatário humano acrescentará aos significados denotativo um significado ou alguns *significados conotativos*⁷⁹ (ECO, 2008, p. 127).

Fechado o parêntesis, importa salientar que a natureza plural do texto é, em outras palavras, o estado de potência estrito do hipertexto. A radicalização desse argumento leva à afirmação de que todo texto é um hipertexto⁸⁰, não no sentido da abertura radical do hipertexto à construção de trilhas hipertextuais singulares que operam tanto no campo das ideias quanto das coisas, tanto no nível da interpretação e construção de sentidos quanto no nível da materialização de uma textualidade coesa e coerente internamente; mas, no sentido de que o

⁷⁹ Grifos do autor.

⁸⁰ Há que se reconhecer o perigo intrínseco de uma afirmação como essa para as pretensões de autonomia categorial do hipertexto, posto que a igualdade propugnada é naturalmente ambivalente, o que poderia levar ao raciocínio de não haver fundamentação empírica para uma dualidade categorial, restando o binômio texto/hipertexto fatalmente fulminado. Esse perigo é real! Contudo, no momento, parece suficiente propor o antídoto da hiperleitura como constituidora do hipertexto ato e, portanto, em si diverso do texto, deixando a igualdade proposta para o hipertexto como potência. Neste sentido, o aforismo é assim reproposto sem prejuízo da ambivalência natural: em potência, todo texto é um hipertexto.

processo cognitivo de construção de sentidos é sempre pautado pela dinâmica da polifonia e dialogicidade que, garantido a singularidade e subjetividade dos processos interpretativos, garante também sua abertura para caminhos tão singulares quanto forem as referências, que dialogando nas vozes dos sentidos possíveis, abrem os textos a miríades de possibilidades no campo dos significados.

Aqui, impõe-se considerar que essa abertura hipertextual de todo texto ancora-se na compreensão da natureza aberta da leitura, na medida em que “um *reading* é uma escolha de um *path*, isto é, de um *sentido de marcha*” (ECO, 2008, p. 51). Essa condição da leitura é derivada da natureza mesma da linguagem, pois “se os significados ‘não estão na cabeça’, como quer Putnam, só a linguagem pode ser o veículo intersubjetivo pelo qual esses significados tomam corpo” (HABERMAS, 2007, p. 45).

Contudo, não obstante a pertinência dessa discussão, é fato que é ela, ao mergulhar no campo da Filosofia da Linguagem, esta análise se distancia um pouco do viés pragmático deste tópico de discussão sobre a hiperleitura, pelo que se quer aqui retornar ao elemento original e, à luz mesma dessa discussão, repropor o problema da hiperleitura como momento, espaço e tempo de constituição objetivo-subjetiva do hipertexto.

Hiperler significa construir sentidos e, neste aspecto, converge com a leitura e dificilmente poderia se sustentar como uma categoria autônoma. Contudo, a construção de sentidos do hipertexto passa necessariamente pela constituição do percurso hipertextual que é tanto ideal quanto material, neste sentido a hiperleitura constitui o hipertexto e os sentidos do hipertexto.

Assim, hiperler é, por natureza, uma práxis de coautoria objetiva que impacta concretamente sobre possíveis hiperleituras derivativas e, neste sentido, implica em uma dupla dimensão de coautoria primária e secundária.

Por coautoria primária, entende-se aqui o processo pelo qual os sujeitos se articulam para produzir obras em parceria que, por definição, não possuem elementos que se possam sustentar como construtos autônomos e finalizados –

hipótese na qual já não se trataria de obra em coautoria propriamente, mas de justaposição de obras autorais autônomas em um quê novo de certo, mas não íntima e essencialmente imbricado – e que, uma vez separados, nada tenham de referência do outro. A coautoria primária opera sobre a natureza do signo em plenitude.

Por coautoria secundária, entende-se aqui o processo de construção dialógica de sentidos que perpassa toda a construção linguística e que está presente no modo com que se opera sobre o aparato de linguagem dentro do qual são construídos os sentidos dialógica e polifonicamente determinados.

Autoria secundária é aquela pela qual todo leitor se articula em coautoria com o autor ao produzir sentidos de um texto, posto que dialogando com o autor e as muitas outras vozes presentes e subjacentes à voz do autor e à sua própria voz. Neste ponto, leitura e hiperleitura distinguem-se visceralmente, posto que a leitura opera apenas sob a égide da coautoria secundária, enquanto a hiperleitura opera sob o influxo de ambas. A autoria secundária opera apenas no âmbito do significado.

Alhures, contudo, há de se mergulhar com maior propriedade sobre o problema da autoria.

A emergência das TIC, por conseguinte, e a multiplicação de construtos hipertextuais a partir desse substrato configura um novo espaço de produção de sentidos que, com razão, Bolter (1991) já chamava, na última década do século passado, de novo *writing space*, dado que

*for medieval handwriting and modern printing, the space is the white surface of the page, particularly in a bound volume. For electronic writing, the space is the computer's vide screen where text is displayed as well as the electronic memory in which text is stored. The computer's writing space is animated, visually complex, and to a surprising extent malleable in the hands of both writer and reader*⁸¹ (BOLTER, 1991, p. 11).

É verdade que Bolter considera como elemento central de sua análise a nova realidade que as TIC trouxeram para a escritura e não o problema do hipertexto propriamente. Contudo, sua compreensão da complexidade desse *medium* situa bem a discussão de como essas tecnologias representam um desafio e uma nova realidade para leitores e escritores, posto que os coloca em um interlugar radicalmente indissociável, uma vez que

*electronic writing emphasizes the impermanence and changeability of text, and it tends to reduce the distance between author and reader by turning the reader into an author*⁸² (BOLTER, 1991, p. 3).

Situando o problema dos processadores de texto, ainda em sua infância⁸³, Bolter afirmava que

*the word processor treats text like a scroll, a roll of pages sewn together at the ends, and its visual structures are still typographic. A word processor stores its texts as a simple sequence of letters, words, and lines. It remembers margins and pagination; it may remember which letters are to be printed in boldface, in Times Roman, or in 14-point type. But conventional word processor does not treat the text as a network of verbal ideas. It does not contain a map of the ways in which the text may be read. It does not record or act on the semantic structure of the text. A true electronic text does all this, for a true electronic text is not a fixed sequence of letters, but is instead from the writer's point of view a network of verbal elements and from the reader's point of view a texture of possible readings*⁸⁴ (BOLTER, 1991, p. 5)⁸⁵.

⁸¹ “tanto para a escrita manual medieval e a imprensa moderna, o espaço é a superfície branca da página, particularmente em um volume unido. Para a escrita eletrônica, o espaço é a tela do computador na qual o texto é exibido bem como a memória eletrônica na qual o texto está armazenado. O espaço de escrita do computador é animado, visualmente complexo, e

maleável de modo até surpreendente tanto nas mãos do escritor quanto nas mãos do leitor” (tradução nossa).

⁸² “a escrita eletrônica enfatiza a variância e mutabilidade do texto e tende a reduzir a distância entre autor e leitor ao tornar o leitor em autor” (tradução nossa).

⁸³ Embora ainda conserve algo de sua adequação, vinte anos depois essa definição não parece mais capaz de dar conta do que sejam os processadores de texto hoje, embora conserve seu valor para o escopo desta discussão.

⁸⁴ “o processador de texto trata o texto como um rolo de páginas unidas pelas pontas e sua estrutura visual ainda é tipográfica. Um processador de texto armazena seus textos como uma simples sequência de letras, palavra e linhas. Ela recorda margens e paginação; recorda que

Nesse sentido, importa salientar que o hipertexto eletrônico questiona o lugar comum que se tornou a afirmação de que os jovens não gostam de ler ou não leem. Efetivamente, o advento do hipertexto eletrônico, ainda marcadamente textual, põe em cheque essa assertiva e convida a uma nova reflexão sobre o problema da leitura. Em corroboração, Castells (2003, p. 157), citando o *The Economist* (2001, p. 60), ressalta que

os jovens norte-americanos estão vendo menos televisão: entre 1985 e 2000 o número médio de horas que as pessoas com menos de 18 anos passavam diante da TV declinou 20%. Essa tendência foi atribuída em parte a um maior tempo dedicado pelos jovens a surfar na Internet.

A par de outras mudanças alavancadas pelas TIC, os espaços de escritura e leitura restam inegavelmente alterados pela emergência das TIC. Neste ponto, análises como aquela de *The Economist* redundam inconsistentes ao dissociar o “surfing na Internet” da leitura. Urge aqui, portanto, pensar a leitura também em termos de hiperleitura.

Por seu turno,

como a experiência é pobre demais para motivar o conhecimento gramatical que os falantes adultos invariavelmente possuem, somos levados a presumir que partes específicas do conhecimento gramatical desenvolvem-se devido a alguma pressão existente no interior do sistema cognitivo da criança. Uma hipótese natural é que a criança nasce com uma “faculdade da linguagem” (Saussure), uma “tendência instintiva” para a linguagem (Darwin). [...] O princípio subjacente, portanto, seja qual for sua natureza definitiva, parece fazer parte da bagagem interna de cada falante (CHOMSKY, 2006, p. 8-9).

Não obstante as claras e fortes cores estruturalistas desse pressuposto chomskyano, admitido alias pelo próprio autor nas linhas citadas, a questão que

letras devem ser impressas em negrito, em *Times Roman*, ou em 14 pontos. Mas, o processador de palavras convencional não trata o texto como uma rede de ideias verbais. Ele não contém um mapa de caminhos nos quais o texto pode ser lido. Ele não grava ou age sobre a estrutura semântica do texto. *Um texto verdadeiramente eletrônico faz tudo isto, pois um texto verdadeiramente eletrônico não é uma sequência fixa de letras, mas, em lugar disto, do*

ponto de vista do escritor, é uma rede de elementos verbais e, do ponto de vista do leitor, uma textura de leituras possíveis” (tradução nossa).

⁸⁵ Grifo nosso.

se pode arguir refere-se a que contribuição o hipertexto possa dar ao processo de construção desses referenciais sintáticos e pragmáticos no bojo de uma Teoria Geral da Linguagem.

Aparentemente, tal contribuição resta não provada ou insuficientemente demonstrada, o que depõe contra a capacidade do hipertexto de conformar capacidades linguísticas específicas e *sui generis*, mas, *a priori*, não sustenta *per se* uma homogeneidade geral entre texto e hipertexto do ponto de vista de seus componentes estruturais nem das habilidades de recepção demandadas.

Por outro lado, as ciências linguísticas têm-se estruturado tradicionalmente sobre o binômio Fonética/Semântica no que tange ao estudo de qualquer sistema linguístico, pois, “o pressuposto tradicional, que remonta a Aristóteles, é que as informações ajustam-se a duas categorias: fonética e semântica” (CHOMSKY, 2006, p. 106). Também o hipertexto encaixa-se nessa estrutura básica dos estudos da linguagem e nada supõe que altere substancialmente seu contorno teórico, o que depõe em favor de sua inscrição no campo das variâncias de formas textuais⁸⁶.

Tudo isto, contudo, situa-se sob o arco de uma Teoria Geral da Linguagem, ou de uma Gramática Universal, que assume que “a estrutura básica da linguagem deve ser essencialmente uniforme e vir de dentro, não de fora” (CHOMSKY, 2006, p. 114), não obstante as tensões que a diversidade lingüística impõe a esse princípio de universalidade.

Nesse sentido levantado, a noção de interioridade da linguagem não contradiz sua natureza social, porquanto aborda a dimensão potencial da linguagem, não sua configuração em ato que se dá no contexto, na práxis: não há linguagem sem comunidade.

⁸⁶ O hipertexto não parece passível de enquadramento no campo dos gêneros textuais, dada sua penetração nos vários gêneros, o que obriga o pesquisador a elevar a discussão do campo dos gêneros para o campo das formas que, salvo melhor juízo, parece mais condizente com o fenômeno sob análise.

Outrossim, essa submissão a pressupostos estruturantes da linguagem descarta a noção apressada que defende uma relação de determinação das TIC sobre o hipertexto, posto que reserva a dimensão de fundamentação estrutural do texto para aquém do suporte.

HIPERTEXTO, HIPERLEITURA E AUTORIA

Se o hipertexto só se constitui como tal, ou ao menos, só é acessível através de um procedimento hiperleitor que o constitua, considerados os impactos já apresentados relativos à autoria primária e secundária, pode-se dizer com clareza que o hipertexto questiona o conceito moderno de autor ou, se se preferir, que o hipertexto não pode ser reduzido ao conceito moderno de autor.

Entretanto, importa fundamentar o problema da autoria em terreno mais sólido que o do hipertexto. Em outras palavras, a questão da autoria não emerge na abordagem do hipertexto a partir das demandas ou condicionamentos do substrato tecnológico, embora consigo esteja imbricado. Antes, o problema da autoria ecoa uma discussão sobre a natureza do conhecimento e da linguagem, sobre o lugar da subjetividade na construção das pontes que ligam os sujeitos uns aos outros, gerando esse *entrelugar* que a cultura.

Logo, o problema da autoria é, fundamentalmente, um problema de delimitação da subjetividade, de um “um sujeito que se concebe e se pensa dotado de um poder infinito de gestão do real, que é expressa na exasperação da transformação do mundo” (TEIXEIRA, 2005, p. 29), visto que

é um fato que o sujeito que se refere a si mesmo toma consciência de si ao preço da objetivação da natureza exterior e interior. Visto que no conhecimento e na ação o sujeito tem sempre de se referir a objetos, tanto para o exterior como para o interior, ele se torna ao mesmo tempo opaco e dependente, inclusive nos atos que devem assegurar o autoconhecimento e a autonomia (HABERMAS, 2002a, p. 79).

Não por acaso, o conceito mesmo de autor não se consagra enquanto não se estabelecem o conceito moderno de sujeito e, por seu turno, esse processo se dá sob a égide de uma sensibilidade subjetivista: assim, Romantismo e Hegelianismo não são meros acidentes temporais no curso da história da autoria, mas são substratos necessários e, mesmo, imprescindíveis à constituição do conceito moderno de autoria. Nesse sentido,

o romantismo é a “consumação” da arte, tanto no sentido da decadência subjetivista da arte reflexiva, quanto no do rompimento reflexivo de uma forma de exposição do absoluto ainda presa ao simbólico (HABERMAS, 2002a, p. 51).

De certo, essa condição de decadência subjetivista é central para uma noção de autoria que, não encontrando um viés positivo de sustentação, articula-se a partir da exclusão do outro como garantidor de autenticidade: no fundo a autoria moderna é um critério de negatividade.

Por seu turno, o conceito moderno de autor não está imune às influências e às contingências do Capitalismo hegemônico no Ocidente, antes a ele serve, consigo conflui e por ele está condicionado. Assim, à sensibilidade romântica e ao pensamento de Hegel há que se adicionar a necessidade do capital como determinante para a conformação de um conceito de autoria que circunscreve a autor aos limites do sujeito, supondo-o estanque e autossuficiente.

Embora convergente com o problema do conceito de autoria *per se*, o problema da autoria no hipertexto herda grande parte de suas características do problema da autoria no texto.

Nesse sentido, o problema da leitura e da interpretação no hipertexto toca também, a fundo, o problema da autoria. Conquanto não se pretenda esgotar a discussão sobre autoria neste espaço, essa questão emerge mesmo em função de uma percepção de que haja lugar para a intenção autoral, maior ou menor, no processo de interpretação. Nesse momento, emerge o problema da própria figura do autor como um fantasma, desmaterializado no campo do hipertexto, mas sempre recorrente como que a assombrar com sua marca de poder e autoridade os esforços de produção textual menos convencionais.

Neste momento, não se pode passar ao largo de que toda a língua se estrutura a partir de um sistema de referências antes mesmo de passar a um sistema de sentidos, pois

*it has been shown that formal semantics is not strictly about MEANING, but rather about REFERENCE: it specifies the objects denoted by sentences and parts of sentences, and thus provides CONDITIONS under which sentences are true or false*⁸⁷ (VAN DIJK, 1997, p. 33)⁸⁸.

O problema da referência no hipertexto não é vulgar, pois. Antes, na verdade, o problema do referente é radicalmente proposto quando a ele se contrapõe uma epistemologia do diálogo. Entretanto, em lugar de redundarem inconciliáveis, a dialogicidade livra o *denotatum* de certa rigidez mecânica que lhe parece equivocadamente inerente e permite conciliar a lógica dos referentes no contexto dinâmico da polifonia, não obstante a assertiva de que

em si, o *denotatum* como posição no campo semântico, é *puro paradigma*. Para que possa inserir-se no sintagma e dar lugar a expressões dotadas de sentido, dever ter componentes conotativas (ECO, 2008, p. 45).

Desta forma, fica mais fácil de compreender, sob a égide da dialogicidade, a proposição de Van Dijk de que

modal languages are not truth-functional; similarly, a modal operator does not refer to objects of the extensional type, but rather indicates 'where' some facts exist, and should therefore be interpreted rather as an operation or function. There are other objects of reference of (parts of) sentences which do not have a straightforward extensional character. When I say A lion has four legs, the phrase A lion is a GENERIC expression, and neither denotes some particular object in some particular world, nor a set of such objects (the extensional value of a predicate). Similarly, in a sentence The man who wins the match will receive a thousand pounds, the expression the man who wins the match may not refer to a particular man, but to the (only) individual who satisfies some property (winning the race) in some future

⁸⁷ “tem-se demonstrado que a semântica formal não é estritamente a respeito do SENTIDO, mas a respeito da REFERÊNCIA: especifica os objetos denotados por sentenças e partes de sentenças e, assim, provê CONDIÇÕES sob as quais as sentenças são verdadeiras ou falsas” (tradução nossa).

⁸⁸ Grifos do autor.

world. Such objects, which are characterized by some property, will be called INTENSIONAL objects. They have a CONCEPTUAL or POSSIBLE nature, rather than an actual nature. In the strict sense, extensional objects are specific spatio-temporally defined properties of a particular possible world, and as such are 'unique'. When I talk about Peter, I do not usually refer to this momentarily physical existence of Peter here and now, but to something which remains more or less 'identical' or similar in a series of situations (a 'life'). Formally speaking, an individual is a FUNCITON defining a set of counterparts for a set of possible worlds, or for a set of moments of time, or combinations of these (situations)⁸⁹ (VAN DIJK, 1997, p. 33)⁹⁰.

Assim, no hipertexto, por excelência, há que se pensar o referente “em termos de uma entidade abstrata, a qual não passa de convenção cultural” (ECO, 2008, p. 15).

Isto, todavia, não há de comprometer, antes fortalece a noção de semema que perpassa o hipertexto. Ao afirmar que “o semema é um texto virtual, e o texto é a expansão de um semema” (ECO, 2011, p. 13), Umberto Eco prepara a Linguística Textual e a Semiótica para o hipertexto potencial e seu caráter metatextual, não obstante os perigos de semiose ilimitada que não se pode senão enfrentar.

⁸⁹ “as línguas modais não funcionam em relação à verdade; de modo similar, um operador modal não se refere aos objetos do tipo extensional, mas apenas indica ‘onde’ alguns fatos se dão e devem, assim, ser interpretado mais como uma operação ou função. Há objetos de referência de (partes de) sentenças que não têm um caráter extensional propositivo. Quando digo A lion has four legs, a frase A lion é uma expressão GENÉRICA, e não denota nem um objeto particular em algum universo particular, nem um elenco de tais objetos (o valor extensional de um predicado). Similarmente, na sentença The man who wins the match will receive a thousand pounds, a expressão the man who wins the match pode não se referir a um homem em particular, mas para o (único) indivíduo que satisfaz uma propriedade (winning the race) em algum ponto do futuro. Tais objeto, caracterizados por algumas propriedades, serão chamados objetivos INTENCIONAIS. Eles têm uma natureza CONCEITUAL ou POSSÍVEL, muito mais do que uma natureza real. Em sentido estrito, objetos extensionais são propriedades espaço-temporais especificamente definidas de um mundo particular possível e, dessa forma, são ‘únicas’ quando falo sobre Peter, não me refiro usualmente a essa existência momentânea de Peter aqui e agora, mas a algo que permanece mais ou menos ‘idêntico’ ou similar em uma série de situações (uma vida). De mofo formal, um indivíduo é uma FUNÇÃO definindo uma série de contrapartidas para uma sequência de mundos possíveis, ou para uma sequência de momentos do tempo, ou combinações de ambos” (situações).

⁹⁰ Grifos do autor.

Enfim, quais serão, então, os limites da interpretação, os limites da leitura?⁹¹ Esta pergunta é recorrente nos estudos textuais e fundante mesmo para as ciências do discurso. O sonho da plena liberdade interpretativa e a imperiosidade dos limites objetivos de um texto dado funcionam como polos nesse processo de definição de uma via média capaz de equilibrar o leitor entre os extremos que representam.

Não obstante tudo isto, no centro dessa disputa, existe sempre o fantasma da leitura autorizada, do sentido autoritativo e unívoco a assombrar os estudiosos do texto e da linguagem.

No campo dos sentidos plurais, portanto, como distinguir a legítima interpretação do desvio ou da extrapolação exagerada e insustentável sem cair na tentação do sentido único? As teorias do discurso procuram saídas que, vez por outra, resvalam na questão do autor e da *intentio auctoris*, por mais difícil que ela seja de ser propriamente identificada.

Contudo, no campo da interpretação do hipertexto, como harmonizar uma teoria do hipertexto com qualquer princípio de interpretação que advogue um lugar de destaque para a intenção do autor – se é que isso é possível de ser acessado de modo consistente e sistemático – em um processo de interpretação, conquanto o hipertexto dilua a figura do autor e, no limite, deslegitime-a?

Sem uma figura estável e acessível de autor não parece razoável pretender invocar a intenção autoral – por mais controversa que ela possa ser mesmo em outros contextos – como parâmetro interpretativo, pois inevitáveis seriam as perguntas: que intenção? De que autor?

Por insustentável, resta apenas secundar Umberto Eco afirmando que

⁹¹ Qualquer proposta que desarticule leitura de interpretação funda-se sobre uma compreensão demasiado estruturalista da linguagem e já não cabe nos estudos textuais contemporâneos. Ler é interpretar, embora a leitura possua um aspecto de procedimento decodificador que precede a interpretação, o que lhes permite uma distinção em termos de categoria cognitiva. Bem se poderia colocar nestes termos: a interpretação está contida na leitura como um aspecto cognitivo inerente do procedimento leitor; por seu turno, a leitura como processo de decodificação é um pressuposto absoluto de qualquer processo interpretativo.

a intenção pré-textual do autor – o propósito que pode ter levado à tentativa de escrever uma obra particular – não pode fornecer a pedra de toque da interpretação e pode inclusive ser irrelevante ou enganosa como guia para o significado ou significados de um texto (ECO, 2005, p. 11).

Eco justifica sua posição – para não cair em um relativismo gnóstico do qual está prenhe a contemporaneidade – pela defesa da *intentio operis* em detrimento da *intentio auctoris*.

poder-se-ia dizer que um texto, depois de separado de seu autor (assim como da intenção do autor) e das circunstâncias concretas de sua criação (e, conseqüentemente, de seu referente intencionado), flutua (por assim dizer) no vácuo de um leque potencialmente infinito de interpretações possíveis (ECO, 2005, p. 48).

Contudo, para prevenir contra os perigos de uma semiose ilimitada, adiciona, referindo-se a um texto dado que trata sobre figos, que o leitor

não estaria autorizado a dizer que a mensagem pode significar *qualquer coisa*. Pode significar muitas coisas, mas há sentidos que seria despropositado sugerir diz, com certeza, que era uma vez uma cesta cheia de figos. Nenhuma teoria voltada para o leitor pode evitar uma restrição como essa. [...] Se há algo a ser interpretado, a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado (ECO, 2005, p. 50-51).

A pergunta, porém, talvez seja: qual a cesta de figos do hipertexto? Como falar de *intentio operis* dissociada da *intentio lectoris* se a obra hipertextual não existe sem o (hiper)leitor, já que o hipertexto se dá quando um hiperleitor dado constitui um percurso hiperleitor singular, um hipertexto em sentido estrito. Aqui, a *intentio operis* parece tão inaplicável quanto a *intentio auctoris*, muito embora os perigos acarretados pela superinterpretação, pela Semiose ilimitada, pelo reinado da *intentio lectoris* sejam reais também para o hipertexto e mais gravemente pungentes no hipertexto.

Contudo, a desconfiguração ou fragmentação da figura do autor não é algo que os intelectuais possam aceitar tranquilamente, mesmo os que parecem lhe ter pavimentado o caminho. Landow (2006), como que em uma crise de consciência em defesa da cultura autoral, coloca-se nestes termos:

Hypertext, which creates an active, even intrusive reader, carries this convergence of activities one step closer to completion; but in doing so, it infringes on the power of the writer, removing some of it and granting it to the reader. These shifts in the relations of author and reader do not, however, imply that hypertext automatically makes readers into authors or co-authors – except, that is, in hypertext environments that give readers the ability to add links and texts to what they read⁹² (LANDOW, 2006, p. 125).

George Landow (2006), assim, embora contribua assaz para o desenho de uma teoria do hipertexto, contém-se ante os desdobramentos inevitáveis que a discussão de autoria em um contexto hipertextual provoca no tocante ao conceito de autor e toda a estrutura de poder que o circunda, com os graves impactos econômicos e sociais implicados.

Como que em último esforço para dar à autoria um digno funeral, Landow (2006) cria uma reserva absolutamente superficial entre hiperleitor e coautor, defendendo que a coautoria só se configuraria no momento em que o leitor fosse “empoderado” com a criação de *hyperlinks* que permitissem a reconfiguração das trilhas hipertextuais segundo seu absoluto juízo, sem os limites que os *hyperlinks*, de fato, impõem à configuração de uma trilha hipertextual dada.

É certo que um desenvolvimento tal das TIC que derrubasse todo o controle sobre os elos e nós de um meta-hipertexto, deixando ao hiperleitor a possibilidade de unir elos que só ele entende existentes, ou, no extremo oposto, a hiperligação no hipertexto – todos os termos transformados em hiperlinks – abriria possibilidades absolutamente imponderáveis nestes tempos, mesmo porque isto não toca apenas o aspecto operacional do hipertexto, mas sua natureza semiótica, dada a natureza sintática da funcionalidade de ligadura dos elos e nós do hipertexto, conformando-os como signos que, embora desprovidos de qualquer natureza semântica, conservam função sintática fundamental (Cf. ECO, 2008, p. 41).

⁹² “Hipertexto, que cria um leitor ativo, talvez um pouco intrusivo, acarreta essa convergência de atividades a um passo da completude; mas, ao fazer isso, atinge o poder do escritor, removendo parte dele e transferindo-o ao leitor. Essas mudanças nas relações entre autor e leitor não implica que o hipertexto automaticamente transforma leitores em autores ou coautores – exceto que, em ambientes hipertextuais que dão aos leitores a habilidade de adicionar elos e textos ao que é lido” (tradução nossa).

Contudo, no limite, a operação mental de construção do percurso hipertextual em nada se alteraria ou, melhor dizendo, tal processo geraria apenas o aprofundamento da complexidade da prática hiperleitora, na medida em que suporia uma maior quantidade de caminhos a serem escolhidos e, por tanto, um maior grau de idiosincrasia na construção do hipertexto por cada hiperleitor, no caso da segunda hipótese; no caso da primeira hipótese, embora desejável, tal liberdade suporia apenas a possibilidade de materializar em elos e nós digitais as ligações mentais que já se constroem ou que estão implicadas na natureza mesma do signo.

Neste ponto, no campo das teorias da competência textual, corroborando a potencialidade imanente que sinaliza para a viabilidade teórica desse desdobramento tecnológico do hipertexto eletrônico, Umberto Eco (2011) parece sintetizar bem essa compreensão ao elucidar a inexistência de

um enunciado que não requeira um co-texto (SIC!), para ser semanticamente atualizado em todas as suas possibilidades de significação. Mas este enunciado necessita de um co-texto (SIC!) atual porque o texto possível estava incoativa ou virtualmente presente no próprio espectro enciclopédico dos sememas que o compõem (ECO, 2011, p. 6).

Em defesa de tal tecnologia, contudo, há de se dizer que ela seria uma metáfora melhor para a mente que o hipertexto atual que, embora aberto, conserva no poder de criar *links* dos hipercompositores⁹³ o limitador objetivo dos percursos hipertextuais digitais possíveis.

Também, há de se dizer que, de certo modo, constituiriam uma materialização da noção de que

o Sistema Semântico Global precede teoricamente as suas realizações textuais, mas na prática só pode ser construído, ativado e parcialmente postulado nos momentos concretos em que se dispõem a interpretar uma dada porção textual. Os textos constituem o resultado de um jogo de unidades semânticas preestabelecidas no campo virtual da semiose ilimitada, mas o processo de semiose ilimitada só pode ser

⁹³ Desta questão se ocupará o capítulo IV.

reduzido às suas descrições parciais quando se trata de um texto ou grupo de texto (ECO, 2011, p. 11).

Assim, ainda dialogando com George Landow (2006), algumas perguntas colocam-se imperiosas: o hipertexto cria esse leitor com novos papéis ou o liberta dos limites de seu processo de construção introspectiva para lhe dar lugar no salão mais amplo das ações tangíveis por terceiros? Já não é o processo cognitivo um processo autoral? A negação da dimensão autoral não é, *per se*, uma posição antagonista com o estágio atual das ciências cognitivas no que tange aos processos de significação? A imagem de se estar a “um passo da completude” não denuncia de antemão o que pretende negar?

No fundo, Landow (2006) concede quanto à questão central das discussões sobre autoria: é uma questão de poder. O poder do autor é algo do qual não se consegue abrir mão sem antes tentar conservá-lo, sem tentar preservar ainda que seja uma pálida sombra do que ele fora.

Não obstante tudo isto, Landow (2006) concede que

*hypertext reconfigures – rewrites – the author in several obvious ways. First of all, the figure of the hypertext author approaches, even if he does not merge with, that reader; the functions of reader and writer become more deeply entwined with each other than ever before. This transformation and near merging of roles is but the latest stage in the convergence of what had been once two very different activities*⁹⁴ (p. 125).

Já aqui se pode dizer sem receios que hiperleitura é hiperautoria. Cada hipertexto é fruto do trabalho de inúmeras mãos e, já por isto, é sempre um trabalho coautoral.

Na produção hipertextual, a convergência de linguagens, o suporte hipermidiático, os elos e nós que projetam o hipertexto para outros espaços

⁹⁴ “o hipertexto reconfigura – reescreve – o autor de varas formas óbvias. Em primeiro lugar, a figura do autor no hipertexto toca, se não se funde a, a do leitor; as funções de leitor e escritor tornam-se profundamente imbricadas, muito mais do que antes. Essa transformação e quase fusão de papéis é o último estágio de uma convergência de papéis que foram outrora duas atividades profundamente diferentes” (tradução nossa).

hipertextuais em um diálogo infundável através de um emaranhado de trilhas hipertextuais ao mesmo tempo imprevisíveis e instáveis e, por fim, a ação singular do hiperleitor a criar um percurso singular fazem de um (hiper)texto um ato único em si mesmo, ao tempo em que a miríade de possibilidades que estão a sua frente conferem ao hipertexto um caráter de coautoria profunda.

Por tudo isto, o meta-hipertexto é, por definição, uma obra do homem⁹⁵, uma produção coletiva sobre a qual todos podem reivindicar direitos, mas ninguém pode invocar pleno domínio ou posse, o que não deixa de ser um problema para uma modelo de produção de conhecimento marcadamente baseado pela noção de autoria e autoridade com as implicações sociais e econômicas daí advindas e que determinam esse modelo e são por ele determinadas em uma interação de interesses nem sempre publicáveis. Desta forma, se não desaparece o conceito de autor na produção hipertextual, de certo torna-se inacessível a figura do autor por indeterminável e indissociável do coletivo autoral.

Em uma aparente tentativa de desviar o foco da questão da autoria no contexto do hipertexto, Snyder situa a discussão em termos de quebra de hierarquias de leitura, não na negação da estrutura teórica da autoria, pois,

in a hypertext nothing corresponds to the printed table of contents. Menus can indicate a hierarchy of topics, but the order of pages does not compel readers to move linearly, through the structure. Hypertextual relationships are correspondingly multiple and evolving. Bolter goes so far as to suggest that hypertext is a writing technology well suited to the contemporary vies that nature is not a hierarchy but 'a network of interdependent species and systems'⁹⁶ (SNYDER, 1997, p. 21)

⁹⁵ Do homem, não de um homem.

⁹⁶ “em um hipertexto nada corresponde ao índice do texto impresso. Menus podem indicar uma hierarquia de tópicos, mas a ordem das páginas não compele os leitores a se moverem linearmente através da estrutura. Relacionamentos hipertextuais são correspondentemente múltiplos e envolventes. Bolter chega a sugerir que o hipertexto é uma tecnologia de escrita bem apropriada ao viés contemporâneo de que a natureza não é uma hierarquia, mas ‘uma rede de espécimes e sistemas interdependentes’” (tradução nossa).

A opção por pensar o hipertexto como uma ruptura hierárquica sem implicação autoral seria inocente, se não escondesse a obsessão do sistema pela preservação de seu *modus operandi*. Neste ponto, o hipertexto aponta para a necessidade de investigar as noções de rede e colaboração para além da justaposição de individualidades, mas no sentido da construção de coletivos interagentes e intersubjetivos.

LINEARIDADE VERSUS NÃO LINEARIDADE: A FALSA DICOTOMIA QUE POLARIZA AS DISCUSSÕES SOBRE O HIPERTEXTO

Ao tratar esta questão, do hipertexto e da hiperleitura, emerge sempre o problema da linearidade e os mitos em volta dela se desenvolveram. Conquanto seja um tema central, impõe-se sua análise para situar esse fenômeno, iluminando aspectos que, por largamente aceitos aprioristicamente, ascendem ao *status* de verdade sem a devida análise e reflexão.

De pronto, há que se perguntar: 1. O que é linearidade no âmbito do texto e da leitura? 2. Que quer dizer quebra de linearidade no âmbito do hipertexto e da hiperleitura? 3. Que nova estrutura textual emerge a partir dessa quebra? Estas perguntas pretendem guiar a análise desse fenômeno/conceito, para situar o hiperleitor no contexto dessa linearidade/não linearidade presente no hipertexto.

Importa, contudo, *a priori*, situar o problema com clareza: o que é exatamente a linearidade que o hipertexto teria rompido? Podem-se supor três níveis de linearidade a que essa pretensa quebra possa se referir: uma linearidade no campo segmental abrangendo os níveis fonético-fonológico e morfológico da língua; uma linearidade sintático-semântica e, portanto, de característica discursiva; uma linearidade textual, que tocaria necessariamente nos aspectos de coerência e coesão, não obstante ter-se em mente que

sentences may be connected without being COHERENT. That is, connection may be a necessary but not a sufficient condition for the acceptability of discourse. [Thus] sentences

*are syntactical objects, and if connection is a semantic notion, as we assumed, we should rather speak of connected propositions*⁹⁷ (VAN DIJK, 1997, p. 45)⁹⁸.

A questão inicial, contudo, lança a discussão para além das fronteiras do hipertexto, dada a natureza fronteira do conceito: não raramente, a linearidade é apresentada como que o elemento de corte, a característica mais evidente que emerge do hipertexto. Já aqui esse discurso revela uma marca significativa: a quebra de linearidade é vista como uma propriedade do hipertexto e, como tal, uma de suas características distintivas.

Essa escolha, *per se*, traz consigo o problema de construir a oposição texto/hipertexto no campo formal, isto é, no âmbito das variantes internas do texto e não no campo da recepção, o que por si só é um paradoxo insustentável, já que a quebra de linearidade só se dá no processo de recepção/constituição do texto, isto é, no texto ato, nunca no texto potência.

Via de regra, o problema da quebra de linearidade é proposto como resultado de uma mudança paradigmática no processo de escritura/leitura a partir do advento de ferramentas telemáticas que permitiram o rompimento da rigidez enfeixada na tecnologia gutemberguiana. Nesse sentido, sem meias palavras, a não linearidade seria um subproduto da mudança de suporte do texto do papel para os *bits* e *bytes* das TIC.

Nesse sentido, retomando o argumento iniciado acima, dificilmente se poderá conjugar uma proposta de abordagem de um problema nascido da mudança de suporte do texto escrito cujas consequências extrapolem *ex officio* os limites da língua escrita. A saber: não se pode falar de não linearidade, nestes termos, nos níveis fonético-fonológico ou sintático-semântico a partir da mudança de suporte (i)material do texto escrito: pretender que o texto escrito condicione a estrutura fonético-fonológica e sintático-semântica da fala é uma inversão de

⁹⁷ “as sentenças podem ser conectadas sem ser COERENTES . isto é, uma conexão pode ser uma condição necessária mas não suficiente para a aceitabilidade do discurso. [Por isso], as sentenças são objetos sintáticos e se a conexão é uma noção semântica, como aceitamos, deveríamos falar de proposições conectadas” (tradução nossa).

⁹⁸ Grifo do autor.

parâmetros para a Linguística que como que demandaria a fundação de uma outra ciência, dada a destruição de seus alicerces.

Assim, parece inconcebível secundar Aarseth quando afirma que, no que se refere à topologia do hipertexto,

the fundamental difference is that between the linear and nonlinear. A nonlinear text is a work that does not present its scriptons⁹⁹ in one fixed sequence, whether temporal or spatial. Instead, through cybernetic agency (the user[s], the text, or both), an arbitrary sequence emerges¹⁰⁰ (AARSETH, 1995, p. 61).

Se bem que, a partir de seu conceito de *scripton*, Aarseth (1995) situe o problema da linearidade aqui no nível da leitura e não da escritura, a restrição do fenômeno ao hipertexto eletrônico subsidiariamente condiciona-o ao substrato e, por conseguinte, falha em escapar ao problema descrito acima: ainda aqui se trata de pretender que o substrato condicione o texto.

Mas, a questão se mantém: de que se trata ao propugnar a não linearidade hipertextual. Parece bastante invocar a natureza mesma da língua, o binômio *langue/parole* e o princípio da linearidade do significante para assumir que a não linearidade apregoada não pode pretender intervir na estrutura do significante, conquanto

o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*¹⁰¹. [...] Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos, etc),

⁹⁹ O autor propõe algumas categorias para abordar o problema do hipertexto que, por secundárias nesta análise, não serão extensamente tratadas, mas vão aqui descritas para contextualização de quanto citado: em substituição à *lexia* de Barthes, Aarseth propõe o conceito de *texton* que se prenderia substancialmente a uma abordagem topológica do texto, distanciando-se de uma abordagem propriamente linguística dos fenômenos textuais, e seria o elemento básico da textualidade. No âmbito da leitura, o *scripton* seria composto de um ou mais *textons*.

¹⁰⁰ “a diferença fundamental está entre a linearidade e não linearidade. Um texto não linear é um trabalho que não apresenta seus *scriptons* em uma sequência fixa, seja temporal ou espacial. Ao invés disso, uma sequência arbitrária emerge mediante um agente cibernético (o usuário[s], o texto ou ambos)” (tradução nossa).

¹⁰¹ Grifo do autor.

que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e *substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos*¹⁰² (SAUSSURE, 2006, p. 84).

Para muito aquém de quanto se distanciaram as tendências linguísticas mais contemporâneas em relação ao conceito e natureza do signo linguístico¹⁰³, a pesquisa linguística não aponta outro caminho que não o da assunção da linearidade do significante.

A sinalização de Saussure para o paralelismo entre a linha do tempo e a “linha espacial dos signos gráficos” merece destaque porque aponta para a linearidade básica do signo – nos campos fonético-fonológico e sintático-semântico – e sua consequência no ordenamento da representação gráfica da língua e não o contrário, refutando por antecipação, já lá em seu Curso de Linguística Geral, a pretensão ambivalente de que a linearidade do hipertexto deriva da natureza do substrato e de que o substrato da escrita determine características do signo linguístico, como que a criar uma dissensão interna no signo linguístico – signo versus signo escrito hipertextual.

Concordante, Landow lembra que

one must take care in using this term linear, since, as we have already seen when looking at hypertext narratives, all experiences of listening or reading in whatever medium are in an important sense linear, unidirectional. Thus, although readers – or, to be precise, readings – take different paths through a work, each experience of reading takes the form of a sequence. It is the text that is multisequential not a particular reading path through it. I emphasize this point because the problem of preparing to changing direction (and openings and closings are also such changes) has been with

¹⁰² Grifo nosso.

¹⁰³ Se bem que não se possa concordar com Saussure plenamente em relação a sua noção de signo, notadamente a característica da imutabilidade por ele proposta, para o escopo da discussão sobre linearidade, sua proposição nada apresenta de inconveniente ou superada, pois que a proposição da dinamicidade do signo – como o signo dialógico e polifônico bakhtiniano – não implica em uma negação de sua linearidade nos termos propugnados.

*us since the beginnings of human language*¹⁰⁴ (LANDOW, 1997, p. 124)¹⁰⁵.

Conquanto a assertiva de Landow (1997) não verse sobre o signo propriamente, mas sobre o texto, sua convergência com o pensamento saussuriano não poderia ser mais evidente, dada sua invocação da linearidade e unidirecionalidade da recepção/decodificação do signo.

Se se pode afirmar que a não linearidade do hipertexto não impacta no signo linguístico, é de se considerar que essa unidirecionalidade e linearidade constitui

a seqüencialidade (Sic!) garantidora de sentido e logicidade inerente a toda e qualquer manifestação do pensamento e da linguagem humanas. O contrário disso é a confusão e o caos que resultam da ausência de seqüencialidade e encadeamento na comunicação. [...] Nesse sentido, há uma linearidade imanente à comunicação (NONATO, 2006, p. 47).

O que se propugna aqui, por conseguinte, é um cotejo da abordagem mítica da não linearidade do hipertexto em relação aos condicionantes segmentares da língua. Desse cotejo emerge a linearidade segmentar da língua o que, de pronto, reduz a abrangência do fenômeno da não linearidade. Em tudo isto, há que se compreender que

a não linearidade dos processos cognitivos não pode ser confundida com a necessária seqüencialidade isotópica dos processos linguísticos, garantidora da compreensibilidade do texto. Sem essa seqüencialidade, essa linearidade formal, o texto se transformaria em um caos incompreensível e o hipertexto em uma coleção amorfa (SIC!) de lexias impossíveis de serem relacionadas e, por conseguinte, de serem lidas (NONATO, 2006, p. 50).

¹⁰⁴ “deve-se tomar cuidado com o uso do termo linear, pois, como já vimos quando tratamos das narrativas hipertextuais, todas as experiências de audição ou leitura em qualquer mídia são lineares, unidirecionais, em um sentido importante. Portanto, muito embora os leitores – ou, para ser preciso, as leituras – segam caminhos diferentes através de um trabalho, cada experiência de leitura toma a forma de uma seqüência. É o texto que é multisseqüencial, não uma trilha leitora através dele em particular. Enfatizo este ponto porque o problema da preparação para a mudança de direção (e saídas e entradas são essas mudanças) têm estado conosco desde os primórdios da linguagem humana” (tradução nossa).

¹⁰⁵ Grifos do autor.

Nessa linha, como repensar a não linearidade? A saída parece ser situá-la no campo da recepção. Aqui, porém, surge também o problema da artificialidade da oposição constituição/recepção do texto: tal oposição não suporta uma análise do texto a partir do critério da constituição social dos sentidos do texto, que *per se* implica Dialogia. Assim, à não linearidade resta apenas situar-se no espaço/tempo de produção de sentidos, necessariamente vinculada aos processos cognitivos de constituição de sentidos.

Situada nesse espaço/tempo, é inconcebível que a condição do substrato seja determinante para esse processo. Nesse momento, por conseguinte, fortalece-se a noção de que a não linearidade é uma característica do pensamento que é transmitida ao (hiper)texto no processo de constituição de sentidos, nivelando texto e hipertexto a partir de um fenômeno natural do pensamento: sua espiralidade rizomática.

Concordantemente, Marcuschi lembra que

uma das idéias centrais da atual Lingüística de Texto é a da não-monoliticidade de sentido do texto, já que o texto é uma proposta de sentidos múltiplos e não de sentido único. Também se postula hoje (v. BEAUGRANDE, 1997) que o texto é *plurilinear*¹⁰⁶ na sua construção. Veja-se o caso das interpretações anafóricas, da identificação referencial dos dêiticos ou da desambiguação não-imediata, mas ainda contextual. Por isso, julgo possível dizer que a não-linearidade do hipertexto tem sua contraparte no texto impresso. São aspectos diversos, mas de funções similares (MARCUSCHI, 2000, p. 97).

O testemunho de Marcuschi conduz a discussão inevitavelmente para o campo da Linguística Textual, suscitando, de pronto, duas questões: 1. O texto é linear? 2. O texto é linear por causa do substrato da escrita? Sem precisar recorrer a outras fontes ou autores, na perícopie recortada o autor já destaca claramente que o texto seja plurilinear, ao afirmar que “um texto possui sempre sentido plural” (LOPES, 2003, p. 70).

¹⁰⁶ Grifo do autor.

Aqui, Marcuschi (2000) sinaliza para a ambivalência do termo linearidade no que ele tem de limitador e potencializador, no que tem de inerente à linguagem e estranho a ela. O texto é plurilinear porque sua não linearidade consiste em conter e ser contido por múltiplas linearidades, posto que cada sentido é garantido por uma linearidade dada, consoante a percepção de que

*sentences are not interpreted in 'isolated' models, but relative to the interpretation of related sentences in related models. The relationship between sentences is defined in terms of these relative interpretations*¹⁰⁷ (VAN DIJK, 1997, p. 95).

Concordante com a reserva de uma linearidade fundante garantidora de sentidos e de encadeamento lógico, nos níveis inferiores e superiores da linguagem, tanto do ponto de vista sintagmático quanto do ponto de vista paradigmático, a plurilinearidade advoga pela convivência de linearidades várias, de níveis e naturezas diferentes, bem como a condição natural da não linearidade não ser a ausência de linearidades, mas a liberdade de se encadear em linearidades subjetivamente construídas.

Plurilinearidade resulta, por conseguinte, em uma categoria muito menos problemática do que não linearidade, malgrado a larga aceitação na comunidade acadêmica da não linearidade como categoria em relação à qual se organizam as discussões concernentes à temática.

De pronto, a primeira pergunta resta respondida negativamente e a segunda pergunta redundante prejudicada. Assim, o substrato da escrita não pode determinar a linearidade do texto por muitas razões, mas essencialmente porque o texto não é linear, ele é plurilinear, isto é, ele conserva uma linearidade inerente ao signo linguístico, inerente ao processo de garantia dos sentidos na articulação desses signos, sem que isso implique uma linearidade unidirecional que escravize o texto à natureza segmentar da escrita.

¹⁰⁷ “as sentenças não são interpretadas em modelos ‘isolados’, mas relativos à interpretação de sentenças relativas em modelos relativos. O relacionamento entre sentenças é definido em termos dessas interpretações relativas” (tradução nossa).

Ao contrário, o texto voa com as asas dos sentidos. A cada leitura, o texto é significado em um processo autoral que o liberta das peias da *intentio auctoris* e o configura em um novo caminho a partir de uma nova leitura. O texto é, assim, sempre fugidio e etéreo ao tempo que concreto e limitado no espaço/tempo de sua constituição. O texto nunca é uma realidade dada, é sempre um *continuum* dinâmico e plural.

Por conseguinte, redundante e inconsubstanciada a oposição entre linearidade *versus* não linearidade como elemento de oposição entre texto e hipertexto como se buscou demonstrar, já que nem o texto é linear para que se possa opor a um hipertexto não linear, nem o hipertexto não linear deve sua não linearidade às TIC ou a característica alguma que o diferencie do texto e “o *mouse* na mão do leitor-navegador não traz novidades tão prodigiosas como os arautos de primeira hora imaginaram” (MARCUSCHI, 2005, p. 26).

Há, porém, algo de próprio na plurilinearidade/não linearidade que preside às linearidades do hipertexto, algo de *sui generis*, algo imanente à natureza do hipertexto: no hipertexto, como as marcas textuais são infinitamente mais voláteis, pois as amarras do texto dado no hipertexto são mais janelas abertas ao infinito que cadeias que constriam e limitem, os percursos hipertextuais são linearidades muito mais radicais em seu perseguir caminhos autônomos que aquelas inerentes ao texto, ou, ao menos, dão-se a ver de modo muito mais evidente: a virtude do hipertexto está, então, em ser evidência de realidades já contidas, mas retidas, no pensamento; ser atualização evidente de potências do pensamento/linguagem que, de outro modo, restam ocultas.

CAPÍTULO IV – HIPERCOMPOSIÇÃO E HIPERLEITURA

Qual o papel da forma dada no hipertexto potencial como limitador e potencializador das trilhas hipertextuais que o hiperleitor constituirá? Que lugar a hipercomposição¹⁰⁸ ocupa no processo de constituição do hipertexto? Até que ponto a hipermídia limita o conceito de hipertexto ou é sua própria base?

Estas perguntas constituem um amálgama do problema do hipertexto do ponto de vista da hipercomposição. Elas, desde já, lançam o fundamento primeiro do argumento que se vai construir: o papel da hipercomposição está limitado ao hipertexto potencial e só subsidiariamente, através da lente do hiperleitor, chega ao hipertexto concreto. Alhures, porém, se vai deslindar a amplitude de seu impacto no fenômeno hipertextual.

Esta posição, tão grave quanto fundamental, ecoa de certo modo a noção de centralidade do fazer humano nos negócios humanos, dentre os quais não se pode deixar de listar as tecnologias. Ademais, “o que a tecnologia tem de maravilhoso é que as pessoas acabam fazendo com ela algo diferente daquilo

¹⁰⁸ Por hipercomposição, entende-se aqui o trabalho multidisciplinar de elaboração de um construto hipermidiático que integre texto, som, imagem e movimento sobre uma infraestrutura provida pelas TIC, algumas vezes utilizando seu potencial telemático, para propiciar ao usuário maior ou menor nível de interação com a hipermídia em questão. Devido à alta complexidade da hipercomposição, dificilmente será tarefa individual, restando sempre confiada a equipes profissionais multidisciplinares que compartilham a autoria da hipermídia resultante.

para que foram originalmente criadas¹⁰⁹ (CASTELLS, 2003, p. 160). Assim, não obstante os condicionantes e os limites de um construto tecnológico, é sempre o fazer humano, é sempre o uso que concretamente se dá a determinado construto, que determina a conformação final da tecnologia.

Antes, porém, de continuar a deslindar os argumentos com os quais se quer sustentar a proposição teórica em voga, convém esclarecer o sentido de hipercomposição e hipermídia neste texto. Hipercomposição remete à dimensão multiprofissional e intersubjetiva de autoria em hipermídia e hipertexto e à natureza hipermediática mesma do construto que gera, guardando, assim, uma dupla implicação semântica.

No que tange à hipermídia, parece suficiente aceitar a definição proposta por Jonassen (1996) de que a

hypermedia is simply the marriage of multimedia and hypertext. Hypermedia nodes may consist of different media forms. A node may be text, but it also may be a graphic image, a sound bite, an animation sequence, or a video clip. [...] Hypermedia makes information more interesting and richer (i.e., anchored to rich, sensory data)¹¹⁰ (JONASSEN, 1996, p. 191).

Assim, neste ponto, já se pode afirmar com clareza que a hipercomposição toca apenas e diretamente o hipertexto potencial e, como tal, está limitada aos substratos que permitem a navegação e a interação, posto que “hipermídias são bases de dados navegáveis” (MATTA, 2006, p. 95) e que a hipercomposição supõe hipermídia.

Há que se ressaltar ainda uma vez que o que se toma aqui por hipercomposição ultrapassa a noção de “*authoring hypermedia*” na medida em

¹⁰⁹ Alhures se poderá desdobrar o problema dos direcionamentos que os “autores” hipermediáticos podem construir para o hipertexto e as vias de escape inerentes ao próprio processo hipertextual.

¹¹⁰ hipermídia é simplesmente o casamento da multimídia com o hipertexto. Os nós da hipermídia podem consistir de diversas formas de mídia. Um nó pode ser um texto, mas também pode ser um gráfico, um código sonoro, uma sequência de animação ou um vídeo *clip*. [...] A hipermídia torna a informação mais interessante e mais rica (isto é, subsidiada por dados sensorialmente ricos) (tradução nossa).

que supõe o processo autoral hipermediático em todas as suas fases, a partir de uma equipe necessariamente multiprofissional, implicando em uma autoria coletiva da hipermídia produzida para além dos limites do desenvolvimento e programação que estão implícitos no *authoring hypermedia*, notadamente no universo de Hipermídia Adaptativa (AH)¹¹¹.

Se, ao longo deste estudo, propõe-se o tratamento da questão do hipertexto para além do substrato virtual, aqui o problema mesmo do substrato ganha centralidade, não obstante para ser logo depois superado como elemento do esse do hipertexto, ao arrepio do entendimento de que

*l'hypertexte n'est pas uniquement composé des textes qu'il rassemble: les liens qui les communiquent constituent un élément essentiel de la structure hypertextuelle. Ainsi, la dernière composante de l'hypertexte est ce qu' Aarseth¹¹² appelle les fonctions transversales¹¹³, qui sont les conventions et les mécanismes qui combinent et projettent vers l'utilisateur les *textons* sous la forme de *scriptons*¹¹⁴* (STEIMBERG, 2004, p. 10).

Assim, ainda que para demonstrar sua lateralidade, há que se lhe reservar aqui uma posição de centralidade, mesmo que somente *ad argumentandum*, para que se possa explorar devidamente a temática.

Steimberg (2004) parece representar de modo bastante preciso uma linha de pensamento que, não obstante refutada aqui, encontra eco em muitos ambientes de pesquisa sobre o hipertexto: que os elos e nós do hipertexto digital são eles próprios elementos comunicacionais *per se* sem os quais não se há de falar em hipertexto.

¹¹¹ Do inglês *Adaptive Hypermedia*.

¹¹² Cf. AARSETH, Espen J. **Non Linearity and Literary Theory**. In: LANDOW, George P (ed). **Hyper/Text/Theory**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995, p. 51-66.

¹¹³ Grifo do autor.

¹¹⁴ “o hipertexto não é apenas composto dos textos que reúne: os elos que fazem a comunicação entre si constituem-se em um elemento essencial da estrutura do hipertexto. Assim, o componente final do hipertexto é aquilo que Aarseth chama de funções transversais, que são convenções e mecanismos que combinam e projetam os *textons* para o usuário na forma de *scriptons*” (tradução nossa).

Assim, ao situar o caráter essencial dos elos e nós digitais do hipertexto, Steimberg (2004) reposiciona nestes termos a questão que se discute aqui: para ele, a hipercomposição contribui para o hipertexto com a parte dos mecanismos de ligação entre as lexias e todo o artefato hipermediático sem o qual não há hipertexto, pelo que as premissas propostas há pouco redundariam falsas. Em síntese, este é o argumento que se precisa enfrentar.

A posição de Steimberg, apoiando-se em Aarseth, como que desconsidera o elemento processual que o constitui e que o próprio Aarseth reconhece ao conceder que, *“in addition to its visible words and spaces, which we may call the script¹¹⁵, a text includes a practice, a structure or a ritual of use¹¹⁶”* (AARSETH, 1995, p. 53).

Ao conceder que um texto também é conformado pelo modo como o usam os leitores, Aarseth deixa visíveis os fundamentos de um conceito do hipertexto como processo. Talvez Aarseth não se tenha dado conta que aqui minava sua proposta teórica, na medida em que concedia à processualidade um lugar no esse do texto e, por conseguinte, do hipertexto.

A fragilidade desta posição fica clara pela impossibilidade de reduzir o fenômeno hipertextual aos limites da tecnologia que melhor o conforma na contemporaneidade, seja porque ela é sempre carente do agir humano para constituir-se, seja pela sua preexistência às TIC, cuja defesa se renuncia neste rescrito para melhor focar no primeiro elemento.

Os elos e nós do hipertexto digital, sob essa perspectiva entendidos como os elementos determinantes de sua natureza hipertextual, restam inúteis e impotentes ante a simples recusa do hiperleitor em acioná-los; toda a exuberância tecnológica de elos e nós hipermediáticos que projetem uma dinâmica novel ao texto não serão capazes de levar o leitor a constituir, a partir deles, uma trilha hipertextual caso falte a decisão do sujeito, o desdobramento cognitivo-volitivo que faz o sujeito-hiperleitor aventurar-se na trilha hipertextual proposta.

¹¹⁵ Grifo do autor.

¹¹⁶ Grifo nosso.

Nesse sentido, não há que se falar de hipertexto *stricto sensu* se os elos e nós propostos não forem abertos, pelo que a hipercomposição, não obstante potencializadora do hipertexto, não resulta suficiente para a constituição do hipertexto *stricto sensu*.

HIPERCOMPOSIÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DO HIPERTEXTO POTENCIAL

O problema fundamental com o qual se precisa lidar neste estudo, portanto, no que tange à hipercomposição como mecanismo de constituição do hipertexto é propriamente definir o que se esconde/desvela através do conceito de hipertexto.

Assim, que o hipertexto digital, para constituir-se como tal, demanda a intervenção criativa de autor(es) capaz(es) de desenvolver as potencialidades hipermidiáticas do hipertexto digital, resta fartamente sabido; que a autoria do hipertexto digital é normalmente compartilhada com uma equipe multiprofissional encarregada de garantir a multiplicidade de linguagens e possibilidades comunicacionais do hipertexto sobre substrato digital; que as decisões tomadas pelo corpo autoral do hipertexto estabelece limites, fecha algumas portas e abre outras portas possíveis para as escolhas do hiperleitor, constituindo-se, assim, em fator chave para a concretização *a posteriori* do hipertexto nas opções do hiperleitor; que, enfim, a hipercomposição estabelece balizas para a hiperleitura, parece dispensar demonstração, por obviedade patente.

Isto já aqui aponta para a condição singular da autoria compartilhada na produção do hipertexto digital, posto que a gama de profissionais que intervêm na produção dos hipertextos digitais mais complexos, dos artistas gráficos aos desenvolvedores e programadores, bem pode reivindicar a condição de coautoria na produção do hipertexto digital, posto que sem seu concurso, que muito extrapola os limites de mero trabalho técnico, não raro constituindo-se em verdadeira ação criativa, o texto do “autor” não lograria tornar-se hipertextual do

ponto de vista formal, isto é, assumir as condições que alhures neste estudo vai designado como hipertexto potencial e cujo grau de hipertextualidade a metodologia aqui desenhada busca indicar.

O caráter limitador/potencializador da hipermídia é fundamental para compor o panorama pleno do fenômeno hipertextual na contemporaneidade. Em si, a prevalência mesma do hipertexto digital na contemporaneidade é garantidora de sua importância como uma categoria pertinente aos estudos hipertextuais. Neste ponto, por certo, não há dissensões.

Contudo, tudo isto transborda automaticamente do hipertexto potencial para o hipertexto concreto? Sendo válido para o hipertexto digital, seria também válido para o hipertexto não digital, dado que a noção de hipertexto não se pode limitar ao ambiente digital? Por seu turno, não estaria em relação inconciliavelmente antitética com um conceito de hipertexto que situe a questão da hipertextualidade no âmbito da hiperleitura mais que da hipercomposição?

As questões que emergem, então, longe de deslegitimar a hipercomposição como variável importante do processo de compreensão do fenômeno hipertextual, apontam para a necessidade de delimitação do âmbito de influência da hipercomposição no que tange à dinâmica própria do hipertexto digital¹¹⁷.

Sendo assim, impõem-se alguns balizamentos: a. o hipertexto contém o hipertexto digital, mas a realidade do fenômeno hipertextual é maior que os contornos das TIC, pelo que o hipertexto digital não é toda a realidade do hipertexto; b. as marcas deixadas pelo processo de hipercomposição no hipertexto digital se circunscrevem ao hipertexto potencial, pois sua passagem ao hipertexto concreto não se dá sem o filtro coautorial do hiperleitor, sem a mediação da ação hiperleitora que constitui o hipertexto concreto e, por

¹¹⁷ A hipótese de a hipercomposição ser um condicionante do hipertexto *per se* implicaria a dependência do hipertexto em relação às TIC, o que de pronto restringiria o hipertexto a sua manifestação digital. Como a premissa deste estudo é da pré-existência do hipertexto às TIC, a hipercomposição só pode ter algum impacto sobre a manifestação digital do hipertexto, não sobre o *esse* da hipertextualidade.

consequente, magnifica ou narcotiza¹¹⁸ as opções consagradas no processo de hipercomposição; c. o hipertexto concreto nasce da hiperleitura e, como tal, é potencializado pelos processos de hipercomposição que constituem a infraestrutura do hipertexto potencial digital, mas não é dependente da hipercomposição para existir. Assim, a hipercomposição não é do esse do hipertexto concreto, embora o seja do hipertexto potencial digital e, como tal, circunscreve-se a essa parte do fenômeno, pelo que o argumento de Steimberg (2004) não se sustenta.

Não obstante tudo isto, esta não é uma posição pacificada na Academia. A defesa de um papel protagonista e definidor para a hipercomposição no processo de constituição do hipertexto digital – malgrado os que defendem essa linha, via de regra, defenderem também que o hipertexto é fruto e desdobramento das TIC e, como tal, apenas um fenômeno digital, o que vai refutado neste estudo – está ligada à noção das TIC como fundantes de um novo pensar, de uma nova dinâmica societária, de um novo fenômeno cognitivo interpessoal.

Neste ponto, não se há de lhes recusar certa coerência interna do argumento, embora falaciosa, posto que à defesa do papel central da hipercomposição na constituição do hipertexto se segue a consequente, malgrado infundada, restrição do hipertexto ao universo das TIC, recusando a existência do fenômeno hipertextual não digital.

Assim, partir dessa perspectiva teórica propugnada por não poucos, o hipertexto é dependente da hipercomposição porque ele é, essencialmente, hipermidiático, isto é, é sempre hipertexto digital, o que já se refutou alhures mais detalhadamente neste estudo.

Contudo, ainda que rejeitada sua centralidade ou primazia, a hipermídia desempenha papel significativo no fenômeno hipertextual na medida em que subsidia as proposições hipertextuais em ambiente digital, pelo que bem se pode dizer que o poder do autor – para passar ao largo, ao menos neste instante, das intrincadas relações autor/leitor no texto e hipertexto – é compartilhado com a

¹¹⁸ Cf. ECO, 2011, p. 70.

equipe multiprofissional encarregada da hipercomposição, na medida em que “*technoogy always empowers someone*¹¹⁹” (LANDOW, 2006, p. 335).

Nessa linha, ainda que rejeitando o epíteto de determinista tecnológico, por depreciativo, Ken Hillis (2004), na busca por uma via média entre determinismo tecnológico e construcionismo social, polos que ele apresenta como falsamente antitéticos, busca situar sua compreensão dos fenômenos tecnológicos nesse frágil equilíbrio pretendido, indicando que sua compreensão dos fenômenos tecnológicos orbita entre esses polos, ou melhor, cria espaços de convergência teórica entre eles ao considerar as tecnologias

seja, por exemplo, como meras ferramentas de valor neutro à disposição, seja como às vezes quase capazes de atuar, com os efeitos muitas vezes inadvertidos sobre as relações sociais que isso pode acarretar, [de modo crítico] para informar quaisquer posições teóricas a que se chegue *vis-à-vis* a essas tecnologias (HILLIS, 2004, p. 76).

Ora, se mesmo os que defendem o valor intrínseco das TIC como agentes de transformação *per se* não parecem confortáveis com a defesa de modelos que enfeixem no esse das tecnologias toda a sua força de concretização, este ponto redundante frontalmente discutível, para dizer o mínimo.

DA HIPERLEITURA COMO MECANISMO DE CONSTITUIÇÃO DO HIPERTEXTO CONCRETO: UM PASSO ALÉM DA TEORIA DA RECEPÇÃO E DAS PRETENSÕES DA HIPERCOMPOSIÇÃO

A questão central que se coloca, portanto, não está no caráter pretensamente determinante das TIC para configurar o hipertexto como tal e, conseqüentemente, no lugar que a hipercomposição e seus sujeitos ocupem nesse processo: isto é apenas a questão aparente.

¹¹⁹ “A tecnologia sempre empodera alguém” (tradução nossa).

O elemento central que se coloca – o ponto de inflexão da discussão teórica empreendida – é a concepção subjacente à categoria hipertexto que se queira evidenciar aqui ou alhures. Nesta questão, há que ser cristalino: as hipóteses levantadas para este estudo¹²⁰ implicam o deslocamento do ponto de virada da hipertextualidade do processo de hipercomposição para o processo de hiperleitura e, como tal, superam também uma compreensão da hiperleitura meramente à luz da Teoria da Recepção.

Da assunção da hipercomposição como elemento definidor do esse do hipertexto, importa necessariamente a conclusão de que a hipertextualidade é derivativa da forma do (hiper)texto, isto é, se poderia falar de configuração formal exterior do hipertexto, certamente em proveito do ponto de vista que argui que o hipertexto está condicionado à emergência das TIC. Assim, cria-se um nexos lógico-causal entre hipercomposição, hipertexto digital, TIC e cibercultura. Esse *continuum*, se admitido como um caminho trilhado, uma alternativa, uma possibilidade, nada tem de excepcional ou antitético em relação à tese aqui esboçada. Contudo, se tomado como a estrutura fundamental do hipertexto, como seu esse, reduz-lhe o escopo e amputa-lhe todo o universo da hipertextualidade não digital.

As inúmeras trilhas hipertextuais possibilitadas pelos elos e nós digitais do hipertexto eletrônico não criam uma determinação absoluta do processo hiperleitor de um sujeito dado: os *hyperlinks* criam possibilidades, não obrigam escolhas. Diante de um *hyperlink*, o sujeito hiperleitor escolhe abri-lo e iniciar uma trilha hipertextual ou prosseguir sua leitura, ultrapassando o vocábulo azulado sem dar atenção ao caminho que ele oculta/desvela. Decidido por seguir adiante, o hiperleitor iguala o elo ou nó digital a todas as outras unidades semânticas do (hiper)texto: isto já parece suficiente para atestar que a verdadeira força motriz do hipertexto é o hiperleitor, não o *hyperlink*.

Neste ponto, ainda que contraditoriamente, Jay Bolter (1991) é esclarecedor: “[...] *this is, after all, the nature of electronic texts: they appeal to*

¹²⁰ Cf. hipóteses à pag. 165 *et seq.*

*readers whose interests or needs have led them to that particular area in the network of all texts*¹²¹” (BOLTER, 1991, p. 240). A mera disponibilidade de percursos hipertextuais vários não constitui senão apenas isto: uma possibilidade, hipertextos possíveis, mas não factuais; potenciais, não concretos.

Para eles, assim, propõe-se aqui a categoria de hipertextos potenciais que, como tais, permanecem no espaço do devir. Só o movimento de constituição do percurso hipertextual – a hiperleitura em sentido estrito – reloca esse hipertexto no universo dos fatos, transformando-o em verdadeiro hipertexto – o hipertexto concreto – a partir daquilo que Bolter (1991) denominou de interesses e necessidades.

No entanto, os interesses e necessidades do hiperleitor que presidem a constituição do hipertexto concreto, no universo do hipertexto digital, sofrem limitações e direcionamentos pelo processo de hipercomposição, na medida em que os elos e nós disponibilizados no substrato digital são construídos a partir de escolhas da equipe autoral.

É de se investigar, embora não aqui, em que medida esses *hyperlinks* são determinantes para a configuração final do hipertexto concreto, ou seja, o impacto das escolhas hiperautorais nos percursos hipertextuais constituídos pelos hiperleitores. Isto é, se por um lado não há que se negar que os elos e nós digitais abrem janelas e convidam o hiperleitor a adentrá-las, não resta provado se isto faz com que os hiperleitores reduzam seu espectro de possibilidades hipertextuais aos limites dos *hyperlinks* dados, isto é, se o potencial hipertextual das lexias não hiperconectadas reste hipertrofiada. Não obstante, uma análise inicial, à luz do senso comum, pareça dizer que sim, o que importaria à hipercomposição uma condição, no mínimo, contraditória.

Inúmeras unidades semânticas não hipermediáticas convivem em um hipertexto digital potencial com *hyperlinks*. Também elas carregam uma miríade

¹²¹ “[...] é esta, afinal, a natureza mesma dos textos eletrônicos: eles atingem os leitores cujos interesses ou necessidades os levaram àquela zona específica do conjunto de todos os textos” (tradução nossa).

de possibilidades de trilhas hipertextuais a partir dos sentidos cujas portas elas abrem. Todavia, a decisão dos hipercompositores de não construir uma ponte com outra unidade textual a partir daquela porta, que do ponto de vista do universo digital permanecerá irremediavelmente fechada, não anula seu potencial semântico e discursivo. Se restar aceita a premissa de que o processo de hiperleitura constitui em hipertextos concretos, ao menos idealmente, hipertextos não digitais e, até mesmo, textos de formatação tradicional, então essas unidades semânticas não hipermediatizadas poder-se-ão abrir em trilhas hipertextuais, contraditando ainda uma vez a tese de que o hipertexto dependa da hipercomposição.

Hipertexto e Adaptive Hypermedia

No campo da hipermídia, não se pode deixar passar ao largo o problema da *Adaptive Hypermedia* (AH). Sua condição de adaptabilidade, ao tempo em que impulsiona um ritmo mais dinâmico e confortável para o usuário, restringe na mesma medida a autonomia final dos sujeitos, como que submetendo-os ao império de suas escolhas pretéritas ou à interpretação dessas escolhas pelo algoritmo de base.

Logo, não obstante tudo isto, não se pode deixar de considerar o impacto da AH nos hipertextos concretos cuja tecnologia de base está construída a partir de premissas da AH. Dado que,

*by adaptive hypermedia systems we mean all hypertext and hypermedia systems which reflect some features of the user in the user model and apply this model to adapt various visible aspects of the system to the user*¹²² (BRUSILOVSKY, 1998, p. 2),

¹²² “por sistema hipermiático adaptável entendemos todos os sistemas hipermediáticos e hipertextuais que refletem alguma característica do usuário no modelo de usabilidade e aplica esse modelo para adaptar ao usuário vários aspectos visíveis do sistema” (tradução nossa).

Assim, a utilização de AH repactua as fronteiras entre autor e hiperleitor, estabelecendo novas áreas de confluência e de atrito, novos espaços de entrecruzamento e entrechoque. Neste ponto, há que se convergir com Pierre Lévy (2007) e conceder que

*le navigateur peut se faire auteur de façon plus profonde qu'en parcourant un réseau préétabli: en participant à la structuration de l'hypertexte, en créant de nouveaux liens. Certains systèmes enregistrent les chemins de lecture et renforcent (rendent plus visibles, par exemple) ou affaiblissent les liens en fonction de la manière dont ils sont parcourus*¹²³ (LÉVY, 2007, p. 15).

A realidade descrita por Pierre Lévy (2007), portanto, não deixa ter seu lado problemático. O desenvolvimento de tecnologias que se adaptam ao usuário acrescentou um novo nível de direcionamento, de determinação tecnológica, à práxis hiperleitora dos sujeitos sobre substrato hipermediático. AH acaba por ser tanto um facilitador quando um dificultador do processo cognitivo.

Importa também considerar que outro nível de coletividade é introduzido, na medida em que “*la communauté des navigateurs*” passa a ser um agente do processo de determinação dos caminhos hipertextuais. Leitor e autores – tomados no contexto do *groupware* em que se constituem no processo de hipercomposição os sujeitos implicados nesse trabalho multiprofissional – já constituem entre si uma coletividade implicada em um trabalho coletivo, ainda que ordinariamente a distância, no tempo e no espaço, e de modo anônimo. Também esta imbricação pode ser definida como *groupware*¹²⁴ para os efeitos que se

¹²³ “o navegador pode ser mais profundamente autor em uma navegação na rede pré-estabelecida: através da participação na estruturação do hipertexto, criando novos elos. Alguns sistemas registram os percursos de leitura e reforçam (tornam-nos mais visíveis, por exemplo) ou enfraquecem os elos de acordo com a forma como eles são pesquisados pela comunidade de navegadores” (tradução nossa).

¹²⁴ Não obstante a categoria parecer apropriada, não se quer aqui secundar Lévy (1993; 2000) quanto aos desdobramentos propostos pelo filósofo francês em relação a esses *groupwares* quando articulados ao conceito de inteligência coletiva urdido por ele, por empréstimo àquele relativo aos insetos sociais. Ademais, como dito alhures, os caminhos propostos por Pierre Lévy neste campo como que replicam de modo novel, sem dúvida, mais ainda reconhecível, aquilo que o Doutor Angélico já refutara fartamente em relação ao erro dos averroístas em sua leitura do *De Anima* de Aristóteles no que tange à unidade do intelecto (Cf. TOMÁS de Aquino, 1999, *passim*).

propõe. Neste contexto, a influência desse corpo amorfo da “*communauté des navigateurs*” não deixa de ser um complicador.

Ao adaptar sistemas hipermidiáticos e hipertextuais a determinadas características dos usuários, o sistema certamente otimiza o tempo dos hiperleitores, ocultando previamente opções improváveis a partir de um padrão previamente “aprendido” pelo sistema.

Contudo, a virtude mesma do hipertexto que reside em sua abertura a infinitas possibilidades se vai reduzindo na proporção direta da adaptação do sistema em questão. Também, a escolha das variáveis de aprendizado do sistema torna-se um nível suplementar de poder dos autores – no caso em questão, dos desenvolvedores do *software* notadamente – em adendo à escolha e constituição dos elos e nós hipermidiáticos do hipertexto, que já constituem um nível de poder formidável *per se*.

Assim, paradoxalmente, AH torna-se um fator limitador perigoso em certas áreas do conhecimento ou certas atividades mediadas por hipermídia, notadamente naquelas em que a plena liberdade de escolha de percursos hipertextuais inusitados até é da natureza mesma do hipertexto e sua característica mais celebrada, ao tempo em que se converte em um auxílio precioso em outras, na medida em que

*the goal of the most popular method of content adaptation [...] is to hide from the user some parts of information about a particular concept which are not relevant to the user's level of knowledge about this concept. [...] On the contrary, additional explanations usually required by novices to understand concept can be hidden from users with a good level of knowledge of the concept because they do not need these explanations anymore*¹²⁵ (BRUSILOVSKY, 1998, p. 18).

¹²⁵ “o objetivo do método mais popular de adaptação de conteúdo [...] é esconder do usuário partes da informação sobre um conceito dado que não são relevantes para o nível de conhecimento do usuário acerca desse conceito. [...] Por outro lado, explicações adicionais normalmente requeridas por usuários novéis para a compreensão do conceito podem ser escondidas de usuários com um bom nível de conhecimento do conceito, dado não serem mais necessárias” (tradução nossa).

Ao fim e ao cabo de tudo isto, resta sempre o fato de que o usuário, no hipertexto digital, tem suas escolhas delimitadas e predeterminadas a partir de premissas estabelecidas pelo sistema hipermidiático, de que os autores preestabelecem padrões de referência para a apresentação ou ocultação de informações, de que os critérios para a escolha de que elos e nós prover e quais desprover, bem como que variáveis habilitar para o aprendizado de um sistema hipermidiático e hipertextual à base de AH, vai reempoderando o autor, desta feita em seu formato colaborativo e multiprofissional atinente à autoria hipermidiática, na relação com o (hiper)leitor.

Contudo, embora tudo isto seja verdade no que tange à possibilidade de abrir uma “página” outra a partir de um *hyperlink*, nada disto limita ou condiciona a operacionalização do significado no campo cognitivo, a construção do percurso hipertextual no âmbito da hiperleitura não materializada, isto é, a remissão a textualidades conservadas no patrimônio de leituras do sujeito e acessíveis sempre e quando ele decide resgatá-las e ressignificá-las. Neste âmbito, o hiperleitor permanece sempre livre e sujeito de seu próprio processo de construção dos sentidos e percursos do hipertexto.

CAPÍTULO V – SOBRE O PENSAR E O CONHECER NA PESQUISA EMPÍRICA.

Toda pesquisa é sempre e sobremaneira um pensar/fazer¹²⁶ acerca de uma realidade que se que conhecer. Nesse sentido, na pesquisa científica estão implicados a curiosidade, o método e os arquétipos de mundo e de Ciência a partir dos quais um problema de pesquisa é proposto e abordado a partir da racionalização da experiência, pois “todo conhecimento começa com a experiência por isso se origina da experiência¹²⁷” (FIGUEIREDO, 2011, p. 28). Logo, toda pesquisa científica é um pensar sobre, é um implicar-se¹²⁸ cognitivamente com/na realidade.

Consoante a tradição kantiana,

pensamos problemas para os quais não *conhecemos* respostas, *conhecemos* a natureza na medida em que

¹²⁶ Pensar/fazer quer evidenciar a unidade fundamental entre reflexão e ação no âmbito da produção de conhecimento. Essa unidade está na base da concepção de qualquer abordagem científica de um problema de pesquisa dado.

¹²⁷ Não se quer aqui mergulhar na ampla discussão entre empiristas e idealistas quanto à origem e ao começo do conhecimento, quanto à natureza da razão e sua função na cognição. É bastante aqui asseverar que, neste ponto, a solução kantiana satisfaz os pressupostos epistemológicos deste estudo.

¹²⁸ Alhures se discute o problema da neutralidade na pesquisa que, de certo modo, se anuncia com a ideia de implicação.

determinamos fenômenos sensíveis enquanto objetos de experiência e os *pensamos* como partes de uma totalidade irreduzível a toda verificação¹²⁹ (FIGUEIREDO, 2011, p. 27).

Assim, dois movimentos são convergentes no propósito de encadear o pensamento racional na busca por respostas concernentes aos problemas do conhecimento imanente: uma epistemologia que oriente a abordagem sistemática de um fenômeno, um pensar sobre o cognoscível, e um método que guie um fazer metódico e racionalizável no abordar do fenômeno, posto que toda Ciência precisa de um método, isto é, “de um procedimento **segundo princípios** da razão, pelo qual, unicamente, o múltiplo de um conhecimento pode tornar-se um **sistema**¹³⁰” (KANT, 2011a, p. 239).

Toda a pesquisa se articula a partir dessa tensão entre a necessidade de uma formulação teórica que conduza a reflexão e uma formulação metodológica que conduza a apreensão da realidade, na medida em que “boa parte da ciência é uma criação do entendimento e da razão humana que antecede qualquer relação empírica” (FIGUEIREDO, 2011, p. 28).

Este é, de fato, um problema antigo e sempre novo da Ciência ou, mais precisamente, da Gnosiologia em primeiro lugar. Para não deixar lugar a ambiguidades, já aqui se vai patentear que lugar se ocupa nessa disputa, sem pretensão de resolver o problema gnosiológico ou acrescentar elementos novos a essa discussão.

Assim, o conhecimento é aqui tomado como construído historicamente a partir da elaboração que se faz da realidade que não antecede nem sucede a percepção, mas nela se engendra. Contudo, conhecimento e verdade não são necessariamente sinônimos, porque a verdade tomada como relativa já não é plenamente verdade; a verdade cujo campo de validação lhe seja externo já não se sustenta independente. Logo não se chega à verdade por indução sem que algo lhe venha por dedução.

¹²⁹ Grifos do autor.

¹³⁰ Grifo do autor.

Ao conhecimento, porém, a pura indução só conduzirá em primeiríssima reflexão, posto que daí em diante a Dialogia interminável inerente à linguagem e ao conhecimento como que já não permitem sua pureza: haverá sempre algo de dedutivo, embora não necessariamente algo de empírico.

A compreensão de que o *cogito* se articula – e aqui já insinua uma noção de práxis – dialogicamente não é acidental, mas toca sua essência, considerando que o

*Dialogism is a form of architectonics, the general science of ordering parts into a whole. In other words, architectonics is the science of relations. A relation is something that always entails ratio and proportions. In addition, Bakhtin emphasizes that relation is never static, but always in the process of being made or unmade*¹³¹ (HOLQUIST, 2004, p. 29).

Neste ponto, há que se dizer claramente: a verdade não pertence ao campo da especulação empírica – pois “um sentido produzido por nós mesmos, em última análise, deixa de ser sentido. O sentido¹³², ou seja, o chão sobre o qual pode firmar-se e viver a nossa existência como um todo, não pode ser produzido, ele só pode ser recebido” (RATZINGER, 2006, p. 55) – e, portanto, não cabe às Ciências Naturais¹³³. Tudo o que se chama de verdade no campo da especulação empírica é contextual, é histórico, é circunscrito ao método e ao nível de percepção e tudo isto está muito aquém da Verdade e o que se denomina verdade no campo da Ciência é, na verdade, conhecimento validado e, em lugar do problema da Verdade, propôs-se o problema da validação que descende, por assim dizer, do problema da demarcação,

¹³¹ “Dialogismo é uma forma de arquitetura, a ciência geral do ordenamento das partes no todo. Em outras palavras, a arquitetura é a ciência das relações. Uma relação é algo que sempre implica uma racionalidade e proporções. Além disso, Bakhtin enfatiza que uma relação nunca é estática, é sempre um processo que se está construindo e desconstruindo” (tradução nossa).

¹³² Isto é, a verdade.

¹³³ No limite, a busca de sentido cabe, certamente, à Filosofia e só assim, contida a Filosofia no campo das Ciências, caberá à Ciência. Entretanto, nestes tempos, a Filosofia parece querer ocupar-se de problemas mais “terrenos” e como que não se percebe a problematização do que se passou a chamar de questões da velha Metafísica. De certo modo, a Filosofia ainda precisa escapar do “beco sem saída” em que Kant a colocou: não poderá haver Filosofia sem a busca do sentido último.

o problema de estabelecer um critério que nos habilite a distinguir entre as ciências empíricas, de uma parte, e a Matemática e a Lógica, bem como os sistemas “metafísicos” de outras. Esse problema foi abordado por Hume, que tentou resolvê-lo. Com Kant, tornou-se o problema central da teoria do conhecimento. Se, acompanhando Kant, chamarmos ao problema da indução “problema de Hume”, poderíamos chamar ao “problema de Kant” o problema da demarcação (POPPER, 2007, p. 35).

Por tudo isto, há que se distinguir o problema da verdade ontológica e do problema da verdade empírica e, no espaço deste estudo, abandonar o primeiro em função do segundo em relação ao qual a verdade será tratada doravante.

De pronto, há que se reconhecer uma concessão fundamental ao método hipotético-dedutivo tal como apresentado por Popper (2007, *passim*) como matriz de abordagem gnosiológica, sem prejuízo de uma visão fenomenológica do conhecimento, na medida em que

os conhecimentos não se seguem simplesmente aos conhecimentos à maneira de mera fila, mas entram em relações lógicas uns com os outros, seguem-se uns aos outros, “concordam” reciprocamente, confirmam-se, intensificando, por assim dizer, a sua força lógica (HUSSERL, 1989, p. 40).

Assim, a abordagem hipotético-dedutiva, articulada mediante um instrumental fenomenológico e praxiológico ao sabor de uma compreensão construtivista da produção do conhecimento, permite a elaboração de um método que, concebido a partir de uma retomada de quanto se produziu acerca do objeto¹³⁴ e da contemplação do fenômeno, se estrutura no levantamento de

¹³⁴ A “revisão de literatura” de que se fala neste ponto não se pretende exaustiva: primeiro, porque tal pretensão redundante, via de regra, frustrada pelos limites inexequíveis que se impõe; segundo, porque, excetuadas as pesquisas sobre o estado da arte, tal exaustividade redundante incapaz de contribuir objetivamente para a qualidade do edifício teórico que se pretende erguer; terceiro, porque ao assumir uma proposição de matiz praxiológico, assume-se a concepção de conhecimento que se constrói no diálogo entre teoria e práxis, ciência que não se formula como que *in vitro* para se verificar *in situ*, como se a dinâmica da vida concreta pudesse ser suspensa para garantir a validade, *ceteris paribus*, de um pressuposto teórico dado. Ao contrário, a Praxiologia supõe um diálogo que implica mais a proposição de um modelo em condições dinâmicas que o controle de variáveis e a proposição de postulados universais *ceteris paribus*. Assim, trata-se verdadeiramente de uma retomada de questões que se entende atinentes ao objeto em questão consoante – e este ponto é fundamental – a opção manifesta do pesquisador por estes pressupostos teóricos e não por aqueles. Tal retomada, honestamente manifesta, situa o estudo em um lugar teórico a partir do qual ele pode ser avaliado e, portanto, é rigorosa e metodologicamente consequente. Por outro lado, importa

hipóteses que serão verificadas em um procedimento de empiria marcado pelos dois eixos epistemológicos deste estudo: a Praxiologia como instrumental para abordar o hipertexto como processo que se institui mediante a hiperleitura e a Fenomenologia como instrumental para abordar o hipertexto como ato, como construto, como um fenômeno, um vivido intencionado que se pode individualar.

Por tudo isto, o pesquisar é, portanto, um expor-se no qual o pesquisador está intimamente comprometido seja em virtude de sua elaboração teórica e pressupostos racionais, seja em virtude de sua implicação praxiológica – embora não haja aqui oposição, mas complementaridade – e a única neutralidade possível é a neutralidade obtida do pleno desvelamento dos condicionantes que subjazem à abordagem científica – metodologia e método – e conformam o construto científico.

Neste ponto, a implicação praxiológica e a redução fenomenológica convergem e contrabalanceiam-se para possibilitar uma abordagem do fenômeno hiperleitor que contemple o necessário engajamento – para que se possa acessar o estado/momento de produção de um percurso hipertextual dado – e o indispensável afastamento fenomenológico que busca uma contemplação do vivido – na tentativa de olhar “*para* o que normalmente olhamos *por intermédio*”¹³⁵ (SOKOLOWSKI, 2010, p. 59) – sob o signo de uma neutralidade científica que se concebe enquanto

um compromisso ético de fidelidade e coerência teórico-metodológica ante o objeto, para evitar o perigo de se transformar o método científico em uma maneira de se justificar posições incompatíveis com o fato empírico observado, não uma isenção absoluta ante o objeto, uma anulação da subjetividade do pesquisador, uma abstração de si mesmo, um esvaziamento (NONATO, 2006, p. 127).

também considerar que o diálogo com os autores na construção da proposta teórica que aqui vem apresentada se dá em um clima de dialética colaboração. Não se trata, portanto, de levantar meramente quanto foi elaborado a respeito do tema para situar a teoria novel em um contexto histórico ou em uma tradição científico-acadêmica, ao modo da revisão de literatura clássica na pesquisa empírica, mas trata-se de trazer esse patrimônio para o contexto de diálogo e, ao assumir alguns pontos de determinados autores e/ou rejeitar alguns outros, estabelecer uma verdadeira relação dialética e dialógica, não obstante muitas vezes diacrônica.

¹³⁵ Grifo do autor.

Concordante, o filósofo afirma que

não há necessidade nem possibilidade de “limpar” o conhecimento humano dos elementos subjetivos e das mediações intersubjetivas, ou seja, dos interesses práticos e dos matizes da linguagem. Enquanto lidamos com problemas dos quais não podemos escapar, temos de pressupor, não só na fala como também na ação, um mundo objetivo que não foi construído por nós e que é em grande parte o mesmo para todos nós (HABERMAS, 2007a, p. 57-58).

Tal reconciliação entre o mundo das coisas e o mundo dos sujeitos não é insignificante para a Ciência. Todo o viver é assim um ato mediado; toda existência se dá na dialética da relação entre sujeitos e objetos, entre sujeitos e sujeitos sob o sinal perene da mediação. Nessa linha, não se pode escapar da compreensão de que

todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor¹³⁶, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3).

Tal percepção da Ciência e das coisas precisa ser moderada por uma percepção social dos fenômenos. Neste ponto, este estudo encontrou na articulação entre Fenomenologia e Praxiologia a *via media*¹³⁷ pela qual trilhar e, através dela, desenvolver um método que pudesse abordar o problema do hipertexto como práxis e do hipertexto como ato.

O lastro epistemológico que se propõe para este estudo permite o desenvolvimento de um método – Método de Aferição de Hipertextualidade Potencial e Concreta – que considere a dimensão processual, intersubjetiva e

¹³⁶ O problema do rigor será abordado alhures.

¹³⁷ Por *via media* se quer aqui indicar o caminho do equilíbrio dialeticamente construído, rejeitando-se de partida que ela possa ser alcançada mediante o simples entrecruzar de teorias díspares. O esforço dialético consiste, neste caso, na confrontação de perspectivas que, mesmo distintas, permitem áreas de contato e servem – este é o aspecto mais importante – como instrumental eidético para abordagem de um problema concreto, seja fornecendo elementos que convirjam para a significação desse fenômeno, seja ofertando instrumentos conceituais capazes de dar conta de determinado aspecto do fenômeno, ainda que não do todo.

dialógica da hiperleitura – portanto, praxiológica – e a dimensão fenomenológica do ato hiperleitor.

Desse ponto de partida epistemológico, por conseguinte, a pesquisa é entendida como uma tomada de posição ante a realidade, um posicionar-se frente ao mundo e, como tal, um ato pleno de subjetividade no âmbito dessa “duplicidade imanente da pesquisa: a objetividade dialética do fato estudado e a subjetividade dialógica da análise procedida” (NONATO, 2006, p. 127). Todo conhecimento científico é uma aproximação e o achado científico um modo de abordar o fenômeno, dado que

o conceito de conhecimento como representação é indissociável do conceito de verdade como correspondência. [...] A verdade que alegamos para uma proposição aqui e agora, no nosso contexto e na nossa linguagem, deve transcender qualquer contexto dado de justificação (HABERMAS, 2007a, p. 59).

Contudo, a Ciência jamais se contentou com essa limitação em seu projeto de apropriação da verdade ontológica, de acessar a coisa em si, na busca por ser capaz de atingir uma verdade apodítica que possa enquadrar-se em critérios de atemporalidade e invariabilidade, muito embora ela a queira construir a partir de um encadeamento de sentenças havidas como verdadeiras sob o signo do contexto.

Aqui jaz a contradição irrecorrível de um Empirismo como que dogmático: da plataforma da História, a Ciência se quer alçar ao eterno negando, portanto, o próprio dinamismo da própria História e a circunstanciabilidade como condicionante inerente à História mesma.

Neste campo, inescapavelmente, a Ciência flerta com a Fé, porque o ato de fé parece ser inerente ao acesso ao conhecimento científico, à verdade como um desdobramento natural da condição mediada da existência e da inacessibilidade direta da realidade como um dado puro e virginal, intocado e não contaminado pela História.

Em toda a sua negação da Metafísica, em todo o seu esforço por cercar-se de objetividade e factualidade, a Ciência Moderna conseguiu apenas construir-se supondo-a, como que a ressoar o Estagirita ao afirmar que

*the most difficult nearly for men to know are the things that are especially universal, for they are most remote from the senses. But the most accurate of the sciences are those respecting things that are primary, in the most eminent sense of the word; for those from fewer principles are more accurate than those said to be from addition, as arithmetic and geometry*¹³⁸ (ARISTOTLE, 2007, p. 5).

Por seu turno, nota-se a rebelião da *ratio* ocidental contra a Fé como balizadora da Verdade como que se mostra na opção da Ciência Moderna por uma negação de toda Metafísica, em muito ultrapassando a posição kantiana, e sua

limitação aos “fenômenos”, ou seja, àquilo que aparece e que deve ser submetido ao nosso controle. Desistimos de procurar o lado em si das coisas, aquilo que não aparece; já não sondamos a essência do próprio ser, não vemos sentido nessa tentativa, porque a profundidade do ser nos parece inatingível. Já nos acostumamos com essa perspectiva que só toma em consideração o visível, no sentido mais amplo do termo, e aquilo que temos condição de medir. A metodologia das ciências se baseia nessa limitação aos fenômenos. Eles nos bastam (RATZINGER, 2006, p 44-45).

Neste ponto, como que por uma autolimitação prudencial, a investigação científica opta por limitar conceitualmente a *physis* e “a palavra *natureza* assume ainda outro significado, que determina o objecto. [...] Portanto, *materialiter* considerada, a natureza é a *totalidade de todos os objectos da experiência*¹³⁹” (KANT, 2008b, p. 67).

Neste ponto, a tradição insular parece ter encontrado um modo bastante preciso de desvelar sua noção de ciência:

¹³⁸ “as coisas universais são as mais difíceis de conhecer para os homens, por estarem muito distantes dos sentidos. Contudo, a mais perfeita ciência se dá sobre aquilo que é primário no mais eminente sentido da palavra; pois são mais acurados aqueles desenvolvidos a partir de menos princípios do que aqueles desenvolvidos por adição, como aritmética e a geometria” (tradução nossa).

¹³⁹ Grifos do autor.

*Science is an enterprise **exclusively** concerned with knowledge and understanding of natural phenomena¹⁴⁰. Scientists want to know and understand things. They want to be able to say: If we do such-and-such, then so-and-so will happen (KERLINGER,¹⁴¹ 1979, p. 3)¹⁴².*

Também Karl Popper verá no método empírico o modo seguro de caracterizar a Ciência Moderna o modo seguro de precaver-se de concepções metafísicas, na medida em que

[...] se caracterizarmos a ciência empírica tão-somente (Sic!) pela estrutura lógica ou formal de seus enunciados, não teremos como excluir dela aquela dominante forma de Metafísica proveniente de se elevar uma teoria científica obsoleta ao nível de verdade incontestável. Minhas razões para propor que a ciência empírica seja caracterizada por seus métodos são: nossa maneira de manipular sistemas científicos, aquilo que fazemos com eles e aquilo que fazemos a eles (POPPER, 2007, p. 52).

A busca, portanto, por uma verdade autorreferente é a contínua reproposição de uma disputa entre a verdade ontológica e a verdade pragmática, entre a verdade como revelada e a verdade como construído, entre o *verum est ens* e o *verum quia factum* que, na progressão da dessacralização da verdade tornou-se também *verum quia faciendum* – “essa é a fórmula que representa o fim propriamente dito da velha metafísica e o início do espírito especificamente moderno” (RATZINGER, 2006, p. 45) – em um movimento de suplantação da

¹⁴⁰ Grifo nosso.

¹⁴¹ Não obstante, professor da Universidade de Amsterdam, Frederich Nicholas Kerlinger situa-se epistemologicamente no espectro da tradição empirista insular que, paradoxalmente, teve seus maiores expoentes no século passado nos Estados Unidos da América, berço de Kerlinger, não obstante a Universidade de Amsterdam estar, de certo modo, sob o arco de influência de uma concepção humboldtiana de universidade e de ciência que configura um quadro singular do que se poderia chamar de síntese dialética germânica do binômio idealismo-empirismo na Ciência. Nesse sentido, é muito apropriado tomá-lo como lídimo representante de uma concepção insular de ciência, posto que esse designativo há muito perdeu qualquer noção propriamente geográfica e indica propriamente uma filiação epistemológica, não obstante a força remanescente de cada tradição epistemológica no espaço sócio-histórico em que surgiram.

¹⁴² A Ciência é uma atividade exclusivamente preocupada com o conhecimento e o entendimento dos fenômenos naturais. Os cientistas querem saber e compreender as coisas. Eles querem ser capazes de dizer: se fizermos tal e tal, então tal e tal acontecerá” (tradução nossa).

Ciência pela Tecnociência¹⁴³ não menos agressiva para com a primeira do que ela fora para com a Fé¹⁴⁴, não obstante o que de metafísico resiste na Ciência Empírica mesmo na concepção de empiristas convictos como Popper. Isto bem se percebe ao conceder que

é impossível negar que, a par de idéias metafísicas que dificultaram o avanço da Ciência, têm surgido outras – tais como as relativas ao atomismo especulativo – que o favoreceram. Encarando a matéria do ponto de vista psicológico, inclino-me a pensar que as descobertas científicas não poderiam ser feitas sem fé em idéias de cunho puramente especulativo e, por vezes, assaz nebulosas, fé que, sob o ponto de vista científico, é completamente destituída de base e, em tal medida, é “metafísica” (sic!) (POPPER, 2007, p. 39-40)¹⁴⁵.

Há que se resguardar, contudo, que a tensão entre um conhecimento meramente empírico e a resistência da Metafísica em propor-se como um conhecimento viável sob critérios modernos é incessante e, desde as críticas kantianas, lograram à Metafísica um lugar próprio a par da Ciência Moderna e a despeito de seu sucesso e hegemonia.

De certo modo, a Fenomenologia realiza uma síntese singular entre toda experiência de verdade e de conhecimento da Ciência Moderna, permitindo um resgate metafísico pelo caminho da redução fenomenológica e da redução eidética.

¹⁴³ “Historicamente, a técnica surgiu antes da ciência, pois podem-se construir máquinas sem compreender os princípios do seu funcionamento. O progresso arrancou verdadeiramente só quando a técnica e a ciência se uniram na tecnologia” (COSTA PEREIRA, 2007, p. 56). Por seu turno, é também elucidativo dessa questão o fato de que essa imbricação entre técnica e ciência só foi possível quando o paradigma de verdade e conhecimento migrou da ontologia para o experimentalismo, já que “os cientistas da Antiguidade e da Idade Média estavam convencidos de que o saber das coisas humanas não passava de *techné*, ou seja, de habilidade artesanal, não podendo nunca chegar ao nível do conhecimento verdadeiro, isto é, da verdadeira ciência” (RATZINGER, 2006, p. 46).

¹⁴⁴ Cf. RATZINGER, 2006, p. 44-52.

¹⁴⁵ Destarte essa concessão, Karl Popper logo em seguida trata de protestar sua adesão incondicional ao empirismo que, por amor à honestidade científica, aqui segue: “apesar de eu haver feito todas essas advertências, continuo a considera que a primeira tarefa da lógica do conhecimento é a de elaborar um *conceito de ciência empírica*, de maneira a tornar tão definida quanto possível uma terminologia até agora algo incerta, e de modo a traçar uma clara linha de demarcação entre Ciência e idéias metafísicas – ainda que essas idéias possam ter favorecido o avanço da Ciência através de sua história” (POPPER, 2007, p 40).

Assim, se conhecer reduziu-se a experimentar – e aqui está a base do primado do método experimental e da Ciência dita dura sobre toda forma de conhecimento e/ou sobre as Ciências Sociais e, no limite, o próprio monopólio da noção de Ciência –, a redução fenomenológica como princípio fundante da relação com o ente na elaboração do conhecimento científico é condição da objetivação dos fenômenos sem a qual não há Ciência Moderna, ou, ao menos, é sua condição de redenção da aporia empirista que, no limite, conduz à esterilidade ceticista.

Contudo, importa aqui pontuar que a redução eidética, tomada no limite do argumento, não deixa de apresentar graves dificuldades de ordem pragmática – a condição de efetiva implementação de uma abordagem plenamente eidética dos fenômenos – e de ordem conceitual – como acessar uma construção totalmente eidética, levando o idealismo à negação da sensibilidade. Husserl (1989; 2006) parece querer solucionar com a razão o que Santo Tomás solucionou pela Revelação que, no contexto de uma Filosofia senão totalmente a partir da Teologia, mas de certo totalmente para a Teologia, fornece uma solução satisfatória. Neste ponto, além da apresentação desse dilema da Fenomenologia não se vai nestas linhas.

Afastada, porém, a discussão tomista pela circunscrição da discussão à Ciência Natural¹⁴⁶, há que se secundar Kant (2011b) neste ponto e conceder na impossibilidade de

perceber as coisas externas; ao contrário, eu só posso inferir de minha percepção interior a sua existência ao considerar essa percepção como o efeito do qual alguma coisa externa é a causa mais próxima. Ora a inferência de um efeito dado a uma causa determinada é sempre incerta porque o efeito pode resultar de mais de uma causa. Por conseguinte, na relação da percepção com a sua causa, a questão de saber se essa causa seria interna ou externa é

¹⁴⁶ Talvez, contudo, esta seja a raiz do problema: a artificialidade da oposição entre Ciência Natural e Ciência Transcendental, entre Metafísica e Empíria, na busca de uma solução racional para o problema do conhecimento. O divórcio entre Empíria e Metafísica já parece plenamente estabelecido desde o século XIX, se tanto. Outrossim, esse divórcio deixou irresolvidas questões fundamentais tais como a percepção ou o grau de acessibilidade da coisa em si que voltam recorrentemente para assombrar a Empíria e, sem os quais, os critérios de validação acabam sempre por ter algo de tautológico.

sempre duvidosa, ou seja, se todas as percepções chamadas externas não seriam um simples jogo do nosso sentido interno, ou se elas se relacionariam com objetos como a suas causas. Pelos menos, a existência desses objetos é tão-somente inferida e corre o risco de todas as inferências, enquanto, ao contrário, o objeto do sentido interno (“eu” mesmo com todas as minhas representações) é percebido imediatamente, e a sua existência não sofre absolutamente nenhuma dúvida (KANT, 2011b, p. 259).

Aqui o Idealismo retoma o caminho do equilíbrio.

De certo modo, o problema da negação da Metafísica – determinante ou determinada pela negação de toda forma de dedução e apriorismo e imune à aporética que se toma não como constatação de uma limitação da razão, mas como manifestação da inferioridade da dedutibilidade – está na base do *ethos* da Ciência Moderna que desde muito cedo trouxe consigo uma raiz ceticista que, cedo ou tarde, volta para assombrar a Ciência que, malgrado se queira, não se sustem isenta de todo ato de fé¹⁴⁷.

Antes, contudo, de prosseguir, não obstante não se vá aqui lançar mão propriamente desses “direitos epistêmicos”, há que se ressaltar os “direitos” de *Episteme* que competem à Fé, na medida em que

a expectativa de uma não convergência continuada entre fé e conhecimento só pode merecer o atributo de “sensata” se for admissível que as convicções religiosas ganhem também, na perspectiva do conhecimento secular-profano, um status epistêmico que não seja pura e simplesmente irracional. É por isso que na esfera política pública as visões naturalistas do mundo – que, baseando-se numa elaboração especulativa de informações científicas, são relevantes para o autoconceito ético dos cidadãos – não gozam de antemão de prerrogativas em relação às concepções ideológicas ou religiosas concorrentes. A neutralidade ideológica do poder do Estado que garante as mesmas liberdades éticas a todos os cidadãos é incompatível com a generalização política de

¹⁴⁷ Embora, aqui não se trate propriamente de fé religiosa, o princípio cognitivo é o mesmo, pelo que se pleiteia que a pretensão de negar à Fé todo e qualquer valor epistemológico – como parece ser o caso dos empiristas mais radicais – é um ato que condena as próprias bases da Ciência. No limite, a purificação do Conhecimento de toda sombra de Fé é uma aporia incontornável. Toda objetividade e neutralidade na Ciência Moderna, toda demonstrabilidade e experimentalismo, enfim, todos os esforços de deslegitimação da Metafísica não são capazes de resolver um problema primário: conhecer supõe um ato de fé, ainda que seja nas evidências, ou então entra-se no campo do acesso puro e direto à coisa em si.

uma visão de mundo secularizada¹⁴⁸ (HABERMAS, 2007b, p. 56-57).

Contudo, retomando a linha de reflexão brevemente interrompida, a Ciência Empírica pura engendra-se em caminhos irrecorrivelmente aporéticos, pois, malgrado sua invocação de generalidade, “a experiência direta fornece apenas a singularidade e não generalidades; *ela, portanto, não basta*”¹⁴⁹ (HUSSERL, 2006, p. 63).

Assim, pois, primeiramente com vistas a todo o conhecimento que concerne à existência das coisas (portanto com exclusão ainda da Matemática), o **empirismo** foi introduzido como a única fonte dos princípios, mas com ele, ao mesmo tempo, o próprio **ceticismo** mais implacável com vistas a toda ciência natural (enquanto filosofia). Pois, de acordo com tais proposições fundamentais, jamais podemos **inferir** de determinações dadas das coisas, segundo suas existências, uma consequências (pois para isso requer-se-ia o conceito de causa, que contém a necessidade de uma tal conexão) mas somente esperar, de acordo com a regra da faculdade da imaginação e como de costume, casos semelhantes, expectativa essa que, porém, jamais é segura, por mais frequentemente que ela se realize¹⁵⁰ (KANT, 2011a, p. 83).

Kant parece propor aqui uma reflexão muito atual sobre o problema da generalização e sobre o *status* que a generalização deva ocupar no processo de construção dos enunciados científicos. No que toca às proposições deste estudo, as pretensões de generalização estão no campo dos conceitos, não no campo dos fenômenos.

Assim, se a práxis hiperleitora de um sujeito constrói um hipertexto concreto tal, não há parâmetros para daí se extrair senão a conceituação sobre o processo de concretização dos hipertextos e não o *modus legendi* dos sujeitos hiperleitores que não foram objeto de investigação *per se* e não podem ser verificados no formato em que esta pesquisa está concebida.

¹⁴⁸ Aspas do autor.

¹⁴⁹ Grifo nosso.

¹⁵⁰ Grifos do autor.

Ver-se-á logo à frente, por conseguinte, em uma confrontação entre as hipóteses levantadas e os procedimentos de verificação empírica, que os resultados a serem obtidos servirão – se positivos – de demonstração fenomênica da validade da hipótese generalizável apenas no seu escopo.

Neste ponto, não se trata aqui, definitivamente, de uma universalização *ceteris paribus* dos achados desta pesquisa no âmbito do fenômeno metodologicamente recortado, mas por generalização aqui se pretende a apresentação de um princípio a partir do qual se possa operar sobre as práticas e as potencialidades do hipertexto.

Assim, buscar um solo firme sobre o qual se possa erguer o edifício do conhecimento científico, implicada já aí a generalização, é *conditio* para a prática a Ciência, malgrado a renúncia à verdade ontológica como objetivo imediato da Ciência, nunca como *telos* definitivo, posto que a noção mesma de verdade provisória não poderá negar o princípio tomista, com o qual Hegel parece convergir ao afirmar que “a verdade do ser é a essência” (HEGEL, 2011, p. 103), pelo qual, pode-se também aduzir, “*videtur autem quod verum sit omnino idem quod ens*¹⁵¹” (TOMÁS DE AQUINO, 2011, p. 138).

Disto não se segue uma negação da validade da empiria, na medida em que o próprio Santo Tomás reconheceu a existência da verdade no intelecto e nas coisas, pelo que não há oposição entre ambas, muito embora o pensamento contemporâneo, ao renunciar a toda Metafísica, obriga-se a questionar como *petitio principii*, portanto falaciosa, o ordenamento tomístico entre existência no intelecto e existência na coisa.

Alhures, o Aquinate modula essa afirmação, sem lhe comprometer as bases, ao conceder que:

cum ergo dicitur: veritatem non esse, est verum; cum veritas quae hic significatur, sit de non ente, nihil habet nisi in intellectu. Unde ad destructionem veritatis quae est in re, non sequitur nisi esse veritatem quae est in intellectu. Et ita patet quod ex hoc non potes concludi nisi quod veritas quae est in intellectu, est aeterna; et oportet utique quod sit in

¹⁵¹ “parece que o verdadeiro é totalmente idêntico ao ente” (p. 139).

*intellectu aeterno; et haec est veritas prima. Unde ex praedicta ratione ostenditur, sola veritas prima esse aeterna*¹⁵² (TOMÁS DE AQUINO, 2011, p.

Se a posição tomista pode representar alguma dificuldade para a *mens* experimentalista da Contemporaneidade, Hannah Arendt (2010) parece propor uma solução de compromisso ao conceder que “a verdade é aquilo que somos compelidos a admitir pela natureza dos nossos sentidos ou do nosso cérebro” (ARENDR, 2010, p. 79). Aqui, Hannah Arendt torna o postulado do Aquinate palatável ao ouvidos e mentes contemporâneos, sem o contradizer *essentialiter*, na medida em que o Doutor Angélico afirmara também que “*res autem non dicitur vera nisi secundum quod est intellectui adaequata; unde per posterius invenitur verum in rebus, per prius autem in intellectu*¹⁵³” (TOMÁS DE AQUINO, 2011, p. 161)¹⁵⁴.

Neste ponto, mesmo distante da compreensão tomista de verdade que Hannah Arendt modula, mas não parece negar *per se*, também Martin Heidegger parece intuir o risco que apresenta a relativização e subjetivização radical da verdade ao assumir que “todo relativismo, contudo, é ceticismo, e todo ceticismo traz consigo a morte de todo conhecimento e, como também se diz, da existência do homem em geral” (HEIDEGGER, 2009, p. 119)¹⁵⁵, ainda aqui em consonância

¹⁵² “Ao dizer que é verdade que não há verdade, como verdade aqui significada é a do não-ente, esta só tem realidade no intelecto. Por isso, à destruição da verdade que é na coisa só se segue o ser da verdade que é no intelecto, e assim fica claro que daí só se pode concluir que a verdade que é no intelecto é eterna; é preciso certamente que seja num intelecto eterno, e esta é a verdade primeira. Por isto o argumento mostra que só a verdade primeira é eterna” (p. 207).

¹⁵³ “uma coisa só se diz verdadeira enquanto adequada ao intelecto, pelo que o verdadeiro encontra-se nas coisas posteriormente, primariamente pois no intelecto” (p. 160).

¹⁵⁴ É verdade que o problema do Empirismo não é apenas a hierarquia tomista quanto à existência e à verdade, mas toca o próprio ser da verdade no intelecto, como já se aludira aqui ao denunciar a *petitio principii* empirista. Contudo, se o argumento empirista parece satisfazer inicialmente, na medida em que suas descobertas legitimam seus métodos – o que não deixa de ser, do ponto de vista filosófico, um argumento tautológico –, uma reflexão mais apurada de pronto perceberá que se a medida da coisa é a própria coisa, já não há mais medida e a própria objetividade que se pretenderia preservar resta corrompida por uma subjetividade sem peias. Embora, esta seja uma forma de *reductio ad absurdum*, ela continua a pairar sem resposta no campo empirista clássico.

¹⁵⁵ Em sua argumentação, Martin Heidegger avança em uma reflexão sobre a natureza do sujeito e da subjetividade que lhe é subsequente para afirmar um conceito positivo de subjetividade e a ela relacionar o conceito de verdade. Não obstante tudo isso, que para preservar e precisar o

com o Aquinate que dissera que *“quando autem non est veritas, verum est veritatem non esse, quod utique non potest esse, nisi veritas sit. Ergo veritas est aeterna”*¹⁵⁶ (TOMÁS DE AQUINO, 2011, p. 190;192).

DAS BASES EPISTEMOLÓGICAS OU DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DESTA PRÁXIS PESQUISADORA

A primeira questão que se precisa responder precede o problema de pesquisa aqui proposto no processo de construção da abordagem metodológica e o sucede enquanto dele derivado na medida em que a concepção de um método com qual se possa compreender e solucionar um problema de pesquisa está necessariamente calcada em uma concepção de Ciência, de pesquisa e de método.

A questão inicial, portanto, é: que fundamentos epistemológicos sustentam a abordagem de hipertexto pretendida neste estudo? Nesse sentido, impõe-se protestar algumas posições epistemológicas que permitem aos possíveis interlocutores situar-se epistemológica e metodologicamente em relação a este estudo e, assim, compreendê-lo a partir de suas próprias premissas, de certo modo já insinuadas em quanto se leu nas páginas precedentes.

Em uma construção dialética, o primeiro elemento epistemológico aqui emergente é de matriz praxiológica a partir de uma percepção gramsciana da Filosofia da Práxis (GRAMSCI, 1979, *passim*; VÁZQUEZ, 2007, *passim*) e o segundo é fenomenológico conforme uma consistente tradição husserliana: tudo isto a partir de uma Gnosiologia Construtivista.

pensamento heideggeriano aqui se adenda, resta o reconhecimento do filósofo do perigo que uma redução da verdade ao acidente subjetivo representa objetivamente.

¹⁵⁶ “[...] se não existisse verdade, seria verdadeiro que a verdade não existe, o que não pode ser se não existir verdade; portanto a verdade é eterna” (p. 190; 192).

Já aqui se impõe a necessidade de marcar a opção por uma Gnosiologia Construtivista na medida em que se compreende “que a ciência e a tecnologia são construídas socialmente” (COSTA PEREIRA, 2007, p. 176). Aqui, o Construtivismo, trazido em uma perspectiva gnosiológica quer, na verdade, de modo apriorístico¹⁵⁷, marcar a opção por uma compreensão da Ciência, do Método e do Conhecimento em dissonância com o Positivismo e o Neopositivismo que se desenham nas entranhas das discussões dobre qualidade e quantidade nas pesquisas sociais.

Neste sentido, o ponto de partida desta pesquisa enquanto compreensão de si mesma é o entendimento de que o conhecimento – marcadamente o conhecimento científico – dá-se a partir de uma perspectiva humana, o que implica uma visada, um posicionamento, uma implicação e, de pronto, uma confluência entre observador e observado, sem prejuízo da objetividade da realidade¹⁵⁸.

O Construtivismo que se quer propor como fundamento gnosiológico do método desenvolvido situa a pesquisa necessariamente no âmbito de uma produção de sentidos limitados histórica e socialmente¹⁵⁹: esta é a construção de sentidos da práxis hipertextual e do fenômeno hipertextual cabível neste contexto histórico, a partir dos matizes teóricos selecionados e segundo o recorte deste pesquisador.

¹⁵⁷ Neste ponto, trata-se mais de uma licença de estilo que de uma abordagem propriamente kantiana da noção de *a priori* e *a posteriori*.

¹⁵⁸ Aqui, entra-se em terreno difícil e emaranhado em relação ao qual muito se tem escrito, notadamente com a emergência das teorias desconstrutivistas do Pós-Estruturalismo e das Ciências do Artificial. Parece, contudo, bastante marcar a posição deste estudo em relação ao real como o que se constrói na apropriação possível, sensível e/ou eidética. No limite, o real não é a coisa em si, mas é a coisa com a qual se podem construir relações.

¹⁵⁹ Alhures, quando se tratar de *locus* e sujeitos de pesquisa, bem como das premissas do método propriamente dito, ficará claro que este estudo não pretende abordar o emaranhado de questões históricas, culturais, sociais, psicológicas que cercam o fenômeno da leitura e, por certo, também o fenômeno da hiperleitura. Neste sentido, são mínimas as interações de matiz sociolinguística que se pretende iluminar com este estudo. Ao contrário, a negar luz a esses matizes, muito embora se reconheça sua existência e a pertinência de seu estudo, quer-se destacar o que de estruturante há no impacto da hiperleitura sobre o hipertexto concreto e que transcende as contingências sociolinguísticas.

O Construtivismo Epistemológico aqui invocado nada mais é, por conseguinte, que o protesto solene sobre a natureza dialógica e histórica do conhecimento científico que, de certo modo, já estaria implícita na assunção de pressupostos praxiológicos para esta pesquisa, mas que bem se podia melhor explicitar por uma Gnosiologia Construtivista.

Por seu turno, abordar o problema do hipertexto a partir de uma concepção fenomenológica permite construir um método no qual o dado da emergência hipertextual possa ser isolado das contingências do eu que, em suas vivências – que aqui também poder-se-ia chamar de práxis para desde já evidenciar o *nexus* epistemológico que se quer construir neste estudo –, constitui o hipertexto concreto enquanto percurso hipertextual dado.

Assim, em primeiro plano, este estudo trata da delimitação do hipertexto no intuito de desvelar seu *motus*, o que o constitui para além da aparência. Como tal, trata-se de adotar uma atitude fenomenológica em relação ao hipertexto concreto, isto é, isolar o percurso hipertextual das intencionalidades para acessar os momentos noemáticos que emergem a cada constituição de percurso hipertextual.

Como adiante se buscará demonstrar, o hipertexto concreto é fundamentalmente determinado pelas escolhas subjetivas dos sujeitos hiperleitores. Como tal, é uma emergência subjetiva. Contudo, não é possível analisá-lo sem isolá-lo desse universo subjetivo para poder analisá-lo como fenômeno.

De modo algum isto nega sua subjetividade: trata-se de uma suspensão metodológica para poder proceder a análise e, como tal, não toca a realidade empírica como tal. Assim, não se nega aqui, portanto, o caráter praxiológico da hiperleitura, mas se propõe um recorte fenomenológico para o procedimento de pesquisa.

Por conseguinte, a Praxiologia permite a leitura do modo como do meta-hipertexto se passa ao hipertexto *stricto sensu*, ao tempo em que a Fenomenologia permite acessar esse momento hipertextual esse *cluster* de

sentidos dialogicamente constituídos, o noema hypertextual, na medida em que, consoante uma noção dialógica de momentos de sentido que bem se pode rastrear à Dialogia e à Fenomenologia,

o noema pleno consiste num complexo de momentos noemáticos, que neste o momento específico do sentido constitui somente uma espécie de *camada nuclear* necessária, na qual estão essencialmente fundados outros momentos, aos quais somente por isso, embora por extensão de sentido, seria lícito chamarmos igualmente de momentos do sentido¹⁶⁰ (HUSSERL, 2006, p. 206).

Como se poderá verificar nas hipóteses, cada hipertexto potencial pode gerar singularidades como que imprevisíveis¹⁶¹ que, tomadas como fenômenos singulares, revelam apenas o vivido do sujeito dado, mas que ao mesmo tempo são, por isto mesmo, validadoras da universalidade da natureza singular hipertextual. Já no método, o paradoxo do hipertexto se anuncia: a universalidade da singularidade.

Essa abordagem fenomênica do hipertexto concreto não exclui, mas antes implica, a dimensão praxiológica da hiperleitura. Abordar o hipertexto concreto como fenômeno significa reconhecer que a práxis hiperleitora dos sujeitos enseja uma dimensão fenomênica que não nega a historicidade do construto, mas o apreende como realidade em si mesma, em um esforço metodológico de afastamento dos processos para analisar o fenômeno reduzido a si mesmo. Na verdade, por este recurso metodológico, quer-se considerar a evidência de que a intencionalidade da práxis está limitada pela contingência do vivido.

Contudo, há que se dizer com clareza: se, por um lado, esta opção metodológica não invalida uma concepção e abordagem praxiológica complementar do problema levantado, resta, porém, claro que não secunda um

¹⁶⁰ Grifo do autor.

¹⁶¹ Alhures se mostrará que o hipertexto digital está limitado pelas escolhas de hiperlinks que, ademais, não pertencem ao hiperleitor e como que preestabelecem trilhas, ao possibilitar umas e vedar outras. Contudo, mesmo com esse limitador que, do ponto de vista conceitual, precisa ser considerado, do ponto de vista pragmático as trilhas possibilitadas são, via de regra, tão abrangentes e praticamente impossíveis de se prever que a ideia imprevisibilidade não é de todo exagerada.

como que *imperium* do sujeito sobre a história que claramente não se verifica empiricamente no contato com o vivido. Neste ponto, há que se distanciar da noção de que uma práxis intencional possa gerar produtos não-intencionais (Cf. VAZQUEZ, 2007, p. 342 *et seq.*) como uma tentativa de preservar a pedra angular do Materialismo Histórico que bem poderia ser assim resumida: “tudo o que a história nos mostra é produto da atividade prática dos homens” (VAZQUEZ, 2007, p. 338).

Entretanto, malgrado quanto de fenomenológico se empregue para estruturar a abordagem epistemológica, neste estudo não se pretende pensar em pesquisa fora do espectro da Filosofia da Práxis¹⁶², pois “a Ciência não é só o *produto*, o conhecimento científico, mas também o *processo (práxis)* concretizado na actividade dos cientistas” (COSTA PEREIRA, 2007, p. 62). Método e achado conformam os limites da Ciência, pois, na verdade, um achado que não se possa racional e metodologicamente circunscrever – ainda que, no âmbito das Ciências Humanas, não possa ser validado a partir das premissas estritas de isolamento, redutibilidade e repetibilidade das Ciências ditas duras – é inútil para o desenvolvimento científico humano: não é cognoscível.

Neste ponto, há que se ter em mente a compreensão de que

o homem não vive em constante estado criador. Ele só cria por necessidade; isto é, para adaptar-se a novas situações ou satisfazer novas necessidades. Repete, portanto, enquanto não se vê obrigado a criar (VAZQUEZ, 2007, p. 267).

De certo modo, essa dimensão criadora/repetidora da Práxis está na raiz do movimento humano por uma Ciência que permita a criação de parâmetros seguros de repetibilidade sobre os quais se funda o progresso científico da contemporaneidade e o modelo societário que dela dialeticamente emerge. Seria um equívoco supor que o uso moderno da τέχνη (*techné*), isto é, o modelo de desenvolvimento tecnológico do qual a Tecnociência é a expressão mais alta, desestrutura a relação dinâmica entre criação e repetição. Neste sentido, há que

¹⁶² Não obstante esse seja um espectro includente e dinâmico, renunciando a certa autorreferencialidade usual ao Materialismo Histórico e seus construtos.

se reconciliar a dimensão da práxis com a automação de processos – a repetibilidade mecânica da contemporaneidade tecnocientífica – e sua relação dialética com o homem.

Isto posto, tal reconciliação passa por um reconhecimento da dimensão praxiológica do homem contemporâneo e de sua produção já que

a atividade humana é [...] atividade que se orienta conforme a fins, e estes só existem através do homem, como produto de sua consciência. Toda ação verdadeiramente humana exige certa consciência de um fim o qual se sujeita ao curso da própria atividade (VAZQUEZ, 2007, p. 222).

Vazquez (2007) tenta resolver o problema da absolutização da consciência – enquanto consciência histórica do sujeito – pela estratificação da práxis em níveis mais ou menos complementares que ele propõe (VAZQUEZ, 2007, *passim*). Embora engenhosa, ela se aprisiona coerentemente nos limites auto-impostos pelo Materialismo Histórico e, assim, encapsula-se em uma camisa de força que ora força a realidade para dentro das fronteiras da práxis, reduzindo-a portanto, ora força os limites da práxis, expandindo-os para além da razoabilidade.

Por seu turno, uma abordagem científica que se queira praxiológica parte da percepção de que “toda ‘verdade’¹⁶³ tida como eterna e absoluta tem origens práticas e representou ou representa um valor provisório”¹⁶⁴ (GRAMSCI, 2002, p. 362), não obstante as dificuldades que esta posição coloca para a Ciência em relação aos conceitos de verdade e de conhecimento.

A Praxiologia, desta forma, é uma epistemologia do efêmero e essa noção de verdade provisória serve bem a Ciência experimental, mas não permite a transcendência que emana de um conceito de verdade absolutizado, considerando que, do ponto de vista da Filosofia da Práxis,

¹⁶³ Aspas do autor.

¹⁶⁴ A proposição gramsciana não deixa de apresentar sérios problemas como anotado *supra* quando se tratava do problema da verdade, porém, aqui ela vai circunscrita apenas à verdade das coisas em ato e como artifício metodológico para a abordagem que se quer do problema, pelo que não se segunda Gramsci *essentialiter* nem se renega os postulados que, com Santo Tomás, Hegel e Arendt, foram colocados anteriormente em relação ao problema da verdade.

a ciência deveria se conceber a si mesma com parte de um todo maior, como dimensão de um processo histórico que jamais se deixará esgotar por ela e que lhe impõe constantes revisões autocríticas. O que é 'científico' hoje corre o risco permanente de deixar de sê-lo amanhã. Portanto, aquele que se dispõe a falar em nome da ciência não deve ser arrogante¹⁶⁵ (KONDER, 2006, p. 27).

Essa característica da Praxiologia serve bem à Ciência Moderna na medida em que ela se arroga a dinamicidade da história, mas tem também sua fragilidade nessa própria dinamicidade, porque compromete uma justificabilidade extracontextual: no limite, para ela, a história é a única Ciência sob uma perspectiva materialista histórica¹⁶⁶.

Contudo, se tomada solitariamente, a Praxiologia implica no grave risco de se perder a perspectiva de infinitude e estabilidade que são as ambições fundantes do conhecimento, da verdade. Uma epistemologia absolutamente praxiológica resolve o dilema da Ciência – o dilema da verdade – pelo caminho da efemeridade, fechando os olhos às realidades que escapam à dinâmica da história¹⁶⁷, porque há muito se situou sob uma gnosiologia do *factum/faciendum*, negando o *ens*. Contudo, uma Ciência que não se queira praxiológica arrisca-se a perder-se no infinito do intangível e a deixar-se alçar a prolegômenos metafísicos que, se descolados totalmente do chão da práxis, já não servem a uma Ciência Empírica.

¹⁶⁵ Aspas do autor.

¹⁶⁶ A abordagem sistemática do problema da verdade, por complexa e não condizente com o objeto deste estudo, já vai tratada sumariamente alhures no essencial que se julga indispensável para a fundamentação epistemológica deste estudo. Contudo, há que se destacar aqui, uma vez mais, o paradoxo da Ciência Moderna no que tange à verdade: ela é relativa e, portanto contextual ao tempo em que precisa ser também objetiva e palpável *ceteris paribus*. No limite, este paradoxo é incontornável.

¹⁶⁷ De fato, o Materialismo Histórico, que é a matriz da Praxiologia, não concebe nada para além dos limites da História e, neste ponto, ele é coerente consigo mesmo. Contudo, o Materialismo Histórico resolve o problema da Metafísica por uma negação apriorística o que, no limite, é uma contradição em termos. Neste ponto, a assunção praxiológica deste estudo não implica uma absorção dos pressupostos do Materialismo Histórico, pois a noção de práxis aqui assumida não implica a negação da transcendência, mas apenas a compreensão de que o contexto e a ação sobre o contexto têm implicações efetivas na produção do conhecimento.

Nesse sentido, a Praxiologia é como uma ancora que mantém a Ciência Moderna presa a suas bases empiricistas em seu diálogo ontológico com a Fé na busca de uma Gnosiologia que possa reconciliar os limites empíricos e históricos da Ciência com a dimensão transcendente da verdade ou, por outro lado, é uma forma de religar o fenômeno à dimensão da vida vivida para restaurar algo de sua dinamicidade original mediante sua abordagem em contexto. Neste sentido, a Ciência é assumida

como uma ‘ideologia, uma concepção particular de mundo’, mas que o faz de uma *autonomia relativa* em seu desenvolvimento, em seu campo de aplicação, em sua técnica, o que permitiria a um grupo social apropriar-se dos conhecimentos de outro grupo social antagonista, sem aceitar sua ideologia¹⁶⁸ (GUIMARÃES, 1999, p. 151).

Assim, o problema da verdade, recorrente na pesquisa científica, permanece como uma questão a ser tratada toda vez que se pretende ajuntar uma pedra que seja ao edifício da Ciência. Aqui parece apropriado secundar Jürgen Habermas que assevera:

até há pouco tempo, eu procurava explicar a verdade em função e uma justificabilidade ideal. De lá para cá, percebi que essa assimilação não pode dar certo. Reformulei o antigo conceito discursivo de verdade, que não é errado, mas é pelo menos incompleto. A redenção discursiva de uma alegação de verdade conduz à aceitabilidade racional, não à verdade. Embora nossa mente falível não possa ir além disso, não devemos confundir as duas coisas (HABERMAS, 2007a, p. 60).

Neste ponto, a resposta que se quer construir neste trabalho quer ser coerente e racionalmente justificável e, nesse sentido, verdadeira, mas essa pretensão de verdade precisa destes limites para ser contextualizada, ser contida nos contornos possíveis da Verdade como categoria do conhecimento científico, como desdobramento do conhecimento buscado com rigor e precisão metodológicos.

Quanto à Verdade, tomada em toda a profundidade de seu *esse*, apenas os instrumentos do Método – qualquer que seja ele – não parecem capazes de

¹⁶⁸ Grifo do autor.

contê-la e desvelá-la, permitindo apenas uma percepção tímida, parcial mesmo, não obstante correspondente à realidade, para ser minimamente verdadeira, ou à percepção que se pode ter da realidade no contexto concreto em questão, com o que se adere ao princípio aristotélico.

DO MÉTODO DE PESQUISA OU DE COMO ESTA PESQUISA EMPÍRICA SE ESTRUTURA E CONFORMA

A busca por um caminho de verificação empírica de um construto teórico é já, ela própria, um desdobramento natural da teoria, não obstante a pertinência de demonstrações racionais que se fundem na razoabilidade de seus postulados como bastante demonstração de sua cientificidade, tal como o demonstra a História da Ciência.

Isto posto, o movimento intelectual que aqui se dá, portanto, não é o da escolha de um método como que livremente com que se possa proceder a essa verificação, ao sabor do livre convencimento do pesquisador. Mas é o do discernimento atento dos sinais epistemológicos que indicam para este ou aquele caminho metodológico: de certo modo o método se impõe como desdobramento da teoria e já se anuncia no próprio construto teórico.

Por fim, não é inusitado que o método aqui proposto seja *sui generis*, seja expressão metodológica da construção teórica: só desta forma método e teoria não fazem violência um ao outro, mas completam-se. Ademais, bem se pode aqui ecoar Paul Feyerabend (2011), para prevenir qualquer insurgência contra possíveis heterodoxias no método que aqui se desenha, não obstante não se pretender, nem de longe, postular aqui viradas epistemológicas do montante que o autor utiliza para demonstrar sua premissa, quando sentencia que

a ideia de um método que contenha princípios firmes, imutáveis e absolutamente obrigatórios para conduzir os negócios da ciência depara com considerável dificuldade quando confrontada com os resultados da pesquisa histórica. Descobrimos, então, que não há uma única regra,

ainda que plausível e solidamente fundada na epistemologia, que não seja violada em algum momento. Fica evidente que tais violações não são eventos acidentais, não são o resultado de conhecimento insuficiente ou de desatenção que poderia ter sido evitada. Pelo contrário, vemos que são necessárias ao progresso. Com efeito, um dos aspectos mais notáveis das recentes discussões na história e na filosofia da ciência é a compreensão de que eventos e desenvolvimentos como a invenção do atomismo na Antiguidade, a Revolução Copernicana, o surgimento do atomismo moderno (teoria cinética, teoria da dispersão, estereoquímica, teoria quântica) e a emergência gradual da teoria ondulatória da luz ocorreram apenas porque alguns pensadores *decidiram* não se deixar limitar por certas regras metodológicas “óbvias”, ou porque as *violaram inadvertidamente*. Essa prática liberal, repito, não é apenas um *fato* da história da ciência. É tanto razoável quanto *absolutamente necessária* para o desenvolvimento do conhecimento¹⁶⁹ (FEYERABEND, 2011, p. 37).

Neste ponto, o esforço de construção de um aparato teórico que elucide as relações da hiperleitura com o *esse* do hipertexto levou também ao desenvolvimento de um método de aferição do grau de hipertextualidade que completa o construto teórico em questão no entrelugar de uma abordagem praxiológica e fenomenológica. Neste sentido, metodologia e teoria são expressões dialéticas de um mesmo pensar.

De que método se fala aqui? Em primeiro lugar, há que se tomar consciência de que “para ter o direito de dar o nome de método a alguma coisa, é preciso que essa coisa seja um procedimento elaborado de acordo com princípios” (KANT, 2011b, p. 534) e tais princípios parecem ao pesquisador já bem lançados nestas linhas. Por seu turno, a elaboração de um método precisa também considerar alguns critérios de validação que Gramsci propõe com precisão e que foram observados neste processo:

quando se examina criticamente uma “dissertação”, pode estar em questão: 1) avaliar se o autor da mesma soube deduzir com rigor e coerência *todas* as conseqüências das premissas que assumiu como ponto de partida (ou de vista): pode ocorrer que falte rigor, que falte coerência, que existam omissões tendenciosas, que falte a “fantasia” científica (ou seja, que não se saiba ver toda a fecundidade do princípio

¹⁶⁹ Grifos do autor.

adotado, etc.); 2) avaliar os pontos de partida (ou de vista), as premissas, que podem ser negadas liminarmente, ou limitadas, ou demonstradas não mais válidas historicamente; 3) investigar se as premissas são homogêneas entre si, ou se, por incapacidade ou insuficiência do autor (ou por ignorância do estado histórico da questão), ocorreu contaminação entre premissas ou princípios contraditórios, ou heterogêneos, ou historicamente não aproximáveis (GRAMSCI, 2002, p. 230-231).

Isto posto, esta pesquisa empírica se dá na aplicação do postulado teórico conformado nos primeiros capítulos a uma situação empírica metodologicamente controlada para resolver o problema de pesquisa que se segue, segundo o método e os fundamentos gnosiológicos estabelecidos, guiada pelos objetivos aqui descritos a partir das hipóteses elencadas no texto.

Do problema

A emergência das TIC colocou em evidência o hipertexto, na medida em que potencializou o acesso a formas hipertextuais digitais e possibilitou o desenvolvimento de um meta-hipertexto digital a partir do qual os percursos hipertextuais são concretizados no âmbito da *web*.

Já aqui emerge uma questão fundamental que divide os pesquisadores e que toca a natureza mesma do hipertexto: teriam as TIC um papel essencial no hipertexto? Seriam elas, assim, do esse mesmo do hipertexto? Ou, até que ponto o hipertexto depende das TIC como seu substrato necessário e suficiente?

A abordagem do problema do hipertexto, contudo, quando pensada fundamentalmente a partir da emergência das TIC, parte de uma premissa equivocada – o que vai demonstrado alhures nestas linhas – ao situar o hipertexto na dependência necessária das TIC, visto que isto nega sumariamente dois elementos fundamentais para uma teoria do hipertexto tal como aqui se quer propor:

1. que o hipertexto pré-existe ao advento das TIC, o que resta fartamente demonstrado na literatura (Cf. WANDELLI, 2003, *passim*; NONATO, 2006, *passim*);
2. que o hipertexto, como tal, configura-se no processo de hiperleitura dos sujeitos hiperleitores implicados e é, portanto, um produto/processo da hiperleitura subjetiva mais do que uma categoria textual *per se*.

Assim, restam afastadas as questões levantadas acima, o que recoloca a questão em seu ponto inicial.

Nesse sentido, a construção teórica que se encontra neste estudo afasta a ideia das TIC como substrato necessário e suficiente ao hipertexto, em atenção à validade da premissa primeira apresentada acima e demonstrada seja pelos argumentos da razão, seja pela demonstração empírica de trabalhos científicos precedentes¹⁷⁰.

Assim, embora o hipertexto digital traga uma nova dinâmica ao processo de hiperleitura, permitindo que os percursos hipertextuais – o hipertexto *stricto sensu* ou o hipertexto concreto, como ele vem designado neste estudo – sejam concretizados com maior evidência, ou ganhem uma como que quase palpabilidade, reafirmada a premissa de pré-existência do hipertexto às TIC, há que se repropor a questão inicial em sua segunda formulação: até que ponto o hipertexto depende das TIC como seu substrato necessário?

É certo que esta questão resta prejudicada, uma vez aceita a premissa de que o hipertexto preexista às TIC e dessa forma, considerado que se entenda por substrato necessário o elemento sem o qual não há. Assim, participando do que é essencial à coisa, o substrato necessário condiciona-a, defini-a. Isto não se aplica

¹⁷⁰ Entre outros trabalhos convergentes: cf. NONATO, E. R. S. **A formação do hiperleitor: características do processo de desenvolvimento da autonomia e emancipação crítica do aluno-hiperleitor.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: UNEB, 2006; WANDELLI, R. **Leituras do Hipertexto.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

às TIC em relação ao hipertexto absolutamente, o que também afasta a plausibilidade da redação proposta no parágrafo anterior.

As TIC não possuem essa característica em relação ao hipertexto seja porque pode haver hipertexto sem TIC, seja porque um hipertexto potencial pode não ser concretizado apesar de conformado pelas TIC, o que sinaliza para a eminência da premissa que sustenta este estudo e ilumina o problema de pesquisa: o lugar da hiperleitura na conformação do hipertexto.

Porém, a questão talvez pudesse ser também posta nestes termos: até que ponto o hipertexto depende das TIC como seu substrato suficiente? Se é verdade que atribuir às TIC o designativo de condição suficiente do hipertexto não nega sua preexistência às TIC e sua existência independente das TIC, é verdade também que isso atribui às TIC uma potência de concretização do hipertexto que elas não têm em sentido estrito. Logo, poder-se-ia sintetizar assim a questão: quanto ao hipertexto potencial, as TIC são condição suficiente, mas não necessária; quanto ao hipertexto concreto, as TIC não são substrato nem necessário nem suficiente.

Neste ponto, confrontando a ideia de hipertexto potencial e hipertexto concreto, emerge o problema desta pesquisa no intuito de contribuir para uma teoria do hipertexto a partir de uma visada da hiperleitura como processo, qual seja: qual o papel da hiperleitura no processo de conformação do hipertexto concreto *vis-à-vis* os elos e nós do hipertexto digital?

Isto posto, dos elementos que constituem o hipertexto, tais como elos e nós em estrutura rizomática (DELEUZE, 1988; DELEUZE & GUATTARI, 1995; 1997) e multilinear (MARCUSCHI, 2006; 2004), convergência de linguagens, singularidade dos percursos hipertextuais – hipertexto concretizado – e imbricação leitor-autor não se há de questionar.

Contudo, esses elementos não garantem *per se* a existência do hipertexto concreto, conforme aqui se postula, o que leva à necessidade desvelar o *modus* como a hiperleitura opera para ser o ponto de virada, por assim dizer, que marca a emergência do hipertexto como tal.

Assim, a noção de hipertexto como produto/processo de hiperleitura defendida nestas linhas coloca a questão do estabelecimento de elementos que permitam parametrizar os resultados dos procedimentos hiperleitores, o que resulta no método desenhado para este estudo, a partir das categorias abaixo descritas:

Quadro 02 – Categorias

Identificação	Descrição
Hipertexto:	conjunto potencial de textualidades interconectadas por elos e nós eidéticos e/ou digitais;
Hipertexto digital:	conjunto potencial de textualidades interconectadas por <i>hyperlinks</i> ;
Meta-hipertexto:	convergência abstrata dos hipertextos potenciais interligados entre si mediante <i>hyperlinks</i> ;
Hipertexto concreto:	percurso hipertextual conformado por um hiperleitor dado a partir de um hipertexto potencial;
Hipertexto potencial:	unidade textual composta de elos e nós capazes de abrir-se a novas lexias contidas em potência;
Hiperleitura:	processo de atribuição de sentidos de um hipertexto mediante a conformação de um percurso hipertextual concreto;
Grau de hipertextualidade:	unidade referencial de hipertextualidade aferida a partir da relação de oposição entre <i>hyperlinks</i> e todas as unidades de sentido do texto;
Unidade de Sentido	toda e qualquer unidade léxica excluídos os síndetos, pronomes, artigos, advérbios e verbos auxiliares.

Dos objetivos

A consecução de uma pesquisa científica depende necessariamente da convergência entre os objetivos estabelecidos e os métodos empenhados no esforço por atingir os objetivos traçados. Nesse sentido, ao lado do problema, os objetivos situam a pesquisa nas fronteiras do projeto científico pretendido e pautam o método, isto é, indicam-lhe a direção.

Consoante esses princípios, como objetivo geral deste estudo intentou-se demonstrar o papel central do sujeito-hiperleitor no processo de construção do

hipertexto concreto e a lateralidade do grau de hipertextualidade potencial para a concretização do percurso hipertextual.

Como objetivos específicos, esta pesquisa se orientou para demonstrar o papel prevalente da hiperleitura como procedimento de conformação do hipertexto concreto; descrever os diferentes níveis de hipertextualidade potencial a partir dos quais o hipertexto concreto se pode configurar; demonstrar a condição acessória das TIC em relação ao hipertexto concreto.

Das hipóteses

O esforço intelectual que se faz neste estudo para apresentar uma contribuição teórica sobre a atuação da hiperleitura no processo de concretização do hipertexto, consoante o problema exposto, e validá-la, não parte de uma especulação vazia e errante ou de um esforço indutivo puro. Ao contrário, é expressão de um *ethos* pesquisador consciente e sistemático, consoante a compreensão de que

os aparatos só têm sentido e meta se estiverem a serviço da pesquisa. O pesquisar não é um querer conhecer de um tipo qualquer, tampouco um querer conhecer relativo a objetos quaisquer. Ao contrário, ele é um conhecer investigador que procede metódica e sistematicamente na esfera de uma ordenação de perguntas delimitadas de modo determinado e visa antes de tudo a um conhecimento que deve ser demonstrado com a maior exatidão e elaborado em termos universalmente válidos (HEIDEGGER, 2009, p. 44-45).

Nesse sentido, o estudo aqui descrito se estrutura a partir de hipóteses que *“are statements of relations, and, like problems, must imply the testing of the stated relations”*¹⁷¹ (KERLINGER, 1979, p. 33-34).

¹⁷¹ “... são sentenças relacionais e, como os problemas, implicam necessariamente o testar das relações declaradas” (tradução nossa).

Assim, embora isso pareça já claramente indicado, convém reiterar que o método de abordagem deste estudo é hipotético-dedutivo, na medida em que este estudo se estruturou a partir da elaboração dos seguintes enunciados teóricos cuja validação buscou-se no campo empírico:

Primeira Hipótese (H₁) – que o hipertexto se constitui prevalentemente pela práxis hiperleitora dos sujeitos;

Segunda Hipótese (H₂) – que a hiperleitura – entendida como processo multilinear e dialógico de construção de sentidos a partir de elos semânticos que ligam fragmentos eidéticos em um todo coeso e coerente denominado hipertexto – é um processo subjetivo facilitado, mas não determinado, pelos *hyperlinks*;

Terceira Hipótese (H₃) – os elos e nós do hipertexto – hipermidiáticos ou apenas eidéticos – não implicam correspondência de percursos hipertextuais, bem como não condicionam prevalentemente esses percursos, estabelecendo proporções necessárias entre o grau de hipertextualidade potencial e o grau de hipertextualidade concreta.

No que tange à articulação interna das três hipóteses pretendidas, há que se afirmar que se *H₁* for verdadeira¹⁷², resta demonstrado quanto se afirmou anteriormente sobre a condição de suficiência e necessidade das TIC em relação

¹⁷² Neste ponto, verdade é tomada a partir da concepção aristotélico-tomista de correspondência com os fatos e metodologicamente aceita como correspondência ao modo defendido por Karl Popper (2007, p. 300-301), seguindo a linha de Alfred Tarski, aliando-se aqui verdade factual e verdade metodológica e a segunda como apenas um meio de se chegar à primeira, pelo que se renuncia ao princípio de relativismo que se pode inferir da dialética hegeliana, isto é, a possibilidade de se chegar a verdades contraditórias entre si, embora metodologicamente consistentes em si. Resta contudo discutível se esse problema resulta do próprio Hegel e está presente em sua própria *mens*, se é fruto dos desdobramentos legítimos do Hegelianismo depois d Hegel ou de se é uma instrumentalização do pensamento de Hegel por relativismos pós-hegelianos.

ao hipertexto, não obstante necessitar-se ainda demonstrar a validade de H_2 e H_3 . Por seu turno, sendo H_1 falsa, nada há que se demonstre sobre as hipóteses subsequentes por serem delas derivadas.

Porém, a falsidade de H_2 e/ou H_3 não implica na falsidade de H_1 , constituindo-se assim em hipótese independente.

No que concerne às três hipóteses trazidas acima descritas, os procedimentos de coleta e análise de resultados no campo empírico permitiram sua verificação como se segue.

Do método

O que é central na produção do conhecimento científico é o rigor metodológico, ou melhor dizendo, o rigor do método capaz de capturar o nível de realidade ensejado pelos objetivos da pesquisa. Isto é, o fundamental da pesquisa para que ela se queira científica – e esta se quer e, por isto, submete-se a esses critérios – é dispor clara e rigorosamente os passos a serem seguidos – e segui-los de fato: na delimitação e abordagem do problema; na elaboração do aparato teórico que, em confluência dialética com as hipóteses, encaminha a abordagem do problema; na construção e aplicação dos instrumentos de pesquisa e consequente coleta dos dados; na significação e análise desses dados conforme o aparato teórico elaborado; na extração dos achados da pesquisa.

Importa, talvez, discutir um pouco o que se pretendeu designar por dado, consoante a larga tradição acadêmica e, de certo modo, situar em termos categoriais a noção de dado e de resultado – condicionadas e condicionantes da noção de teste, verificação e resultados que também são utilizadas neste estudo – tais como são usadas neste trabalho.

A tradição insular de Ciência e de pesquisa consagrou a ideia de dado como “... *something given, or taken as given, from which inference can be*

*made*¹⁷³” (KERLINGER, 1979, p. 25), consoante uma compreensão limitada a expressões numéricas ou estatísticas de um fenômeno dado. Não obstante isto ser verdadeiro, o próprio Kerlinger pontifica:

*[...] data are not limited to numerical or statistical results. **Verbal material [...] can be considered data***¹⁷⁴. *Scientist, then, usually use the word “data” to refer to results obtained from research, mostly though not always numerical or statistical results, from which they draw inferences or conclusions. [...] “Data” also refers to almost any evidence obtained from research studies. One can say that “data” and “evidence” are used almost synonymously*¹⁷⁵. (KERLINGER, 1979, p. 25).

Neste ponto, há de se dizer que a noção de dado utilizada neste estudo acompanha essa compreensão ampliada de Fredrerich Kerlinger (1979) e dela se serve para considerar dados os hipertextos potenciais e os percursos hipertextuais ou hipertextos concretos construídos pelos sujeitos hiperleitores constituídos sujeitos de pesquisa e a partir dos quais a parte empírica deste estudo se organiza. Isto posto, o termo resultado é utilizado aqui em referência a quanto emergir da verificação das hipóteses em relação aos dados da pesquisa.

Por certo preciosismo acadêmico, uma vez que essas questões já aparecem implicitamente desveladas ao leitor minimamente atento, há que se patentear posicionamentos epistêmicos quanto ao método, quais sejam: que esta pesquisa tem abordagem hipotético-dedutiva; que o método aqui desenhado tem natureza quase experimental; que malgrado ser verdade que “qualidade-quantidade formam uma unidade dialética necessária para a produção da ciência contemporânea” (SERPA, 2002, p. 167), o método que se desenha para abordar o problema em foco e verificar as hipóteses implica uma elaboração e

¹⁷³ “algo dado ou tomado como dado, a partir do qual se possam fazer inferências” (tradução nossa).

¹⁷⁴ Grifo nosso.

¹⁷⁵ “os dados não são limitados a resultados numéricos ou estatísticos. Material verbal pode ser considerado dado. Os cientistas, então, normalmente usam o termo dado para se referirem a resultados obtidos a partir de pesquisas que nem sempre são numéricos ou estatísticos, a partir dos quais eles fazem inferências e tiram conclusões. [...] O termo “dados” também se refere a quase qualquer evidência obtida de pesquisas. Pode-se dizer que “dados” e “evidências” são usados como quase sinônimos.

interpretação dos dados descolada de uma matriz meramente matemática ou estatística¹⁷⁶ – o que colocaria esta pesquisa no espaço das pesquisas qualitativas, muito embora essa dicotomia qualidade-quantidade pareça servir apenas ao purismo neopositivista de alguns e redunde inútil como instrumental de leitura dos construtos da Ciência – e, portanto, é apenas “uma aproximação ou ressonância sensível” (GALEFFI, 2009, p. 32) desses mesmos dados; que a singularidade do problema levantado e a dialética dos fundamentos filosóficos orquestrados para a elaboração de uma resposta teórica para o problema em questão impuseram o desenvolvimento de uma abordagem metodológica conformada à imagem do problema e, portanto, singular, pelo que também o método se configura em contribuição teórica para o estudo dos fenômenos relacionados ao hipertexto e à hiperleitura.

Eis porque se renunciou ao caminho seguro da replicação de métodos já testados e se vai aqui arriscando nos emaranhados de um caminho metodológico próprio, na medida em que “os métodos de pesquisa envolvem muito mais do que procedimentos” (KINCHEOLE, 2007a, p. 17), envolvem uma concepção de Ciência e um modo de perceber o fenômeno que, *per se*, afeta o próprio fenômeno.

Neste ponto, importa acentuar que os fundamentos epistemológicos desta pesquisa, conquanto fundados sobre uma Gnosiologia Construtivista, implicam uma compreensão da pesquisa como processo dinâmico e intersubjetivo na apropriação do fenômeno objetivo e, portanto, já supõe uma interação necessária entre tradições filosóficas e epistemológicas que garantam apropriadamente a base filosófica que demanda a pesquisa científica.

Isto posto, o método que aqui se desenha, longe de pretender-se desenvolvido *ex nihilo*, vai buscar no patrimônio metodológico da Ciência, notadamente das Ciências Humanas, modelos, instrumentos e perspectivas de abordagem que, reunidas, conformam a singularidade do método desenvolvido.

¹⁷⁶ Se bem que não seja possível uma apropriação direta e neutra dos dados ainda que matematicamente formulados, o que invalida a pretensão dos empiristas puros. Contudo, este não parece ser o lugar mais adequado para desenvolver propriamente o argumento.

Consoante essa percepção, por similaridade, há que se convergir com quanto afirmam os *bricoleurs* no que tange às tensões que naturalmente emergem em uma construção metodológica como esta, posto que

a pesquisa é sempre um ato contestado. Em cada corpo de conhecimento, sempre há uma história de conflito em um conjunto de decisões sobre o processo de pesquisa relacionados ao poder. No movimento rumo a uma forma mais rigorosa de pesquisa, os *bricoleurs* demandam que se preserve o registro dessas contradições. Conflitos epistemológicos [fortemente presentes neste estudo], ideológicos e relacionados a valores moldam as perguntas que fazemos, as decisões que tomamos sobre o conhecimento que produzimos (KINCHELOE, 2007b, p. 63).

Assim, longe de negar quando de conflituoso haja entre Fenomenologia e Praxiologia, aqui se pretende propor uma abordagem convergente não obstante não reducionista dessas tradições epistemológicas com a qual se permite apoiar tanto a hiperleitura como práxis quanto a hiperleitura como fenômeno na busca de “novos relacionamentos que proporcionem compreensões de novas dimensões do vivido” (KINCHELOE, 2007c, p. 84).

Isto posto, a parte empírica desta pesquisa é a *aferição praxiológico-fenomenológica do grau de hipertextualidade de uma textualidade dada* que consiste em determinar, a partir do levantamento do percurso (hiper)leitor de um sujeito dado, o grau de hipertextualidade (H°) um percurso hiperleitor, sabendo-se hipertextual todo percurso de grau maior que zero (> 0) e tomando grau de hipertextualidade como o valor simbólico de cada trilha hipertextual efetivamente iniciada.

Logo, consoante quanto já apresentado, a parte empírica deste estudo se dá na verificação da relação entre o grau de hipertextualidade potencial de uma textualidade dada (texto ou hipertexto) e o grau de hipertextualidade concreto emergido da práxis hiperleitora de um sujeito dado quando isolada e tomada como dado absoluto.

Há, porém, que se distinguir entre o resultado entendido como o desvelamento dos percursos hipertextuais dos sujeitos desta pesquisa que, como

tal, é efêmero, e a validação da hiperleitura como critério definidor da hipertextualidade e do grau de hipertextualidade como parâmetro de aferição desse procedimento. Aqui reside a contribuição que se quer dar para os estudos do hipertexto.

Assim, consideradas as hipóteses (H_1 , H_2 e H_3), a aferição do grau de hipertextualidade consiste em verificar *in situ* a práxis hiperleitora de um sujeito dado no intuito de identificar a efetividade dos elos e nós formalmente disponibilizados em um hipertexto potencial, bem como o potencial hipertextual de textos ou de extratos textuais no bojo de um hipertexto potencial, isto é, a variação de H° entre um hipertexto potencial e um hipertexto concreto.

Entretanto, a aferição do H° só pode ser efetiva se a produção de sentido for isolada de seu contexto como um objeto de consciência estanque. Neste ponto, há que se descolar o sujeito hiperleitor do objeto hiperlido para tomá-lo como unidade autônoma de sentido “como dados absolutos captados no ver puramente imanente, [isto é], o dado absoluto do próprio fenômeno” (HUSSERL, 1989, p. 72).

O grau de hipertextualidade busca atribuir um valor simbólico igual a um ($H^\circ = 1$) que será concreto quando corresponder à concretização de um rota hipertextual dada e potencial quando indicar um elo ou nó que permite a abertura de uma rota hipertextual, isto é, uma lexia.

Aqui, há de se ter em conta, porém, que está é uma formulação teórica que tem por fim dar consistência lógica ao postulado. É improvável a produção de um hipertexto de grau um em condições reais, seja potencial seja concreto, em virtude pouca operacionabilidade desse construto, no caso do hipertexto potencial, e da fragmentação extrema do processo hiperleitor que isto significaria, no caso do hipertexto concreto.

É verdade que uma mensuração precisa do grau de hipertextualidade potencial (H_p°) esbarra na impossibilidade de determinar absolutamente toda a potencialidade hipertextual de um texto, dada a natureza determinante da

hiperleitura – e portanto da práxis concreta de um sujeito dado – na construção do elo ou nó eidético¹⁷⁷.

Isto posto, para contornar esse problema metodologicamente, considera-se apenas o *hyperlink* (físico) ou o elo ou nó não digital¹⁷⁸ como referência do grau de hipertextualidade potencial (H_p°), não obstante se entender ser essa uma medida limitada e incapaz de aferir com precisão o H_p° de qualquer textualidade¹⁷⁹.

Para determinar o H° , divide-se o número de *hyperlinks* (Hl) pelo número total de elos eidéticos possíveis em um hipertexto, isto é, todas as unidades semânticas (ς) do hipertexto, excluídos os síndetos, artigos, advérbios, adjetivos e verbos cujo potencial semântico não parecem justificar sua vinculação ao H_p° , não obstante a possibilidade de, em um contexto específico, justificar-se a inserção de alguma dessas categorias no elenco de unidades semânticas para efeito do cálculo do H° . Ademais, a unidade semântica não raro é constituída por mais de um lexema, ora confundindo-se com um sintagma, ora reduzindo-se a uma unidade lexical: suas fronteiras são semânticas, não sintáticas.

Nesse sentido, a determinação do H_p° de um hipertexto potencial é:

$$H_p^\circ = Hl \div \varsigma$$

¹⁷⁷ Aqui se quer propor uma diferença entre o *link* como realidade física do hipertexto digital e como tal exterior à competência do hiperleitor e o *link* como realidade eidética que se estabelece à medida em o sujeito vai constituindo um percurso hipertextual dado. Essas dimensões – física e eidética – não são necessariamente convergentes e o H° será um instrumento claro de medir como um *link* físico dado não se confirmou como *link* eidético em um hipertexto concreto dado e como uma unidade não destacada como *hyperlink* pode vir a se tornar um *link* eidético.

¹⁷⁸ Na falta de uma categoria mais precisa, designa-se aqui precariamente como elo ou nó não digital o sistema de inter-referenciação tradicionalmente usado em enciclopédias, dicionários, bíblias e que, mesmo com certas limitações de ordem técnica, realizam a função de relacionar entradas eidéticas a semelhança do *hyperlink*.

¹⁷⁹ Neste ponto fica patente que todo texto que não contem em si uma estruturação hipertextual no nível da forma permanece hipertextual *in sede theoretica*, na medida em que nada impede a construção de um percurso hipertextual a partir do processo (hiper)leitor do sujeito implicado na concretização do dito texto. A aferição do grau de hipertextualidade potencial redundante, portanto, meramente instrumental do processo de verificação das hipóteses deste estudo, dela não se inferindo que um texto de $H_p^\circ = 0$ não possa redundar em um hipertexto concreto.

A determinação do grau de hipertextualidade concreta (H_c°) de um hipertexto concreto, isto é, de um percurso hipertextual efetivamente conformado por um hiperleitor dado, corresponde ao número de lexias (λ) efetivamente percorridas pelo sujeito hiperleitor dividido pelo número de unidades semânticas (ζ) do hipertexto potencial:

$$H_c^\circ = \lambda \div \zeta$$

Neste ponto, bem se pode afirmar que a efetividade de um H_p pode ser mensurada pela relação entre H_p° e H_c° , sendo tanto mais efetivo quanto maior for o percentual de H_c° , devendo ser sempre maior que zero para constituir H_c° , não obstante poder ser menor, maior ou igual a H_p° ¹⁸⁰.

Os hipertextos digitais terão H_p° igual ao número de *hyperlinks* disponibilizados no hipertexto dividido pelo número de unidades semânticas validadas disponíveis nesse hipertexto digital dado e o H_c° de um hipertexto concreto dado será a determinado considerando o número de lexias percorridas em uma hiperleitura dada dividido pelo número de unidades semânticas validadas disponíveis no hipertexto potencial dado.

Aqui, algumas premissas aparecem: 1. o (hiper)texto será potencialmente mais hipertextual quanto mais próximo de 1 for o resultado do cálculo de H_p° ; 2. sendo $H_c^\circ \geq H_p^\circ$, o nível de efetividade H_p° será inversamente proporcional ao crescimento de H_c° ; 3. sendo $H_c^\circ \leq H_p^\circ$, o nível de efetividade H_p° será proporcional ao crescimento de H_c° , sendo 1 o meridiano de excelência.

Considerada a H_1 , há que se conceder a existência de um potencial hipertextual em textos formalmente não hipertextuais, pelo que se precisaria pensar em um potencial hipertextual exterior, dependente exclusivamente do hiperleitor, e um potencial hipertextual interior conformado pelo(s) autor(es) no

¹⁸⁰ Em consonância com a teoria aqui propugnada, o processo de hiperleitura poderá viabilizar a efetivação de remissões eidéticas em tudo iguais às relações estabelecidas entre *hyperlinks*, salvo do que concerne à (i)materialidade da lexia digital aberta em um hipertexto eletrônico. Isto posto, em tese, será possível que um hipertexto potencial dado possa ter H_c° maior que seu respectivo H_p° , em função desse procedimento hiperleitor.

processo de hipercomposição e dependente dos elos e nós formalmente constituídos e que é indicado pelo H_p° .

De certo, portanto, esse grau potencial hipertextual exterior, se mensurável, demandaria uma fórmula outra, diversa daquela usada para calcular o grau de hipertextualidade potencial ($H_p^\circ = Hl \div \zeta$), categorias outras a partir das quais ele pudesse ser aferido. No caso *in situ*, isto não se dá, pelo que esta questão não será verificada empiricamente, não obstante se conceder sua validade *in sede theoretica*.

Entretanto, importa esclarecer que o grau de hipertextualidade potencial tal como se propõe neste estudo não consegue desvelar fielmente o H_p° de textualidades digitais e não digitais indistintamente, na medida mesma em que usa o *hyperlink* como unidade de medida na fórmula que produz o H_p° . No caso em tela, a fórmula produz uma medida que é representativa apenas da hipertextualidade potencial digital, isto é, aquela que emerge dos *hyperlinks*, desconsiderando o potencial hipertextual, do ponto de vista cognitivo, de lexias não hiperconectadas presentes na textualidade digital mensurada, o que torna o H_p° de uma textualidade dada apenas parcialmente representativo do potencial hipertextual de um hipertexto potencial digital dado.

Ainda mais grave, o H_p° produz o resultado igual a zero ($H_p^\circ = 0$) como representativo de uma textualidade não digital, na medida em que não possua *Hl*. Ora, o que se buscou demonstrar teoricamente nos capítulos precedentes, ao propugnar o primado a hiperleitura como elemento constituidor do hipertexto concreto, é justamente a transcendência da potencialidade digital dos liames dos nós e elos do hipertexto digital, pelo que a hipertextualidade é entendida como uma potência inerente à linguagem. Logo, não há que se falar de grau zero absolutadamente, pois que criaria, aparentemente uma aporia metodológica, na medida em que todo texto possui potencial hipertextual.

Entretanto $H_p^\circ = 0$, tal como possibilitado pela fórmula de H_p° e como logo se verá no *corpus* da pesquisa empírica, justifica-se de dois modos: 1. como resultado da fórmula proposta e 2. como representação formal do determinismo

tecnológico contra o qual esta tese se insurge. Isto posto, $H_p^\circ = 0$ é um resultado possível e coerente com a fórmula $H_p^\circ = Hl \div \zeta$, na medida em que a utilização de Hl como variável na fórmula torna coerente que o resultado seja igual a zero em textualidades não digitais e, por seu turno, isso materializa o postulado dos que defendem que as TIC são determinantes para a constituição do hipertexto, servindo aos objetivos desta pesquisa.

Nesse sentido, o paradoxo de $H_p^\circ = 0$ é apenas aparente: ao postular a existência de $H_p^\circ = 0$, de modo algum se contradiz o princípio de que todo texto é um hipertexto. Antes, permite-se enfrentar o postulado da primazia das TIC no campo da experimentação empírica na forma do método proposto.

Desta forma, $H_p^\circ = 0$ é uma concessão metodológica necessária à comprovação empírica *a posteriori* de sua impossibilidade, na medida em que a formulação de um hipertexto concreto ($H_c^\circ > 0$) a partir de uma textualidade com $H_p^\circ = 0$ constitui o reconhecimento explícito de que subsiste um potencial hipertextual mesmo onde $H_p^\circ = 0$. Deste modo, $H_p^\circ = 0$ cumpre bem sua função metodológica.

Não obstante ser possível formular um H_p° que não contenha Hl em sua fórmula de base, afastando completamente o problema do determinismo tecnológico da formulação de H_p° , ou contendo outras variáveis que permitam que o H_p° desvele com maior precisão a potencialidade de uma textualidade dada, no limite dos objetivos propostos para este estudo em resposta ao problema de pesquisa propugnado, a conformação atual da fórmula de H_p° atende plenamente aos objetivos e serve bem aos procedimentos de verificação das hipóteses elaboradas, permitindo o enfrentamento direto do problema do determinismo tecnológico *vis-à-vis* o primado da hiperleitura como elemento constituinte básico do hipertexto concreto ao conceder, *ad argumentandum*, a existência de $H_p^\circ = 0$ como elemento necessário ao enfrentamento do problema de pesquisa assumido nesta tese.

Aqui, o problema da tecnologia é central e a H_3 permite lançar um olhar sobre a o grau de determinação que as TIC têm sobre o hipertexto concreto. A hipótese ensejada será verificada na medida em que os percursos hipertextuais concretizados demonstrem em que medida os *hyperlinks* operam sobre a abertura de novas lexias no âmbito do hipertexto concreto. Neste ponto, os percursos hipertextuais desvelados pela Tábua de Aferição do Grau de Hipertextualidade (TAGH) serão os instrumentos centrais para a verificação da H_3 .

Também H_2 se pode verificar através dos percursos hipertextuais que condensados na Tábua de Aferição do Grau de Hipertextualidade, na medida em que emirjam percursos hipertextuais que relativizem os *hyperlinks* em sua função de elos para outras lexias, tanto pela sua não-concretização quanto pelo trilhar de lexias não determinadas por *hyperlinks*.

Nesse sentido o H_p° de um texto não hipertextual é ilusório e serve apenas para determinar a diferença entre o potencial hipertextual de uma textualidade qualquer a partir de uma práxis hiperleitora *versus* as condições tecnológicas dessa mesma textualidade.

Isto posto, para efeito de análise, quanto maior for o H_c° de um texto não hipertextual em potência e quanto menor for o H_c° de um hipertexto potencial, maior será a veracidade de H_3 ; quanto à H_1 , a existência de variação entre H_c° e H_p° determinada pela práxis hiperleitora de um sujeito dado parece ser suficiente parâmetro suficiente para indicar a validade da hipótese; H_2 será verificada pela relação entre H_c° e H_p° em H_p° *versus* o H_c° de um texto não hipertextual.

Do locus e dos sujeitos da pesquisa

A pesquisa empírica está centrada na amostragem da práxis (hiper)leitora de dezesseis sujeitos selecionados pelo pesquisador segundo os critérios que se seguem. Consoante o desenhar de um método que aportasse empiria à

construção teórica procurou-se um formato de população e amostra que pudesse ofertar à pesquisa os dados necessários à verificação das hipóteses.

Assim, o elemento central na conformação da amostra foi o direcionamento, o que significa o abandono do acaso, “compreendido aqui no sentido matemático” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 169), em prol do direcionamento da amostra, isto é, da busca de uma população capaz de compor os dados necessários à pesquisa.

Invalidará ou diminuirá isto o valor da pesquisa? Muito pelo contrário! Isto situa a amostra da pesquisa no âmbito estrito do método desenhado: é a busca pelo momento/espço de constituição do hipertexto e a amostra aqui se dirige antes para demonstrar as condições de produção do hipertexto do que para verificá-las em uma população dada; dirige-se antes para construir uma teoria sobre o hipertexto em lugar de verificar se e como uma teoria dada se comporta ante uma população de características tais e tais.

Constituiu-se uma pesquisa de campo a partir de uma amostragem conformada em um conjunto de sujeitos de pesquisa de nove (9) sujeitos. Neste sentido, *locus* e sujeitos se confluem em uma unida entidade de pesquisa, pois a premissa de um *locus* determinado é nula para este estudo¹⁸¹.

¹⁸¹ Isto seria bastante para suscitar grave discussão sobre categorias tradicionais do método das Ciências Sociais que, invariavelmente, são adotadas pelos pesquisadores mais como uma salvaguarda para seus achados que como prevalentes em si mesmos. Mas, este não é o objeto deste estudo nem a intencionalidade da omissão da categoria *locus*. A verdade é que o *locus* é indiferente para esta pesquisa. Que ela se dê na Cidade do Salvador e na Cidade de Conceição do Coité – ambas no Estado Federado da Bahia – é irrelevante para as conclusões do estudo, pois a variável implicada nos achados é a formação dos sujeitos pesquisados e sua maior ou menor competência linguística e leitora conforme aferido no questionário dos sujeitos. Nesse sentido, guardado o paralelismo das condições objetivas de formação que condicionaram a composição dos grupos de sujeitos, bem se poderia aplicar a mesma pesquisa algures. Isto posto, *locus* é uma categoria sem implicações metodológicas nesta pesquisa o que, de pronto, importa certa assunção de universalidade do método e do resultado, por um lado, ainda que accidental, e na renúncia a qualquer vestígio de influência etnográfica que se pudesse inferir deste estudo, dada a relativização de uma categoria tão determinante para a Etnografia quanto o *locus*. Contudo, para que não se tenha dúvida: aqui, renuncia-se ao *locus*, não ao contexto e, por contexto, se quer aqui a condição de partida de cada hiperleitor (sua formação, sua competência linguística e leitora e sua maior ou menor proximidade com a área do texto/hipertexto (hiper)lido) frente a cada texto/hipertexto proposto.

A consideração central para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi o desconhecimento do arcabouço teórico construído neste estudo no sentido de afastar das variáveis passíveis de interferência nos resultados deste estudo qualquer contaminação de intencionalidade excessiva na construção dos percursos (hiper)leitores desses sujeitos.

Por seu turno, os sujeitos de pesquisa – os hiperleitores – foram congregados em dois grupos a partir de duas premissas metodológicas básicas: a) formar dois grupos de sujeitos, um com perfil heterogêneo e outro com perfil homogêneo; b) constituir um grupo a partir de sujeitos originalmente desvinculados uns dos outros acentuadamente, no que tange a sua área de formação, e outro grupo de sujeitos vinculados entre si por pertencer a um mesmo núcleo formativo.

Consideradas estas premissas, o elemento inicial fundamental para a conformação da amostra foi o afastamento dos sujeitos dos pressupostos teóricos sobre hipertexto e hiperleitura abordados neste estudo e o presuntivo afastamento das discussões teóricas sobre hipertexto e hiperleitura¹⁸². Assim, o grupo A foi composto por sujeitos de pesquisa de sólida formação acadêmica em suas áreas de conhecimento (Saúde e Artes), bem como proficiência linguística e leitora condizente com seu nível de formação, três para cada áreas, e o grupo B foi formado por igual número de alunos de graduação em Letras com proficiência linguística e leitora condizente com seu nível de formação e afastamento das temáticas dos textos do corpus, conforme indicado no apêndice B¹⁸³.

Neste sentido, também a amostragem é mista: a amostragem é não probabilista, sendo amostra típica quanto ao primeiro grupo e acidental quanto ao segundo (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 170).

¹⁸² Conquanto o desconhecimento das teorias levantadas neste estudo tenha sido objetivamente verificado pelo pesquisador no questionário aplicado no início da pesquisa, pareceu satisfatório presumir o afastamento das discussões teóricas sobre hipertexto a partir do histórico de formação desses sujeitos. Contudo, tal presunção não implica ignorância plena e absoluta – seja do ponto de vista acadêmico, seja do ponto de vista do lugar comum – do tema, mas apenas ignorância das discussões acadêmicas pertinentes ao tema.

¹⁸³ Cf. p. 245.

Nesse sentido, a seleção de sujeitos desta pesquisa pode ser assim sintetizada:

Quadro 03 – Procedimentos de seleção e ordenamento de sujeitos e grupos

Procedimento	Descrição
Tipo de amostra	▪ não probabilista atípica (grupo A) e acidental (grupo B);
Quantidade de sujeitos	▪ nove (seis no grupo A e três no grupo B);
Eleição de pressupostos de seleção dos sujeitos e formação dos grupos:	▪ ausência de conhecimento teórico sistematizado sobre hipertexto; ▪ grupo A heterogêneo e grupo B homogêneo; ▪ grupo A constituído por profissionais de várias áreas do conhecimento; ▪ grupo B constituído por alunos de graduação em Letras.
Áreas do conhecimento:	Saúde e Artes.
Formação dos grupos:	grupo A (três profissionais de cada uma das áreas listadas); grupo B (três alunos de graduação em Letras).

Do corpus

Para efetuar a pesquisa elaborou-se um *corpus* hipertextual de seis hipertextos potenciais escolhidos pelos componentes do grupo A que vão anexos a este estudo. Dos textos que compõem o *corpus*, três são textos com $H_p^\circ = 0$, podendo ser textos digitais ou não; três textos são hipertextos potenciais digitais, tendo portanto $H_p^\circ > 0$.

Tal *corpus* permitiu cobrir um universo razoável de áreas do conhecimento, potencializando a natureza multidisciplinar do grupo A e permitindo que o impacto das distâncias e proximidades como cada área no processo de construção das hiperleituras pudesse ser observado.

Os textos selecionados tratam necessariamente de aspectos relacionados a cada uma das áreas de conhecimento indicadas acima, dois por área, evitando-se, contudo, abordagens demasiado herméticas que pudessem selar o texto

como legível apenas para iniciados, inutilizando-os para o escopo aqui pretendido. Mais dois textos de uma terceira área serão escolhidos por um sujeito profissional dessa área para permitir acompanhar-se do comportamento dos sujeitos do grupo A em relação a essa terceira área e a validação das TAGH como descrita alhures.

Os textos selecionados foram todos dissertativos e de temática e formato acadêmicos. Tal conformação uniformizou a abordagem e afastou a discussão de gêneros e tipos textuais que, de resto, não toca o objeto deste estudo. Não está contida no escopo desta pesquisa a análise do comportamento do fenômeno da hipertextualidade ante a variação de tipos e gêneros textuais, não obstante pareça ser um campo promissor.

Dos instrumentos

A pesquisa empírica envidada neste estudo doutoral supõe a possibilidade de utilização de dois instrumentos de coleta de dados, nomeadamente: questionário de identificação/qualificação dos sujeitos de pesquisa¹⁸⁴ e a Tábua de Aferição do Grau de Hipertextualidade¹⁸⁵, conforme descritos nos apêndices deste estudo.

O questionário, instrumento auxiliar de pesquisa com claro caráter suplementar, visa levantar informações sobre a formação e a práxis leitora e hiperleitora dos sujeitos que possam iluminar os dados que emergirem da Tábua de Aferição do Grau de Hipertextualidade, quando tais dados complementares forem necessários à pesquisa, a juízo do pesquisador. Assim, esse questionário não intenta levantar informações sobre os sujeitos para tratar essas informações

¹⁸⁴ Cf. Apêndice B.

¹⁸⁵ Cf. Apêndice A.

como dados válidos *per se*. Os dados da pesquisa são obtidos pelo segundo instrumento.

Os elementos levantados nos questionários serão reclamados pelo pesquisador, se convier, toda vez que os dados do fenômeno precisem ser iluminados por elementos da práxis dos sujeitos para ganhar logicidade e compreensibilidade. Neste ponto, fica claro que a práxis será auxiliar do fenômeno.

O questionário será aplicado em formato digital e conterà questões objetivas e questões abertas.

Já a Tábua de Aferição de Grau de Hipertextualidade constitui-se no instrumento principal de levantamento dos dados desta pesquisa. Como dados iniciais, esse instrumento contém a indicação do sujeito hiperleitor, do texto/hipertexto cuja (hiper)leitura¹⁸⁶ será produzida e o do H_p° (hiper)texto em questão.

Além desses elementos, o instrumento é composto por quadros a serem preenchidos pelos sujeitos indicando as unidades de sentido convertidas em *hyperlink* no bojo da hiperleitura, bem como os *hyperlinks* efetivamente desenvolvidos em novas lexias, e nessas novas lexias, o mesmo processo do hipertexto potencial *ad nauseam*.

O H_c° dos percursos hipertextuais conformados pelos sujeitos de pesquisa será medido pelo pesquisador conforme definido neste modelo metodológico e adicionado à Tábua de Aferição do Grau de Hipertextualidade a ser entregue aos sujeitos-hiperleitores.

Desta forma, esse instrumento poderá fornecer ao pesquisador tanto o retrato do percurso hipertextual dado, isto é, permite uma visão do hipertexto

¹⁸⁶ Hipertexto e hiperleitura são representados textualmente como (hiper)texto e (hiper)leitura todas as vezes que a intenção seja indicar a ideia de alternativa entre uma ou outra tipicidade dependente do processo cognitivo do sujeito implicado.

concreto por outrem que não o hiperleitor, quanto os dados concisos dos graus de hipertextualidade.

Da validação do TAGH

Para provar o instrumento de pesquisa, garantindo que os resultados sustentam-se sobre fundamentos sólidos, isto é, o método e os instrumentos usados para testar as hipóteses, e assegurar ao pesquisador e à comunidade científica a confiabilidade dos dados, o instrumento de pesquisa central deste estudo, qual seja a Tabela de Aferição do Grau de Hipertextualidade (TAGH), foi submetida a um processo de validação com o afã de determinar a validade do construto a partir do “método de grupos conhecidos”.

Em relação a esse procedimento, Kerlinger (1979) assevera que *“in this method, groups of people with known characteristics are administered an instrument and the differences between the groups predicted”*¹⁸⁷ (KERLINGER, 1979, p. 140). Aqui, aplicou-se o instrumento a três sujeitos da validação, doravante denominados VA₁, VA₂ e VA₃.

Dado que o importante nesse processo de validação é medir a acuidade do instrumento, julgou-se igualmente pertinente para o objetivo proposto conduzir a validação de modo a verificar o comportamento do instrumento ante dois sujeitos (VA₁ e VA₂) cujo interesse na temática em questão é alto e o conhecimento profundo, donde se infere um comportamento homogêneo na (hiper)leitura, um terceiro sujeito (VA₃) sem formação na área.

Para a validação utilizou-se o texto *PERFUME*, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume> e acesso em doze de novembro de 2012, com H_p° 0.22549, designado doravante como T₆ na forma indicada na composição do corpus.

¹⁸⁷ “nesse métodos, administra-se um instrumento a grupos de pessoais de características conhecidas e as diferenças entre os grupos são previstas” (tradução nossa).

Os sujeitos do teste de validação preencheram as TAGH relativas a T_6 que vão sumarizados abaixo com quantidade de *hyperlinks* abertos e grau de hipertextualidade concreta resultante. Assim, aplicado o teste de validação, os dados emergiram da seguinte forma:

Tabela 01 – Validação das TAGH

Sujeitos	H°	T_6
VA ₁	<i>Quant.</i>	3
	H_c°	0.13043
VA ₂	<i>Quant.</i>	2
	H_c°	0.08696
VA ₃	<i>Quant.</i>	6
	H_c°	0.26087

Os dados produzidos validam a TAGH como instrumento para a verificação dos graus de hipertextualidade e revelam que os sujeitos com domínio da área (V_1 e V_2) revelam menor interesse que o sujeito V_3 . Alhures se verá como os sujeitos da pesquisa empírica se comportam em relação a isto.

Isto posto, considera-se o instrumento validado e confiável para os fins do levantamento de dados deste estudo.

Dos procedimentos de pesquisa

Esta pesquisa é, propriamente, a proposição de um modelo de interpretação do fenômeno da hiperleitura que permita reconhecer sua dupla dimensão de vivido singular e estanque sem negar o aspecto dinâmico e praxiológico de sua conformação. Nesse sentido, feita a revisão de literatura, do método às proposições propriamente teóricas deste estudo, trata-se da composição de um quadro teórico capaz de emoldurar a hiperleitura, pelo que método e teoria completam-se e interpenetram-se.

Desta forma, a formulação teórica já é um movimento metodológico que conforma o primeiro passo da pesquisa ao modo de Antonio Gramsci que “conceitua a ciência exatamente como a síntese da atividade teórica e da

atividade prático-experimental dos cientistas” (GUIMARÃES, 1999, p. 151). Isto posto, de pronto se parte para a seleção dos sujeitos de pesquisa, conforme externado acima.

A decisão de selecionar profissionais dessas áreas do conhecimento bem como alunos de graduação em Letras quer, por um lado, afastar a variável de competência leitora e domínio da área específica no que tange aos sujeitos em suas áreas de conhecimento e, por outro lado, analisar a influência que esse afastamento da própria área de formação exerce sobre a habilidade de produzir hiperleitura, contrastando a homogeneidade de um grupo *versus* a heterogeneidade de outro, bem como o comportamento hiperleitor do grupo homogêneo ante a heterogeneidade de temáticas apresentadas nos (hiper)textos propostos.

Neste sentido, o instrumento de pesquisa não busca desvelar os sentidos construídos pelos sujeitos (hiper)leitores, mas apenas verificar se e onde eles foram capazes de construir hiperleituras, conformando percursos hipertextuais que são, por fim, o dado a ser analisado.

Assim, o direcionamento na constituição dos sujeitos de pesquisa permitiu controlar as variáveis competência leitora e competência por área do conhecimento com o fito de verificar o papel do sujeito hiperleitor *vis-à-vis* o da tecnologia na construção do hipertexto concreto, isto é, na construção de um percurso hipertextual dado.

Também é importante salientar os critérios que regem a seleção dos (hiper)textos utilizados neste estudo como objeto dos procedimentos de (hiper)leitura dos sujeitos:

- textos “convencionais” entre três e cinco páginas¹⁸⁸;
- hipertextos potenciais em formato digital compatível com o tamanho do texto convencional;

¹⁸⁸ O tamanho dos textos procura apenas criar uma medida uniforme e razoável para as amostras, sem nenhuma implicação de ordem metodológica ou epistemológica.

- temática específica das áreas do conhecimento selecionadas, mas que sejam passíveis de compreensão por sujeitos estranhos à área do conhecimento.

Estes critérios visam meramente garantir certa paridade entre os textos apresentados aos sujeitos da pesquisa e a perfeita legibilidade, no intuito de afastar da variável temática como determinante para a legibilidade do texto. Postula-se que a temática seja uma variável importante para o H_c° e, para tanto, há que se afastar o perigo do hermetismo textual.

A produção de hiperleituras que se poderia chamar de “experimento próprio deste estudo”¹⁸⁹ é o passo seguinte da pesquisa, acompanhada do preenchimento do instrumento de pesquisa pelos sujeitos. A ausência de um controle externo do momento da produção hiperleitadora e/ou de um preenchimento “neutro” do instrumento visa respeitar a subjetividade da produção hiperleitadora e capturá-la como tal, sem a pretensa neutralidade do pesquisador externo que nada acrescentaria ao procedimento.

Nesse sentido, são desprezíveis as variáveis que naturalmente compõem o processo subjetivo de produção hiperleitadora de cada sujeito, posto que sua práxis não é o objeto de estudo aqui delimitado, mas as características dessa práxis que marcam o fenômeno hiperleitor e emergem hipertexto concreto, dimensionado no instrumento de pesquisa. Na verdade, a preservação do maior grau possível de naturalidade da práxis hiperleitadora dos sujeitos é uma premissa básica deste estudo.

Isto posto, retornados os instrumentos de pesquisa ao pesquisador, terá início a análise dos dados e a verificação das hipóteses, consoante o aparato teórico desenvolvido para isto neste estudo doutoral. Os questionários serão usados na busca por elucidar singularidades dos percursos hipertextuais

¹⁸⁹ Importa deixar clara a renúncia aos métodos e aos procedimentos da pesquisa experimental *stricto sensu* tomados em sua uniformidade e rigor. Com isto, abre-se, na verdade, o espaço para a construção desta proposta quase experimental que se quer própria, marcada pela necessidade e pelo contexto da pesquisa, muito embora assumo este ou aquele princípio de diversos métodos, conforme vai descrito neste capítulo, consoante sua adequação às necessidades do estudo.

atribuíveis à subjetividade de qualquer um dos sujeitos e/ou para situar cada hipertexto concreto no limite da práxis de cada sujeito em um caminho de volta da redução fenomenológica que permitirá verificar das hipóteses propostas, se necessário.

Quadro 04 - Procedimentos de coleta dos dados

Procedimento	Descrição
Aplicação do questionário:	cada sujeito responde o questionário de identificação probabilista atípica (grupo A) e acidental (grupo B).
Seleção dos (hiper)textos:	Os componentes do grupo um selecionaram um texto e um hipertexto de sua área do conhecimento.
Distribuição dos (hiper)textos:	Os seis textos são reunidos em um documento e entregues aos sujeitos, bem como os sete endereços eletrônicos dos hipertextos.
(Hiper)Leitura e preenchimento do instrumento de pesquisa:	No período de trinta dias, os sujeitos produzem as (hiper)leituras concomitantemente preenchendo o instrumento de pesquisa.
Recolhimento do instrumento de pesquisa:	Os instrumentos são devolvidos após a (hiper)leitura do último texto.

Dos parâmetros para a análise dos dados

A parte final deste estudo será a análise dos dados emergidos da pesquisa empírica, quais sejam: os questionários respondidos pelos sujeitos com a caracterização de seu perfil (hiper)leitor, os textos ou hipertextos potenciais utilizados na pesquisa e as Tábuas de Aferição do Grau de Hipertextualidade dos (hiper)textos concretizados durante a pesquisa pelos sujeitos.

No que concerne aos questionários de pesquisa, eles servirão de subsídio para o esclarecimento de possíveis discrepâncias do padrão do H_c° que surjam na tabulação dos dados coletados nas TAGH. Nesse sentido, eles se constituem em instrumentos auxiliares e sua análise depende necessariamente da emergência de variações tais nos H_p° aferidos a partir de um mesmo H_p° por

sujeitos diferentes que, a juízo do pesquisador, leve à busca de elementos externos ao H_p para compreender e justificar os dados empíricos coletados. Isto posto, pode-se afirmar que os questionários constituem-se um *corpus* auxiliar e, como tal, não ensejam uma análise primeira.

Quanto às TAGH, o procedimento de análise consiste, em primeiro plano, em comparar os H_p° e H_c° de cada amostra¹⁹⁰ para determinar a variação entre os graus obtidos segundo a fórmula proposta *supra* e, *a posteriori*, identificar e analisar a emergência ou não de um padrão de H_c° para um determinado H_p° ou para um determinado grupo de sujeitos.

No intuito de verificar como se comportam H_1 , H_2 e H_3 *in situ*, o passo seguinte consiste em cotejar os dados coletados das amostras da pesquisa no intuito de verificar a emergência ou não de um padrão de comportamento uniforme do H_c° em relação ao mesmo (hiper)texto a partir das (hiper)leituras de sujeitos diversos o que enfraqueceria a H_1 , não obstante o H_c° não resolva todo problema abordado pela H_1 , na medida em que a verificação do percurso hipertextual *per se* poder indicar a coexistência de hipertexto concretos com H_c° igual ou semelhante a partir do mesmo H_p° , mas conformando hipertextos concretos absolutamente distintos.

Cotejados os graus de hipertextualidade potencial e concreta das diversas amostras e a variação entre ambos no bojo de cada amostra e das amostras entre si, considerada o H_p° como constante para todas as amostras, a análise interpretativa desses dados constitui-se no viés de verificação da efetividade da H_2 , na medida em que permite a identificação a relação entre a subjetividade dos sujeitos e o H_c° , bem como a conformação singular de cada percurso hipertextual, mormente quando se tratar de textos com $H_p^\circ = 0$. Nesse sentido, a simples comprovação de hipertextos concretos construídos a partir de textualidades com $H_p^\circ = 0$ já valida a H_2 .

¹⁹⁰ Entende-se aqui por amostra o conjunto do (hiper)texto lido e a TAGH referente preenchida por cada sujeito.

Também a verificação de H_3 leva em conta a descrição dos percursos hipertextuais apresentada nas TAGH, na medida em que permite a identificação do comportamento dos sujeitos antes os elos e nós eidéticos e/ou eletrônicos propostos nos (hiper)textos de partida.

Assim, conquanto não esteja contido no bojo dos objetivos deste estudo, é também possível fazer descender dos dados analisados um padrão de H_p° que pudesse representar um intervalo se não ideal, ao menos mais apropriado, para induzir a construção de percursos hipertextuais.

Contudo, esta questão vai aqui iniciada e não desenvolvida como o prenúncio de desenvolvimentos futuros neste campo de pesquisa, a partir de um esforço científico que, fundado sobre as premissas deste estudo, possa se voltar totalmente no estabelecimento de parâmetros de H_p° mais indicados para o desenvolvimento de hipertextos concretos com determinado grau de hipertextualidade, o que pode vir a ser uma contribuição pragmática bastante significativa.

CAPÍTULO VI – DOS RESULTADOS OU DE COMO A HIPERLEITURA CONFORMA O HIPERTEXTO CONCRETO

O método desenhado neste estudo foi aplicado aos sujeitos designados no capítulo V em relação ao *corpus* cuja forma de composição vai lá descrita, selecionados na forma do protocolo constante do apêndice B¹⁹¹, e cujos itens vão indicados em tabela a seguir. A pesquisa empírica foi realizada no mês de novembro de 2012 e seus dados vão aqui descritos e analisados em relação às hipóteses e objetivos propostos para este trabalho, compondo o resultado deste estudo.

A *priori*, na medida em que não se busca aqui uma base empírica estatisticamente estruturada com o fito de assumir a pretensão de representar, por amostragem, um perfil hiperleitor de quem quer que seja, muito menos propor a generalização de um perfil hiperleitor como resultado da pesquisa empírica. Quer-se apenas demonstrar a funcionalidade do método e a precisão da teoria colimada no que concerne à natureza do hipertexto, tanto em sua condição potencial quanto em sua condição concreta.

Por isto, as ocorrências verificadas na análise das TAGH preenchidas pelos sujeitos de pesquisa não são aqui valoradas em relação às reincidências e

¹⁹¹ Cf. p. 240.

coincidências entre os vários sujeitos, supervalorizando de algum modo as ocorrências mais incidentes e subvalorizando as menos incidentes. Antes, cada uma é analisada considerando sua convergência ou divergência relativa às hipóteses deste estudo.

Assim, antes de submeter as amostras aos critérios estabelecidos no subtópico *Dos parâmetros para a análise dos dados*¹⁹² do Capítulo V, consoante o rito lá estabelecido, o primeiro movimento deste procedimento de análise consiste em escrutinar os dados no sentido de verificar o comportamento geral das hipóteses e objetivos do estudo quando confrontados com os dados colimados a partir do quadro sintético que ora se passa a apresentar.

SÍNTESE DOS DADOS LEVANTADOS

Em si a obtenção dos dados é um dos movimentos mais importantes da pesquisa, na medida em que sua obtenção implica a atuação do pesquisador na forma e segundo os critérios metodologicamente fixados. O dado

designa, na verdade, algo que não é dado, que não é evidente, mas que é preciso ir procurar com o auxílio de técnicas e de instrumentos, busca que demanda esforços e precauções. Para os pesquisadores, os dados são esclarecimentos, informações sobre uma situação, um fenômeno, um acontecimento (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 132).

Neste sentido, os dados aqui apresentados, não obstante engendrados, isto é, criados a partir de um procedimento preestabelecido, não são ainda os resultados da pesquisa. Antes, são a matéria sobre a qual se construirão os resultados no procedimento de análise ora em curso, os achados propriamente ditos deste estudo.

¹⁹² Cf. p. 184 *et seq.*

Antes de tratar dos dados propriamente ditos, tal como produzidos na pesquisa empírica, convém apresentar o *corpus* utilizado na pesquisa empírica que, para facilitar sua referência ao longo desta análise, será referido doravante como T₁, T₂, T₃, T₄, T₅ e T₆.

Conforme indicado na proposta metodológica desta investigação¹⁹³, o *corpus* é composto por seis (6) textos, sendo três (3) textos com $H_p^\circ = 0$ e três (3) (hiper)textos com $H_p^\circ > 0$. Os textos foram selecionados por dois (2) sujeitos de pesquisa – α_1 e α_4 – a partir das orientações contidas no Protocolo para Seleção dos Textos e Hipertextos¹⁹⁴, possuindo T₁, T₂ e T₄ $H_p^\circ = 0$ e T₃, T₅ e T₆ $H_p^\circ > 0$. O Sujeito α_1 selecionou os textos T₁, T₂, T₅ e T₆ e o sujeito α_4 selecionou os textos T₃ e T₄. São eles:

Quadro 05 – Corpus da Pesquisa

Símbolo	Referência
T ₁	AQUINO, Daniela Silva de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? Ciência & Saúde Coletiva, 13(Sup): p. 733-736, 2008
T ₂	DIAS, Sandra Marins; SILVA, Roberto Ribeiro da. Perfumes: uma química inesquecível. Química nova na Escola, nº 4, nov. 1996.
T ₃	ETNOMUSICOLOGIA. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnomusicologia >. Acesso: 16 nov 2012.
T ₄	PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música: questões de uma Antropologia Sonora. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-770120010001000_07 >.
T ₅	USO Racional de Medicamentos: onde está a racionalidade? Disponível em < http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/uso-racional-de-medicamentos-onde-esta-a-racionalidade >. Acesso: 5 nov 2012.
T ₆	PERFUME. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume >. Acesso em: 12 nov. 2012.

No que tange a seu potencial hipertextual, o *corpus* selecionado possuía as características a seguir:

¹⁹³ Cf. p. 177 *et seq.*

¹⁹⁴ Cf. Apêndice B, p. 245.

Tabela 02 – Características do Corpus

Textos	ζ	Hl	% de Hl	H_p°
T_1	86	0	0	0
T_2	179	0	0	0
T_3	201	97	48,25	0.48259 ¹⁹⁵
T_4	456	0	0	0
T_5	129	16	12,4	0.12403 ¹⁹⁶
T_6	102	23	22,5	0.22549 ¹⁹⁷

A partir desse corpus, cujas características Os dados recolhidos pelo pesquisador conformaram o cenário empírico apresentado na tabela a seguir, correspondendo H° ao grau de hipertextualidade, α aos sujeitos de pesquisa do Grupo A conforme numeração subscrita, β aos sujeitos de pesquisa do Grupo B conforme numeração subscrita e T indicando cada um dos textos na forma acima descrita:

Tabela 03 – Síntese dos Dados I

		Sujeitos	H°	T_1	T_2	T_3	T_4	T_5	T_6
GRUPO A	α_1	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.01163	0.00559	0	0	0.03876	0.0098	
	α_2	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.02326	0.02235	0.00995	0.06579	0.05426	0.03922	
	α_3	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0	0.05587	0.0398	0.02632	0.07752	0.03922	
	α_4	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.01163	0.00559	0.00559	0	0.03876	0.0098	
	α_5	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.0814	0.03911	0.01493	0.01754	0.00775	0.02941	
	α_6	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.01163	0.00559	0.01493	0.00219	0.02326	0.0098	
GRUPO B	β_1	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.01163	0.01676	0	0	0	0	
	β_2	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.04651	0.02793	0.02985	0.01535	0.03101	0.0098	
	β_3	H_p°	0	0	0.48259	0	0.12403	0.22549	
		H_c°	0.02326	0.01676	0.00995	0.00658	0	0	

Os dados recolhidos conformaram quatro situações assim descritas:

¹⁹⁵ (0.48259 = 97 ÷ 201), conforme fórmula às pág. 172-174.

¹⁹⁶ (0.12403 = 16 ÷ 129), conforme fórmula às pág. 172-174.

¹⁹⁷ (0.22549 = 23 ÷ 102), conforme fórmula às pág. 172-174.

- Situação **A**: texto com $H_p^\circ > 0$ ($T_3 / T_5 / T_6$) cuja hiperleitura não produziu hipertextos concretos ($H_c^\circ = 0$);
- Situação **B**: texto com $H_p^\circ = 0$ ($T_1 / T_2 / T_4$) cuja hiperleitura produziu hipertextos concretos ($H_c^\circ > 0$);
- Situação **Γ**: texto com $H_p^\circ > 0$ ($T_3 / T_5 / T_6$) cuja hiperleitura produziu hipertextos concretos ($H_c^\circ > 0$);
- Situação **Δ**: texto com $H_p^\circ = 0$ ($T_1 / T_2 / T_4$) cuja leitura não produziu hipertextos concretos ($H_c^\circ = 0$).

As quatro situações descritas acima são apresentadas na tabela 09 que se segue, mostrando como os sujeitos de pesquisa se comportaram na produção de suas hiperleituras do corpus de pesquisa. Como descrito, as situações A e Γ são aplicáveis apenas a $T_3 / T_5 / T_6$ e as situações B e Δ são aplicáveis apenas a $T_1 / T_2 / T_4$.

Tabela 04 – Síntese dos Dados II

Textos	Situação A		Situação B		Situação Γ		Situação Δ	
	$H_p^\circ > 0$	$H_c^\circ = 0$	$H_p^\circ = 0$	$H_c^\circ > 0$	$H_p^\circ > 0$	$H_c^\circ > 0$	$H_p^\circ = 0$	$H_c^\circ = 0$
T_1			$\alpha_1 / \alpha_2 / \alpha_4 / \alpha_5 / \alpha_6 / \beta_1 / \beta_2 / \beta_3$					α_3
T_2			$\alpha_1 / \alpha_2 / \alpha_3 / \alpha_4 / \alpha_5 / \alpha_6 / \beta_1 / \beta_2 / \beta_3$					
T_3	α_1 / β_1				$\alpha_2 / \alpha_3 / \alpha_4 / \alpha_5 / \alpha_6 / \beta_2 / \beta_3$			
T_4			$\alpha_2 / \alpha_3 / \alpha_5 / \alpha_6 / \beta_2 / \beta_3$					$\alpha_1 / \alpha_4 / \beta_1$
T_5	β_1 / β_3				$\alpha_1 / \alpha_2 / \alpha_3 / \alpha_4 / \alpha_5 / \alpha_6 / \beta_2$			
T_6	β_1 / β_3				$\alpha_1 / \alpha_2 / \alpha_3 / \alpha_4 / \alpha_5 / \alpha_6 / \beta_2$			

De modo sintético, as Tabelas 03 e 04 apresentam o fenômeno hipertextual no caso concreto dos textos e sujeitos implicados, em uma redução numérica a graus de hipertextualidade que permite ao pesquisador confortar as hipóteses deste estudo com elementos engendrados *in situ* e reunidas segundo a condição objetiva das possibilidades de ocorrência identificadas no fenômeno.

Sumariamente, os dados colimados permitem algumas conclusões:

- i. os *hyperlinks* não garantem a concretização do hipertexto. Mesmo na situação Γ , o H_c° é sempre menor que H_p° , em todas as amostras de todos os sujeitos, patenteando que inúmeros *hyperlinks* são desconsiderados pelos hiperleitores em seu processo de hiperleitura. Além disto, a ocorrência da situação A atesta a possibilidade de se ignorar os *hyperlinks* e produzir uma leitura de um hipertexto potencial eletrônico sem efetivar nenhum percurso hipertextual concreto.
- ii. o hipertexto pode ser constituído sem *hyperlinks*. A situação B o demonstra, na medida em que as textualidades sobre a qual se construíram dos hipertextos concretos tinham sempre $H_p^\circ = 0$. Ademais, mesmo na situação Γ , elos e nós não hipermediáticos serviram como elos para remissões mentais ou consultas a páginas da *Internet* relacionadas, a partir do movimento cognitivo de investigação suscitado pela unidade semântica.

Contudo, nesta altura do estudo, impõe-se confrontar as hipóteses levantadas alhures com os dados produzidos para verificar como as respostas precárias propostas se comportam frente ao fenômeno empírico.

CONFRONTANDO AS HIPÓTESES

Se é verdade que, em uma pesquisa empírica, a teoria formulada encontra seu coroamento na formulação das hipóteses de pesquisa a partir das quais teoria e empiria se articulam, é verdade também que a verificação das hipóteses é o coração da análise dos dados de uma pesquisa. Isto posto, após a apresentação sumária dos dados levantados na pesquisa empírica, passa-se à confrontação das hipóteses formuladas anteriormente aos dados recolhidos no afã de verificá-las.

Dos dados quando confrontados a H_1

A tese que se quer sustentar ante a Comunidade Científica em relação ao hipertexto, tal como apresentada nestas linhas, tem seu centro em H_1 , cuja validação *per se* constitui resposta bastante para o cerne do problema de pesquisa proposto. Nela, a centralidade da práxis hiperleitora dos sujeitos no processo de constituição do hipertexto é propugnada para afastar as proposições de que o hipertexto *per se* seja um desdobramento das TIC, de que os *hyperlinks* sejam os elementos determinantes da constituição do hipertexto, com claras características de Determinismo Tecnológico, de que a hiperleitura seja um processo cognitivo novel desenvolvido a partir da emergência do hipertexto eletrônico, reposicionando a hiperleitura no âmbito das habilidades leitoras humanas exercitadas desde tempos imemoriais e conatural à leitura.

Assim, ante a síntese dos dados *supra*, de pronto pode-se seguramente depor pela comprovação de H_1 , definindo que o hipertexto se constitui prevalentemente pela práxis hiperleitora dos sujeitos, na medida em que os dados levantados demonstram que os elos e nós do hipertexto *per se* não foram capazes de garantir o percurso hipertextual concreto. Antes, tanto hipertextos potenciais com $H_p^\circ > 0$ quanto textos com $H_p^\circ = 0$, não obstante serem também potencialmente hipertextos, como ademais o prova este estudo, evoluíram para hipertextos concretos, apresentando $H_c^\circ > 0$, validando a H_1 deste estudo.

Isto posto, o movimento hipotetizado em H_1 mostrou-se consistente com a realidade, conforme os dados, respeitados os procedimentos metodológicos descritos no capítulo V, na medida em que ao foi possível constatar graus de hipertextualidade concreta recolhidos a partir de textualidades com grau de hipertextualidade potencial igual a zero e maior que zero, retirando da potencialidade hipertextual formal, isto é, da existência de elos e nós hipermediáticos, o caráter determinador da concretização de um percurso

hipertextual concreto ao transferi-la para o agir hiperleitor dos sujeitos, conforme aqui teorizado.

Antes, porém, de passar ao confronto de H_2 , importa também lançar luz, a partir dos dados coligidos, sobre a questão sutilmente marcada pelo advérbio “prevalentemente” em H_1 .

Não há que se negar o valor dos elos e nós como elementos facilitadores da hipertextualidade concreta, sobre o que, ademais, dissertou-se longamente neste estudo. Contudo, como demonstram os dados, o movimento definidor, mas não impassível – portanto, prevalente – ante a realidade dos elos e nós do hipertexto, é a hiperleitura.

Ao se comparar os hipertextos concretos formados a partir de hipertextos potenciais ($H_p^\circ > 0$) e a partir de textos “tradicionais” ($H_p^\circ = 0$), fica evidente o que se entende por prevalência em H_1 : os elos e nós do hipertexto digital são instrumentos da hipertextualidade e não seu garantidor ou sua *conditio a quo*.

Análise das TAGH preenchidas pelos sujeitos¹⁹⁸ demonstrou que os sujeitos operam indiscriminadamente remissões mentais e percursos hipertextuais digitais *stricto sensu* na medida de sua volição e formação intelectual. Esses movimentos são equiparáveis entre si na condição de processos cognitivos de construção de sentidos do texto.

À guisa de exemplificação dentre os outros eventos similares descritos nas TAGH anexas, é bastante representativa a práxis do sujeito de pesquisa α_3 ¹⁹⁹. O que as TAGH preenchidas pelo sujeito α_3 indicam é um processo de (hiper)leitura cuidadoso e cioso do significado de conceitos chave, seja em textos tradicionais seja em hipertextos potenciais digitais. O cotejo do processo de leitura de α_3 em relação a T_4 ($H_p^\circ = 0$) e T_5 ($H_p^\circ = 0.12403$) mostra como seu movimento de (hiper)leitura transcrito como “o que é ... ? – Dicionário [...] Retorno consulta ao dicionário” registrado em T_4 e o movimento “cliquei no link [...] Li e retornei para o

¹⁹⁸ Cf. Anexos de A a I, p. 241 *et seq.*

¹⁹⁹ Cf. Anexo C, p. 254 *et seq.*

texto original” em T_5 refletem o mesmo movimento cognitivo, pois abrir o *hyperlink* para ler a definição ou buscá-la no dicionário em nada diferem enquanto procedimentos cognitivos: apenas o acidente é diferente não a essência do movimento cognitivo.

Dos dados quando confrontados a H_2

No que toca à H_2 , os dados colimados são também convergentes no sentido de atestar a precisão de quanto fora hipotetizado, isto é, de que a hiperleitura é um processo subjetivo facilitado, mas não determinado, pelos *hyperlinks*.

Se, em H_1 o foco é a identificação da natureza do hipertexto, em H_2 o polo de convergência teórica é a natureza mesma da hiperleitura. A hipótese ora em análise direciona o olhar do pesquisador para o processo de construção do hipertexto, isto é, para o *modus* mediante o qual o hipertexto se constitui. Convém, também, ressaltar que, no âmbito de H_2 , o fenômeno hipertextual é analisado quanto ao hipertexto potencial com $H_p^\circ > 0$, realidade normalmente existente em hipertextos digitais.

Que a hiperleitura seja um processo subjetivo facilitado, mas não determinado, pelos *hyperlinks*, conforme descrito em H_2 , é demonstrado pelos dados recolhidos nesta pesquisa tanto sob os três ângulos propostos pela hipótese: a subjetividade, a potencialidade e a não determinação.

Em primeiro plano, emerge a subjetividade como marca apriorística dos construtos humanos. Conquanto seja verdade que, como mal, ela dispense maiores demonstrações, a verificação do aspecto da subjetividade em H_2 tem como que o efeito colateral de prevenir as tentações de determinismo tecnológico no campo do hipertexto, não raro presentes, e fortalecer quanto descrito a respeito dos aspectos subsequentes com os quais está imbricada: potencialidade e não determinação.

Conforme se pode depreender da tabela 04, os H_c° verificados na pesquisa empírica variam de sujeito para sujeito conforme seus interesses e formação. Embora o formato da pesquisa empírica não permita verificar esta variável, também se pode inferir questões outras como disponibilidade tempo de leitura, interferências exógenas ao processo de leitura como ruídos, interrupções, etc., também influenciem a decisão de abrir ou não abrir um *hyperlink*.

Neste campo, há vasta literatura discorrendo sobre questões como condições de leitura, história de leitura e de leitores, história do livro, dentre outras questões, que iluminam a compreensão da subjetividade no campo da leitura a partir de diversas perspectivas teóricas.

No que toca ao lugar da subjetividade na hiperleitura na forma como se buscou investigar o fenômeno do hipertexto nesta pesquisa, o dado preponderante é a existência de variação no H_c° de um mesmo hipertexto quando constituído por hiperleitores diversos e mesmo a escolha de *hyperlinks* diferentes por cada hiperleitor, como se depreende da leitura das TAGH de cada sujeito.

O interesse epistemológico desta pesquisa no que concerne à subjetividade não transborda para a análise de como cada sujeito opera sobre o hipertexto potencial, os condicionantes e as condições de cada processo de constituição de sentidos no hipertexto. Nesse sentido, tanto o instrumento de aferição não oferece subsídios quanto os fundamentos teóricos do estudo não aponta para esta problemática.

O que se pretende, e neste ponto a pesquisa o consegue demonstrar sobejamente, é explicitar a natureza subjetiva do hipertexto concreto, isto é, o resultado subjetivo do processo hiperleitor que constitui o hipertexto concreto. Aqui, subjetividade é como que sinônimo de singularidade.

Como desdobramento natural da subjetividade/singularidade do hipertexto concreto, emerge de pronto sua natureza não determinada, isto é, a incapacidade do *hyperlink* de determinar a criação de um percurso hipertextual concreto.

Que o *hyperlink* não determine a conformação do hiperlido, isto é, que o hiperlink não pré-defina em absoluto o percurso hipertextual resta demonstrado pelo fato de: 1. os sujeitos da pesquisa não terem aberto todos os *hyperlinks*; 2. alguns *hyperlinks* terem sido ignorados pelo sujeito y e abertos pelo sujeito z; 3. alguns sujeitos terem ignorado todos os *hyperlinks* de um texto dado.

A constatação acima, aurida dos dados coligidos, confirma quanto hipotetizado em H_2 no que tange à natureza não determinante dos *hyperlinks* do hipertexto e desdobra-se em duas considerações igualmente importantes para a compreensão do fenômeno hipertextual: a. a noção do hiperlink como potencialidade; b. a não dependência do hipertexto em relação à cultura digital.

No que concerne à potencialidade, este aspecto será abordado em seguida, em seu lugar próprio, pelo que não será abordada neste ponto. Entretanto, a constatação de que o *hyperlink* não determina o percurso hipertextual é irreconciliável com um conceito de hipertexto que dependa das TIC como substrato necessário.

É verdade que este achado não resolve totalmente o problema da relação do hipertexto com as TIC, nem o pretende já que não o enfrenta por todos os ângulos, mas é consistente com um conceito de hipertexto que transcenda as TIC.

Neste sentido, ao tempo em que a comprovação de que o *hyperlink* não determina o percurso hiperleitor de um sujeito dado enfraquece a suposta dependência do hipertexto em relação às TIC, tal comprovação fortalece um conceito de hipertexto entendido como a materialização – na falta de uma categoria melhor – do processo rizomático²⁰⁰ de construção de percursos hipertextuais inerentes à cognição humana *per se*. Imediatamente, impõe-se

²⁰⁰ Conforme já referido nos capítulos II e III, o conceito de rizoma é uma metáfora que descreve o modo como a *web* e o hipertexto se comportam, começo ou fim, com múltiplas entradas e saídas, perfazendo incontáveis caminhos e possibilidades. Tal processo é inerente à cognição humana que também funciona de modo rizomático. O processo cognitivo humano não se torna rizomático em função do hipertexto: antes, a *web* e o hipertexto refletem a complexidade inerente ao pensar humano. Assim, a hiperleitura é rizomática em sentido (i)material à semelhança da leitura que é rizomática em sede cognitiva.

questionar: se o *hyperlink* não determina o percurso hiperleitor, o que o faz e o que ele faz?

Ambas as questões já estão engendradas neste estudo e demonstradas nesta análise dos resultados, na medida em quem a primeira alude a quanto demonstrado na verificação de H_1 e a segunda abre caminho para quanto hipotetizado em H_2 e H_3 .

Os *hyperlinks*, portanto, potencializam o hipertexto porque transferem para a realidade (i)material do hipertexto uma trilha cognitiva impossível de ser reconstituída apenas a partir das remissões mentais.

Dos dados quando confrontados a H_3

A H_3 quer completar o cerco ao problema do processo de constituição do hipertexto concreto. Se, em H_2 , os elos e nós do hipertexto digital são analisados sob o ângulo da hiperleitura, em H_3 os elos e nós do hipertexto do ponto de vista de sua capacidade de implicar operacionalização.

Em sentido estrito, só se pode falar de elo ou nó em um texto digital no qual tais entidades permitem o acesso a uma unidade textual pré-relacionada no processo de hipercomposição. Contudo, não se pode deixar de atribuir alguma importância – e a pesquisa empírica o comprovou – a unidades semânticas que, remetendo imediatamente a conceitos ou unidades textuais presentes no patrimônio cognitivo do sujeito (hiper)leitor, constituem-se em elos eidéticos e funcionam, *mutatis mutandis*, como *hyperlinks*, muito embora tais elos tenha sido desconsiderados na constituição da equação do H_p° devido ao recorde teórico-metodológico proposto.

H_3 mostrou-se válida tanto no confronto dos hipertextos com $H_p^\circ > 0$ quanto no confronto dos textos com $H_p^\circ = 0$. No primeiro caso, de regra o H_c° mostrou-se sempre inferior ao H_p° ; no segundo caso, H_c° oscilou entre 0 e > 0 .

No primeiro caso, a ociosidade de alguns *hyperlinks* foi reveladora de que, *per se*, ele não garante a concretização de um percurso hipertextual. No segundo caso, a constatação de que elos eidéticos são capazes de gerar remissões eidéticas equivalentes a percursos hipertextuais serviu como validadora de H_3 .

Importa também salientar que, não obstante tudo isto, a relação entre H_p° e H_c° mas não apresentou um padrão de tal forma homogêneo que permitisse o estabelecimento de uma relação de proporcionalidade entre H_p° e H_c° . Se bem que isto seja consistente com H_3 , há que se destacar que tal possibilidade não está definitivamente afastada, dada a não conclusividade dos dados neste aspecto, em virtude do formato da amostra e modelagem da pesquisa.

Isto posto, ecoando H_3 , bem se pode afirmar, a partir dos dados recolhidos, que os elos e nós do hipertexto – hipermidiáticos ou apenas eidéticos – não implicam correspondência de percursos hipertextuais, bem como não condicionam prevalentemente esses percursos, estabelecendo proporções necessárias entre H_p° e H_c° .

ANALISANDO AS AMOSTRAS

As amostras que compõem o conjunto de dados deste estudo empírico confirmam que a existência de percurso hipertextual concreto não está condicionada à pré-existência de *hyperlinks* que viabilizem essa construção, tal como hipotetizado. Isto demonstram a tabela 06, na medida em que esclarece como hipertexto são produzidos a partir de textos tradicionais e como hipertextos potenciais eletrônicos podem fracassar em produzir hipertextos concretos, relatados acima como situação B e situação A.

Emerge também dos dados recolhidos na pesquisa um elemento significativo a corroborar a natureza hipertextual da leitura: mesmo em hipertextos potenciais eletrônicos, os sujeitos hiperleitores são capazes de produzir

remissões mentais equiparáveis a percursos hipertextuais a partir de qualquer elo ou nó eidético.

Não obstante esse percurso não poder ser recolhido senão pelo testemunho do sujeito sobre seu próprio processo subjetivo de construção dos sentidos do texto, tal elemento não carece que validade, na medida em que foi produzido através do mesmo procedimento metodológico que a aferição a abertura de um *hyperlink*, com o fito de garantir a paridade do procedimento.

Nas TAGH preenchidas pelos sujeitos e anexadas a este estudo ocorrem inúmeras situações em que os sujeitos hiperleitores ora narram suas remissões mentais a partir de unidades semânticas que não se constituem em *hyperlink* e mesmo o movimento de abrir outra página da *Internet* – procedimento clássico do hipertexto eletrônico – a partir de um elo eidético.

São exemplos desse procedimento $T_1 \alpha_2^{201}$, $T_2 \alpha_5^{202}$, $T_2 \alpha_3^{203}$. Em $T_5 \alpha_3^{204}$, o sujeito sinaliza o movimento de consultar um dicionário, formulação indicativa do uso tradicional dos dicionários impressos, indicando um movimento físico compatível com o procedimento de abrir uma página ou acessar um motor de busca ou um dicionário *online*. Do ponto de vista cognitivo, está-se aqui no mesmo movimento.

Do ponto de vista dos *hyperlinks*, as amostras analisadas aqui também são convergentes no sentido de atestar sua lateralidade no que toca à constituição do percurso hipertextual. Se percursos hipertextuais são construídos a partir de *hyperlinks*, como indica a situação Γ , a diferença a menor entre o H_c° em relação ao H_p° das amostras e indica a “esterilidade” de alguns hiperlinks e a fertilidade de outros.

²⁰¹ Cf. Anexo B, p. 247

²⁰² Cf. Anexo E, p. 270.

²⁰³ Cf. Anexo C, p. 255.

²⁰⁴ Cf. Anexo C, p. 259.

Disto não se segue que haja, *a priori*, alguma característica inerente ao *hyperlink* que indique sua fertilidade ou esterilidade: os dados não o revelam, a teoria não o propõe e a boa lógica não o admite. Antes, o caminho mais razoável é considerar que a esterilidade e a fertilidade de um *hyperlink*, como ademais que qualquer outro nó eidético, está relacionada ao impacto que essa unidade semântica produz no sujeito hiperleitor, acionando-lhe ou não o movimento cognitivo da investigação.

Tudo isto comprova, por outro lado, que a mensuração de H_p° tomando como variável os *hyperlinks*, não obstante um caminho válido, produz um dado meramente instrumental. Isto é, a potencialidade real de um hipertexto está situada verdadeiramente na relação entre as unidades semânticas da textualidade dada e as características cognitivas do hiperleitor dado, pelo que um hipertexto potencial tem grau variável de potencialidade, considerado o hiperleitor em questão. Como a aferição desse grau de potencialidade não é factível, o H_p° fixo determinado pela relação entre Hl e λ permanece útil, feita a presente ressalva, como proposto e utilizado neste estudo.

Comportamento de H_c° em relação a H_p°

Os percursos hipertextuais concretos produzidos pelos sujeitos hiperleitores na pesquisa empírica revelam, no caso dos hipertextos potenciais eletrônicos T₃, T₅ e T₆, um nível muito baixo de efetividade ou fertilidade do *hyperlink*.

Conforme aparece sumarizado abaixo, de regra os sujeitos hiperleitores implicados não chegam a efetivar nem um décimo dos *hyperlinks* disponibilizados, o que parece indicar uma superestimativa dos *hyperlinks* utilizáveis em um hipertexto. Sobre isto, outras considerações são feitas nas conclusões deste estudo.

No evento empírico em questão, as maiores ocorrências foram sete (7) *hyperlinks* abertos pelo sujeito α_2 em T_5 , perfazendo cinco vírgula quarenta e dois por cento (5,42%) dos *hyperlinks* disponíveis, seis vírgula dezoito por cento (6,18%) correspondentes a seis (6) *hyperlinks* abertos pelo sujeito β_2 em T_3 e oito (8) hiperlinks abertos por α_3 em T_3 , perfazendo oito vírgula vinte e quatro por cento (8,24%).

Assim, em termos percentuais, no caso de T_3 , T_5 e T_6 , a efetivação dos hiperlinks foi a seguinte:

Tabela 05 - Hyperlinks Efetivados

Textos		T_3		T_5		T_6	
Sujeitos		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Grupo A	α_1	0	0%	5	3,87%	1	0,98%
	α_2	2	2,06%	7	5,42%	4	3,92%
	α_3	8	8,24%	5	3,87%	4	3,92%
	α_4	0	0%	5	3,87%	1	0,98%
	α_5	3	3,09%	1	0,77%	3	2,94%
	α_6	3	3,09%	3	2,32%	1	0,98%
Grupo B	β_1	0	0%	0	0%	0	0%
	β_2	6	6,18%	4	3,1%	1	0,98%
	β_3	2	2,06%	0	0%	0	0%

Ao se contrastar os percentuais, chegasse ao quadro seguinte:

Tabela 06 – Percentuais de Hl e λ

Textos		T_3	T_5	T_6
Hl		48,25%	12,4%	22,5%
Sujeitos		λ	λ	λ
Grupo A	α_1	0%	3,87%	0,98%
	α_2	2,06%	5,42%	3,92%
	α_3	8,24%	3,87%	3,92%
	α_4	0%	3,87%	0,98%
	α_5	3,09%	0,77%	2,94%
	α_6	3,09%	2,32%	0,98%
Grupo B	β_1	0%	0%	0%
	β_2	6,18%	3,1%	0,98%
	β_3	2,06%	0%	0%

O quadro acima permite tirar algumas conclusões, quais sejam: não há um padrão constante de utilização dos *hyperlinks* que possa ser aferido seja dos textos seja dos sujeitos de pesquisa. Os sujeitos, interagindo com os textos, decidem subjetivamente efetivar ou não efetivar um percurso hipertextual e isto

tem variáveis que não são controladas pela tecnologia que permite a disponibilização dos *hyperlinks*.

De certo, várias questões confluem para a decisão do sujeito hiperleitor de abrir ou não abrir um hiperlink: formação, finalidade da leitura, habilidade de navegação *on line*, disponibilidade de tempo, dentre outras. Não obstante importantes, estas variáveis não compõem o desenho desta pesquisa, pois não influem no problema investigado. O elemento que se busca pesquisar aqui é o lugar da hiperleitura na construção do hipertexto concreto e não os condicionantes da hiperleitura. Em outras palavras, investiga-se aqui a funcionalidade da hiperleitura e não sua constituição.

Nesta linha, muito embora se reconheça que esses elementos merecem análise, eles são desprezados para o estudo em questão, na medida em que o que se busca é identificar a relação entre o peso dos *hyperlinks versus* o peso da hiperleitura – substrato tecnológico *versus* agir humano – na constituição do hipertexto concreto.

Do que permitem inferir os dados produzidos nesta pesquisa empírica, a ação subjetiva do sujeito hiperleitor, *i.e.*, suas decisões de hiperleitura, são determinantes para a constituição do hipertexto concreto e os *hyperlinks* exercem função lateral nesse processo, não obstante importante.

O cotejo das TAGH referentes a textos tradicionais ($H_p^\circ = 0$) *versus* aquelas referentes a hipertextos potenciais digitais ($H_p^\circ > 0$) demonstra que o elemento determinante na constituição dos percursos hipertextuais concretos recolhidos ($H_c^\circ > 0$) foi sempre a decisão subjetiva do sujeito hiperleitor, pelo que restaram *hyperlinks* não concretizados em lexias, isto é, percursos hipertextuais concretos, ao passo que outros constituíram-se em trilhas hipertextuais; também unidades semânticas não hipermediáticas resultaram em remissões em tudo comparáveis às trilhas hipertextuais – exceto no que tange à forma (i)material digital de uma lexia eletrônica – do ponto de vista do processo cognitivo de sua constituição.

Um olhar para os textos com $H_p^\circ = 0$ utilizados neste estudo, que na ótica dos que propugna que o hipertexto surge das TIC não poderiam produzir hipertextos, atesta também a centralidade do sujeito hiperleitor como constituidor do hipertexto.

Tabela 07 – Percursos hipertextuais a partir de $H_p^\circ = 0$

Textos		T ₁		T ₂		T ₄	
S		86		179		456	
Sujeitos		Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Grupo A	α_1	1	1,16%	1	0,55%	0	0%
	α_2	2	2,32%	2	1,11%	30	6,57%
	α_3	0	0%	10	5,58%	12	2,63%
	α_4	1	1,16%	1	0,55%	0	0%
	α_5	7	8,13%	7	3,91%	8	1,75%
	α_6	1	1,16%	1	0,55%	1	0,21%
Grupo B	β_1	1	1,16%	3	1,67%	0	0%
	β_2	4	4,65%	5	2,79%	7	1,53%
	β_3	2	2,32%	3	1,67%	3	0,65%

A ausência de *hyperlinks* em T₁, T₂ e T₄ não impediu que os sujeitos realizem percurso hipertextuais. O desempenho do hipertexto concreto a partir de textos de $H_p^\circ = 0$ e a partir de $H_p^\circ > 0$ é convergente, apresentando H_p° na mesma faixa, como se pode observar dos dados recolhidos.

Dos dados também se recolhe que as maiores ocorrências são do sujeito α_5 em T₁ com sete (7) remissões perfazendo oito vírgula treze por cento (8,13%), α_3 em T₂ com dez (10) remissões perfazendo cinco vírgula cinquenta e oito por cento (5,58%) e α_2 em T₄ com trinta (30) remissões perfazendo seis vírgula cinquenta e sete por cento (6,57%).

Pelo que se vê, portanto, o comportamento dos sujeitos é consistente com a teoria de que o hipertexto concreto é construído a partir de textos tradicionais e de hipertextos digitais indistintamente, dependendo das escolhas subjetivas do sujeito hiperleitor.

No caso em foco, para assentar com ainda maior acerto essa tese, os dados mostram picos de abertura de percursos hipertextuais maiores em

hipertextos concretos produzidos a partir de textos com $H_p^\circ = 0$ do que com hipertextos potencias com $H_p^\circ > 0$, conforme dados apresentados acima.

Condições de construção do hipertexto concreto

Saltam aos olhos os dados que atestam a baixa efetividade dos *hyperlinks* na construção de percursos hipertextuais. Considerando que nenhum sujeito chegou à utilizar dez por cento (10%) dos *hyperlinks* disponibilizados, poder-se-ia indicar este como o teto de *hyperlinks* utilizáveis para pautar o trabalho de hipercomposição dos hipertextos potenciais digitais?

Os dados, contudo, não são conclusivos neste sentido, porque as condições de produção desses hipertextos não foram controladas, já que os condicionantes desse processo não constituíam objeto deste estudo. Isto posto, embora as premissas sejam verdadeiras, a conclusão no sentido de estabelecimento de um teto é precipitada.

O que toca a esta questão, o que fica patente é que, no caso em tela, os percursos hipertextuais construídos não apresentaram alto grau de utilização dos *hyperlinks* disponíveis. Logo, sem a necessidade de recorrer a questionários, posto que os dados coletados pelas TAGH são consistentes com a compreensão de que os *hyperlinks* são majoritariamente desprezados na construção de um percurso hiperleitor, depreende-se o baixo nível de utilização dos *hyperlinks* como o padrão, ao menos *in situ*.

Isto posto, importa ainda reafirmar que formato e tamanho da amostra não permitem uma generalização deste achado, isto é, a atribuição dessa característica de baixa utilização de *hyperlinks* a uma determinada população ou a validação universal dessa característica. Para tanto, pesquisas outras precisariam ser feitas para verificar a replicação desse padrão em números e circunstâncias outras para que essa evidência pudesse ser apresentada à comunidade científica como uma tendência homogênea do processo de

construção do hipertexto concreto, o que seria uma contribuição muito significativa para a compreensão do fenômeno cognitivo da hiperleitura e para a otimização do trabalho de hipercomposição. Em vista disto, os achados deste estudo servem de provocação para outros estudos.

Potencialidade e efetividade dos hipertextos potenciais utilizados

Considerando os hipertextos potenciais utilizados na pesquisa empírica, seu nível de potencialidade – entendida aqui como a relação entre o H_p° e o valor [1] tido como grau máximo de hipertextualidade potencial – pode ser assim sumarizado, como já sinalizado acima:

- T₃: 48,25%
- T₅: 12,4%
- T₆: 22,5%

Na forma de cálculo estabelecida, T₃ é o texto com maior potencialidade hipertextual utilizado. A análise dos dados das hiperleituras revela que os percursos hipertextuais construídos pelos sujeitos hiperleitores essa maior potencialidade de T₃ não influenciou decisivamente no percentual médio das hiperleituras, como se pode depreender do resumo abaixo:

Tabela 08 – Efetivação dos percursos hipertextuais

Textos	T₃	T₅	T₆
<i>HI</i>	48,25%	12,4%	22,5%
Soma das λ	24,72%	23,19%	14,7%
Média do Grupo A	2,74%	3,35%	2,28%
Média do Grupo B	2,74	1,03%	0,32%
Média total	2,74%	2,57%	1,63%

A partir dos dados recolhidos, T₅ foi, proporcionalmente, o hipertexto potencial cujos *hyperlinks* foram mais efetivos, tomando-se como base a relação entre o percentual de *hyperlinks* frente à média de lexias efetivamente

construídas. Também aqui, o potencial pretensamente determinante do substrato tecnológico do hipertexto digital sucumbe ante a subjetividade dos sujeitos hiperleitores a quem compete estabelecer, em última análise, os percursos hipertextuais.

Comportamento dos sujeitos de pesquisa

Divididos em dois grupos na forma descrita no capítulo V²⁰⁵, os sujeitos hiperleitores revelaram o papel da subjetividade na construção dos percursos hipertextuais, na medida em que os hipertextos concretos construídos não foram determinados pelo substrato tecnológico. A análise da tabela 08²⁰⁶ revela que cada sujeito possui um padrão pessoal, isto é, há sujeitos que sistematicamente efetuam mais percursos hipertextuais que outros.

Assim, os sujeitos α_1 e α_3 produziram cinco (5) hipertextos concretos em seis (6) possibilidades; os sujeitos α_2 , α_4 , α_5 , α_6 e β_2 produziram hipertextos concretos em todas as seis (6) oportunidades; os sujeitos β_1 e β_3 foram os menos efetivos, produzindo dois (2) e quatro (4) hipertextos concretos em seis (6) oportunidades respectivamente.

Dadas as características dos grupos²⁰⁷, é razoável afirmar que o maior grau de formação intelectual e maturidade leitora dos sujeitos do grupo A tenha sido um fator importante na conformação do resultado. Na mesma linha dedutiva, pode-se afirmar que os sujeitos do grupo B revelaram uma tendência menor para a produção hipertextos concretos devido a sua menor apropriação das temáticas abordadas.

²⁰⁵ Cf. p. 175-177.

²⁰⁶ Cf. p. 190.

²⁰⁷ Cf. p. 177.

Nessa linha, uma análise das produções relativas à T₃ e T₄, textualidades da temática de Artes, produzidas pelos sujeitos α_4 , α_5 e α_6 , profissionais dessa área do conhecimento, *versus* as produções relativas à T₁ e T₅, textualidades da temática específica de Saúde, produzidas pelos sujeitos α_1 , α_2 e α_3 , profissionais dessa área do conhecimento, demonstra que os sujeitos tendem a produzir menos percursos hipertextuais onde sua curiosidade investigativa é menos aguçada, ou melhor, onde o seu domínio da temática revela-se maior, conforme demonstrado abaixo:

Tabela 09 – Hiperleituras de T₃ e T₄ versus T₁ e T₅

GRUPO A	Sujeitos	H ^o	T ₁	T ₃	T ₄	T ₅
	α_1	H _p ^o	0	0.48259	0	0.12403
		H _c ^o	0.01163	0	0	0.03876
	α_2	H _p ^o	0	0.48259	0	0.12403
		H _c ^o	0.02326	0.00995	0.06579	0.05426
	α_3	H _p ^o	0	0.48259	0	0.12403
		H _c ^o	0	0.0398	0.02632	0.07752
	α_4	H _p ^o	0	0.48259	0	0.12403
		H _c ^o	0.01163	0.00559	0	0.03876
	α_5	H _p ^o	0	0.48259	0	0.12403
H _c ^o		0.0814	0.01493	0.01754	0.00775	
α_6	H _p ^o	0	0.48259	0	0.12403	
	H _c ^o	0.01163	0.01493	0.00219	0.02326	

Nas produções do grupo A sobre T₂ e T₆, que versavam sobre uma temática de interesse comum da área que Química – Perfumaria – que não estava estritamente relacionada a nenhuma das duas áreas do conhecimento listadas, quais sejam Artes e Saúde, os sujeitos do grupo A e grupo B mostraram-se mais homogêneos.

Por tudo isto, a efetividade dos percursos hipertextuais revelada pelos graus de hipertextualidade concreta produzidos mostra que o interesse, a curiosidade intelectual, constitui-se no móvel por excelência do sujeito hiperleitor para a construção de um percurso hipertextual, como o descrevem os dados reunidos a seguir:

Tabela 10 – Hiperleituras de T₂ e T₆

	Sujeitos	H°	T ₂	T ₆
	GRUPO A	α_1	H_p°	0
H_c°			0.00559	0.0098
α_2		H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.02235	0.03922
α_3		H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.05587	0.03922
α_4		H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.00559	0.0098
α_5		H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.03911	0.02941
α_6		H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.00559	0.0098
GRUPO B	β_1	H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.01676	0
	β_2	H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.02793	0.0098
	β_3	H_p°	0	0.22549
		H_c°	0.01676	0

Todavia, em virtude de quanto afirmado aqui em relação ao formato da pesquisa que se finda, este desdobramento precisaria de pesquisas adicionais focadas no processo de hiperleitura, como dito alhures, para ser mais consistente e as conclusões produzidas aqui apenas indicam um caminho e explicação prováveis.

Assim, analisados os dados acima, verificadas as hipóteses, resta resolvido o problema de pesquisa proposto, na forma indicada pelas hipóteses, de acordo com os objetivos traçados para este estudo em favor da tese de que a hiperleitura é o elemento central e definidor do hipertexto concreto e os *hyperlinks* não exercem papel determinante na constituição de percursos hipertextuais *vis-à-vis* a hiperleitura.

Os dados produzidos na pesquisa empírica foram convergentes no sentido de validar as hipóteses de pesquisa. Na pesquisa, não houve nenhuma emergência de dados que contraditassem o postulado teórico defendido, não sendo identificadas sinalizações empíricas de invalidação de alguma ou de todas

as hipóteses propugnadas, na medida em que os percursos hipertextuais concretos ($H_c^\circ > 0$) foram desenvolvidos com *hyperlinks* e sem eles, a partir de hipertextos potenciais digitais ($H_p^\circ > 0$) e de textos tradicionais ($H_p^\circ = 0$), transformando alguns *hyperlinks* em trilhas hipertextuais concretas em detrimento de outros, tudo isto a partir de decisões hiperleitoras subjetivas dos sujeitos hiperleitores pesquisados.

Todo esse conjunto probatório atesta a centralidade da práxis hiperleitora como determinante da constituição do hipertexto concreto, digital ou não, e a lateralidade dos *hyperlinks* nesse processo, tal como propugna esta tese.

CONCLUSÃO

O fenômeno do hipertexto, conforme proposto neste estudo, é melhor compreendido através da hiperleitura, pois só através dela o esse do hipertexto é alcançado. É através da hiperleitura que ele é plenamente acessível e que seus contornos podem ser percebidos e analisados. Assim, a escolha da hiperleitura como porta de acesso ao hipertexto não se configura em mera opção metodológica, de um caminho entre outros possíveis, mas da única lente mediante a qual se pode desvelar plenamente sua silhueta. A hiperleitura é o caminho para o hipertexto.

Ela é caminho para o hipertexto seja porque o hipertexto não pode ser acessado *per se*, posto ser uma realidade cognitiva mais que uma realidade física, seja porque só através da hiperleitura ele se constitui como tal.

Ao longo deste texto, o hipertexto foi apresentado em três dimensões fundamentais: hipertexto potencial, hipertexto concreto e meta-hipertexto. Das três abordagens, não se buscou apresentar sinais empíricos desta última dimensão em virtude de sua natureza teórica: o meta-hipertexto não é senão um construto teórico referente à interligação potencial dos hipertextos digitais na *web* e, como tal, não é acessível empiricamente.

O hipertexto potencial e o hipertexto concreto foram descritos teoricamente e demonstrados empiricamente no *corpus* de pesquisa e nos percursos hipertextuais concretizados pelos sujeitos de pesquisa, muito embora, tal como concebido neste estudo, apenas o hipertexto concreto possa ser entendido como hipertexto em sentido estrito.

Assim, o edifício teórico construído, encimado pelos achados da pesquisa, possibilitou a apresentação do hipertexto sob luzes mais factuais, despido de contornos ideologicamente desenhados que, por não condizer com os fatos, são incapazes de caracterizar o fenômeno própria e fielmente. Nesse sentido, o caminho metodológico trilhado nesta pesquisa possibilitou a apresentação de um retrato mais límpido do hipertexto.





Na análise do fenômeno empírico efetuada no capítulo antecedente, que encima e enfeixa estes estudos doutorais, através da “lente” dos dados produzidos na pesquisa empírica passa-se em revista, com viés de comprovação, todo o edifício teórico construído nos capítulos II, III e IV com os quais se quis contribuir para uma teoria do hipertexto que resgatasse o sujeito hiperleitor como parâmetro a partir do qual o hipertexto deva ser analisado.

Neste ponto, bem se pode sumarizar no quadro a seguir o comportamento dos textos e hipertextos potenciais *vis-à-vis* a práxis (hiper)leitora dos sujeitos de pesquisa neste estudo:

Tabela 11 - Comportamento Hiperleitor

Sujeitos	T ₁	T ₂	T ₃	T ₄	T ₅	T ₆
α_1						
α_2						
α_3						
α_4						
α_5						
α_6						
β_1						
β_2						
β_3						

Legenda:

	Produziu hipertexto		$H_p^\circ > 0$
	Não produziu hipertexto		$H_p^\circ = 0$

Condizente com os postulados teóricos desenvolvidos aqui, o comportamento dos sujeitos de pesquisa evidenciou o lugar da hiperleitura como elemento definidor do hipertexto concreto – ora produzindo hipertextos concretos a partir de hipertextos potenciais e de textos tradicionais, ora construindo leituras tradicionais a partir de hipertextos potenciais. Neste ponto, esse comportamento dos sujeitos pesquisados *per se* valida a tese propugnada.

Contudo, o termo de uma pesquisa científica, como genericamente, o término de qualquer processo ou empenho humano evoca imediatamente a consideração sobre a concretização ou não de quanto proposto inicialmente. É, portanto, lógico que a pergunta primeira a se considerar se remeta aos objetivos, isto é: alcançou-se o objetivo do estudo?

Neste ponto, importa recordar que o objetivo geral destes estudos doutorais foi, conforme explicitado anteriormente, demonstrar o papel central do sujeito-hiperleitor no processo de construção do hipertexto concreto e a lateralidade do grau de hipertextualidade potencial para a concretização do percurso hipertextual.

A comprovação das hipóteses de pesquisa indicada no capítulo VI indica que o objetivo *supra* foi largamente alcançado, na medida em que resta provado, na perspectiva aqui adotada, que o grau de hipertextualidade potencial de um texto não determina necessariamente uma maior efetivação de percursos hipertextuais que, ao contrário, depende das decisões subjetivas do sujeito hiperleitor como o indicou a análise de T₃, T₅ e T₆.

O caminho escolhido para perfazer a demonstração pretendida foi, como descrito nos capítulos V e VI, mapear os resultados das hiperleituras de sujeitos dados, a partir de um mesmo bloco de hipertextos potenciais, de forma a demonstrar a centralidade do hiperleitor no processo, isto é, de modo a desvelar como a ação do hiperleitor é determinante para que o percurso hiperleitor – o hipertexto concreto – se configure.

Bipartido, o objetivo geral apresenta a questão sob dois aspectos: o humano e o técnico. Tratar da centralidade do hiperleitor e da lateralidade dos

hyperlinks não é admitir duplo objetivo geral, mas abordar a mesma questão por seus dois lados que se completam e se limitam.

Assim, os dados recolhidos, analisados à luz do construto teórico presente, permitiram a plena consecução do objetivo proposto, na medida em que os percursos hipertextuais construídos pelos sujeitos da pesquisa patentearam o lugar central do hiperleitor e lateral dos *hyperlinks*, isto é: as escolhas subjetivas dos sujeitos foram determinantes para a construção das hiperleituras e os elos e nós do hipertexto potencial, conquanto importantes e capazes de balizar o processo, mostraram-se submetidos às subjetividades dos hiperleitores.

Tal objetivo, contudo, como sói ser, não foi alcançado diretamente, senão através da perseguição aos objetivos específicos que indicam os passos ou caminhos metodológicos através dos quais a solução do problema proposto se conforma.

Assim, foram objetivos específicos desta pesquisa: demonstrar o papel prevalente da hiperleitura como procedimento de conformação do hipertexto concreto; descrever os diferentes níveis de hipertextualidade potencial a partir dos quais o hipertexto concreto se pode configurar e demonstrar a condição acessória das TIC em relação ao hipertexto concreto.

O primeiro e o terceiro objetivos específicos se articulam como aspectos de uma mesma realidade, no sentido de que a demonstração do lugar central da hiperleitura como processo típico da constituição concreta do hipertexto implica automaticamente o reconhecimento de que as TIC desempenham um papel acessório nesse processo.

Com a emergência dos dados, de pronto se nota a singularidade de cada hiperleitura a indicar que as TIC não exerciam papel central e determinante, na medida em que os hiperleitores, via de regra, permaneciam impassíveis ante alguns *hyperlinks*, colocando a subjetividade dos sujeitos hiperleitores como fator determinante do processo.

Também a análise dos dados colhidos mostrou que os sujeitos da pesquisa foram capazes de realizar procedimentos similares cognitivos em hipertextos potenciais com $H_p^\circ = 0$ e $H_p^\circ > 0$, isto é, embora a existência de *hyperlinks*, possíveis apenas a partir das TIC, abra a possibilidade de um percurso hipertextual que liberta o sujeito das margens do papel, a leitura dita tradicional não é diversa do ponto de vista do processo cognitivo de hiperleitura, senão que a segunda é facilitada na forma descrita no capítulo precedente.

Isto posto, no que concerne ao grau de potencialidade potencial, os resultados aqui colimados foram suficientes para comprovar que $H_p^\circ = 0$ é uma construção aporética, na medida em que a constituição de percursos hipertextuais concretos ($H_c^\circ > 0$) a partir de textualidades com $H_p^\circ = 0$, tal como evidenciado neste estudo, comprova, concomitantemente, a existência de potencial hipertextual para além da potencialidade dos *hyperlinks* e a incompletude da fórmula do grau de hipertextualidade potencial ($H_p^\circ = Hl \div \zeta$), por não ser capaz de transpor os limites dos *hyperlinks*.

Entretanto, e exatamente por causa destes resultados, o H_p° tal como foi proposto neste estudo serviu bem aos objetivos da pesquisa e mostrou-se adequado tanto ao desenho metodológico deste estudo quanto à verificação das hipóteses de pesquisa. Assim, não obstante $H_p^\circ = 0$ esteja em aparente contradição com o postulado de que todo texto é um hipertexto, pelo que não poderia haver texto com $H_p^\circ = 0$, tal como demonstrado nestas linhas, foi metodologicamente necessário conceder, *ad argumentandum*, a existência de $H_p^\circ = 0$ para, no campo da empiria, demonstrar sua falsidade e, assim, comprovar as hipóteses de estudo.

Os resultados obtidos com as TAGH preenchidas pelos nove (9) sujeitos de pesquisa mostraram que os hipertextos concretos não são objetivamente condicionados pelas condições tecnológicas de um hipertexto potencial, mas que sua práxis hiperleitora. Ao tempo em que isto abre uma linha de investigação sobre o esse da hiperleitura, aprioristicamente, isto permite inferir que o sujeito hiperleitor seja movido por variáveis cognitivas mais que pelas condições

tecnológicas do hipertexto potencial para produzir percursos hipertextuais concretos. É razoável conceder que interesse e curiosidade sejam móveis mais importantes que o grau de hipertextualidade potencial condicionado pelos *hyperlinks*. Contudo, aqui se descortina um campo de estudo que não foi abarcado por esta pesquisa e que, por conseguinte, em relação ao qual os dados produzidos neste estudo pouco ou nada falam, sinalizando para a necessidade de investigações científicas com esse escopo.

Neste ponto, um estudo outro que investigue o processo de hiperleitura propriamente dito, já que aqui o foco foi o processo de constituição do hipertexto, haverá de elucidar estas e outras questões e apresentar elementos que factualmente preencham a lacuna que este estudo abre em relação aos elementos determinantes da hiperleitura, ao demonstrar que as TIC não têm esse papel condicionante.

Por seu turno, o sucesso no que concerne ao primeiro e terceiro objetivos específicos deste estudo são centrais, posto que apontam a precisão dos postulados teóricos nos pontos centrais deste estudo. Todavia, o segundo objetivo específico também logrou bom termo.

No que tange ao segundo objetivo específico, qual seja, descrever os diferentes níveis de hipertextualidade potencial a partir dos quais o hipertexto concreto se pode configurar, a comprovação empírica de que percursos hipertextuais podem ser construídos a partir de hipertextos potenciais com $H_p^\circ = 0$ significou o alcance do objetivo proposto, na medida em que fica demonstrado que o H_p° não é fator determinante para a constituição do hipertexto concreto, abrindo-se aqui um leque que, na forma do método proposto, vai de 0 a 1. Na prática, isto significa dizer que qualquer texto poder resultar em um hipertexto do ponto de vista do processo cognitivo.

Revistos os objetivos do estudo, o olhar é imediatamente lançado sobre as hipóteses que foram propostas e, no capítulo precedente, verificadas, como que cercando o fenômeno hipertextual por todos os seus lados. Neste ponto, objetivos

e hipóteses ecoam os dados analisados e desvelam um achado científico consistente com quanto fora postulado.

Assim, submetidas à prova empírica as três hipóteses se mostraram consistentes com os dados recolhidos e foram capazes de guiar a análise que se produziu no capítulo precedente. Nesse sentido, ao termo e ao cabo deste estudo, pode-se afirmar que: 1. o método revelou-se adequado à proposta teórica; 2. os postulados teóricos encontraram ressonância nos dados produzidos e 3. a análise dos dados atestou a consistência das hipóteses. Pelo que se pode dizer que a tese aqui defendida é verdadeira.

Mas qual tese? Neste ponto não se há mais de falar em termos condicionais, mas a maturação dos procedimentos de pesquisa já permite que ela seja prolatada em termos mais definitivos, isto é, como resposta ponderada, teoricamente fundamenta e empiricamente verificada ao problema que se intentou investigar.

Convém, então, recordar o problema de pesquisa, ainda uma vez: qual o papel da hiperleitura no processo de conformação do hipertexto concreto *vis-à-vis* os elos e nós do hipertexto digital?

Ante os fundamentos teóricos propostos e a confirmação dos dados produzidos que demonstraram a factualidade da emergência de hipertextos concretos a partir de textos pretensamente sem potencial hipertextual ($H_p^o = 0$) – já restando demonstrada a imprecisão fática deste postulado e sua adoção neste estudo apenas como estratégia *ad argumentandum* – e a não constituição de percursos hipertextuais concretos a partir de hipertextos potenciais ($H_p^o > 0$), ao sabor das escolhas subjetivas – hiperleitura – dos sujeitos da pesquisa, pode-se afirmar que a hiperleitura é o fator constituinte básico do hipertexto concreto, *i. e.*, é o elemento que o faz ser, é aquilo sem o qual ele não é.

De tudo isto já se pode afirmar que o hipertexto – independente do substrato que o suste, isto é, se é hipertexto digital ou não digital – subsiste em dupla conformação, como hipertexto potencial e hipertexto concreto. Como

hipertexto potencial, consiste em blocos de textualidades conectados por elos e nós eidéticos – presentes em todo e qualquer texto – que podem ser também, no caso do hipertexto eletrônico, digitais. Como tal, antes do processo da hiperleitura, em nada difere de um texto “tradicional” em formulação textual, pelo que se pode afirmar que todo texto é potencialmente um hipertexto. O hipertexto concreto – hipertexto *stricto sensu* – só existe quando constituído pela hiperleitura, processo mediante o qual um sujeito hiperleitor constitui um percurso hipertextual concreto ao encolher abrir ou não abrir um elo ou nó proposto no hipertexto potencial e, abrindo-o, isto é, procedendo sua leitura, decide retornar ao texto anterior, prosseguir seu percurso hipertextual nessa nova lexia ou finalizar sua leitura.

Assim, a hiperleitura é o processo responsável último pela constituição do hipertexto concreto, na medida em que a decisão de abrir um elo ou nó que constitui a singularidade da hiperleitura, decisão geradora de um percurso hipertextual concreto, depende dessa opção subjetiva do sujeito leitor que constitui o cerne da hiperleitura.

Por seu turno, no campo da pesquisa científica, o concluir de um estudo é, *ipso facto*, o desvelar de outras possibilidades, o abrir de outros caminhos que se desdobram a partir daquilo que ficou por ser feito, das lacunas que não foram preenchidas no campo dado e das alternativas e caminhos que se abrem a partir de quanto foi descoberto. Enfim, a conclusão de um estudo é sempre como que o preâmbulo de outros.

Nesse sentido, em primeira mão se abre a possibilidade de aplicação do método aqui descrito para a determinação de padrões de utilização do hipertexto de acordo com as características socioculturais de uma população dada, quantidade média de *hyperlinks* operacionalizados em um hipertexto potencial eletrônico dado, impacto da localização dos *hyperlinks* em sua efetiva operacionalização.

Neste ponto a baixa efetivação dos percursos hipertextuais a partir dos *hyperlinks* do hipertexto eletrônico é um campo fértil para futuras pesquisas. O

padrão que emergiu do pequeno universo de amostragem se manteria em um universo maior e mais representativo? Haveria variação de padrão entre populações com características diferentes e/ou um *corpus* diferente? Haverá um teto médio além do qual os *hyperlinks* normalmente não são efetivados e, por conseguinte, constitui o meridiano de eficiência de um hipertexto eletrônico? Haverá um perfil de *hyperlinks* mais propício a efetivação do percurso hipertextual? Tudo isto se abre como campo para futuras investigações.

Convém também lembrar que o desenho da amostra não conteve tipologias textuais diversas e também aqui se abre um espaço fecundo para novas pesquisas que poderão confrontar o método com outros tipos e gêneros textuais a ver como o método se comporta, se será capaz de, também nesse contexto, produzir resultados consistentes.

Também, há que se dizer que o reconhecimento da hiperleitura como elemento balizador do processo de constituição do hipertexto concreto faz surgir a necessidade de se investigar mais detidamente o fenômeno da hiperleitura *per se*, o que passou ao largo deste estudo que se debruçou antes sobre a natureza do hipertexto. Abre-se aqui, então, todo um campo a ser trilhado pela investigação científica no campo da hiperleitura que vai das questões de alfabetização e letramento até a discussão de fatores sociais, psicológicos, afetivos e linguísticos que operam no processo de hiperleitura.

No que tange ao próprio método, o conceito de grau de hipertextualidade abre um espaço de diálogo fecundo com fatores de textualidade já largamente estudados na Comunidade Científica, como intertextualidade, informatividade, coerência, coesão, aceitabilidade, situacionalidade, contexto e moldura comunicativa dos textos e gêneros textuais: nesse diálogo, o conceito de grau de hipertextualidade se enriquecerá e poderá, nessa nova conformação, extrapolar o contornos do método aqui proposto e servir como parâmetro para a análise de textualidades com implicações mais comprometedoras que aquelas prescritas para este estudo.

Assim, ao passo que estas possibilidades não foram exploradas na pesquisa que aqui se põe a termo, na medida em que não representavam os objetivos descritos para este estudo, bem como não o permitia o desenho da amostragem querida para esta pesquisa, tais possibilidades se abrem como trilhas prováveis para este pesquisador e para tantos quantos vejam neste caminho uma via metodologicamente consistente para a consecução de seus objetivos científicos no campo da hipertextualidade.

REFERÊNCIAS

AARSETH, Espen J. **Non Linearity and Literary Theory**. In: LANDOW, George P (ed). **Hyper/Text/Theory**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995, p. 51-66.

ADORNO, Theodor. **Educação após Auschwitz**. Trad. Wolfgang Leo Maar [S. l., s. n., 19--a]. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_educacao_apos_auschwitz.asp>. Acesso: 30 nov. 2004. Não paginado.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Teoria da Semicultura**. [S. l., s. n., 19--b]. Disponível em <<http://www.geocities.com.br/Paris/Rue/5214/tadorno.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2004. Não paginado.

ALAVA, Séraphin (org). **O Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais**. Trad. Fátima Murad. São Paulo: Artmed, 2002.

ALES BELLO, Angela. **Introdução à Fenomenologia**. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia; Miguel Marfoud. Bauru: Edusc, 2006.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ALVES, Maria Leila (coord.) et al. **Linguagem e linguagens**. São Paulo: FDE, 1993.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**: nas trilhas do materialismo histórico. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **As Origens da Pós-Modernidade**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Pós Neoliberalismo**: as Políticas Sociais e o Estado Democrático. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Trad. Cesar Augusto R. de Almeida; Antônio Abranches; Helena Franco Martins. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTOTLE. **The Metaphysics**. Trans. John H. McMahon. New York: Dover Publications, 2007.

AZEREDO, José Carlos de (org.). **Língua Portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2002a.

_____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002b.

_____. **Problemas da Poética de Dostoevski.** Trad. Paulo Bezerra. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002c.

BARBOSA, Wilmar do Valle. **Tempos Pós-Modernos.** In: LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna.** Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARROS, Adriana Azevedo Paes de. **Interdisciplinaridade:** o pensado, o vivido: de sua necessidade às barreiras enfrentadas. Revista Abceducatio. São Paulo: ano 5, nº 32, março/2004. Editora Criarp.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade:** entorno de Bakhtin. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia.** Trad. Izidoro Blikstein. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **S/Z:** uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BECKER, Howard S. **Segredos e Truques da Pesquisa.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERRY, Kathleen S. **Estruturas da bricolagem e da complexidade.** In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação:** conceituando a bricolagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 123-148.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler.** São Paulo: Objetiva, 2001.

BOLTER, Jay David. **Writing Space:** the computer, hypertext and the history of writing. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. **A formação do Leitor:** alternativas metodológicas. Porto Alegre/RS: Mercado Aberto, 1988.

BRAGA, Denise Bértoli. **A comunicação interativa em ambiente hipermídia:** as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais:** novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 144-162.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **A análise do discurso:** Leitura e Produção Textual. In: SANTANA NETO, João Antônio de (org.). **Discursos e Análises:** coletânea de trabalhos. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2001.

BROWN, Gillian & YULE, George. **Discourse Analysis.** Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998.

BROWN, John Seely; COLLINS, Allan; DUGUID, Paul. **Situated Cognition and the culture of learning.** *Educational Researcher*, Washington, DC, v. 18, n. 1, p. 32-42, jan./fev., 1989. Disponível em: <<http://www2.parc.com/ops/members/brown/papers/situatedlearning.html>>. Acesso: 29 mar. 2006.

BRUNNER, Cornelia; TALLY, William. **The new Media Literacy Handbook:** an educator's guide to bringing new media into the classroom. NY: Anchor Books, 1999.

BRUSILOVSKY, Peter et al. (org). **Adaptative Hypertext and Hypermedia.** Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1998.

BRUSILOVSKY, Peter. **Methods and Techniques of Adaptative Hypermedia.** In: BRUSILOVSKY, Peter et al. (org). **Adaptative Hypertext and Hypermedia.** Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1998, p. 1-44.

CABRAL, Loni Grimm et al (Orgs). **Lingüística e ensino:** Novas Tecnologias. Blumenau: Nova Letra, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede.** v. I. 8 ed. rev. e ampl. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **A Galáxia da Internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **The Informational City:** Information Technology, Economic Restructuring and the Urban-Regional Process. Malden/Massachusetts: Blackwell, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Trad. Guy Reynaud. 7 impr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **Técnica.** In: _____. **As encruzilhadas do labirinto.** Trad. Carmen Sylvia Guedes e Rosa Maria Boaventura. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 293-329.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. **A concepção do Autor em Bakhtin, Barthes e Foucault.** Signum: Estud. Ling., Londrina, n 11/2, p. 67-81, dez., 2008.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** São Paulo: Papyrus, 2001.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da Escrita.** Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Cultura escrita, literatura e história:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2 ed. Trad. Maria del Priori. Brasília: UnB, 1999.

_____. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem.** Organizado por Adriana Belletti. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Aspects of the theory of syntax.** 11th printing. Cambridge, Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology Press, 1976.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler e, ensinar a aprender.** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COSCARELLI, Carla Viana. **A leitura de hipertextos**. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 1, 2005, Recife/PE. **Desafios lingüísticos, literários e pedagógicos**: Anais. Recife. UFPE, 2005. 1 CD-ROM. Não paginado.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995.

_____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1997.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Discurso do Método**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2 ed. 4 tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DIJK, Teun Adrianus van. **Text and context**. London: Longman, 1997.

DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. **Análise do Discurso: conceitos básicos em lingüística**. Trad. Ruth Julieta da Silva; John White. Petrópolis: Vozes, 2003.

DYSON, Esther et al. **Cyberspace and the American dream: a Magna Carta for the knowledge age**. Release 1.2, Progress and Freedom Foundation, Washington, D.C., August 22, 1994. Disponível em: <www.townhall.com/pff/position.html>. Acesso em: 28 nov. 2008.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. Trad. Atílio Cancian. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **As formas do conteúdo**. Trad. e ver. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **A Estrutura Ausente: introdução à pesquisa semiológica**. Trad. Pérola de Carvalho. 7 ed. 2 reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Interpretação e superinterpretação.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ESTEVE, José M. **A terceira revolução educacional.** São Paulo: Moderna, 2004.

EVANGELISTA, João E. **Crise do Marxismo e irracionalismo pós-moderno.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método.** Trad. Cezar Augusto Mortari. 2 ed. São Paulo: Edunesp, 2011.

FERRARI, Pollyana (org.) **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital.** São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Vinícius de. **Kant & a crítica da razão pura.** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FRAWLEY, William. **Vygotsky e a ciência cognitiva.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **A importância do ato de ler.** 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Coleção Leitura. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003b.

_____. **Extensão e Comunicação.** 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método.** Vol. I. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Verdade e método.** Vol. II 4 ed. Petrópolis: 2008.

GALEFFI, Dante Augusto. **O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar.** In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a**

qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas. Salvador: Edufba, 2009, p. 13-74.

_____. **O Ser-sendo da Filosofia:** uma compreensão *poemático-pedagógica* para o *fazer-aprender* Filosofia. Salvador: Edufba, 2001.

_____. **O que é isto – a Fenomenologia de Husserl?** *Ideação*, Feira de Santana, v. 5, n. 5, p. 36, jan./jun. 2000.

GALEFFI, Dante et al (org.). **Epistemologia, construção e difusão do Conhecimento:** perspectivas em ação. Salvador: Eduneb, 2011.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GLEICK, J. **Caos:** a construção de uma Nova Ciência. Lisboa, Gradiva, 2001.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Políticos.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Cadernos do Cárcere.** Vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. **Introdução à filosofia da práxis.** 2 ed. Lisboa: Antídoto, 1979.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Os atuantes, os atores e as figuras.** In: CHABROL, Claude. (ed.) **Semiótica narrativa etextual.** Trad. de Leyla Perrone Moisés, Jesus Antônio Durigan e Edward Lopes. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977, p. 179-195.

GUIMARÃES, Juarez. **Democracia e Marxismo:** crítica à razão liberal. São Paulo: Xamã, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como ‘Ideologia’.** Trad. Arthur Morão. Lisboa: 70, 2009.

_____. **A ética da Discussão e a Questão da Verdade.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

_____. **Fundamentos pré-políticos do Estado de Direito democrático?** In: HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da Secularização:** sobre razão e religião. Trad. Alfred J. Keller. 3 ed. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2007b, p. 21-58.

_____. **O Discurso Filosófico da Modernidade.** Trad. Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

_____. **A crise de legitimação no capitalismo tardio.** Trad. Vamireh Chacon. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002b.

HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da Secularização:** sobre razão e religião. Trad. Alfred J. Keller. 3 ed. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2007.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna.** Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 13 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito.** Trad. Paulo Meneses. 6 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2011a.

_____. **Ciência da Lógica:** (excertos); Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Bacarolla, 2011b.

_____. **Fé e Saber.** Trad. Oliver Tolle. São Paulo: Hedra, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2011.

_____. **Introdução à Filosofia.** Trad. Marco Antônio Casanova. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Ser e Verdade:** A questão fundamental da filosofia; da essência da Verdade. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2007.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento.** Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HILLIS, Ken. **Sensações digitais: espaço, identidade e corporificações** na realidade virtual. Trad. Leila Mendes. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

HOLQUIST, Michael. **Dialogism: Bakhtin and his works**. 2 ed. London/UK & New York/USA: Routledge, 2004.

HONNEFELDER, Ludger. **João Duns Scotus**. Trad. Roberto Hofmeister Pich. São Paulo: Loyola, 2010.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim**. Trad. de Fausto Castilho. In: CASPER, Gerhard; HUMBOLDT, Wilhelm von. **Um mundo sem Universidades?** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Trad. Márcio Suzuki. 2 ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

_____. **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: 70, 1989.

ISER, Wolfgang. **Ato da leitura**. Vol.1. Rio de Janeiro: 34, 1996.

_____. **Ato da leitura**. Vol. 2. Rio de Janeiro: 34, 1999.

JAMESON, Fredric. **Espaço e Imagem: teoria do pós-moderno e outros ensaios**. Trad. Maria Lúcia Almeida Gazzola. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

_____. **Pós-modernismo: a lógica cultural do Capitalismo Tardio**. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **O fim da história: de Hegel a Fukuyama**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

JAUSS, Hans Robert. **Toward an Aesthetic of Reception**. Transl. Timothy Bahti. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

JONASSEN, David H. **Computers in the classroom: mindtools of critical thinking**. New Jersey: Prentice-Hall, 1996.

JONASSEN, David H.; ROHRER-MURPHY, Lucia. **Activity Theory as a Framework for Designing Constructivist Learning Environments**. *Educational Technology Research and Development*, Columbia, MO, v. 47, n.

1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <<http://www.coe.missouri.edu/~jonassen/courses/CLE/documents/activity.pdf>>. Acesso: 4 abr. 2006.

JOUVE, Vincent. **A Leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Edunesp, 2002.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Trad. Valério Rohden. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a.

_____. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Lucimar A. Coghi Anselmi, Fulvio Lubisco. 3 ed. São Paulo: Ícone, 2011b.

_____. **A Religião nos Limites da Simples Razão**. Trad. Artur Morão. Lisboa: 70, 2008a.

_____. **Prolegómenos a Toda a Metafísica Futura**. Trad. Artur Morão. Lisboa: 70, 2008b.

KERLINGER, Frederich Nicholas. **Behavioral Research: a conceptual approach**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KINCHELOE, Joe L. **O poder da bricolagem: ampliando os métodos de pesquisa**. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007a, p. 15-38.

_____. **Redefinindo rigor e complexidade em pesquisa**. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007b, p. 39-66.

_____. **Questões de disciplinaridade/interdisciplinaridade em um mundo em transformação**. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007c, p. 67-101.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **A coesão textual**. 21 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **A construção de sentido no hipertexto.** In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 1, 2005, Recife/PE. **Desafios lingüísticos, literários e pedagógicos:** Anais. Recife. UFPE, 2005. 1 CD-ROM. Não paginado.

KONDER, Leandro. **O futuro da Filosofia da Práxis:** o pensamento de Marx no século XXI. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Trad. Beatriz Vianna Boeira; Nelsno Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LANDOW, George P (ed). **Hyper/Text/Theory.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

LANDOW, George P. **Hypertext 3.0:** Critical Theory and New Media in an Era of Globalization. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

_____. **Hypertext 2.0:** the Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. Rev. & ampl. ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

LAVE, Jean. **Cognition in practice:** mind, mathematics and culture in everyday life. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber.** Porto Alegre: Artmed; 1999.

LEEDY, P. D.; ORMROD, J. **Practical Research.** New Jersey: Merril Prentice Hall, 2001.

LEÃO, Lúcia. **O Labirinto da Hipermídia.** 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LEONT'EV, Alexei Nikolsivevich. **Activity, Consciousness, and Personality.** Tradução de Marie J. Hall. 1978. [S. l., 2000]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1978/index.htm>>. Acesso: 20 fev. 2006. Não paginado.

_____. **Activity and Consciousness.** Progress Publishers, 1977. [S. l., 200-?]. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1977/lon1977.htm>>. Acesso: 20 fev. 2006. Não paginado.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1986.

LÉVY, Pierre. **Sur les chemins du virtuel**. Québec: Fleur de Lys, 2007. Disponível em: <http://manuscritdepot.com/edition/documents-pdf/pierre-levy-le-virtuel_01.pdf>. Acesso em: 30 jun 2012.

_____. **Cyberdemocracia**. Paris: Éditions Odile Jacob, 2002.

_____. **A inteligência coletiva**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2000

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: 34, 1999.

_____. **A ideografia dinâmica**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

LIMA JR, Arnaud Soares de. **Tecnologias Intelectuais e Educação: explicando o princípio proposicional/hipertextual como metáfora para educação e currículo**. *Revista da FAEEBA*, Salvador, v. 13, n. 22, p. 401-416, jul./dez. 2004.

_____. **Tecnologização do Currículo Escolar: um possível significado proposicional e hipertextual do currículo contemporâneo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2003.

LOPES, Edward. **Discurso Literário e Dialogismo em Bakhtin**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: entorno de Bakhtin**. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2003, p. 63-81.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert et al. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 4 ed. rev e ampl. Salvador: Eufba, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRË, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Elizabeth F. de. **Novas Tecnologias e Currículo**. In: MOREIRA, Antônio F. B. (Org.). **Currículo: questões atuais**. 1ª reimp. Campinas: Papyrus, 1997, p. 39-58.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: Educação e ciências humanas**. Salvador: Edufba, 2009.

MANDEL, Ernest. **O lugar do Marxismo na História**. 2 ed. São Paulo: Xamã, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto**. Disponível em: <http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/discurso_cambio/17Marcus.pdf>. Acesso: 20 fev. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. In: AZEREDO, J. C. (org.). **Língua Portuguesa em debate**. Vozes, 2000, p. 87-111.

MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

MARX, Karl Heinrich. **Trabalho assalariado e Capital & Trabalho, preço e lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. **O dezoito de Brumário de Louis Bonaparte**. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2003.

_____. **Miséria da Filosofia: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon**. Trad. José Paulo Netto. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Trad. Florestan Fernandes. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008

_____. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história:** utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição. Brasília: Liber Livro, 2006.

_____. **Tecnologias para a colaboração.** *Revista da FAEEDBA*, Salvador, v. 13, n. 22, p. 431-440, jul./dez. 2004.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A Árvore do Conhecimento:** as bases biológicas da compreensão humana. Trad. Humberto Mariotti; Lisa Diskin. 5 ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Trad. José Fernando Campos Fortes. 4 reimpr. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. . 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

McMILLAN, James H.; SCHUMACHER, Sally. **Research in education:** a conceptual introduction. New York: Longman, 1997.

MÉSZÁROS, István. **O século XXI:** socialismo ou barbárie. 2 reimpr. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **A Educação para além do capital.** Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Para além do Capital.** 1 reimpr. São Paulo: Boitempo, 2002.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. **Tecnologia, construção do conhecimento e sociedade no capitalismo tardio.** In: GALEFFI, Dante Augusto *et al.* (org.). **Epistemologia, construção e difusão do conhecimento:** perspectivas em ação. Salvador: Eduneb, 2011, p. 433-458.

_____. **EAD, TIC e internet:** ainda estranhas à escola. In: 13º Congresso Internacional de Educação a Distância: em busca de novos domínios e novos públicos através da Educação a Distância, Curitiba, 2007. **Anais...** São Paulo: ABED, 2007. 1 CD.

_____. **A formação do hiperleitor:** características do processo de desenvolvimento da autonomia e emancipação crítica do aluno-hiperleitor. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia. Salvador: UNEB, 2006a.

_____. **Novas tecnologias, educação e contemporaneidade.** *Revista Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 77-86, jan./jun., 2006b.

_____. **Infografia, ciberescrita ou hiperescrita:** uma discussão para além da nomenclatura. In: 12º Congresso Internacional de Educação a Distância: a educação a distância e a integração das Américas, Florianópolis, 2005. **Anais...** São Paulo: ABED, 2005.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **An Approach to the development of Hyperreaders.** In: 22nd ICDE World Conference on Distance Education: promoting quality in on line, flexible and distance education, Rio de Janeiro, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro: ABED, 2006.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos; SALES, Mary Valda Souza. **Hiperleitura e Educação.** *Hipertextus – Revista Digital*, Recife, v. 1, p. 1-10, 2007.

_____. **An e-learning experience in the continuing professional development of teachers.** In: 22nd ICDE World Conference on Distance Education: promoting quality in on line, flexible and distance education, Rio de Janeiro, 2006. **Anais...** Rio de Janeiro: ABED, 2006.

_____. **Hipertextualidade e Ambientes Virtuais de Aprendizagem:** encontros e desencontros de uma mudança paradigmática. *Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Tubarão/SC, v. 5, n. 9 p. 8-35, jan./jun., 2012.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos et al. **Consórcio:** uma estratégia de implementação de políticas públicas em EAD. In: 13º Congresso Internacional de EAD: em busca de novos domínios e novos públicos através da EAD, Curitiba, 2007. **Anais...** São Paulo: ABED, 2007. 1 CD.

OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibele Saliba (org). **A Era da Indeterminação.** São Paulo: Boitempo, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4 ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Discurso & Leitura.** 6 ed. Campinas: Unicamp, 2001.

_____. **A Linguagem e seu Funcionamento.** 2 ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **A leitura e os leitores.** 2 ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÁDUA, Elisabete M. M de. **Metodologia da Pesquisa**. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PFEIFFER, Cláudia Castellanos. **O Leitor no contexto escolar**. ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **A leitura e os leitores**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 87-104.

PIMENTEL, Álamo; GALEFFI, Dante Augusto; MACEDO, Roberto Sidnei. **Po(éticas) da Formação**: experimentações éticas e estéticas no acontecer formacional. Salvador: Edufba, 2012.

PINO, Dino del. **Espaço e Textualidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

POPPER, Karl. **Busca inacabada**: autobiografia intelectual. Lisboa: Esfera do Caos, 2008.

_____. **A lógica da pesquisa científica**. Trad. Leônidas Hegenberg; Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Conjecturas e refutações**: o desenvolvimento do conhecimento científico. Trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2003.

RAMAL, Andréia Cecília. **Educação na cibercultura**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RATZINGER, Joseph Alois. **O que mantém o mundo unido**: fundamentos pré-políticos do Estado de Direito democrático. In: HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph Alois. **Dialética da Secularização**: sobre razão e religião. Trad. Alfred J. Keller. 3 ed. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2007, p. 59-90.

_____. **Introdução ao Cristianismo**: preleções sobre o Símbolo Apostólico. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

ROUET, Jean-François et al. **Hypertext and Cognition**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

SANDHOLTZ, Judith H. et al. **Ensinando com tecnologia**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**. 2 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**. Precedido por Questões do método. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARDIMALIA, Marlene. **Collective Cognitive Responsibility for the Advancement of Knowledge**. In: SMITH, Barry; BEREITER, Carl (ed.). **Liberal education in a knowledge society**. Chicago: Open Court, 2002, p. 1-26. Disponível em: <http://ikit.org/fulltext/2002_CollectiveCog.pdf>. Acesso: 18 jun. 2005.

SERIÓT, Patrick. **Bakhtin no contexto**: diálogo de vozes e hibridação das línguas. In: ZANDWAIS, Ana (Org.). **Mikhail Bakhtin**: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2005, p. 59-72.

SERPA, Luiz Felipe Perret. **Qualidade-quantidade na pesquisa educacional**. *Ágere: Revista de Educação e Cultura*, Salvador, v. 6, n. 6, p. 165-174, jul./dez. 2002.

SMITH, Barry; BEREITER, Carl (Ed.). **Liberal education in a knowledge society**. Chicago: Open Court, 2002.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SNYDER, Ilana. **Hypertext**: the electronic labyrinth. New York: NYU Press, 1997.

SOARES, Magda B. **As condições sociais da leitura**. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (org.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 5 ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18-29.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomás Tadeu. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SPIRO, Rand J. et al. **Cognitive flexibility, constructivism and hypertext**: random access instruction for advanced knowledge acquisition in-ill structured

domains. *Educational Technology*, s. l., p. 24-33, 1991. Disponível em: <http://phoenix.sce.fct.unl.pt /simposio/ Rand_Spiro.htm>. Acesso: 27 fev. de 2006.

STEIMBERG, Alejo G. **Les œuvres en hypertexte et hypermedia**: quelques notions théoriques. Disponível em: < http://www.rilune.org/dese/tesinepdf/Steinberg/Steimberg_Litt%E9ratureetinformatique.pdf>. Acesso em: 12 abr 2012.

STOCK, Patricia Lambert. **The dialogic Curriculum**: teaching and learning in a multicultural society. Portsmouth, NH: Boynton/Cook Publishers/Heinemann, 2001.

SWINGWOOD, Alan. **Cultural Theory and the Problem of Modernity**. New York: Saint Martin's Press, 1998.

TOMÁS de Aquino, Santo. **A unidade do intelecto contra os averroístas**. Trad. Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: 70, 1999.

_____. **O ente e a Essência**. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand; Mario Bruno Sproviero. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

TEIXEIRA, Evilázio B. **Aventura Pós-moderna e sua sombra**. São Paulo: Paulus, 2005.

TOFLER, Alvin. **A terceira onda**. 11 ed. São Paulo: Bantham Books, 1980.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. **Filosofia da Práxis**. Trad. Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

XAVIER, Antônio Carlos. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e Gêneros Digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 170-180.

WANDELLI, Raquel. **Leituras do Hipertexto**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHITEHEAD, Alfred North. **A Ciência e o Mundo Moderno**. Trad. Hermann Herbert Watzlawick. São Paulo: Paulus, 2006.

WINNER, Langdon. **Cyberlibertarian myths and the prospects for community**. 1997. Disponível em: <www.rpi.edu/~winner/cyberlib2.html>. Acesso em: 28 nov. 2008.

WOLFRAM, Stephen. **A new kind of science**. Champaign, IL: Wolfram Media, 2002. Disponível em: <<http://www.wolframscience.com/nksonline/toc.html>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZANDWAIS, Ana (Org.). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.

APÊNDICE B

PROTOCOLO PARA SELEÇÃO DOS TEXTOS E HIPERTEXTOS

Cada sujeito de pesquisa responsável por uma das áreas do conhecimento envolvidas na pesquisa empírica deverá selecionar:

- um texto com $H_p^\circ = 0$ chamado doravante de Tipo A;
- um (hiper)texto com $H_p^\circ > 0$ chamado doravante de Tipo B.

Os textos poderão pertencer a qualquer tipologia textual. Necessariamente, precisam versar sobre a temática pertinente à área do conhecimento a que pertence o sujeito de pesquisa que os selecionou. Para garantir a legibilidade dos textos pelos demais sujeitos de pesquisa, e a conseguinte adequação aos objetivos da pesquisa em foco, é vedada a seleção de textos herméticos ou impossíveis de serem lidos por quem não domina a área do conhecimento em questão, não obstante ser plenamente razoável a existência de seções, expressões, jargões ou questões mais técnicas no bojo do texto que possam ser compreendidas no contexto do texto ou, mesmo incompreendidas, não impossibilitem a leitura do corpo textual.

Os textos tipo A poderão ser não digitais ou mesmo digitais de qualquer formato ou extensão, salvo a vedação de possuírem *hyperlinks* conforme o desenho metodológico da pesquisa.

Os textos tipo B serão necessariamente digitais e possuir tantos *hyperlinks* quantos possíveis.

Os textos selecionados serão distribuídos entre os sujeitos de pesquisa, com as Tabelas de Aferição de Grau de Hipertextualidade conexas para procedimento de (hiper)leitura e preenchimento do instrumento supracitado.

ANEXO A

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: α_1 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: AQUINO, Daniela Silva de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? _____

Referência do (hiper)texto: < Arquivo pdf > __
 () Formato Digital (X) Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.01163$

Página / linha	Termo/Elo ²¹¹	Remissão ²¹²	Decisão ²¹³
02/01/17	Política Nacional de Medicamentos	Políticas públicas	Retorno

²¹¹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²¹² Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²¹³ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₅

Identificação do sujeito: α_1 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos**: onde está a racionalidade?

Referência do (hiper)texto: < <http://www.institutosalus.com/noticias/uso-razional-de-medicamentos/uso-razional-de-medicamentos-onde-esta-a-razionalidade> >

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0.03876$

Página / linha	Termo/Elo ²²³	Remissão ²²⁴	Decisão ²²⁵
01/38	dispensação	Disponibilização/Orientação	Retorno
01/54	Farmacovigilância	Controle do uso	Retorno
01/56	NOTVISA	Sistema	Retorno
01/57	MBE	Prática médica	Retorno
01/62	ATS	Sistema de saúde	Retorno

²²³ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²²⁴ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²²⁵ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ANEXO B

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: α_2 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?**

Referência do (hiper) texto: Aquino, Daniela Silva

() Formato Digital (X) Formato Analógico

H_p^o = 0

H_c^o = 0.02326

Página / linha	Termo/Elo ²²⁹	Remissão ²³⁰	Decisão ²³¹
02/71	Cibertráfico	Significado - fiz uma busca no Google	Retorno
03/03	Vicário	significado vicário – fiz uma busca no Google	Retorno

²²⁹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²³⁰ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²³¹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₄

Identificação do sujeito: α_2 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **Som e Música: questões de uma Antropologia Sonora**

Referência do (hiper)texto: **Oliveira, Tiago**

() Formato Digital (X) Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.06579$

Página / linha	Termo/Elo ²³⁸	Remissão ²³⁹	Decisão ²⁴⁰
1/2	etnomusicologia	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
1/11	Antropologia do som	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
1/15	Evanescente	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
2/5	Imagético	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
2/17	Etnografia	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
2/27	Signo	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
2/30	Sentido lato	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
9/5	Lexicais	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
14/7	Fleumática	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
14/23	Virtuosismo	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
14/24	Star-cult	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
15/2	Virtuose	Significado – busquei o significado no Google	Retorno

²³⁸ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²³⁹ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁴⁰ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

18/8	Idiofone	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
18/8	Membranofone	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
22/17	Terça Neutra	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
22/18	Terça Maior	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
22/18	Terça Menor	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
22/27	Aboios	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
23/6	Diatônicos temperados	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
25/23	Machete	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
29/18	Espectrogramas	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
35/11	Glossolalia	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
40/23	Motetos	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
44/9	Organologia	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
48/7	Lutiers	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
50/6	Bochetus	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
52/13	Bastões aeólicos	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
53/18	Alaúde	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
54/31	Coda	Significado – busquei o significado no Google	Retorno
56/22	Alteridas	Significado – busquei o significado no Google	Retorno

T₅

Identificação do sujeito: α_2 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos: onde está a racionalidade?**

Referência do (hiper)texto: <http://www.institutosalus.com/noticias/uso-razional-de-medicamentos/uso-razional-de-medicamentos-onde-esta-a-razionalidade>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0.05426$

Página / linha	Termo/Elo ²⁴¹	Remissão ²⁴²	Decisão ²⁴³
1/58	Farmacovigilância	Link: vigilância no uso de medicamentos	Retorno
1/60	NOTIVISA	Link: notificação das reações adversas á medicamentos no site da ANVISA.	Retorno
02/06	Ditames	Remete a norma, regra, lei	Retorno
02/68	Farmácia virtual	Como funciona/seria uma farmácia virtual?	Retorno
02/71	Cibertráfico	Comércio ilegal de medicamentos	Retorno
03/03	Vicário	O que é vicário? – Procurei o significado em um dicionário.	Retorno
03/30	Poder sacralizado da ciência	Conhecimento científico inquestionável	Retorno

²⁴¹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁴² Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁴³ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₆

Identificação do sujeito: α_2 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Perfume.

Referência do (hiper) texto: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume>

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.22549$

$H_c^\circ = 0.03922$

Página / linha	Termo/Elo ²⁴⁴	Remissão ²⁴⁵	Decisão ²⁴⁶
1/14	Salves	Que significa?Google	Retorno
1/26	Pomelo	Que significa?Google	Retorno
1/26	Mandarina	Que significa?Google	Retorno
1/27	Aldeídos	Que significa?Google	Retorno

²⁴⁴ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁴⁵ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁴⁶ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ANEXO C

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: α_3 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: AQUINO, Daniela Silva de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? _____

Referência do (hiper)texto: < Arquivo pdf > __
 () Formato Digital (X) Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0$

Página / linha	Termo/Elo ²⁴⁷	Remissão ²⁴⁸	Decisão ²⁴⁹

²⁴⁷ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁴⁸ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁴⁹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₂

Identificação do sujeito: α_3 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Perfumes: uma química inesquecível.

Referência do (hiper)texto: DIAS, Sandra Marins; SILVA, Roberto Ribeiro da. Perfumes: uma química inesquecível.

() Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.05587$

Página / linha	Termo/Elo ²⁵⁰	Remissão ²⁵¹	Decisão ²⁵²
01/65	Ungüentos	Pomada	Retorno
02/07	ilangue-ilangue	O que é ilangue-ilangue? – busquei o sentido no dicionário.	Retorno
02/32	Cânfora	Utilizada para quem está catapora	Retorno
02/48	Aldeídica	O que é aldeídica? busquei o sentido no dicionário.	Retorno
02/52	Almíscar	O que é almíscar? busquei o sentido no dicionário.	Retorno
04/15	Bergamota	O que é bergamota? busquei o sentido no dicionário.	Retorno
04/16	Citronela	O que é citronela? busquei o sentido no dicionário.	Retorno
04/16	Gerânio	O que é gerânio? busquei o sentido no dicionário.	Retorno
04/17	Safrol	O que é safrol? busquei o sentido no dicionário.	Retorno
04/17	Sassafrás	O que é sassafrás? busquei o sentido no dicionário.	Retorno

²⁵⁰ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁵¹ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁵² *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₃

Identificação do sujeito: α_3 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: ETNOMUSICOLOGIA.

Referência do (hiper)texto: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnomusicologia>>

() Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.48259$

$H_c^\circ = 0.0398$

Página / linha	Termo/Elo ²⁵³	Remissão ²⁵⁴	Decisão ²⁵⁵
01/01	Etnografia	Cliquei no link "Etnografia"	Li e retornei para o texto original
01/07	Fonógrafo	Cliquei no link "Fonógrafo"	Li e retornei para o texto original
01/13	Universidade Nova de Lisboa	Cliquei no link "Universidade Nova de Lisboa"	Li e retornei para o texto original
01/22	Polifonias	Cliquei no link "polifonias"	Li e retornei para o texto original
01/39	Tibetana	Cliquei no link "tibetana"	Li e retornei para o texto original
01/22	Javanesca	Cliquei no link "javanesca"	Li e retornei para o texto original
01/24	Bandas de pífano	Cliquei no link "bandas de pífano"	Li e retornei para o texto original

²⁵³ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁵⁴ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁵⁵ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

01/24	Taieiras	Cliquei no link "Taieiras"	Li e retornei para o texto original

T₄

Identificação do sujeito: α_3 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Som e música: questões de uma Antropologia Sonora.

Referência do (hiper)texto: PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música: questões de uma Antropologia Sonora. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007>.

() Formato Digital (X) Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.02632$

Página / linha	Termo/Elo ²⁵⁶	Remissão ²⁵⁷	Decisão ²⁵⁸
02	Evanescente	Qual significado de evanescente? – Dicionário	Retorno
15	Nambiquara	O que é Nambiquara? - Dicionário	Retorno
15	Mata escura	Lembra bairro de Salvador – Dicionário	Retorno
	Igreja pentecostal	Crentes	Retorno
	Sinfonias de Beethoven	5ª Sinfonia	Retorno
	Dutar	O que é dutar? - Dicionário	Retorno
	Wagogo	O que é Wagogo? - Dicionário	Retorno
	Quinjengue	O que é quinjengue? - Dicionário	Retorno
	Tambu	O que é Tambu? - Dicionário	Retorno
	Guaiá	O que é Guaiá? - Dicionário	Retorno
	Soundscape	O que é Soundscape? - Dicionário	Retorno
	Tabla	O que é Tabla? - Dicionário	Retorno
		Obs.: parei na pagina 259	

²⁵⁶ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁵⁷ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁵⁸ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₅

Identificação do sujeito: α_3 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?

Referência do (hiper)texto: USO Racional de Medicamentos: onde está a racionalidade? Disponível em <<http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/uso-racional-de-medicamentos-onde-esta-a-racionalidade>>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0.07752$

Página / linha	Termo/Elo ²⁵⁹	Remissão ²⁶⁰	Decisão ²⁶¹
01/15	Doenças continuam negligenciadas	Cliquei no link “doenças continuam negligenciadas”	Li e retornei para o texto original
01/35	Automedicação	Cliquei no link “automedicação”	Li e retornei para o texto original
01/38	Dispensação	Cliquei no link “dispensação”	Li e retornei para o texto original
01/54	Farmacovigilância	Cliquei no link “Farmacovigilância”	Li e retornei para o texto original
01/55	Medicina Baseada em Evidências	Cliquei no link “Medicina Baseada em Evidências”	Li e retornei para o texto original
02/06	Ditames	Remete a norma, regra, lei	Retorno

²⁵⁹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁶⁰ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁶¹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

02/68	Farmácia virtual	Como funciona/seria uma farmácia virtual?	Retorno
02/71	Cibertráfico	Comércio ilegal de medicamentos	Retorno
03/03	Vicário	Qual significado de vicário? Consulte o dicionário	Retorno
03/30	Poder sacralizado da ciência	Conhecimento científico inquestionável	Retorno

T₆

Identificação do sujeito: α_3 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: PERFUME.

Referência do (hiper)texto: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume>>

() Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.22549$

$H_c^\circ = 0.03922$

Página / linha	Termo/Elo ²⁶²	Remissão ²⁶³	Decisão ²⁶⁴
01/01	Óleos essenciais	Cliquei no link “óleos essenciais”	Li e retornei para o texto original
01/01	Aromas	Cliquei no link “Aromas”	Li e retornei para o texto original
01/43	Bergamota	Cliquei no link “bergamota”	Li e retornei para o texto original
01/55	Lista de perfumes famosos	Cliquei no link “bergamota”	Li e retornei para o texto original

²⁶² Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁶³ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁶⁴ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ANEXO D

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: α_4 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: AQUINO, Daniela Silva de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? _____

Referência do (hiper)texto: < Arquivo pdf > __
 () Formato Digital (X) Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.01163$

Página / linha	Termo/Elo ²⁶⁵	Remissão ²⁶⁶	Decisão ²⁶⁷
02/01/17	Política Nacional de Medicamentos	Políticas públicas	Retorno

²⁶⁵ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁶⁶ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁶⁷ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₂

Identificação do sujeito: α_4 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: DIAS, Sandra Marins; SILVA, Roberto Ribeiro da.
Perfumes: uma química inesquecível

Referência do (hiper)texto: < Arquivo pdf >__
 () Formato Digital (X) Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.00559$

Página / linha	Termo/Elo ²⁶⁸	Remissão ²⁶⁹	Decisão ²⁷⁰
02/03/40	Eter de petróleo	Química orgânica	Retorno

²⁶⁸ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁶⁹ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁷⁰ *Prosseguimento:* feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ANEXO E

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: α_5 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?**

Referência do (hiper)texto: _____

() Formato Digital () Formato Analógico

Identificação do sujeito: _____ () Grupo A () Grupo B

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.0814$

Página / linha	Termo/Elo ²⁸³	Remissão ²⁸⁴	Decisão ²⁸⁵
	serviços de saúde	Lembrança do SUS, Hospital Geral do Estado e como já precisei ficar numa dessas filas de espera.	Continuei a leitura do texto.
	intercomunicações	Conjecturas se, a fragmentação das especialidades médicas proporciona essa visão de tratamentos unilaterais, e que não respeitam as interações medicamentosas.	Continuei a leitura do texto.
	utilização crescente da Internet	Lembrança de um site acessado para saber sobre uma doença e o tratamento. http://www.abcdasaude.com.br/	Parei a leitura para acessar o site e procurar indicações de medicamentos. Retornei ao

²⁸³ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁸⁴ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁸⁵ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

			texto.
	“cibertráfico”	Relembrando a palavra / Lembrança do texto sobre perfumes ao imaginar o tráfico de animais para a obtenção das essências.	Continuei a leitura do texto
	“O consumo é algo inerente ao homem”,	Lembrança do texto sobre perfumes, quando cita o alto investimento de Madame Pompadour na compra de perfumes.	Fui ao 1º texto lido (Perfumes) para reler o valor do gasto em perfumes. Voltei ao texto em questão.
	ecologia do corpo	Novo termo para meu conhecimento.	Continuei a leitura do texto
	Informações da OMS	Pensei em compartilhar os dados dessa pesquisa.	Marquei a parte em questão e voltei a ler o texto.

T₂

Identificação do sujeito: α_5 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Perfumes – uma química inesquecível

Referência do (hiper)texto: _____

() Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.03911$

Página / linha	Termo/Elo ²⁸⁶	Remissão ²⁸⁷	Decisão ²⁸⁸
	Primórdios	Lembrança da cultura egípcia em relação a beleza	Continuei a leitura do texto.
	Preferido	Lembrança do meu perfume na adolescência. Musk (almíscar).c	Continuei a leitura do texto.
	Ungüentos	Sei o que quer dizer, mas o real significado? http://aulete.uol.com.br/unguento	Busquei o verbete no dicionário e retornei ao texto.
	Goma	O que é Goma? Lembrei de goma arábica - http://pt.wikipedia.org/wiki/Goma-ar%C3%A1bica	Busquei no Google, li o link e retornei ao texto.
	‘fixador’	Levantamento dos meus perfumes, e da duração deles.	Continuei a leitura do texto.
	febre dos fenos	O que é?	Busquei no

²⁸⁶ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁸⁷ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁸⁸ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		http://www.infoescola.com/doencas/febre-do-feno/	Google, li o link e retornei ao texto.
	‘perfume’, ‘água de colônia’	Mais uma vez, passando em revista os meus perfumes.	Continuei a leitura do texto.

T₃

Identificação do sujeito: α_5 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **Etnomusicologia**

Referência do (hiper)texto: _____

() Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.48259$

$H_c^\circ = 0.01493$

Página / linha	Termo/Elo ²⁸⁹	Remissão ²⁹⁰	Decisão ²⁹¹
Texto original	Etnomusicologia	Lembrança de professores e colegas	Continuei leitura do texto.
	Antropologia da Arte	Curiosidade sobre Antropologia da Arte.	Acionar o hipertexto: http://pt.wikipedia.org/wiki/Antropologia da arte ; Continuei no novo texto.
	Antropologia	Pesquisar o que é Antropologia	Acionar o hipertexto; http://pt.wikipedia.org/wiki/Antropologia . E continuei no novo texto.

²⁸⁹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁹⁰ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁹¹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₄

Identificação do sujeito: α_5 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **Som e Música**

Referência do (hiper)texto:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007

() Formato Digital () Formato Analógico

Identificação do sujeito: _____ () Grupo A () Grupo B

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.01754$

Página / linha	Termo/Elo ²⁹²	Remissão ²⁹³	Decisão ²⁹⁴
	Evanescente	Interessante pensar na música sob a ótica desse verbete...	Voltar ao texto
	Imagético	Procurar significado do verbete: http://aulete.uol.com.br/imag%C3%A9tico o Adentrando a Antropologia interpretativa de Lévi-Strauss.	Voltando ao texto da Wikipédia sobre Antropologia. Voltar ao texto atual.
Linha 9	Nambiquara	Procurar no Youtube exemplos sobre. Assisti o documentário. http://www.youtube.com/watch?v=uNN5EkduLvI	Procurei alguns vídeos. Vi o documentário . Optei por retornar ao texto, no lugar de procurar outros vídeos.
	natureza híbrida	Será que firmou-se? Ou definiu-se? Acho que por ser tão recente, há uma	Retorno ao texto....

²⁹² Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁹³ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁹⁴ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		recorrência às híbridas fontes.....	
	Etnografia	O que é?	<p>Pesquisar e ler posteriormente e o texto encontrado: http://www.infoescola.com/antropologia/etnografia/</p> <p>Retornar ao texto base.</p>
	<i>performance musical</i>	Ótima referência para a performance na regência.....a pesquisa.....a construção....	Retornar ao texto.
	<i>Percepção musical</i>	Aulas de percepção; "som organizado humanamente"....gostei desse conceito. Vou pesquisar nesse sentido.	Retornar ao texto.
	Albert Schweizer	Quem foi? Pesquisar.	<p>Pesquisa em http://pt.wikipedia.org/wiki/Albert_Schweitzer.</p> <p>Retorno ao texto.</p>

T₅

Identificação do sujeito: α_5 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos**

Referência do (hiper)texto: _____

() Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0.00775$

Página / linha	Termo/Elo ²⁹⁵	Remissão ²⁹⁶	Decisão ²⁹⁷
	http://www.insitutosalus.com/noticias/uso-razional-de-medicamentos/uso-razional-de-medicamentos-onde-esta-a-razionalidade%3E	NÃO ENCONTRO A PÁGINA SOLICITADA. APARECE UMA MENSAGEM OPTANDO POR VOLTAR À PÁGINA ORIGINAL DO SITE. (ERRO 404 - PÁGINA NÃO ENCONTRADA. DESCULPE-NOS, MAS A PÁGINA QUE PROCURA JÁ NÃO SE ENCONTRA MAIS AQUI. PARA CONTINUAR NAVEGANDO PELO SITE, ESCOLHA UMA DAS OPÇÕES DO MENU ACIMA OU CLIQUE AQUI PARA VOLTAR ATÉ A PÁGINA INICIAL.)	Ir à página inicial dar uma averiguada nas notícias em geral.

²⁹⁵ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁹⁶ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

²⁹⁷ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₆

Identificação do sujeito: α_5 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume>

Referência do (hiper)texto: _____

() Formato Digital () Formato Analógico

Identificação do sujeito: _____ () Grupo A () Grupo B

$H_p^\circ = 0.22549$

$H_c^\circ = 0.02941$

Página / linha	Termo/Elo ²⁹⁸	Remissão ²⁹⁹	Decisão ³⁰⁰
Tema do 3º parágrafo	FAMÍLIAS OLFATIVAS	Lembrança do texto sobre Perfumes.	Acessei o texto para comparar as classificações usadas pelos dois autores.
4º parágrafo	Como um maestro compõe as diferentes notas	Que referência mais equivocada em relação ao papel do maestro. Na realidade ele se refere ao papel do compositor. Então me pergunto: em relação ao perfume qual seria o papel do regente?	Continuei lendo.
	Final do texto	Acesso a uma das referências. http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2011/283/ha-algo-no-ar	Acessei o link da revista, e continuei a leitura do novo texto.

²⁹⁸ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

²⁹⁹ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁰⁰ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ANEXO F

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: α_6 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? _____

Referência do (hiper)texto: Arquivo pdf _____
 () Formato Digital (X) Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.01163$

Página / linha	Termo/Elo ³⁰¹	Remissão ³⁰²	Decisão ³⁰³
	Cybertráfico	Como funciona	Retorno

³⁰¹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁰² Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁰³ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₃

Identificação do sujeito: α_6 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Etnomusicologia

Referência do (hiper)texto: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnomusicologia>>

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.48259$

$H_c^\circ = 0.01493$

Página / linha	Termo/Elo	Remissão	Decisão
	Balafon	Ver o instrumento	Retorno
	Mauss	Quem é	Retorno
	Taieiras	O que/quem são	Final

T₄

Identificação do sujeito: α_6 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: Som e música Questões de uma Antropologia Sonora_

Referência do (hiper)texto

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007>

(x) Formato Digital

() Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.00219$

Página / linha	Termo/Elo	Remissão	Decisão
	Responsáveis	Quem são os responsáveis?	Retorno

T₅

Identificação do sujeito: α_6 (X) Grupo A () Grupo B

Título do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos:** onde está a racionalidade?

Referência do (hiper)texto: <<http://www.institutosalus.com/noticias/uso-razional-de-medicamentos/uso-razional-de-medicamentos-onde-esta-a-razionalidade>>

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0.02326$

Página / linha	Termo/Elo	Remissão	Decisão
	Dispensação	Como os medicamentos são dispensados	Retorno
	Medicamentos lideram o ranking de intoxicação no Brasil	Que medicamentos e de que forma	Retorno
	NOTIVISA	Como é feita a notificação	Retorno

ANEXO G

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: β_1 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?**

Referência do (hiper)texto: AQUINO, Daniela Silva de. **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?** Departamento de Farmácia, Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão. Recife PE.

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.01163$

Página / linha	Termo/Elo ³⁰⁴	Remissão ³⁰⁵	Decisão ³⁰⁶
P 734; l. 23 a 27; col.2	O CFF se pronunciou chamando a atenção de que a venda de medicamentos é muito mais grave do que se imagina, pois além do tráfico,	O fragmento me fez lembrar de uma reportagem que tratava do mesmo assunto numa revista, que não me recordo o nome, quando estava no consultório odontológico.	Final

³⁰⁴ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁰⁵ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁰⁶ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

	acumula outros graves problemas à saúde da população.		
--	---	--	--

Identificação do sujeito: β_1 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Perfumes uma química inesquecível.**

Referência do (hiper)texto: DIAS, Sandra Marins; SILVA, Roberto Ribeiro da. **Perfumes**: uma química inesquecível. Química nova na escola: **Perfumes** n° 4, novembro 1996

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.01676$

Página / linha	Termo/Elo ³⁰⁷	Remissão ³⁰⁸	Decisão ³⁰⁹
3	Perfume	Me chamou a atenção porque gosto de perfume e nunca tinha lido nada que se referisse a composição dele, sua história.	Prosseguimento
1	Principais Famílias Olfativas	Este tópico me remeteu a uma curiosidade que eu sempre tive a vontade de saciar. PERFUME . Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume	Retorno
P 4; l 3 a 7; col.	A esta fragrância estão associadas, segundo os	Este fragmento me fez lembrar de uma reportagem que havia assistido há alguns meses, e que tratava da relação de algumas fragrâncias com a sensualidade da mulher.	Prosseguimento

³⁰⁷ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁰⁸ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁰⁹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

	perfumistas, as emoções fortes e a sugestão de experiências como encontros sexuais e mensagens eróticas.		
--	---	--	--

T₅

Identificação do sujeito: β_1 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos:** onde está a racionalidade?

Referência do (hiper)texto: < <http://www.institutosalus.com/noticias/uso-razional-de-medicamentos/uso-razional-de-medicamentos-onde-esta-a-razionalidade> >

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0$

Página / linha	Termo/Elo ³¹⁶	Remissão ³¹⁷	Decisão ³¹⁸

³¹⁶ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³¹⁷ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³¹⁸ *Prosseguimento:* feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₆

Identificação do sujeito: β_1 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: Perfume_____

Referência do (hiper)texto: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume> >

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.22549$

$H_c^\circ = 0$

Página / linha	Termo/Elo ³¹⁹	Remissão ³²⁰	Decisão ³²¹

³¹⁹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³²⁰ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³²¹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ANEXO H

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: β_2 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?**

Referência do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos**: onde está a racionalidade? Disponível em <<http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/uso-racional-de-medicamentos-onde-esta-a-racionalidade>>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.04651$

Página / linha	Termo/Elo ³²²	Remissão ³²³	Decisão ³²⁴
2	Segundo Barros, pelo menos 35% dos medicamentos adquiridos no Brasil são feitos através de automedicação.	O termo remete a preocupação de que o fato da automedicação no Brasil é enorme, e que muitas pessoas ainda fazem uso dessa prática.	Retorno
2	Propaganda de medicamento s.	Essa frase fez remissão à propaganda do medicamento “ <i>Doril: tomou DORIL a dor sumiu</i> ”, muitos não se preocupam e nem conhecem	Retorno

³²² Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³²³ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³²⁴ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		<p>as conta indicações do medicamento. Porém, como “passou” na TV, muitas pessoas usam.</p> <p>Como a propaganda está regulamentada em Lei, a população precisa ter consciência do que assiste e consome.</p> <p>http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/resolucao-96-2008-da-anvisa-sobre-a-propaganda-e-publicidade-de-medicamentos</p>	
2	“O consumo é algo inerente ao homem”,	O termo fez remissão ao mercado consumista, principalmente das mulheres e em relação a medicamentos por parte dos homens que se negam a procurar serviços médicos.	Retorno
3	Portanto, faz-se necessário que a sociedade se conscientize e entenda que o mesmo medicamento que cura, pode matar ou deixar danos irreversíveis.	Essa citação reflete a preocupação mundial pela vida e pela saúde. Muitos acham que os medicamentos são para curar, sem pensar que os mesmos podem matar. Portanto, esse artigo é muito interessante, pois sensibiliza a população para esses fatos.	Retorno

T₂

Identificação do sujeito: β_2 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Perfumes uma química inesquecível.**

Referência do (hiper)texto: DIAS, Sandra Marins; SILVA, Roberto Ribeiro da. **Perfumes**: uma química inesquecível. Química nova na escola: **Perfumes** n° 4, novembro 1996

(x) Formato Digital () Formato Analógico

H_p^o = 0

H_c^o = 0.02793

Página / linha	Termo/Elo ³²⁵	Remissão ³²⁶	Decisão ³²⁷
1	Todos nós temos preferências por determinados aromas, os quais podem nos mudar o humor ou suscitar emoções.	O termo “mudar o humor ou suscitar emoções” fez remissão a situações vivenciadas: alguns momentos felizes por sentir um aroma agradável, ou vezes irritadas pela mistura dos cheiros.	Retorno
1	Um pouco de história	Com o termo decidi ler mais sobre o assunto, em http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume	Prosseguimento
		o texto ainda sugerido pelo Wikipédia “há algo no ar disponível em http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2011/283/ha-algo-no-ar , como no site só tinha um pouco, baixei totalmente e li em pdf.	Prosseguimento
		posteriormente o li as sugestões do	Retorno ao

³²⁵ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³²⁶ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³²⁷ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		site e percebi a historia dos perfumes em portal dos aromas http://www.portaldosaromas.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=27 e	primeiro texto
4	“Chegarei a Paris amanhã á noite. Não se lave”.	Esse termo me motivou a pesquisar sobre o porquê dessa frase. Não achei muitos fatos mas um blog cita isso. http://aloucadosperfumes.wordpress.com/2012/09/21/catarina-de-medicis-luis-xv-e-imperatriz-josefina/	Retorno

Identificação do sujeito: β_2 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **ETNOMUSICOLOGIA.**

Referência do (hiper)texto: Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnomusicologia>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.48259$

$H_c^\circ = 0.02985$

Página / linha	Termo/Elo ³²⁸	Remissão ³²⁹	Decisão ³³⁰
Linha 06	Fonógrafo	Como não lembrava o significado da palavra cliquei no hiperlink invenção do fonógrafo que abriu uma nova página. http://pt.wikipedia.org/wiki/Fon%C3%B3grafo , quando terminei de ler voltei para o site principal e continuei lendo	Retorno e final.
	Béla Bartók	. No nome do compositor Béla Bartók surgiu a curiosidade de saber quem foi esta pessoa. O link me conduziu a conhecê-lo. http://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%A9la_Bart%C3%B3k	Retorno
	Claude Levi-Strauss	Voltei para o site de origem e continuei a leitura até o termo antropólogo Claude Lévi-Strauss que surgiu sua biografia em http://pt.wikipedia.org/wiki/Claude_L	Retorno

³²⁸ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³²⁹ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³³⁰ *Proseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		%C3%A9vi-Strauss	
	Taieiras	Voltei novamente para terminar a leitura do hipertexto quando vi o nome Taieiras e para entender o que era cliquei no link e li o significado em http://pt.wikipedia.org/wiki/Taieiras ;	Retorno
	Etnomusicologia	Como o site sugeria a leitura de Etnomusicologia voltei para o texto e terminei a leitura.	Retorno
	Musicoterapia	Porém como o site sugere alguns temas relacionados dedici ler sobre a Musicoterapia em http://pt.wikipedia.org/wiki/Musicoterapia e conclui a leitura	Final

T₄

Identificação do sujeito: β_2 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Som e música**

Referência do (hiper)texto: PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música**: questões de uma Antropologia Sonora. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007>

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música. Questões de uma antropologia sonora**. *Rev. Antropol.* [online]. 2001, vol.44, n.1, pp. 222-286. ISSN 0034-7701.

Como prefiro a leitura em PDF baixei essa versão:
<http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5345.pdf>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.01535$

Página / linha	Termo/Elo ³³¹	Remissão ³³²	Decisão ³³³
Linha 02 do resumo.	Etnomusicologia	Remete a leitura do texto anterior disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnomusicologia	Retorno
Pag 02, 2º paragrafo Linha 04	Nambiquara	Esse termo sugere duvida de quais povos seriam, por isso decidi pesquisar a palavra e o resultado foi o significado disponível no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Nambiquaras Assim compreendi melhor o	Retorno

³³¹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³³² Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³³³ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		texto	
Pag. 02 último parágrafo, Linha 04.	MPB	Lembrei-me das belas letras e músicas cantadas no Brasil, e que era conhecida por POPULAR e de um trocadilho com o significado da sigla: MUSICA PRETA BRASILEIRA.	Retorno
Pag. 11 2º parágrafo.	Como arte do tempo, a música por si representa um evento. É singular, porque mesmo que se repita uma peça musical, ela nunca se faz ouvir de maneira idêntica à execução anterior.	Esse termo faz remissão às varias músicas presentes em minha vida em que a mesma em situações distintas nunca é entendida da mesma maneira.	Retorno
P, 15 1º parágrafo. Linha 04	Ergonomia	Para conhecer o significado pesquisei o termo e entendi como está disponível no blog http://www.ivogomes.com/blog/o-que-e-a-ergonomia/	Retorno
p. 22 1º paragrafo Linha 01	Pífanos	Sugere maior definição do Termo. http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=498&Itemid=181	Retorno
p. 37 2º parágrafo Linha 03 a 07	A música nasce e cresce no tempo, reflete uma organização bastante ou menos complexa, revela um conteúdo específico para determinadas pessoas ou então apela	Esse trecho remete ao “poder” da música. O que a música pode fazer na vida de alguém, e mesmo com o tempo continua presente na memória.	Retorno

	para o emocional e se acaba, passando em seguida à memória		

T₅

Identificação do sujeito: β_2 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?**

Referência do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos:** onde está a racionalidade? Disponível em <<http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/uso-racional-de-medicamentos-onde-esta-a-racionalidade>>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0.03101$

Página / linha	Termo/Elo ³³⁴	Remissão ³³⁵	Decisão ³³⁶
2	Segundo Barros, pelo menos 35% dos medicamentos adquiridos no Brasil são feitos através de automedicação.	O termo remete a preocupação de que o fato da automedicação no Brasil é enorme, e que muitas pessoas ainda fazem uso dessa prática.	Retorno
2	Propaganda de medicamentos.	Essa frase fez remissão à propaganda do medicamento “ <i>Doril: tomou DORIL a dor sumiu</i> ”, muitos não se preocupam e nem conhecem as contra indicações do medicamento. Porém, como “passou” na TV, muitas pessoas usam. Como a propaganda está regulamentada em Lei, a população precisa ter consciência do que	Retorno

³³⁴ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³³⁵ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³³⁶ *Prosseguimento:* feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;

Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;

Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		<p>assiste e consome.</p> <p>http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/resolucao-96-2008-da-anvisa-sobre-a-propaganda-e-publicidade-de-medicamentos</p>	
2	<p>“O consumo é algo inerente ao homem”,</p>	<p>O termo fez remissão ao mercado consumista, principalmente das mulheres e em relação a medicamentos por parte dos homens que se negam a procurar serviços médicos.</p>	Retorno
3	<p>Portanto, faz-se necessário que a sociedade se conscientize e entenda que o mesmo medicamento que cura, pode matar ou deixar danos irreversíveis.</p>	<p>Essa citação reflete a preocupação mundial pela vida e pela saúde. Muitos acham que os medicamentos são para curar, sem pensar que os mesmos podem matar. Portanto, esse artigo é muito interessante, pois sensibiliza a população para esses fatos.</p>	Retorno

T₆

Identificação do sujeito: β_2 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **PERFUME.**

Referência do (hiper)texto: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume>>.

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.22549$

$H_c^\circ = 0.0098$

Página / linha	Termo/Elo ³³⁷	Remissão ³³⁸	Decisão ³³⁹
	Perfume	Remeteu-me à leitura do outro texto sobre perfume.	Retorno

³³⁷ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³³⁸ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³³⁹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ANEXO I

TABELA DE AFERIÇÃO DO GRAU DE HIPERTEXTUALIDADE – TAGH

T₁

Identificação do sujeito: β_3 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?**

Referência do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos:** onde está a racionalidade? Disponível em <<http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/uso-racional-de-medicamentos-onde-esta-a-racionalidade>>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.02326$

Página / linha	Termo/Elo ³⁴⁰	Remissão ³⁴¹	Decisão ³⁴²
2	Propaganda de medicamentos	Este termo fez remissão às propagandas de medicamentos, principalmente aquelas que são divulgadas na mídia, é forte o apelo feito para a automedicação. http://www.institutosalus.com/noticias/uso-racional-de-medicamentos/resolucao-96-2008-da-anvisa-sobre-a-propaganda-e-publicidade-de-medicamentos	Retorno
3	A proposta de alívio imediato do	Faz remissão ao apelo midiático: tomou doril , a dor sumiu.	Retorno

³⁴⁰ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁴¹ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁴² *Prosseguimento:* feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

	sofrimento, como em um passe de mágica		
--	---	--	--

T₂

Identificação do sujeito: β_3 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Perfumes uma química inesquecível.**

Referência do (hiper)texto: DIAS, Sandra Marins; SILVA, Roberto Ribeiro da. **Perfumes**: uma química inesquecível. Química nova na escola: **Perfumes** n° 4, novembro 1996

(x) Formato Digital () Formato Analógico

H_p° = 0

H_c° = 0.01676

Página / linha	Termo/Elo ³⁴³	Remissão ³⁴⁴	Decisão ³⁴⁵
3	Os primeiros perfumes	Explorei um pouco sobre a história do surgimento dos perfumes http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume http://www.portaldosaromas.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=27	Retorno
4	“Pare de tomar banho! Estou voltando!”	Encontrei algumas curiosidades sobre os perfumes http://quimicadosperfumes.com.sapo.pt/curios.htm	Retorno
	Os povos antigos consideravam os perfumes como atrativo e estimulante para amor e desejo	http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume http://aloucadosperfumes.wordpress.com/2012/09/21/catarina-de-medicis-luis-xv-e-imperatriz-josefina/	Final

³⁴³ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁴⁴ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁴⁵ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₃

Identificação do sujeito: β_3 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **ETNOMUSICOLOGIA.**

Referência do (hiper)texto: Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnomusicologia>

(x) Formato Digital () Formato Analógico

Identificação do sujeito: _____ () Grupo A (x) Grupo B

$H_p^\circ = 0.48259$

$H_c^\circ = 0.00995$

Página / linha	Termo/Elo ³⁴⁶	Remissão ³⁴⁷	Decisão ³⁴⁸
	Comunicação	Com este termo fui para o link http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=7173410&pid=S0034-7701200100010000700022&lng=en que me levou ao link	Prosseguimento
		http://www.jstor.org/discover/10.2307/851020?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21101497961003 li um pouco sobre a música e comunicação	final

³⁴⁶ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁴⁷ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁴⁸ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₄

Identificação do sujeito: β_3 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **Som e música**

Referência do (hiper)texto: PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música**: questões de uma Antropologia Sonora. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007>

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música. Questões de uma antropologia sonora**. *Rev. Antropol.* [online]. 2001, vol.44, n.1, pp. 222-286. ISSN 0034-7701.

(x) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0$

$H_c^\circ = 0.00658$

Página / linha	Termo/Elo ³⁴⁹	Remissão ³⁵⁰	Decisão ³⁵¹
Linha 1 (história da Etnomusicologia)	Etnomusicologia	Este termo faz remissão à leitura do texto sobre música, retornei ao link a lido anteriormente. Explorei um pouco sobre a história da disciplina Etnomusicologia. http://pt.wikipedia.org/wiki/Etnomusicologia	Retorno
	Musicologia	Fiz uma rápida leitura sobre a musicologia http://pt.wikipedia.org/wiki/Musicologia	Prosseguimento
		Após segui para o link chamado portal da musica. Há	final

³⁴⁹ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁵⁰ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁵¹ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

		nesse sítio notícias sobre bandas, cantores, shows, etc. http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:M%C3%BAsica	
--	--	---	--

T₅

Identificação do sujeito: β_3 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: **USO Racional de Medicamentos:** onde está a racionalidade?

Referência do (hiper)texto: < <http://www.institutosalus.com/noticias/uso-razional-de-medicamentos/uso-razional-de-medicamentos-onde-esta-a-razionalidade> >
 (X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.12403$

$H_c^\circ = 0$

Página / linha	Termo/Elo³⁵²	Remissão³⁵³	Decisão³⁵⁴

³⁵² Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁵³ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁵⁴ *Prosseguimento:* feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

T₆

Identificação do sujeito: β_3 () Grupo A (X) Grupo B

Título do (hiper)texto: Perfume_____

Referência do (hiper)texto: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfume> >

(X) Formato Digital () Formato Analógico

$H_p^\circ = 0.22549$

$H_c^\circ = 0$

Página / linha	Termo/Elo³⁵⁵	Remissão³⁵⁶	Decisão³⁵⁷

³⁵⁵ Unidade semântica que disparou o direcionamento para fora do (hiper)texto base inicial.

³⁵⁶ Referência do texto físico para o qual se o elo conduziu o (hiper)leitor, endereço eletrônico para o qual foi remetido ou descrição da remissão mental realizada com a maior precisão de referência textual correlata possível.

³⁵⁷ *Prosseguimento*: feita a remissão, o (hiper)leitor continua a (hiper)leitura em seguimento ao texto ligado a partir do elo anterior;
Retorno: feita a remissão, o (hiper)leitor voltou ao texto base inicial;
Final: feita a remissão, o (hiper)leitor encerrou a (hiper)leitura.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Aarseth, E., 117, 125 e 126.

Adorno, T., 50, 51 e 63.

Agostinho, S^{to.}, 36.

Althusser, L.

Arendt, H., 36, 88, 151.

Aristóteles, 24, 41, 104 e 134.

Bacon, F., 36 e 42.

Bakhtin, M., 24, 73, 74, 98, 118 e 139.

Barthes, R., 75, 76, 77, 80, 81, 88 e 117.

Bell, D., 59.

Berkeley, G., 36.

Bolter, J. D., 24, 78, 79, 80, 81, 101, 102, 114, 131 e 132.

Brusilovsky, P., 132 e 135.

Castells, M., 24, 36, 49, 51, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 75, 95, 96, 103 e 124.

Chartier, R., 24, 65 e 66.

Chomsky, N., 24, 103 e 104.

Comte, A., 37.

Copérnico, 42.

Costa Pereira, D. J. V., 24, 30, 45, 62, 145, 152 e 156.

Deleuze, G., 78 e 165.

Descartes, R., 24, 36, 37, 38, 44 e 54.

Dijk, T. van, 24, 93, 107, 108, 116 e 121.

Dionne, J., 176, 177 e 188.

Derrida, J., 75, 80 e 81.

Eco, U., 24, 42, 43, 88, 89, 93, 99, 100, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113 e 129.

Feyerabend, P., 160 e 161.

Figueiredo, V. de, 39, 137 e 138.

Galeffi, D. A., 24, 31, 32 e 170.

Galilei, G., 37 e 42.

Giddens, A., 36, 51 e 58.

Guattari, F., 77 e 164.

Gramsci, A., 21, 24, 52, 152, 157, 161, 162 e 182.

Greimas, A. J., 88.

Habermas, J., 24, 33, 34, 35, 43, 46, 47, 50, 55, 56, 57, 61, 100, 105, 106, 142, 143, 148 e 159.

Hegel, G. W. F., 24, 37, 86, 106, 150, 157 e 167.

Heidegger, M., 24, 151 e 166.

Hillis, K., 130.

Holquist, M., 24, 74 e 139.

Honnetfeldt, L., 40 e 43.

Horkheimer, M., 50, 51 e 63.

Humboldt, W. von, 57 e 145.

Hume, D., 40 e 140.

Husserl, E., 24, 140, 147, 149, 152, 155 e 172.

Iser, W., 64.

Jameson, F., 49, 63 e 80.

Jauss, H. R., 64.

Joyce, J., 89 e 90.

Jonassen, D., 24, 70, 71, 74, 83 e 124.

Kant, I., 24, 34, 35, 39, 90, 137, 138, 140, 146, 147, 148, 149, 153 e 161.

Keynes, J., 62.

Kepler, J. 42.

Kerlinger, F. N., 37, 38, 145, 166, 168, 169 e 181.

Kincheloe, J., 171.

Kuhn, T., 80 e 81.

Landow, G. P., 24, 75, 76, 77, 80, 81, 89, 90 e 125.

Laville, C., 176, 177 e 188.

Lévy, P., 78, 98 e 134.

Locke, J., 36.

Lopes, E., 98 e 120.

Lyotard, J. F., 48 e 63.

Mandel, E., 56 e 63.

Marcuschi, L. A., 24, 67, 68, 74, 75, 76, 77, 84, 120, 121, 122 e 164.

Matta, A., 124.

Merleau-Ponty, M., 142.

Nelson, T., 80 e 95.

Newton, I., 37, 38 e 42.

Nietzsche, F., 35 e 37.

Nonato, E. R. S., 72, 73, 77, 90, 119, 141, 143, 162 e 163.

Orlandi, E. P., 24 e 93.

Peirce, C. 72.

Pignatari, D., 72.

Popper, K., 24, 39, 140, 145, 146 e 167.

Ratzinger, J. A., 139, 144, 145 e 146.

Santaella, L., 83.

Saussure, F., 37 e 118.

Schumpeter, J., 56.

Serpa, L., 169.

Snyder, I., 24, 68, 69, 74, 75, 76, 78, 81 e 114.

Sokolowski, R., 141.

Steimberg, A., 125, 126 e 129.

Teixeira, E., 35, 44 e 54.

Tomás de Aquino, S^{to.}, 24, 134, 147, 150, 151 e 152.

Touraine, A., 59.

Vázquez, A., 152.

Vigotski, L. S., 24, 42 e 73.

Wandelli, R., 24, 68, 69, 72, 75, 81, 162 e 163.

Weber, M., 49 e 50.

Whitehead, A. N., 24, 36 e 40.

Wolfram, S., 54.

U. I. O. G. D.